

Um romance policial apaixonante

AS FILHAS PERDIDAS

Duas raparigas vão a uma festa,
mas só uma regressa viva.

JOYELLIS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Um romance policial apaixonante

AS FILHAS PERDIDAS

Duas raparigas vão a uma festa,
mas só uma regressa viva.

JOY ELLIS

III casadasletras

Joy Ellis

AS FILHAS PERDIDAS

Rebelle e Escarlate #2

Um romance policial apimentado
com uma personagem enigmática

Tradução

Nancy Viles de Moraes



casal & letra

Ficha Técnica

Título: As Filhas Perdidas
Título original: Their Lost Daughters
Autor: Joy Ellis
Editora: Rita Fazenda
Revisão: Manuela Gonzaga
Capa: Rui Rosa
ISBN: 9789895811328

Direitos reservados
CASA DAS LETRAS
Uma chancela LeYa S.A.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

© Joy Ellis, 2017
Inicialmente publicado por Joffe Books, Londres
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Ficha Técnica

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezasseis

Capítulo Dezassete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezanove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Epílogo

Lista de Personagens

Estive tão perto de desistir. Por isso, obrigada, Jasper, por acreditares em mim e por me dares a oportunidade de fazer aquilo que amo.

E obrigada, Anne. Os teus talentos incríveis para podar parágrafos e mondar palavras daninhas transformam um canteiro excessivamente desordenado em algo belo!

Capítulo Um

Durante um segundo, Jackman ficou imóvel. Depois os olhos abriram-se-lhe rapidamente e agarrou no telemóvel de cima da mesa de cabeceira.

– Rowan Jackman.

– Sargento Danny Page, Inspetor. Desculpe esta chamada tão cedo, mas acabámos de receber a informação de um corpo encontrado na praia em Dawnsmere.

Jackman cerrou os dentes. A investigação que tinha entre mãos naquela altura envolvia uma adolescente desaparecida.

– Um corpo, Sargento?

Seguiu-se uma ligeiríssima pausa.

– Sim, senhor Inspetor, e lamento dizer que é de uma mulher jovem, embora seja tudo o que sabemos até que alguém lá consiga chegar. Tenho dois carros a caminho, mas calculo que queira tratar disto, correto?

Jackman já tinha saído da cama.

– Já estou a caminho, Sargento. Faz-me o favor de avisar a Inspetora Evans e de lhe pedir para se encontrar comigo na cena do crime? E é melhor mandar o patologista e alguém da equipa forense para lá também.

– Considere-o feito, senhor Inspetor.

O duche podia esperar. Jackman abriu o guarda-fatos e agarrou numas calças *chino*, numa camisa quente e numa camisola grossa. A costa estava terrivelmente fria nesta altura do ano, especialmente antes de o sol nascer. Enfiou tudo, encontrou um par de meias grossas e correu pelas escadas abaixo para a entrada. Escolheu um par de botas de marcha da prateleira ao lado da porta, verificou se tinha o crachá, o telemóvel e a carteira guardados nas algibeiras, tirou do cabide o casaco encerado da Barbour e vestiu-o.

Trancou a porta da casa-moinho e atravessou a correr o caminho de acesso até ao sítio onde tinha o carro estacionado debaixo de um caramanchão. Raramente usava a garagem, preferindo a possibilidade de um arranque rápido. Como agora.

Os primeiros raios de luz eram uma coisa fraca, aquosa e triste, mas hoje a madrugada fria e cinzenta era provavelmente mais apropriada do que uma das muitas exibições mais deslumbrantes da Mãe Natureza. Jackman olhou em redor. Por um ou dois instantes, tentou não olhar para aquilo que tinha ido ver.

Tinha sido generoso chamar-lhe praia. Dawnsmere era um sítio sombrio, uma faixa estreita de areia e dunas ensanduichadas entre o pântano selvagem e as águas frias e nada convidativas do Wash. Mas, ainda assim, tinha uma beleza estranha, mesmo que essa beleza fosse solitária e austera. Aquilo que impressionava sempre Jackman, nestes longos trechos da linha de costa pantanosa, era a quase completa ausência de qualquer indício de humanidade. Não havia barracas de praia coloridas, espreguiçadeiras, cafés ou diversões, apenas a paisagem e o mar. Naquele preciso momento, se se escolhesse ignorar a presença da polícia e da sua triste descoberta, parecia quase primitiva. Concentrando-se, Jackman ordenou silenciosamente ao seu filósofo interior para se afastar para uma distância segura e chamou o polícia experiente para assumir o controlo.

A rapariga morta estava deitada de lado, a cara inchada meio enterrada na areia molhada e lamacenta. A roupa esfarrapada estava colada ao corpo e ela estava descalça. Jackman observou os tornozelos esguios e finos e viu arranhões e cortes profundos na pele pálida. Olhou mais de perto e franziu o sobrolho. Também havia nódoas negras, muitas.

Tentou não tirar conclusões precipitadas. A atividade criminosa era sempre a primeira coisa que lhe ocorria, mas a submersão na água podia causar ferimentos enormes no corpo. Sabia demasiado bem que as marés podiam fustigar um frágil ser humano contra as rochas e os detritos, infligindo-lhe todo o tipo de traumatismos. Jackman enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma fotografia. A imagem mostrava uma jovem esguia com cabelo castanho-claro à altura dos ombros. Uma rapariga com olhos verdes risonhos, um nariz delicado e estreito e um sorriso aberto. Voltou a olhar para o amontoado de roupa e carne, de um branco antinatural, sem vida e abanou a cabeça. Podia ser Shauna Kelly, mas seria preciso mais do que um instantâneo feliz para a identificar. Soltou um grande suspiro. A rapariga desaparecida não tinha tatuagens, cicatrizes ou outras marcas distintivas, por isso, teriam de recorrer aos registos dentários, a não ser que um dos pais enlouquecidos pela dor insistisse em vê-la. Sinceramente, Jackman seria capaz de caminhar sobre brasas para impedir que isso acontecesse.

Olhou para o corpo, tentando encontrar alguma ligação com a rapariga sorridente da fotografia, mas, sem contar com o semelhante comprimento do cabelo, não havia nada.

– Que desperdício terrível. Pobre menina.

Um polícia fardado estava parado um bocadinho afastado dali, a esperar violentamente a ponta da bota na areia molhada.

Jackman reconheceu o homem como um dos brincalhões da messe, um mestre a fazer os outros rir a bandeiras despregadas em circunstâncias normais.

O homem olhou para Jackman e baixou a cabeça.

– Desculpe, senhor Inspetor. Tenho três filhas.

Jackman dirigiu-lhe um sorriso compreensivo, seguido por uma hipótese de salvação:

– Faz-me um favor, Agente? Vá ver se a Inspetora Evans já chegou.

Ao ficar sozinho com a rapariga, Jackman perguntou-se, e não pela primeira vez, como é que conseguiam lidar com tanta morte. Adultos mortos já era bastante mau, bebês era mais do que catastrófico e crianças partiam-lhe o coração, mas adolescentes afetavam-no de uma maneira completamente diferente. Parecia que havia tanta perda ligada aos jovens. *Quase* tinham conseguido. *Quase* se tinham tornado aquilo que se esperava que fossem. Todo esse potencial desaparecia repentinamente, os talentos inexplorados desapareciam num abrir e fechar de olhos e os sonhos juvenis eram roubados para sempre.

A brisa suave do mar ondulava as poças de água pouco fundas que rodeavam a rapariga, fazendo com que as roupas encharcadas se movessem ligeiramente. Por um curto instante, na luz fraca, pareceu-lhe que ela estava viva.

Jackman arrepiou-se, e depois as vozes que ecoavam pela praia estreita e delimitada por dunas obrigaram-no a afastar os pensamentos sombrios.

A Inspetora Marie Evans aproximava-se rapidamente dele, acompanhada pelo patologista forense do condado, o Professor Rory Wilkinson. Jackman ficou satisfeito por o próprio ter aparecido naquela manhã e não ter delegado a tarefa noutra pessoa. Wilkinson era um excêntrico, mas muito melhor do que o seu antecessor. Jackman teve sempre dificuldades com Arthur Jacobs. Sabia que o velho patologista era competente e, na verdade, muito inteligente, mas Jackman achava-o frio e apático e trabalhar com ele tinha sido difícil. Rory Wilkinson estava na outra ponta do espectro e assim que Jackman conseguiu abstrair-se daquele humor extremamente *kitsch*, compreendeu que Saltern-le-Fen tinha muita sorte em tê-lo.

Não que hoje fosse haver muita oportunidade para a galhofa.

Marie chegou uns passos à frente do patologista. Devia ter saído de casa tão rapidamente como ele, mas a roupa de cabedal de motociclista escondia as provas. Marie parecia completamente desperta. Jackman deduziu que conduzir uma mota Suzuki V-Strom 650 cc no frio da madrugada, provavelmente, tinha esse efeito.

– É ela? – arquejou a Inspetora.

Jackman encolheu os ombros.

– Vê tu. Não tenho a certeza.

Virou-se para Wilkinson e cumprimentou-o com um aceno da cabeça.

– Fico satisfeito por ser você a aparecer esta manhã, Rory. Pelo que vejo, vou mesmo precisar da sua ajuda e perícia.

– Oh, mas você precisa *sempre* da minha ajuda, Inspetor. E pode estar todo contente por eu estar a congelar os tomates à beira do mar do Norte às 5h da manhã, mas eu cá não estou muito certo de estar. O meu edredão fofo ainda me está a chamar.

Rory aproximou-se da rapariga morta e deixou-se imediatamente de brincadeiras.

– Os tambores da selva dizem-me que ela pode pertencer a um dos nossos, certo?

Jackman apercebeu-se da suavidade do tom dele.

– Pode ser. Andamos à procura de uma fugitiva há três dias. Shauna Kelly, a filha de 14 anos da Liz Kelly, uma das nossas funcionárias civis que trabalha na sala de controlo.

– A idade é provavelmente a mesma – murmurou o patologista, ajoelhando-se e inspecionando gentilmente a sua nova incumbência. – Mas vou ter de a levar para a morgue antes de lhe poder dizer qualquer coisa construtiva.

Levantou-se e puxou os óculos de armação metálica mais para cima da cana do nariz.

– E lamento ter de o avisar de que não é muito fácil com estes casos em concreto. Às vezes, é quase impossível determinar a causa da morte com uma autópsia. Talvez os pulmões e os seios nasais mostrem alguma coisa, mas o que nos poderá dar mais garantias será uma análise toxicológica completa. Por isso, não me apressem, ok? Prometo fazer o meu melhor e estou completamente consciente de que isto tem grande prioridade.

Chamou um dos técnicos forenses, que estava timidamente à espera ao pé das dunas.

– Chegou a hora de brilhar, meu amigo. Quero fotografias e um exame muito cuidadoso.

Voltou-se novamente para Jackman.

– Vou tirá-la daqui o mais depressa possível. É o melhor que consigo. E odeio dizer isto, mas, neste momento, sei pouco mais do que o Inspetor. A pobre miúda está morta e isso não aconteceu há poucas horas. Esteve na água durante bastante tempo.

Inspirou com um silvo e olhou duramente para Jackman.

– Desculpe, mas estou a devolver-lhe a responsabilidade, Inspetor-Chefe Jackman. Tem de descobrir as circunstâncias que levaram à morte desta rapariga e depois podemos tentar ligá-las às minhas conclusões.

– Preciso de saber quem ela é antes de poder fazer isso – respondeu Jackman sorumbaticamente.

– Bem, há duas maneiras simples de poder confirmar ou eliminar a Shauna Kelly. Trazerem o parente mais próximo para a identificar ou, se não

puder ser, esperarem pelo relatório dos registos dentários.

Dirigiui-lhes um sorriso desolado.

– E tenho a certeza de que sei qual das duas opções é que vão escolher – rematou, agarrando na pasta. – E agora, como não tenho vontade nenhuma de ouvir o que tenho a certeza de que vai ser um coro simplesmente divino à madrugada, vou-me embora e tratar das coisas para esta pobre rapariga.

Jackman e Marie ficaram a vê-lo a regressar pela praia, com grandes passadas.

– É aquilo a que se chama um gosto adquirido, acho eu – comentou Marie, com um sorriso.

– Pois eu já o adquiri. Ele é bom. De facto, é um dos melhores que já encontrei.

– Concorde.

Dirigiram-se para um local sossegado da praia, um pouco mais afastado das luzes azuis e dos polícias que se iam juntando. Jackman sentou-se num muro de pedra baixo que contornava as dunas.

– O que é que sabes sobre as marés ao longo desta costa, Marie? – perguntou Jackman.

Ela chuchou no lábio inferior.

– Não muito, mas conheço um homem que sabe. O Jack Archer, um verdadeiro homem-pato, se é que isso existe. Viveu a maior parte da vida nos pântanos. O pai e o avô apanhavam enguias. Agora está num lar para velhos mesmo à saída da sua aldeia. Os Serviços Sociais tiraram-no do pântano quando adoeceu e não havia ninguém para tomar conta dele. Não há quem conheça melhor estes brejos.

– Vai falar com ele, Marie. Explica-lhe em que sítio exato o corpo da rapariga deu à costa e pergunta-lhe se nos pode dar uma ideia da parte da costa em que ela poderá ter entrado. Se conhece a área assim tão bem, pode ser capaz de nos ajudar.

– Está bem. Ele anda pelos 80, mas acho que ainda é madrugador. Vou tomar um duche rápido e depois vou falar com ele, assim que houver luz.

Jackman olhou para a visão do líquido sol dourado a aparecer no céu cinzento marmoreado e a refletir-se nas águas prateadas do Wash.

– Olha para aquilo – disse suavemente. – Este sítio é espetacular, não é? Se não fosse aquela pobre miúda morta na praia, seria mágico.

– E continua a ser mágico – respondeu Marie baixinho. – E consideremos que é uma bênção ter-nos sido devolvida das profundezas, *seja ela quem for*.

Jackman deitou um último olhar à praia e ficou satisfeito por ver que a rapariga já não estava visível. Um grupo de polícias e de agentes forenses estava a trabalhar à volta dela. Em breve seria erguida da areia fria e molhada e levada para a mortuária de Rory, onde se esperava que achasse por bem contar os segredos dela ao único homem que era capaz de a ouvir.

Capítulo Dois

Jackman estava afogado em relatórios quando Marie voltou depois de falar com Jack Archer.

– Uma perda de tempo? – perguntou ele, reparando na expressão invulgarmente séria dela.

– Não, longe disso. É um velho espetacular. Muito prestável.

Marie pousou dois cafés na secretária dele e fechou a porta do gabinete.

– Então porque é essa cara de caso?

– Oh, não é nada. É só a ideia de aquela rapariga adorável ter morrido daquela maneira.

Jackman fechou o dossiê em que estava a trabalhar e apontou para uma cadeira.

– Senta-te.

Serviu-se de um café e de uma mão cheia de pacotes de açúcar. Enquanto rasgava os pacotes minúsculos e os sacudia para dentro da bebida, mirou-a pensativamente. Marie era uma mulher atraente. Era alta, com cabelo castanho comprido e uma postura direita, que ainda fazia virar cabeças aos 46 anos de idade. Havia qualquer coisa nela que a fazia lembrar uma amazona e que ela usava, para sua grande vantagem, tanto com os bandidos como com os polícias. A opinião consensual na messe era: «Não te metas com o Super Mario!» Jackman conhecia um lado diferente de Marie, compassivo e gentil, mas muito, muito astuto. Confiava nas opiniões e decisões dela. A educação e o meio social de ambos não podiam ser mais diferentes, mas partilhavam um amor profundo pelas carreiras que tinham escolhido e embora chegassem às conclusões por caminhos diferentes, geralmente estavam de acordo.

– Porque é que esta te afetou tão duramente, minha amiga? Já viste mais do que a tua quota parte de mortes.

Marie encolheu os ombros.

– O meu primeiro caso foi um afogamento. Uma outra adolescente, não muito diferente da rapariga desta manhã. Nunca a conseguimos identificar.

Puxou o cabelo para trás do ombro e agarrou no café.

– Senti sempre que a tínhamos deixado ficar mal e à família também.

Nunca os identificámos e ninguém se apresentou, mas ela devia ter uma família algures. Pareceu-me tão horrível que nunca tivesse sido enterrada na terra dela.

– Não podemos ajudar todos, Marie. Fazemos o nosso melhor, mas, às vezes, as probabilidades estão contra nós.

– Acha que aquela rapariga era a Shauna Kelly?

– O instinto diz-me que sim. Mas não quero seguir esse caminho até termos os registos dentários.

Marie assentiu e bebeu um gole de café.

– Seja ela quem for, temos de descobrir o que lhe aconteceu exatamente e se não foi um acidente... – deixou a frase por terminar.

– Oh, sim. Mas conta-me lá o que é que o teu velho dos brejos disse sobre as marés.

Marie abriu um mapa da linha da costa, com as margens dobradas, na secretária dele e alisou-o.

– O Jack Archer acha que a rapariga entrou na água perto desta área aqui – explicou, batendo com os dedos no mapa. – Allenby Creek. As marés, as correntes e os recentes ventos leves, tudo isso faz com que este seja o local mais provável, a não ser que tenha caído de um barco. Só nos resta esperar que não tenha sido o caso.

– Allenby Creek? Isso é um sítio muito remoto, não é?

Marie olhou para o mapa.

– Fica nos limites da nossa área e de Harlan Marsh. E sim, essa área é toda ela terra agrícola e pântanos salgados.

– Agora que penso nisso, lembro-me do sítio de quando era miúdo. Havia uma praia acessível aí. Ficava perto do velho santuário das focas em Hurn Point.

– Hum...

O dedo esguio de Marie deslocou-se devagar ao longo da costa.

– Ah, estou a ver de que é que está a falar. Vou pedir aos agentes para nos irem lá ver isso?

– Preferia que fôssemos nós – respondeu Jackman, mordendo o lábio inferior. – Mas, não. Tens razão. Preciso de tratar destes relatórios antes do fim do dia e os agentes são mais do que capazes de tratar disso.

Agarrou no auscultador do telefone da secretária.

– Vou ver se o sargento de serviço pode arranjar uma equipa para lá ir dar uma vista de olhos e, talvez, fazer umas perguntas às pessoas da terra.

Uns momentos depois, voltou a pousar o auscultador no descanso.

– Assunto arrumado.

– Senhor Inspetor?

A porta abriu-se e a cabeça despenteada do Inspetor Charlie Button, o membro mais jovem da equipa, enfiou-se pela abertura.

– Desculpem a interrupção, mas a Superintendente Crooke gostaria de falar com os dois no gabinete dela.

Jackman agradeceu ao jovem inspetor e engoliu o resto do café.

– Oh, meu Deus, com os *dois*. Parece agoirente.

Marie levantou-se.

– Vamos lá despachar isto e rezar para que não tenha nada a ver com orçamentos, cortes nas despesas, desempenho ou objetivos.

– Ou com as quatro coisas ao mesmo tempo – respondeu Jackman com um sorriso lúgubre. – Já aconteceu.

* * *

A Superintendente Ruth Crooke era uma mulher de lábios estreitos que parecia estar sempre zangada, provavelmente porque geralmente estava. Era preciso muito para provocar qualquer emoção que não fosse negativa na superintendente e quando ela mandava chamar alguém, era aconselhável ir a correr.

Marie subiu as escadas dois degraus de cada vez para acompanhar Jackman. Não estava ansiosa por entrar no «Covil da Leoa», mas já trabalhava com a superintendente há tempo suficiente para saber que se se conseguisse ignorar o exterior duro e controlador, havia uma polícia formidável por baixo e que era isso que realmente contava.

Marie entrou atrás de Jackman e dirigiu à superintendente o seu sorriso mais radioso. O que não conseguiu trazer o mais leve movimento àqueles lábios finos e contraídos.

A Superintendente Ruth Crooke apontou irritadamente para as duas únicas cadeiras que existiam na sala e lançou-se numa longa reclamação a respeito de fosse quem fosse com quem tinha acabado de falar.

– Estive a aturar um maldito analista financeiro a choramingar-me aos ouvidos durante os últimos 10 minutos e juro que ele nunca pôs um pé numa esquadra da polícia na vida inteira. Todas as iniciativas de que se lembrou eram umas tretas estúpidas.

Atirou um caderno de apontamentos para cima da secretária e reclinou-se na cadeira.

– Não creio que vá voltar a ligar. Disse-lhe exatamente porque é que as teorias dele sobre como poupar deviam ser atiradas para a sanita.

– Não sei como é que consegue fazer isto, senhora Superintendente – disse Jackman. – O seu trabalho punha-me a cabeça à roda ao fim de cinco minutos.

Ela encolheu os ombros.

– Bem, alguém tem de o fazer. E o que faço, faço muito bem. Pelo menos, vocês têm alguém a lutar pelo vosso lado. Por exemplo, da última vez que verifiquei, ainda tinham rádios, coletes Kevlar e carros, ou mudou alguma coisa desde a última vez que lá fui abaixo?

Jackman sorriu. Marie sabia que embora ele não gostasse lá muito da

chefe, tinha uma admiração relutante para com qualquer pessoa que soubesse lidar com orçamentos e objetivos.

– Não, ainda continuamos a comunicar, a estar protegidos e móveis. E graças a Deus, porque acho que não faríamos um grande trabalho a tentar policiar estes pântanos de bicicleta – respondeu o inspetor, reclinando-se na cadeira e olhando para a secretária enorme e cintilante.

Ruth Crooke abanou a cabeça.

– Bem, de qualquer das maneiras, uma vez que falar com vocês os dois sobre qualquer coisa que não seja atividades criminosas é uma completa perda de tempo, vou poupar a minha voz – atirou, empurrando uma pasta volumosa pela secretária na direção deles.

Marie viu o nome nela escrito e sentiu um arrepio.

Kenya Black.

– Estamos a ser pressionados. É um caso antigo, eu sei, mas a mãe resolveu ressuscitar a campanha dela, mas desta vez em grande estilo. Está a atrair o interesse de algumas caras famosas e a usar os meios de comunicação social para agitar as coisas – explicou, encolhendo ligeiramente os ombros. – Claro que não posso censurar a pobre alma, mas não é muito bom para a nossa imagem se não fizermos nada, por isso, lá em cima, querem arrumar o assunto, definitivamente. Nunca foi fechado e embora eu saiba que estão a tratar do desaparecimento da Shauna Kelly, quero que a vossa equipa fique especificamente com este caso e quero que façam dele a vossa prioridade número um.

Jackman endireitou-se na cadeira.

– Meu Deus! Já devem ter passado sete ou oito anos desde o desaparecimento da Kenya e está a fazer disso uma prioridade máxima?

Toda a gente na área sabia do desaparecimento da menina, mas como nem Jackman nem Marie tinham estado diretamente envolvidos no caso, os pormenores mais concretos eram nebulosos.

Jackman franziu o sobrolho.

– Sei que foi para segundo plano, mas continua a ser uma investigação em curso. Com certeza que uma das outras equipas reviu essa coisa toda há menos de três meses, não?

– E fizeram-no, sim, mas a ciência e as ciências forenses avançam todos os dias.

Marie deu voltas e voltas à cabeça à procura de informações. Gravada na mente, tinha uma fotografia que os meios de comunicação social não tinham largado nessa altura. Uma criança com cabelo louro-branco sentada numa saca de feijões com o seu cão de estimação. Vestia calças de ganga e uma *sweatshirt* amarela, com capuz e o desenho de um ursinho. Os dedinhos agarravam o pelo do animal. Era o epítome de uma criança anjélica. Esta imagem de partir o coração tinha instigado a maior busca popular que os Fens tinham conhecido.

Marie franziu o sobrolho. As recordações estavam a voltar como *flashes*

de um documentário.

– Houve alguém que julgou que a tinha visto, não foi? Com outra criança, a brincar perto da reserva das focas em Hurn Point?

– E uma semana depois, encontraram uma das sapatilhas dela na praia a cerca de cinco quilómetros de onde a teriam visto, o que deu credibilidade ao relato do homem.

A cara da superintendente estava glacial.

– E partiu-se do princípio de que ela tinha sido levada pelo mar.

Marie lembrava-se do cabeçalho do tabloide: *Foi Homicídio ou apenas um Acidente Terrível?*

– E isto é a súmula do caso. Os pais eram ricos, mas nunca houve nenhum pedido de resgate, não se encontraram mais provas e não houve mais relatos de avistamentos – bem, nenhum para além das maluqueiras habituais. E passado algum tempo, decidiu-se que muito provavelmente ela se tinha afogado e fomos forçados a reduzir a investigação.

– Mas agora quer que voltemos a dar-lhe prioridade? – perguntou Jackman.

– Queremos que comecem do princípio e revejam tudo com novos olhos e um orçamento consideravelmente mais elevado, se precisarem.

A superintendente olhou para Jackman com uma intensidade perturbante.

– Quero este caso resolvido, de uma vez por todas. E embora nem sempre estejamos de acordo, tenho de admitir que a vossa equipa tem qualquer coisa. Não sei o que é, mas se há alguém capaz de descobrir o que aconteceu a essa menina e arrumar este maldito caso, acredito que sejam vocês.

Jackman agarrou no dossiê e olhou para ele.

Marie sentiu uma sensação estranha a percorrê-la. Excitação não era exatamente a palavra certa, parecia mais uma trepidação. Nenhuma das pessoas que tinham trabalhado na investigação original tinha engolido a teoria de um acidente, mas ao fim de anos de trabalho sem resultados, tinha-lhes sido tirada das mãos. Por isso, talvez *fosse* altura de uma nova equipa tentar dar alguma paz à família desolada.

Jackman levantou-se.

– Vamos dar o nosso melhor, senhora Superintendente, pode confiar nisso, mas agora a Shauna Kelly tem de estar em primeiro lugar. E se a rapariga que se afogou for ela, não vou comprometer estes primeiros dias da investigação. Ela pertence a um dos nossos e embora eu não a fosse tratar de maneira diferente de qualquer outra morte, sentimos profundamente a dor da mãe.

– Claro, não esperava outra coisa. E se precisarem de ajuda, peçam, está bem?

Ruth Crooke olhou fixamente para eles.

– Mas também não protelem o caso antigo. Há muita coisa em jogo

nisto. Quando disse que lá em cima querem que isto seja tratado rapidamente, queria mesmo dizer isso, compreendido?

A reunião tinha terminado.

Os instintos de Marie estavam a dizer-lhe claramente que esta investigação não seria nada simples.

Dirigiram-se para os elevadores.

– A Kenya Black – disse Jackman quase num sussurro. – Por esta é que eu não estava à espera.

– Nem eu – concordou Marie.

– O que é que sentes em relação a assumirmos o caso? – perguntou Jackman.

– Bem, claro que devemos fazê-lo. A superintendente tem razão. A família precisa de respostas e talvez olhos novos vejam qualquer coisa diferente.

– Não foi isso que eu perguntei – disse Jackman, baixando os olhos para os dela. – Como é que te *sentes* em relação a isso?

Abrandaram o passo.

– Para ser sincera, e não faço ideia porque é que me sinto assim, estou muito perturbada com a ideia de fazer esta investigação.

Ao entrarem no elevador, Jackman assentiu com a cabeça.

– Também eu. Desde que vi aquele dossiê com aquele nome, o meu estômago tem estado às voltas – disse, soltando um suspiro longo e trémulo. – Mas tens razão, já é altura de este caso horrível estar terminado, por isso é melhor juntarmos as nossas cabeças e resolvê-lo, não achas?

No silêncio que se seguiu enquanto o elevador descia, Marie teve uma forte sensação de mau presságio.

Capítulo Três

Jackman e Marie dirigiram-se diretamente para o gabinete dele e fecharam a porta.

Jackman sentou-se pesadamente na velha poltrona de capitão, de cabedal, e girou-a para ficar virado para Marie.

– Preciso de organizar a minha cabeça em relação a isto antes de contarmos à equipa. Não sei muito bem como é que vamos conciliar isto tudo. Vai ser preciso um planeamento estratégico considerável.

Marie encheu as bochechas de ar.

– Bem, a Superintendente parecia absolutamente determinada a que sejamos nós a tratar do caso, mesmo já estando a trabalhar na investigação da Shauna Kelly.

– Hum, ela quase elogiou a equipa, não foi?

– Mas, pensando nisso, realmente só existimos nós, não é? Os nossos colegas estão enterrados até ao pescoço a tentar resolver aquele enorme caso de fraude e a prepará-lo para o Ministério Público. De certeza que não poderiam deitar a mão a uma coisa desta escala. E a equipa do Inspetor-Chefe Andy Feltham está com imensa falta de pessoal devido a doenças e acidentes.

Jackman fez menção de responder, mas foi interrompido por alguém a bater à porta.

O Inspetor Max Cohen entrou, trazendo um grande envelope selado.

– Desculpe, chefe, mas acho que vai querer isto. É do patologista, com a indicação de urgente.

– Obrigado, Max. Já vamos sair daqui a uns instantes, por isso talvez possas ir buscar o Charlie. Encontramo-nos na sala do DIC^[1] daqui a 10 minutos para trocarmos informações, ok?

Quando a porta se fechou, Jackman olhou atentamente para o envelope selado que tinha à frente. O nome dele estava escrito na parte da frente na versão da escrita gótica de Rory Wilkinson. Havia imensa coisa que dependia do que este curto relatório lhes dissesse e a mais importante era o facto de ele poder ter de comunicar a uma das próprias funcionárias que a filha estava morta. Desde o instante em que tinha visto a rapariga na praia, o instinto de

Jackman dizia-lhe que ela não tinha caído e que não tinha saltado.

Franziu o sobrolho e rasgou o envelope.

Os registos dentários confirmavam que a rapariga afogada era Shauna Kelly. Sem dizer uma palavra, passou a folha a Marie.

Marie soltou um suspiro.

– E eu que tinha tantas esperanças...

– Acho que sabemos qual é o nosso próximo passo.

– Uma visita muito triste à Liz Kelly. Vamos fazê-la juntos, está bem?

Ambos conhecemos a Liz há bastante tempo e tenho a certeza de que ela vai gostar que a notícia venha de pessoas que lhe são familiares.

Jackman assentiu.

– Gostaria de ter mais para lhe dizer.

– Seja o que for que lhe dissermos hoje, não terá qualquer efeito. As únicas palavras que irá ouvir são as que lhe dizem que a filha morreu.

Jackman levantou-se.

– Vai dizer ao Max e ao Charlie e eu vou notificar a Superintendente – afirmou, fazendo uma careta. – E depois vamos dar a notícia à Liz.

– E a Kenya Black? Conto aos outros?

– Não. Vamos fazer as coisas andar em relação à Shauna. A Kenya Black já desapareceu há muito tempo, por isso mais uns dias não farão diferença nenhuma, ao passo que temos mesmo de avançar na investigação da Shauna enquanto puder haver provas para recolher e a memória das pessoas ainda estiver fresca.

– Certo, senhor Inspetor.

Marie saiu para ir à procura dos outros e Jackman fez a segunda visita em 20 minutos ao gabinete da Superintendente.

Ruth Croke pareceu quase transtornada.

– E o que é que sabemos realmente sobre a Shauna?

– Ainda não fazemos ideia do que lhe aconteceu. O Rory Wilkinson está a tratar do assunto com toda a prioridade, por isso só podemos ter esperança de que apareça qualquer coisa na autópsia que determine se houve atividade criminosa.

Passou a mão pelo espesso cabelo castanho-claro e continuou:

– Ao que parece, a Shauna foi sempre difícil, mas não era má rapariga. O pai saiu de casa há seis meses e as coisas ficaram ainda piores. Ela começou a beber e a Liz contou-me que estava com problemas para a manter longe dos miúdos mais problemáticos da cidade.

– E na noite em que ela desapareceu?

– O Max e o Charlie localizaram-na três vezes nas câmaras de videovigilância, sempre na zona do centro da cidade. Na última imagem, estava a rir-se com um homem, perto do *pub* Lincoln Arms, na Brewer Street.

– Bêbeda?

– Podre de bêbeda, não, mas provavelmente tocada.

Jackman pensou nas imagens que Max lhe tinha mostrado.

– Mas há uma coisa que sobressai. Pela forma como ela estava a agir, estamos todos convencidos de que ela conhecia o homem. A imagem dele é má, mas o Max aumentou-a o mais que conseguiu e os agentes estão a mostrá-la nas ruas.

– Não há muita coisa com que trabalhar.

– É melhor do que nada. Pode ser que tenhamos sorte.

– Esperemos. Ora bem, para vos ajudar, arranjei-vos outro Inspetor. A Inspetora Rosie McElderry da equipa do Inspetor-Chefe Feltham está sem nada para fazer, por isso, durante este inquérito, é toda vossa.

– Obrigado, senhora Superintendente. Gosto da Rosie, ela tem qualidades para vir a ser uma boa Inspetora.

– Observe melhor, ela já é uma Inspetora muito boa.

Jackman sorriu.

– Tem razão – respondeu, empurrando a cadeira para trás. – É melhor ir-me embora, preciso de informar a Liz Kelly antes que ela fique a saber por outras pessoas.

Ruth olhou para ele e Jackman viu-lhe a compaixão nos olhos.

– Arranje-lhe o melhor agente de ligação que tivermos, Rowan. Vou notificar a cadeia de comando e vai ser-lhe oferecida toda a ajuda, mas... pobre mulher.

– Eu sei. E não posso dizer que esteja com vontade de o fazer.

– Tenho a certeza de que não está. É a pior parte deste trabalho, sem a menor dúvida – retorquiu ela, dirigindo-lhe um raro sorriso. – Mas sei que o vai fazer como deve ser.

* * *

Já passava das duas horas quando Jackman reuniu a equipa para trocarem informações. O encontro com Liz Kelly tinha sido extremamente lancinante. O som do grito angustiado da mulher ainda lhe ecoava nos ouvidos.

Não tinha ilusões sobre o caso de Kenya Black. Sabia que lhe tinham dado um presente envenenado. Aquele caso tinha uma reputação, uma má reputação. Não ajudava que um dos inspetores da investigação original se tivesse suicidado. Jackman cerrou os dentes e jurou silenciosamente que, acontecesse o que acontecesse, nunca permitiria que nenhum dos colegas chegasse a esse estado, ou sequer perto disso.

Observou a pequena equipa a mover-se pela grande sala de inquérito. Ninguém sabia o que ele ia dizer, mas tinham-lhe captado a tensão. Jackman sabia que esta investigação, se tivesse êxito, podia afetar imenso o futuro de todos. O desaparecimento de Kenya Black era referido como um dos grandes crimes não resolvidos da década. Fazer parte da equipa que finalmente descobrisse a verdade poderia ser o catalisador de uma bela carreira e até ele

sentia uma onda de entusiasmo nervoso. Mas, primeiro, tinha de os pôr a par do que acontecera a Shauna Kelly.

– Antes de começarmos, gostaria de dar as boas-vindas à Inspetora Rosie McElderry à nossa equipa. Ela vai dar-nos uma ajuda, uma vez que vamos ter de fazer duas investigações.

Indicou com a cabeça uma mulher jovem e loura que estava sentada à parte dos outros. Rosie tinha uma cara pequena e viva, com uma estrutura óssea delicada e olhos azul-esverdeados. Parecia muito mais nova do que os seus 24 anos, mas Jackman sabia que ela tinha um cérebro rápido e um jeito especial para se aperceber rapidamente das discrepâncias nos depoimentos. Também tinha uma memória extremamente boa.

A jovem Inspetora levantou a mão e sorriu-lhes.

– Estou contente por poder ajudar.

Jackman voltou a encostar-se à parede.

– Ora bem, como acabei de dizer, vamos trabalhar em dois casos ao mesmo tempo. O primeiro, como já todos devem saber, é o da morte da Shauna Kelly. Antes de podermos avançar muito neste, vamos precisar dos relatórios forenses e os resultados da autópsia devem chegar-nos amanhã de manhã. Se for um crime, teremos a investigação de um homicídio. Para não perdermos tempo, quero que continuem a trabalhar para descobrir a identidade do homem com quem a Shauna foi vista a conversar nas imagens das câmaras de vigilância e também que voltem a falar com todos os amigos e colegas da idade dela. Alguém tem de saber qualquer coisa sobre a Shauna, qualquer coisa que a tenha feito desaparecer ou ser raptada.

Inspirou fundo.

– E o segundo caso é um em que vocês, jovens, vão ter de fazer muito trabalho de casa porque...

Fez uma pausa.

– ...estamos prestes a retomar o inquérito da Kenya Black.

Ouviu-se uma arfada coletiva.

– Caraças! Isto é que é uma surpresa!

O sotaque *cockney* de Max fez-se ouvir claramente.

– Sim – respondeu Jackman. – E, para ser sincero, até a Marie e eu vamos ter de fazer algumas leituras pormenorizadas sobre este caso, visto que nenhum de nós andava por cá naquela altura. Por isso, Marie, em que pé estamos?

– Bem, já liguei para os Serviços de Armazenamento de Provas. Vão libertar os caixotes das provas ao fim da tarde. Acho que vamos precisar de uma empilhadora para trazer as caixas todas para aqui.

– Vou querer que enviem alguns artigos diretamente para o laboratório forense. Já avisei o Professor Wilkinson acerca disso.

Habitualmente, Rory Wilkinson estava instalado em Greenborough, mas por agora tinha resolvido trabalhar na morgue do County Hospital, nos arrabaldes da cidade de Saltern. Tinha-se oferecido imediatamente para

ajudar. A disponibilidade dele não tinha surpreendido Jackman. O país inteiro tinha ficado fascinado com as buscas pela pequena Kenya Black.

– Ainda não tive tempo para ver tudo, mas uma olhadela rápida dá-me uma impressão clara de que a última revisão deste caso foi uma treta – declarou Jackman folheando um maço de relatórios.

Marie assentiu com a cabeça.

– É muito possível. Essa última revisão foi feita na altura em que estávamos a ser investigados. Estavam a trazer civis para fazer uma data de trabalhos que algumas pessoas achavam que deviam ter sido feitos por polícias. Além disso, esse caso tinha sido tirado da naftalina mais vezes do que eu jantei comida quente. Se calhar, não o fizeram com interesse nenhum.

– Provavelmente não, mas isso não vai acontecer desta vez. Vamos descobrir o que aconteceu a essa menina nem que tenhamos de gastar todos os cêntimos do generoso orçamento da Superintendente. *Vamos* encontrar a Kenya, ou, pelo menos, descobrir ao certo o que aconteceu.

– Inspetor-Chefe Jackman? – perguntou um polícia fardado, entrando na sala para entregar um memorando a Jackman. – O homem das imagens das câmaras de vigilância de que andam à procura foi identificado pelo Agente Kevin Stoner. Ele está convencido de que o homem trabalha na área onde a rapariga foi vista pela última vez.

Jackman resumiu o memorando:

– Chama-se Asher Leyton. Não é realmente nosso conhecido, mas parece que já foi admoestado várias vezes por andar à caça de prostitutas.

– O que não augura nada de bom, pois não? – comentou Marie.

Não, pensou Jackman, não augura. Às vezes, o passo seguinte a andar a perseguir mulheres nas ruas era levá-las.

– Sabem a morada dele, senhor Inspetor?

– Granary Court, na Norfolk Street. O apartamento do jardim.

– Um poiso chique para um perverso. Granary Court é uma das zonas mais caras de Saltern – disse Max, parecendo quase invejoso.

– Acho que devíamos trocar umas palavras com o Mr. Asher Leyton, não te parece? – perguntou Jackman, olhando para Marie.

Marie tirou umas chaves do bolso.

– Nada melhor do que o presente. Há um carro de serviço lá em baixo.

* * *

A porta para o apartamento do jardim foi aberta por uma mulher pequena, com cabelo comprido, louro e ondulado e olhos perfeitamente maquilhados. Trazia umas calças de ganga estreitas com um *top* de gola drapeada e um cinto largo de cabedal guarnecido de tachas. Marie achou que ela parecia um bocado bimba.

– O Asher? – perguntou ela, olhando para as identificações deles, com os

olhos a ficar ainda maiores. – Oh, valha-me Deus, Inspetor, receio que ele não esteja cá.

– E quando é que a menina espera que ele volte? – perguntou Marie.

A rapariga sorriu, exibindo um trabalho ortodôntico de ótima qualidade.

– Muito tarde, lamento. Trabalha até por volta das 10h horas.

Ofuscado pelos dentes, Jackman tentou não franzir os olhos.

– E quem é a menina? – perguntou.

– Lynda. Lynda Cowley. Sou a noiva do Asher – respondeu ela, o sorriso a desaparecer. – Ele está bem, não está? Quer dizer, não teve nenhum acidente ou qualquer coisa assim?

Jackman sorriu-lhe tranquilizadamente.

– Não, não é nada disso, Miss Cowley. Precisamos apenas de falar com ele. Talvez nos possa dizer onde é que ele trabalha, ou dar-nos o número de telemóvel?

A rapariga continuou a parecer preocupada.

– Ele trabalha para uma empresa na George Street – Hanson and Co., mas não vai estar lá. Esta tarde está numa reunião e depois vai para um jantar com clientes. Claro que vos dou o número, mas ele costuma desligar o telemóvel quando está ocupado.

– E sabe onde é que vai ser esse jantar? – perguntou Marie, que estava a sentir-se ligeiramente irritada por o homem estar tão convenientemente incontactável.

A rapariga abanou a cabeça devagarinho e o comprido cabelo louro oscilou suavemente de um lado para o outro como um anúncio de um champô na televisão.

– Não me disse.

Jantar com clientes, uma ova, pensou Marie, lembrando-se da queda de Asher Leyton para andar atrás de mulheres à noite. Entregou o cartão à rapariga.

– Bem, por favor, dê-lhe isto. Diga-lhe para nos telefonar, assim que ele chegar, Miss Cowley, por muito tarde que seja, está bem?

– Ou, caso isso não aconteça, ele que nos telefone logo de manhã, porque é urgente – acrescentou Jackman.

– Posso dizer-lhe de que é que se trata, Inspetor? Sei que ele vai ficar preocupado se lhe disser que a polícia quer falar com ele.

Tenho a certeza de que vai ficar, pensou Marie.

– Precisamos de falar com quem quer que seja que possa ter estado na Brewer Street há umas noites, é só isso.

– A Brewer Street fica mesmo em frente à George Street, onde o Asher trabalha, não fica?

Jackman assentiu.

Lynda Cowley pareceu algo aliviada.

– Vou dar-lhe a vossa mensagem.

Enquanto voltavam para o carro, Marie perguntou:

- Até que ponto é que acha que uma pessoa pode ser crédula?
 - Tão crédula como esta, diria eu – retorquiu Jackman, abanando a cabeça. – Pobre miúda.
 - Parece ter uns 16 anos. Que idade é que acha que ela tem realmente?
 - Provavelmente, está mais perto dos 20, se calhar até é mais velha. Acho que é outra Rosie, parece muito mais nova do que realmente é.
- Marie franziu o sobrolho.
- Vale a pena dar uma volta até à Hanson and Co.?
 - Tenho um pressentimento de que ele não vai estar lá e a Lynda tinha razão. Acabei de ligar para o número que ela nos deu e está desligado – respondeu Jackman pensativamente. – Usaríamos melhor o nosso tempo voltando para a esquadra e pondo as coisas a rolar. Há uma série de coisas para fazer.
 - Gostava de saber se ele nos irá contactar – disse Marie, carregando no comando das chaves do carro.
 - A única coisa que podemos fazer é esperar que sim. E se ele não aparecer, nas palavras do Arnie Schwarzenegger: «Eu volto!»
-

[1] N.T.: No original, CID – Criminal Investigation Department (Departamento de Investigação Criminal).

Capítulo Quatro

Horas mais tarde, quando a escuridão envolveu o pântano, duas jovens, a vacilar nos saltos altos, cambaleavam pelos passeios de Harlan Marsh.

– Tens a certeza de que é este sítio? – perguntou Jasmine, apertando o *top* fino no corpo esquelético, arrepiada.

– É aqui – respondeu Chloe. – Segui o Paul até cá na semana passada. Vi-o a entrar.

As duas raparigas olharam duvidosamente para a ferrugenta vedação de ferro forjado que rodeava os degraus de cimento e para a tinta a descascar na porta velha nas sombras da área da cave.

– Bem, não vai acontecer nada esta noite, isso é certo. Vamos para casa, Chloe. Este sítio é mesmo chunga, dá-me arrepios.

Desde o início que Jasmine não estava entusiasmada com a ideia de ir à festa sem ser convidada.

Chloe franziu o sobrolho.

– Mas eu dei uma espreitadela ao telemóvel dele. Havia uma mensagem nova a dizer que era esta noite. E eu *sei* que foi aqui que o meu irmão veio.

– Se calhar, cancelaram à última hora.

Jasmine apoiou-se num e noutro pé. De qualquer maneira, tinha sido uma ideia estúpida. O que é que interessava se havia álcool à borla? Ela nem sequer gostava do sabor do álcool e se o pai descobrisse, ia ficar doido de fúria e, provavelmente, não voltava a deixá-la sair de casa o ano inteiro.

– Posso ajudá-las, minhas jovens senhoras?

A voz era bastante amistosa. Jasmine virou-se e viu um homem mais velho a sorrir-lhes. Tinha um corte de cabelo curto e na moda, roupa moderna e carregava uma caixa grande cheia de garrafas de vinho.

– É você o cota que trata das festas? – perguntou Chloe.

O homem franziu os olhos.

– Quais festas?

Chloe espetou um dedo na direção da caixa com o vinho.

– Quer dizer que vai beber isso tudo sozinho, é?

– Miúda esperta – retorquiu ele, sorrindo-lhe e pousando a caixa pesada

no chão. – Então vocês as duas são membros do clube?

Jasmine sentiu uma pontada de ansiedade e voltou a desejar que não tivessem saído de casa.

– Claro que somos – respondeu Chloe, tentando parecer aborrecida. – Porque é que havíamos de estar aqui se não fôssemos? E a mensagem no meu telemóvel dizia claramente que estava tudo combinado, por isso...?

O homem abanou a cabeça.

– Mas nunca receberam a mensagem com a mudança de sítio. Ah, bem, lamento. Deve ter havido uma confusão qualquer.

– Oh, porreiro – resmungou Chloe. – Então, se não é aqui, onde é que é? Não queremos passar a noite toda na porra do passeio.

O homem olhou de uma rapariga para a outra.

– Engraçado, nunca tinha visto nenhuma das duas e tenho uma memória bastante boa para caras.

Jasmine agarrou no braço de Chloe.

– Anda, Chlo, esquece.

– Nem pensar!

Chloe empurrou Jasmine para longe e pôs as mãos nas ancas.

– Estes tipos fizeram merda, ponto final. Só porque somos novas, não quer dizer que devamos perder uma festa, pois não, Avozinho?

O homem, que não podia ter mais de 30 anos, inclinou a cabeça e mirou-as fixamente.

– Que idade têm? – perguntou.

– Tenho 17 – respondeu Chloe muito depressa. – E ela tem 16, se é que tem alguma coisa a ver com isso.

– Documentos de identificação?

Uma expressão estranha, ou talvez de divertimento, passou pela cara do homem quando Chloe lhe respondeu que os tinham deixado em casa. Jasmine começou a tremer. Odiava quando Chloe mentia sobre a idade delas. Sabia que pareciam muito mais velhas do que 14, mas isto estava a começar a ficar desconfortável.

– Desculpa, Chloe, mas vou-me embora. Tu fazes o que quiseres – disse, voltando-lhes costas e começando a andar.

– Ok, ok.

O homem abanou a cabeça e sorriu-lhes.

– Ganharam. Hoje à noite, o encontro é em Carters Way. Há um armazém velho, fica mais ou menos a meio caminho do lado esquerdo, há uma porta lateral e...

Interrompeu-se e soltou um pequeno suspiro.

– Oh, esperem aqui, tenho de ir buscar outra destas caixas e depois vou para lá. Levo-vos se quiserem, como pedido de desculpa pela confusão com a mensagem.

– É o mínimo que pode fazer – retorquiu Chloe.

Jasmine deitou um olhar aterrorizado à amiga quando o homem passou

por umas portas e desapareceu numa casa com muito mau aspeto.

– Não podes ir sozinha no carro com ele, Chloe! Não sejas tão estúpida! Nunca fazemos isso, nunca!

– Então, vem comigo. Vai ser divertido. Ele já está quase a comer das nossas mãos. Anima-te, Jasmine, por amor de Deus! O meu irmão acha que estas festas são do mais porreiro que há! São mesmo o máximo! Bebidas à borla a noite *toda*. Música, dança, marmelada, tudo o que quisermos.

Baixou a voz.

– E quero mesmo dizer tudo. Ele não sabia que eu estava à coca, mas ouvi o Paul a dizer ao Darren, o borbulento do amigo dele, que o *fez mesmo* com a namorada! Dá para acreditar?

Jasmine nem sequer queria pensar nisso. A ideia de Paul e da nojenta da namorada colados um ao outro contra uma parede deixou-a agoniada. Fazê-lo, como tinha dito Chloe, devia ser especial. Jasmine queria flores, velas e uma cama grande e fofa para a primeira vez dela, não uma cave qualquer obscura a abarrotar de bêbados.

– Vou sozinha, Jas, a sério que vou.

– Não podes. E se o teu irmão aparecer? Ele mata-te se te encontrar lá. *E* vai perceber que andaste a espiar-lhe o telemóvel.

– Não vai nada, ele foi a um concerto em Sheffield – ripostou Chloe, olhando para a rua deserta quando uma porta se fechou mais abaixo. – Por favor, Jas? Vamos só ver como é. Se não gostares, vamos para casa, prometo.

Observando o homem que se aproximava, rematou:

– E *ele* é inofensivo, basta olhar para o tipo para se perceber.

Dois minutos mais tarde, Jasmine entrou relutantemente para o banco de trás do carro, com Chloe. Sabia que estava a fazer um disparate grande e grave, mas era-lhe impossível ficar a ver a melhor amiga ir-se embora sozinha, num carro.

* * *

Eram quase 9 horas da noite quando Marie chegou finalmente a casa. Estava cansada, mas satisfeita com a quantidade de trabalho que tinham conseguido fazer. Sabiam todos que o trabalho seria intenso a partir do momento que entrassem na esquadra no dia seguinte, por isso fazia sentido fazer o trabalho de sapa logo no princípio.

Marie abriu o frigorífico e escolheu uma refeição *light* já preparada do M&S para o jantar e, para acompanhar, um copo de vinho rosé fresco. Estava prestes a meter a comida no micro-ondas quando o telefone tocou.

– Marie?

Sorriu para si mesma. Porque é que a mãe parecia sempre tão surpreendida quando ela atendia?

– Como vivo sozinha e, tanto quanto sei, o gato ainda não aprendeu a

atender o telefone, sim, Mãe, sou eu.

O tinido de uma gargalhada ouviu-se pelo telefone.

– Estou só a confirmar, querida.

Marie adorava o suave tom melodioso de galês na voz da mãe. Tinha-a acalmado quando era pequena e, em momentos de angústia, ainda o fazia.

– Como é que estás, Mãe?

– O que interessa mais é: como é que tu estás? Passei o dia inteiro a pensar em ti, Marie. Tens alguma investigação importante entre mãos?

Não chamavam à mãe dela, Rhiannon Roberts, a «Feiticeira Galesa» em vão.

– É engraçado que digas isso. Estamos prestes a iniciar uma que pode vir a ser deveras preocupante.

– Bem, sabes onde eu estou, se precisares de desabafar.

Marie bebeu um gole de vinho.

– Com quem mais é que faria isso? Por isso, está preparada, podes ser precisa durante as próximas semanas.

– Parece uma coisa em grande.

– Enorme... não, ainda maior do que isso e muito importante, por isso vai dando uma olhadela aos jornais. És muito capaz de lá ver o nome da tua filha.

– Prometo que não vou acreditar numa única palavra que eles digam.

A mãe voltou a rir e Marie sentiu uma pontada de saudade. Desejava que a mãe não estivesse tão longe, nos ermos de Gales.

– Quando é que cá voltas? O quarto das visitas está sempre preparado.

– Vou se precisares mesmo de mim, já sabes que vou.

Marie compreendia. A mãe tinha outras pessoas que também precisavam dela. Rhia dirigia uma espécie de retiro comunitário para doentes mentais, um banco alimentar comunitário e um centro comunitário para quem precisasse de ajuda. Também ajudava na escola local e entregava receitas do médico aos aldeões incapacitados. Em resumo, era um anjo disfarçado em casacos de malha compridos, saias fluidas e longas e Doc Martens. A mãe dela era única e Marie adorava-a. Quando o marido de Marie, Bill, morreu num acidente de motorizada, Rhia tinha-a feito continuar. A mãe tinha-a ajudado a reagir e Marie acreditava que agora era uma mulher mais forte devido a isso.

Conversaram durante mais alguns minutos e Marie prometeu à mãe telefonar-lhe na noite seguinte.

– Tem cuidado contigo, Marie. Sinto que vais estar sob uma enorme pressão nas próximas semanas. Come bem e tenta dormir tanto quanto puderes. Quem trabalha cansado não funciona bem e isso pode ser perigoso.

– Pareces o Jackman, essa é uma das máximas preferidas dele.

– Quer dizer que é um homem sensato. Ouve-o. E Marie? Se precisares de mim, estarei aí. Sabes isso, não sabes?

– Claro que sei. Amo-te. Dorme bem.

– Sonhos cor-de-rosa.

Marie pousou o auscultador. A mãe tinha um sexto sentido no que dizia respeito à filha. A jovem Marie não tinha conseguido dizer uma mentira ou tentar esconder fosse o que fosse porque a mãe soubera sempre. E se houvesse coisas a preocupá-la, estivesse ela onde estivesse, nove vezes em 10, a mãe telefonava-lhe.

Meteu a refeição no micro-ondas a pensar que era como se tivesse um anjo da guarda a tomar conta dela. E, no tipo de trabalho que tinha, não era nada mau tê-lo.

* * *

Jackman levou mais tempo a voltar a Mill Corner do que Marie a chegar a casa. Cartoft, a aldeia dele, ficava a cerca de 15 minutos da estação de Saltern-le-Fen. Trancou o carro e dirigiu-se para a casa-moinho, equilibrando vários dossiês e uma caixa de ficheiros nos braços. O cheiro de um cozinhado delicioso recebeu-o à porta. Largou a papelada na mesa da cozinha e encontrou o recado deixado por Mrs. Maynard.

Mr. Jackman, deixei-lhe um estufado a ferver em lume brando no fogão e o Mr. M. disse que a carroça da lavanda vem amanhã de manhã, mas que ele trata do assunto. Hetty.

Jackman sorriu e perguntou aos seus botões o que faria sem o velho casal que «tomava conta» dele.

Antes de fazer outra coisa, escreveu um cheque à empresa de saneamento que viria despejar o tanque séptico – «a carroça de lavanda» de Len. Cartoft ainda não estava ligada às condutas de saneamento, por isso, de dois em dois ou de três em três anos, tinham o duvidoso prazer da cerimónia do despejo. Jackman sorriu para si mesmo. Mais outra razão para estar grato pelos Maynard.

Serviu-se de uma grande tigela de estufado, ligou o rádio e sentou-se à velha mesa de pinho. Olhou para a pilha de relatórios e decidiu que o trabalho de casa podia esperar até ter acabado de comer.

Durante os 15 minutos seguintes, Jackman ouviu a Classic FM e saboreou o jantar, até que a atração magnética dos ficheiros de Kenya Black se tornou demasiado irresistível. Passou a tigela por água, meteu-a na máquina de lavar louça e voltou para a mesa para abrir os relatórios.

Eram uma leitura deprimente. Era evidente que a mãe de Kenya, Grace Black, tinha trabalhado incansavelmente para manter durante o maior tempo possível o desaparecimento inexplicável da filha na atenção da opinião pública. Sempre que o interesse esmorecia, arranjava uma maneira de reacender a chama, mas, quase uma década depois, não tinha aparecido nenhuma informação nova. Jackman sabia que os esperava uma tarefa assustadora, mas era uma batalha que estava decidido a ganhar. Grace Black merecia ter alguém a lutar ao lado dela e a equipa dele, juntamente com um

orçamento reforçado e os novos avanços na tecnologia, seria capaz de dar à mãe destrozada esperança – ou apaziguamento. Jackman arrepiou-se. Só conseguia imaginar a angústia que Grace Black sentia, sem saber se a filha estava morta ou viva. Perguntando-se se, caso estivesse morta, teria sofrido? Se estivesse viva, que tipo de vida teria? As imagens negras que deviam assombrar as horas em que estava acordada e as noites sem dormir eram difíceis de conceber.

Abruptamente, Jackman levantou-se e atravessou a cozinha até onde estava a cafeteira. Pôs a chaleira no fogão e deitou umas colheres do café queniano, rico e escuro, na cafeteira. Precisava de uma forte dose de caféina se queria ler mais daquele caso desolador. No dia seguinte ia visitar Grace para lhe dizer que moveria céus e terra para descobrir o que acontecera à sua linda filha.

Tal como tinha dito a Liz Kelly horas antes, nesse mesmo dia:

– Liz, vamos descobrir o que aconteceu à Shauna e se houver alguém responsável, entregamo-lo à justiça. Tens a minha palavra de que não descansaremos até te podermos dar respostas.

Liz não tinha respondido. Jackman não esperara que ela o fizesse. A pobre mulher estava num inferno só dela e não havia palavras que pudessem aliviar a dor violenta da notícia que tinha tido de lhe dar.

– Que mundo de merda este onde vivemos – murmurou para a chaleira a chiar.

Depois pensou na equipa, todos eles dedicados, determinados a tornar as coisas melhores.

– Não, o mundo não é todo uma merda. Há é umas pessoas muitíssimo merdosas nele – disse para si mesmo.

Capítulo Cinco

Na manhã seguinte, Marie saiu muito cedo da aldeia na mota, maravilhando-se com a imagem do céu que tinha pela frente. A terra de lavoura baixa ainda estava agarrada a uma carpete de névoa diáfana e o céu por cima dela era de um pesado cinzento-escuro, salpicado de nuvens noturnas que se iam dispersando. Por cima disso, aparecia uma brecha larga no céu ferruginoso. Uma faixa ofuscante do laranja chamejante mais brilhante rasgou o cinzento e a orbe escarlate do sol começou a aparecer.

As reservas que sentira em assumir a investigação sobre Kenya Black já tinham desaparecido. Hoje, a equipa forense dar-lhes-ia mais informações sobre Shauna Kelly e poderiam planear uma linha de ação. Na verdade, estava ansiosa pela visita a Mister Curb-Crawler[2] e também queria ver a área onde Shauna tinha, aparentemente, entrado na água.

Aproximou-se do cruzamento na entrada da povoação e esperou enquanto um trator que rebocava um atrelado carregado de brócolos bem verdinhos passava pesadamente. Enquanto ali estava sentada, rezou silenciosamente para que a morte de Shauna tivesse sido um acidente trágico e que não antecipasse outras coisas más.

Quando arrumou a mota grande no lugar de estacionamento da esquadra, um toque da tensão da noite anterior tinha voltado a infiltrar-se-lhe na mente.

* * *

Jackman ainda mal tinha entrado na sala do DIC quando ouviu chamar pelo nome dele.

A voz áspera pertencia ao gestor do gabinete da superintendente.

– Desculpe, senhor Inspetor, mas poderia ir lá acima? Imediatamente.

Quando chegou ao gabinete da superintendente, Ruth Croke estava à espera no corredor.

– Ouça – disse ela urgentemente. – Sei que não vai gostar daquilo que a

minha visita tem a dizer, mas peço-lhe que agunte, ok? E lembre-se apenas, os seus casos atuais envolvem uma rapariga *desaparecida* e uma rapariga *morta*. Não se esqueça disso.

Deu meia-volta e, sem esperar por uma resposta, abriu a porta do gabinete com um empurrão e marchou lá para dentro.

De pé ao lado da janela, estava um homem alto e empertigado com a farda de superintendente-chefe. Jackman reconheceu-o instantaneamente. Cade trabalhava numa das divisões vizinhas e tinha a reputação de ser um filho da mãe bajulador, que era melhor não contrariar se se desse valor a perspetivas de carreira.

– Apresento-lhe o Inspetor Rowan Jackman, James.

O superintendente-chefe esboçou um sorriso tenso.

– O Superintendente-Chefe Cade tem um problema na área dos Harlan Marshes. Desapareceu uma jovem e as duas equipas do Departamento de Investigação Criminal estão ocupadas com outro crime grave. Precisa da nossa ajuda. Bem, da *sua*, para ser exata.

Jackman não sabia muito bem o que esperavam que ele dissesse. Precisamente ontem, tinham-lhe dado uma missão de grande prioridade, do género tira-nos da merda antes que se saiba, uma coisa para fazer ao mesmo tempo que tratava da morte de Shauna Kelly. Agora estavam a pedir-lhe que esquecesse isso e salvasse a pele de outra esquadra por causa da quantidade de trabalho *deles*?

Não lhe ocorreu nada para dizer. A seguir, endireitou-se e respondeu:

– Desculpe, senhora Superintendente, mas como sabe, o meu número de casos também não é exatamente pequeno. Vai ter de o dar a outra equipa. Até o Inspetor Feltham tem gente suficiente para tratar disso.

Cade interrompeu-o.

– Ah, mas eu apreciaria realmente muito se *você* me pudesse dispensar apenas um bocadinho do seu tempo precioso, Inspetor Jackman, ok? – disse ele com um silvo reptiliano.

Jackman olhou para a Superintendente à procura de ajuda.

– Senhora Superintendente? O meu caso prioritário?

– Sugiro-lhe que ponha a sua equipa a trabalhar nisso. Há uma data de preparativos de que se podem ocupar.

– E a Shauna Kelly?

– A mesma coisa. Ainda está à espera da confirmação da equipa forense sobre se foi um acidente trágico ou outra coisa, não está? Por isso, deixe a sua equipa a trabalhar nesses preparativos básicos. Entretanto, você e a Sargento Evans vão até Harlan Marsh e fazem algumas averiguações.

– Pode ser que não seja nada, Jackman – disse Cade, com um sorriso. – A rapariga já tem antecedentes de fugas anteriores e, nesse caso, estarão de volta num abrir e fechar de olhos. *Mas* embora eu tenha a certeza de que foi o que aconteceu, ela *é* a filha de um homem de negócios local e um benfeitor generoso para as obras de beneficência da polícia, por isso prometi-lhe que

enviaria os nossos melhores agentes, se é que me está a entender?

Estava. Apostava que este «benfeitor» era um companheiro de golfe com um aperto de mão esquisito, alguém que levava com ele uma pasta fechada à chave quando se ia embora à noite.

Cerrou os dentes, furioso, mas engoliu a resposta que ia dar quando viu a expressão da superintendente. Era clara e concisa.

Atreva-se, Jackman!

– Obrigada, Rowan. Sabia que podia contar consigo.

Ruth mandou-o embora com um movimento rápido da cabeça e uma olhadela para a porta.

– É um prazer, pode crer – retorquiu Jackman, escapulindo-se.

A primeira pessoa que encontrou quando desceu o último lanço de escadas foi Marie. Mal se conseguiu conter até entrarem no gabinete.

A salvo lá dentro, explodiu:

– Não acredito nisto! Temos mais trabalho do que nunca e a Superintendente quer que sejamos amas-secas do Harlan Marsh! Que grande lata! A fazer-nos perder o *nosso* tempo porque eles têm um *caso grave em curso*. Seja ele qual for, aposto que o nosso pessoal da cantina conseguia resolvê-lo mais depressa e mais eficientemente.

Pelo canto do olho, teve um vislumbre de Marie quase a tremer de riso reprimido perante a explosão dele.

– E não é caso para rir! Não têm o direito de usar o argumento da confraria quando a miúda desaparecida provavelmente se piscou para Sheffield durante o fim de semana para ver uma *boysband* qualquer.

Arengou bombasticamente durante mais uns minutos até se dar conta da futilidade daquilo. Não tinham outra opção senão obedecer e resolver o assunto o mais depressa possível. Pelo menos, era apenas uma viagem de 20 minutos de carro.

Sentou-se, a zanga a derreter como o orvalho matinal com o sol. Tinha-lhe ocorrido repentinamente que Harlan Marsh ficava apenas a poucos quilómetros do sítio onde se supunha que Kenya Black tinha sido vista pela última vez. Se calhar, ele e Marie deviam fazer um desvio no caminho de regresso e dar uma vista de olhos ao local.

Jackman aclarou a mente e inspirou fundo. Sim, esta viagem indesejada podia tornar-se um mal que vinha por bem. E havia sempre a possibilidade de a outra rapariga ter desaparecido realmente. Podia estar furioso com Cade, mas não podia ignorar as ligações possíveis.

– Já está melhor agora? – perguntou Marie com um sorriso.

– Muito melhor, obrigado. Ok, vai contar ao Max, ao Charlie e à Rosie o que está a acontecer e diz-lhes para se apressarem. As caixas das provas vão chegar ao fim desta tarde. Eles que arranjem um local para arrumar tudo, que as ordenem o melhor possível e que comecem a fazer o registo da investigação. Nos momentos livres que tiverem, podem ler tudo o que conseguirem sobre o caso original. Mas diz-lhes que *não*, e insisto nisso, que

não se deixem influenciar por nada que não seja um facto provado. Não devem aceitar as suposições de quem quer que seja como sendo definitivas. Ok?

Entregou a Marie as cópias do ficheiro que a superintendente lhe tinha dado no dia anterior.

– Para lerem e digerirem. Vamos regressar ao primeiro dia quando começarmos. Vamos tratar o desaparecimento da Kenya Black como se fosse um caso novo – disse-lhe com um sorriso determinado. – Não vai ser fácil, mas acredito que a nossa equipa vai descobrir a verdade no caso dessa menina.

Marie agarrou nas pastas.

– Eu também. A propósito, quem é que achou que devia pedir os nossos serviços?

– O Superintendente-Chefe Cade. Parece que ele acha que somos os únicos agentes em toda a força policial que o podemos ajudar.

– Cade? O James Cade?

Jackman assentiu.

– Não é um homem agradável, tanto quanto sei.

Olhou para Marie e viu que, subitamente, ela estava pálida, quase horrorizada.

– O que é que se passa?

– Não quero ter nada a ver com esse homem, senhor Inspetor. Pode levar um dos outros consigo?

Jackman endireitou-se na cadeira e olhou para a sargento. Nunca, em todos os anos em que tinham trabalhado juntos, ela tinha reagido daquela maneira.

– Qual é o problema, Marie?

– Não me interprete mal, mas é a modos que pessoal e não é mesmo uma coisa de que queira falar agora.

Parecia terrivelmente incomodada e depois pareceu que se estava a recompor.

– Oh, bem, embora preferisse fazer uma punção lombar a ter de entrar na mesma sala que o Cade, *pode* haver uma ligação com a Shauna se eles tiverem uma rapariga desaparecida. Por isso, esqueça o que acabei de dizer. Vou organizar as tropas e estarei pronta quando o senhor estiver.

Enquanto Marie se escapulia pela porta, Jackman perguntou-se porque é que ela teria evitado tão habilmente explicar a aversão que tinha a Cade. Encolheu os ombros. Acabaria por descobrir. Agarrou no casaco e nas chaves e estava prestes a sair quando o telefone tocou.

Era o sargento de serviço.

– O Mr. Asher telefonou, senhor Inspetor. Diz que o Inspetor quer falar com ele e que vai estar em casa a manhã inteira. Perdeu o seu número e por isso é que ligou para a receção.

– Está bem, obrigado. Vou tratar do assunto.

Jackman não estava à espera de ter notícias de Leyton. Teria apostado que ia ter de o perseguir.

Praguejou baixinho. Exatamente quando as coisas estavam a aquecer, tinham de fazer uma viagem ao local mais miserável e remoto do planeta. Era uma cidadezinha atrasada, rodeada por grandes extensões de terras de cultivo planas, represas, valas e pântanos. Harlan Marsh era considerado o pior dos sítios para se ser colocado.

Entrou na sala do DIC e fez sinal a Marie.

– Pronto! – respondeu ela.

– Ah, Max, se o relatório do patologista sobre a Shauna Kelly chegar, liga-me imediatamente.

Max ergueu o polegar.

– Certo, chefe.

* * *

Jackman tinha resolvido que deviam fazer uma curta visita a Asher Leyton quando fossem a caminho de Harlan Marsh. Disse a Marie que não queria que o homem se acobardasse e se pisesse.

Asher Leyton levou Jackman e Marie por um corredor comprido até uma sala enorme em *open space*. Era moderna, de bom gosto e tresandava a dinheiro. Marie deu conta de que a noiva dele não estava lá.

– A Lynda disse-me que tinha telefonado, Inspetor Jackman. Peço desculpa por o ter obrigado a fazer duas viagens – disse o homem, indicando-lhes que se sentassem num enorme sofá de couro cor de marfim, enquanto se sentava numa poltrona de couro a condizer. – Em que posso ajudar?

Marie olhou para ele com interesse. Não era exatamente como ela esperara. Asher Leyton estava na casa dos 20 e muitos. Tinha uma constituição média, com cabelo espesso e ondulado e uma aparência bastante antiquada. Vestindo calças de bombazina bege e um colete de *tweed* axadrezado, até a roupa parecia datada. Uma nova moda retro de que ela não se tinha apercebido?

– Mr. Leyton, temos motivos para acreditar que estive na Brewer Street, há três noites atrás. Pode dizer-nos se isso é verdade? – perguntou Jackman.

– Muito provavelmente, Inspetor. As minhas horas de trabalho são flexíveis e eu passo pela Brewer Street para ir para casa – respondeu ele, olhando para Jackman calmamente. – Porquê? O que é que aconteceu?

Marie meteu a mão na algibeira e tirou uma fotografia de Shauna Kelly.

– O senhor viu ou falou com esta rapariga?

Asher agarrou na fotografia e sorriu imediatamente.

– Não há dúvida de que sim.

Devolveu a fotografia.

– De facto, falei com ela umas quantas vezes recentemente.

Jackman franziu os olhos.

– E porque é que isso aconteceu?

O sorriso de Asher Leyton desapareceu-lhe da cara.

– Aconteceu-lhe alguma coisa? É por isso que estão aqui?

– Sabe como é que ela se chama, Mr. Leyton? – perguntou Jackman serenamente.

– Qualquer coisa parecida com Shona? Ou Sheena? Não consigo lembrar-me com exatidão – respondeu Leyton, passando nervosamente os dedos pelo cabelo.

– E como é que a conheceu? – perguntou Jackman, o tom de voz a ficar cada vez mais frio.

– Eu não a *conheço*. Apenas falei com ela nalgumas ocasiões, só isso.

O homem quase se contorcia na cadeira.

– E porque é que um homem da sua idade estaria a falar com uma rapariga de 14 anos que não conhece?

– Catorze? Oh, meu Deus, mas ela parecia... ela disse... perceberam tudo mal, perceberam mesmo – replicou Asher, engolindo em seco. – Vi-a uma vez à noite, na Brewer Street. Ela estava sozinha, parada à beira do passeio e, por instantes, pensei que ela podia ser uma, uma...

– Prostituta? – completou Marie. – E essas conhecia-as, não conhecia, Mr. Leyton?

A cara do homem ficou corada.

– Nunca tive problemas com nada disso! Vejam os vossos registos! Não me vão encontrar neles. Nunca fui condenado!

– Já verificámos, Mr. Leyton, mas os nossos patrulheiros já tiveram uma conversazinha discreta consigo no passado, não é verdade? – retorquiu Marie calmamente.

– Oh, Minha Nossa Senhora! Mas eu expliquei isso tudo na altura. Essas raparigas preocupam-me. Falo com elas, tento ajudá-las, só isso. Sou um homem trabalhador com uma vida limpa e honesta. Estou noivo da mais bela...

Parou a meio da frase e a cara empalideceu.

– Por favor, digam-me que não falaram disto à Lynda, pois não?

– O seu segredo está seguro connosco... a não ser que haja alguma coisa que devamos saber em relação a si e à Shauna Kelly – retorquiu Marie, fitando-o friamente.

Asher Leyton expirou.

– Mas não há nada para contar. Só falei com ela porque um carro a encharcou ao passar. Ela deu um salto para trás e insultou o condutor e eu perguntei-lhe se estava bem. Nessa altura, ela insultou-me até eu apanhar a mala que ela tinha deixado cair e lhe oferecer o meu lenço para se secar.

– Um verdadeiro cavaleiro andante – comentou Jackman.

Asher ignorou o comentário.

– Ela disse-me que estava à espera de amigos e que ia a caminho de uma

festa. E foi tudo – rematou, encolhendo os ombros. – Vi-a uns dias depois e ela sorriu-me, por isso perguntei-lhe se tinha gostado da festa. Respondeu-me que tinha sido diferente, mas mais nada. Presumi que tinha sido um fiasco. Só a voltei a ver uma vez depois disso, há alguns dias. Disse-me que ia outra vez para uma festa.

Olhou para Marie e para Jackman e perguntou:

– Aconteceu-lhe alguma coisa?

– Lamento, mas a Shauna morreu, Mr. Leyton.

A boca de Asher abriu-se de surpresa. Marie ficou convencida de que não era a fingir. Se era, ele era muitíssimo bom.

– Morreu?

– Lamento, mas sim. Talvez agora possa compreender porque é que estamos tão interessados nos movimentos recentes dela.

Asher assentiu mudo e Marie pensou que ele era capaz de começar a chorar.

Passado um momento, o homem disse:

– Pobre miúda. Era mesmo querida.

Quando olhou para cima, tinha os olhos húmidos.

– Como é que ela morreu?

– Lamento, mas não podemos dizer até que certas formalidades sejam completadas.

O tom de Jackman estava mais suave e mais compassivo.

– E isso é tudo o que sabe sobre ela? Apenas umas palavras de passagem na rua?

– Dou-lhe a minha palavra, Inspetor. E juro por Deus que nunca soube que ela só tinha 14 anos – respondeu Leyton, deixando cair a cabeça. – Nestes tristes tempos, não teria sequer sonhado falar com uma rapariga tão nova sem lhe ter sido apresentado.

Jackman fez sinal a Marie e levantaram-se ambos.

– Vou dar-lhe o meu cartão para o caso de se lembrar de mais alguma coisa. Agora, tem o meu número direto, Mr. Leyton.

Leyton acompanhou-os até à porta e quando estavam a sair, perguntou-lhes:

– E quanto àquele outro assunto? Se ouvisse o que aconteceu e ficasse com a ideia errada, a minha noiva ficaria devastada.

– Como lhe disse, isso não nos diz respeito. Só estamos interessados nos últimos movimentos da Shauna.

Marie olhou diretamente para os olhos daquele jovem tão estranho.

– Mas pense bem nesses «encontros acidentais», está bem? Qualquer coisa que ela lhe tenha dito, pode ser-nos útil, ok?

Marie teve um vislumbre da cara de uma alma muito perturbada quando Asher fechou a porta.

Tinham acabado de voltar para o carro quando Max telefonou.

– O Rory Wilkinson ligou, chefe, precisa de falar consigo. Pode dar-lhe uma ligadela?

Jackman agradeceu-lhe e a seguir ligou para o patologista.

– Ah, Inspetor, desculpe interromper-lhe o dia. Embora eu ainda esteja longe de ter acabado os exames a esta rapariga, achei que devia saber que fiz uns testes iniciais.

Fez uma pausa e continuou a falar:

– A toxicologia indicou que ela tinha álcool e drogas no sistema.

– Oh, merda! – murmurou Jackman. – Que tipo de drogas?

– *Foxy methoxy*^[3], se é que sabe ao que eu me estou a referir.

Jackman sabia muito bem. Basicamente, já tinha visto todas as euforias, fossas, ressacas e consequências aflitivas da maior parte das drogas de rua.

– É uma droga típica de discoteca, uma triptamina psicadélica.

Rory soltou uma gargalhadinha.

– Estou impressionado! Não há muitos Inspetores que consigam referir isso com tanta desenvoltura.

– Lembro-me bem porque ajudei a raspar um miudinho do cimento de um recreio depois de ele ter tomado uma dessas coisas e ter «voadado» do telhado da escola.

– Oh, meu Deus, lamento imenso! Percebo perfeitamente que isso lhe tenha gravado profundamente a palavra na memória – retorquiu Wilkinson, fazendo uma pausa. – Desconfei que devia haver qualquer coisa errada pelas feridas nos pés dela – nas solas, para ser exato. Tenho a certeza de que sabe que quando uma pessoa se afoga, o corpo fica virado de barriga para baixo, daí os ferimentos faciais que às vezes vemos. Estava à espera de que a rapariga estivesse muitíssimo batida, mas quando a examinei, também encontrei escoriações e lacerações que não são típicas dos traumas subaquáticos.

– Nos pés? – soltou Jackman, começando a franzir a testa.

– Hum, e ao fazermos análises aos ferimentos, descobrimos que os materiais cravados na carne dela não são do fundo do mar. Alvitro que ela correu descalça por um terreno muito irregular antes de entrar na água.

– Perseguida?

– O Inspetor precisaria de uma testemunha que lhe desse a resposta para isso.

– Não consigo acreditar que a Shauna Kelly tomou *foxy* voluntariamente – murmurou Jackman.

– Mas foi o senhor mesmo que disse que a mãe estava a ter problemas em mantê-la afastada de alguns dos miúdos mais estouvados.

– Sim, mas umas quantas bebidas experimentais são quase o que

poderíamos esperar de uma adolescente cujo pai se pisgou há pouco tempo. A mãe disse que a filha nunca perdeu a cabeça com o álcool e jura que a Shauna nunca tomou drogas – de facto, até era bastante contra.

– Com todo o respeito, Inspetor, isso é o que eles *todos* dizem aos pais – contrapôs Rory gentilmente.

– Claro, mas a Liz trabalha como voluntária num centro de acolhimento na Church Street. Teria topado qualquer sinal de consumo de drogas a quilómetros de distância.

Jackman inspirou fundo.

– Se a Shauna tinha drogas no sistema, estou disposto a apostar que não sabia que as tinha tomado.

– Infelizmente, isso é mais do que possível. Isso ou pressão do grupo de amigos. Ah, sim, uma última coisa. É só um pequeno pormenorzinho, mas não havia sinais de qualquer material de plantas ou de qualquer outra coisa do fundo do mar nas mãos dela.

– Desculpe, Rory, mas não estou a perceber.

– A luta para sobreviver, Inspetor. Um ser humano a afogar-se agarra-se a tudo para tentar salvar-se. Geralmente, é uma prova de que estava vivo ao entrar na água, embora haja mais coisas a ter em conta para além disto. Acho que indica que a Shauna ou não estava totalmente consciente ou estava completamente passada. Não é um pensamento agradável, eu sei, mas achei que o devia informar disso em vez de esperar que o relatório esteja pronto.

– Agradeço-lhe muito.

Jackman pousou o auscultador e ficou a olhar fixamente para o telefone. Shauna Kelly tinha andado a rebelar-se contra o facto de o pai se ter ido embora, mas não tinha descarrilado por completo e, segundo o resto da família, a rapariga ainda amava a mãe. Tinham sido sempre muito chegadas e não havia qualquer indicação de que ela culpasse Liz por o pai ter dado à sola. Não fazia sentido e, pela expressão dela enquanto ouvia a conversa pelo altifalante, Marie estava igualmente confusa.

– A Shauna não era assim, apostava a minha vida nisso.

– Concorde. A Liz não é o que consideramos uma mãe típica. Ela foi treinada para procurar todos os sinais reveladores numa adolescente. Teria percebido, tenho a certeza disso.

– Então foi drogada? – perguntou Marie, abanando a cabeça.

– É a minha teoria.

– E aqui estamos nós, à caça no maldito Harlan Marsh! Isto é um nojo!

Marie estava quase a gritar.

– Não te esqueças, o caso deles também tem a ver com uma rapariga desaparecida. Precisamos *mesmo* de verificar isto, não vá haver uma ligação. Vamos lá despachar isto – disse Jackman, olhando de lado para ela. – Acho que nunca te vi tão irritada com uma coisa.

Fez uma curta pausa e acrescentou:

– Ou será com uma pessoa?

Marie estreitou os olhos.

– Como o chefe disse, vamos lá despachar isto, está bem?

Jackman meteu a primeira e não disse mais nada.

* * *

Não muito longe da extravagante residência de Asher Leyton, havia outra pessoa igualmente perturbada.

A casa pequena estava longe de ser elegante, mas estava limpa e arrumada e, geralmente, parecia acolhedora e segura a Jasmine. Mas hoje, não.

Jasmine estava deitada no sofá, com o edredão muito enrolado à volta do corpo magro. Finalmente, estava sozinha, embora tivesse levado algum tempo para convencer a mãe de que devia ir trabalhar. A mãe de Jasmine, que se preocupava com absolutamente tudo, tinha finalmente aceitado a desculpa de que era um daqueles dias muito maus do mês. Depois de ter preparado a Jasmine uma bebida quente e um saco de água quente, apressou-se a ir para o emprego de contabilista numa fábrica de produtos alimentares.

Jasmine fixou o olhar no ecrã apagado da televisão e tentou decidir o que devia fazer. Não estava doente, não havia nada de errado com ela. Só não conseguia enfrentar a escola e, mais concretamente, não conseguia enfrentar a melhor amiga, Chloe.

Os pensamentos dela estavam sempre a voltar à festa. Jasmine soltou um pequeno resfôlego de repugnância. Não tinha sido nada parecida com as outras festas a que já tinha ido. O sítio era horrível. Estava escuro e sujo, a tresandar a suor e a álcool e o pior de tudo tinha sido o facto de Chloe parecer estar a divertir-se como nunca na vida.

Uma lágrima deslizou vagarosamente do olho de Jasmine. Como é que ela podia? Tinham sido amigas desde que ainda andavam de fraldas e agora, bem... Fez uma careta. Uma imagem passou-lhe pelos olhos. Chloe a dançar com um rapaz que ela nem sequer conhecia. Chloe a levantar o *top* esterlicado e a atirar o peito nu para a boca aberta do rapaz que rodopiava.

Jasmine sentiu-se tão agoniada naquele momento como se tinha sentido na altura. Bebeu uns golinhos da bebida que a mãe lhe tinha feito e esforçou-se por esquecer todas as outras coisas que tinha visto.

Coisas piores, muitíssimo piores.

Voltou a pousar a caneca na mesa e mordiscou nervosamente o lábio inferior.

Devia contar ao pai, *sabia* que devia. Mas como é que podia? Ele ia matá-la se soubesse que ela tinha estado num sítio tão horrível.

Começaram a cair mais lágrimas. Deveria ser fácil. Não era uma má rapariga, devia simplesmente fazer o que sabia que era correto. E tê-lo-ia feito se não fosse o homem dos olhos horríveis. Ele tinha percebido imediatamente

que elas eram penetras. E depois tinha-a levado para um canto e, fria e calmamente, tinha-lhe dito o que faria se ela alguma vez dissesse uma palavra sobre as festas.

Jasmine sabia que o homem não estava a brincar. Voltou a arrepiar-se. Aquilo não deveria ter tido importância, tendo em conta que ela não queria voltar lá enquanto fosse viva, mas ele não a tinha ameaçado a *ela*, pois não? As coisas terríveis que tinha dito que faria... era à Chloe.

Jasmine começou a soluçar. Porque a Chloe queria voltar. O homem tinha posto o número dela na lista especial dele e a grandessíssima estúpida da Chloe estava mortinha de vontade de receber a mensagem a dizer-lhe onde iria ser a festa seguinte.

[2] N.T.: Expressão que em inglês se refere a uma pessoa que anda lentamente de carro de um lado para o outro, à caça de prostitutas.

[3] N.T.: A 5-MeO-DiPT ou “foxy methoxy”, um derivado sintético recente e muito conhecido entre os consumidores da triptamina.

Capítulo Seis

— Sabe, já ando por estes sítios há décadas, mas, provavelmente, só estive em Harlan Marsh uma ou duas vezes – disse Marie, a olhar pela janela para as grandes extensões de campos planos e cobertos de couves.

– Não é o tipo de lugar onde se vai, pois não?

Os sombrios e intermináveis terrenos agrícolas estendiam-se até chegar ao rio, depois aos pântanos e, por fim, ao mar. Não havia nenhuma povoação no fim da estrada. Nenhuma aldeia bonita os esperava com lojas de antiguidades pitorescas e salas de chá acolhedoras. E num dia como este, enquanto a chuva miudinha enrolava os dedos frios à volta deles, só havia lama no caminho todo até ao Wash.

Marie sorriu para si mesma, porque não era sempre assim. Era, de muitas maneiras, uma paisagem mágica, antiga e selvagem, alternando durante as diferentes estações entre o estranho, o inóspito e o dolorosamente belo. Marie adorava as grandes e largas fitas dos canais, planas e brilhantes como mercúrio, *habitat* de cisnes, guarda-rios e arganazes aquáticos. E os espetáculos de luz panorâmicos ao nascer e ao pôr do sol eram capazes de derreter o mais frio dos corações.

Marie lembrava-se de andar pelas sendas dos campos, como os habitantes locais chamavam aos carreiros, com o *spaniel* do pai a correr à frente dela. O cão corria para os campos de «detritos» e ladrava quando as cotovias levantavam voo à frente dele. Mesmo sentada no carro, Marie ainda conseguia sentir o cheiro das plantas dos prados, o queijadilho, a rainha-dos-prados e o trevo, todas cortadas como um monte de feno para os animais. Em momentos como este, sentia saudades do pai. Os pais tinham-se separado quando ela era muito pequena, mas tinha beneficiado de ter dois lares carinhosos, um aqui, com o pai, e outro nas montanhas galesas, com a mãe. Os pais tinham sido maravilhosos, fazendo tudo o que podiam para manter a filha feliz e equilibrada. A verdade era que os pais se tinham amado profundamente – só não conseguiam viver juntos. A decisão de se separarem tinha corrido bem. Mantiveram-se amigos para o resto da vida, até o pai ter morrido de um ataque de coração havia uns 15 anos.

– Apetece-te fazer um desvio?

Jackman abrandou quando se aproximaram de um cruzamento. Olhou para a placa de sinalização e parou.

– Estamos a uns cinco minutos do sítio onde o teu Mr. Archer acha que a Shauna entrou na água. Se formos mais tarde, perdemos a luz.

Marie assentiu com a cabeça e os pensamentos agradáveis sobre o pai evaporaram-se.

– Claro. Uma vez que eu estou *tão* desejosa de voltar a ver o Cade, cá para mim, qualquer desvio é bom.

Jackman virou para a estrada secundária e seguiram caminho.

– Ali – disse Marie, indicando uma tabuleta desbotada, meio obscurecida por arbustos dispersos. – Acho que é um letreiro para Hurn Point, Allenby Creek e o santuário das focas.

Vagarosamente, Jackman contornou uma curva apertada. À frente, viram um arremedo de estacionamento. Mais adiante, ficava a orla marítima, os pântanos e uma cabana de madeira decrépita com a pintura de uma foca, desbotada pelo tempo, na parede.

Saíram do carro para um miasma húmido de chuviscos salgados.

– Lindo – murmurou Marie, levantando a gola contra o vento. – Mesmo lindo.

Evitando poças de areia lamacenta, encaminharam-se para a cabana velha.

A primeira coisa que viram foi um aviso de um campo de tiro do Ministério da Defesa. A RAF[4] ainda utilizava grandes extensões do Wash para prática de tiro e tanto Jackman como Marie compreendiam o sistema de aviso das bandeiras vermelhas. Por baixo dele, estava um comunicado já velho que os informava de que já não havia acesso ao santuário das focas e que o público devia seguir pela estrada da costa para o «novo» centro de visitantes.

– Que sítio desolador – resmungou Marie por entre dentes.

– Lá isso é – concordou Jackman, avançando. – Este sítio nunca foi popular. O trecho do pântano entre o parque de estacionamento e a praia tem a reputação de ser perigoso na maré alta, o que geralmente afasta toda a gente, exceto os valentes ou os imprudentes.

– Então, por que raio é que a Shauna veio parar aqui? – perguntou Marie, olhando em volta para a paisagem deserta.

– Muito provavelmente alguém que sabia como isto é deserto trouxe-a de carro para aqui – replicou Jackman, apontando para as dunas. – Há algumas habitações naquela direção e outras dispersas mais à frente, ao longo da costa, mas, fora essas, é só dunas, pântanos e mar.

Caminharam penosamente pelas zonas de areia, por entre densos maciços de diabelhas e áreas de caniços à volta de poças baixas. Foi então que Marie parou. Apercebeu-se de que o velho Jack Archer tinha tido razão. Era este o sítio onde Shauna Kelly entrara na água.

Jackman ainda continuava a andar, ligeiramente à frente dela, sem dar conta que Marie tinha parado.

– Agora que aqui estamos, lembro-me de cá vir com os meus pais quando era miúdo. Embora, nessa altura, fosse tudo muito diferente. Diz-se que a linha da costa se reinventa todos os anos. A areia dos bancos de areia é empurrada pelos ventos e forma dunas. Este sítio inteiro mudou inacreditavelmente – disse ele, enfiando mais as mãos nas algibeiras. – Tem um ar tão selvagem agora, mas parece-me que me lembro de que era muito bonito naquela altura.

Parou e olhou em redor.

– Marie?

Marie estava parada a olhar para as águas cinzentas do Wash, depois agachou-se e passou suavemente os dedos pela areia húmida.

– Ela esteve aqui. Eu sei que esteve.

Jackman arrepiou-se e voltou a olhar em redor.

– Provavelmente, tens razão. É o local perfeito para trazer um cadáver ou para matar alguém.

– Vamos até à orla das dunas, na direção daquela cabana de praia em ruínas, e ver se há algumas casas que tenham uma boa vista desta faixa da praia.

Empoleiraram-se ao lado um do outro num bocado minúsculo de um muro de pedra a desfazer-se e olharam para a areia solitária.

– Os agentes estiveram aqui e não encontraram nada que valesse a pena reportar. As poucas pessoas com quem conseguiram falar não viram nem ouviram nada – disse Jackman, dando um pontapé num pequeno monte de seixos, espalhando-os pelo caminho.

– Quando tivermos resolvido esta coisa em Harlan Marsh, gostaria de voltar cá e falar pessoalmente com elas – disse Marie.

– Também eu. Vamos escolher uma altura diferente do dia e ver se conseguimos apanhar mais alguns residentes – retorquiu ele, levantando-se. – Mas, neste preciso momento, tenho um compromisso que preciso de cumprir.

Marie fez uma careta e suspirou ruidosamente.

– Ok. Vamos lá despachar isto, está bem?

* * *

– O chefe está numa reunião, Inspetor Jackman. Recebe-o quando tiver acabado.

O sargento de serviço de Harlan Marsh parecia mais aborrecido do que contrito.

– Ele disse a um dos nossos homens para o pôr a par e atribuiu-lhe um gabinete onde se instalar.

Jackman franziu o sobrolho.

– Que boas-vindas tão maravilhosas. E, por favor, não se deixe levar pelas instalações, Agente. Não estamos a mudar-nos para cá – ou pelo menos, eu espero, sinceramente, que não estejamos.

Olhou de relance para Marie. A cara dela era uma mistura de emoções. Não sabia porquê, mas ela parecia que queria fugir.

– Levo-os para o vosso gabinete, senhor Inspetor, e depois informarei o Pritchard de que já chegaram.

O gabinete, se é que lhe podiam chamar isso, era uma pequena divisão, tipo armário, obviamente despejado à pressa. Não que isso incomodasse Jackman, não tinha qualquer intenção de lá ficar.

– Lar, doce lar – murmurou Marie por entre dentes, espreitando para fora da janela pequena e suja. – Que maravilha: um quarto com vista.

– Temos duas cadeiras, uma secretária, um telefone e um terminal de computador, que mais é que queremos?

Jackman olhou por cima do ombro para a parede de tijolo a desfazer-se de um armazém degradado no lado oposto de uma viela. Estavam enfiados nas traseiras de um velho e grande edifício vitoriano. A esquadra deles estava a parecer-se cada vez mais com o Ritz a cada segundo que passava.

– O que é que sabe sobre Harlan Marsh? – perguntou Marie.

– É uma cidadezinha de meter dó, mas cobre uma área enorme. Trabalhei cá durante umas semanas, pouco tempo depois de ter passado para o DIC, e era a esquadra com gente mais antipática onde já estive.

– Então quando chamam a esta divisão o escoadouro do pântano, estão mesmo a falar a sério.

– E isso é a versão bem-educada. Todavia, se tudo o que tenho ouvido sobre o Superintendente-Chefe Cade bater certo, talvez eles o mereçam.

A cara de Marie franziu-se numa máscara de desprezo e cuspiu veementemente:

– *Ninguém* merece o Cade. Esse filho da mãe é mesmo um estupor.

– Não me parece que devas falar de um oficial superior dessa maneira, Marie.

Jackman tentou recuperar do choque de ouvir a sargento explodir daquela maneira.

– Embora, aqui só para nós, tenha de concordar. Muito provavelmente, os agentes do Cade são estes imbecis infelizes pura e simplesmente porque têm de trabalhar sob as ordens dele. Pelo menos, nós podemos ir para casa quando tivermos resolvido isto. Eles estão colados ao tipo.

Olhou para ela e questionou:

– Não sabia que já tinhas tido contacto com o Cade.

Marie fez uma careta.

– Foi há algum tempo.

Jackman ergueu as sobrancelhas. Se tivesse sido de facto assim, tinha de ter sido muito grave para isso ainda a perturbar tão profundamente.

– E o que é que aconteceu?

Parecia que lhe estavam a arrancar dentes. Marie suspirou.

– Quando o Cade era Inspetor, enganou uma colega minha. Destruíu-lhe a carreira e ela nunca conseguiu recuperar. Por isso, como pode imaginar, não tenho qualquer simpatia por ele.

Jackman nunca a tinha ouvido dizer mal de outro polícia. A agressividade na voz dela era tão normal para Marie como um peixe trepar uma árvore. Na opinião dele, isso queria dizer que havia um envolvimento emocional qualquer.

– Então vocês eram próximas? Tu e essa colega?

Chegou a pensar que Marie não ia responder, mas foi então que a sargento disse baixinho:

– Ela foi a minha primeira parceira, uma rapariga formidável e cheia de potencial, até ter recusado os avanços daquele ser ignóbil.

Encolheu os ombros.

– Agora já não aconteceria. O Cade não se teria atrevido, com medo de uma acusação de assédio sexual, mas, naquela altura, uma mulher polícia jovem não tinha a mínima hipótese contra um oficial superior como ele.

Jackman queria desesperadamente ir mais a fundo e perceber melhor o assunto, mas chegou à conclusão de que aquele não era o momento certo. Assentiu com a cabeça e não disse mais nada. Não queria dizer que fosse estar muito tempo sem insistir no assunto. Era óbvio que Marie não tinha esquecido a antiga colega e a cólera que sentira nunca se tinha dissipado. Havia ali uma história que ele tinha muito interesse em conhecer – quando fosse a altura certa.

Uma pancada na porta interrompeu-lhe os pensamentos.

– Senhor Inspetor, sou o seu oficial de ligação, o Agente Gary Pritchard. E tenho muito prazer em conhecê-lo.

Um homem mais velho entrou na sala minúscula e estendeu a mão.

Enquanto apertavam as mãos, os olhos de Jackman franziram-se.

– Já nos conhecemos?

– Fui destacado para a sua área para ajudar no homicídio na Red House Farm, senhor Inspetor. Estou surpreso por se lembrar de mim.

– Lembro-me, sim. Lembro-me sempre dos bons polícias e você era bem-educado, prestável e invulgarmente eficiente, tendo em conta que estava a trabalhar muito longe da sua zona de conforto e para outra divisão.

Jackman viu que Pritchard estava a corar.

– Fico satisfeito por ter sido útil, senhor Inspetor – murmurou o homem a olhar para as botas. – Foi um caso feio, esse. Todas aquelas mortes sob o mesmo teto.

– Todavia, acabámos por apanhar o intruso que os matara. Graças a Deus – replicou Jackman.

Franzindo o sobrolho, continuou:

– Essa foi a segunda das três investigações terríveis nesta área.

– Exatamente. Anos antes, Harlan Marsh teve as mortes a tiro dos

Mulberry, quando o Simeon Mulberry matou a mulher a tiro e depois se matou a ele, mesmo à frente das crianças. Depois tivemos o massacre dos trabalhadores na Red House Farm e a seguir houve a tragédia em Dovegate Lane – disse Pritchard, abanando a cabeça. – Que mundo este em que vivemos.

– Bem, vamos esperar que este caso seja um caso simples. Avance, Agente Pritchard, embora dificilmente lhe possa dizer para se pôr à vontade.

O agente pareceu envergonhado.

– Não se pode dizer que seja exatamente espaçoso, pois não? Esta casa velha está pronta para ser demolida. Estão sempre a prometer novas instalações, mas depois dizem que o orçamento não vai dar para tanto.

Mordeu o lábio e resmungou.

– Mesmo assim, isto até parece ser a gozar. Quer que tente organizar qualquer coisa um bocadinho melhor?

– Não, cá nos arranjam. Esperemos que isto seja só uma visita de médico. Vá buscar outra cadeira, *se* conseguir enfiar uma aqui, e ponha-nos a par de tudo.

Gary Pritchard saiu e voltou passado pouco tempo, a arrastar uma cadeira e a equilibrar na outra mão um tabuleiro com três chávenas de poliestireno com café, um monte de pacotes de açúcar e umas embalagens de natas.

– Espero que ambos bebam café. Se não o fizerem, estão com azar porque aqui o chá sabe a uma coisa qualquer que fica para trás quando a maré baixa.

Jackman sorriu.

– Café serve perfeitamente, obrigado. E então, Agente, porque é que aqui estamos?

– Bem, na verdade, a culpa é vossa – respondeu Gary, com um sorriso descarado. – O Superintendente-Chefe Cade leu as estatísticas do condado sobre a vossa recente taxa de detenções. Quando um amigo dele lá da Maçonaria se deparou com um problema, ele prometeu-lhe que ia arranjar a melhor equipa na área para o resolver. Por isso, cá estão os senhores!

– Oh, fantástico! E vocês estão mesmo sobrecarregados com uma investigação importante? – perguntou Jackman.

– Estamos enterrados até ao pescoço, mas a verdade é que não temos o pessoal que a vossa divisão tem. E o que nos parece grave a nós, aqui na parvónia, provavelmente, não é tão mau como as coisas com que os senhores lidam.

– Ok, é melhor dar-nos o contexto.

Gary sentou-se, mexeu o café e franziu o sobrolho.

– A rapariga, a Toni Clarkson, tem 16 anos e é uma rufiazinha. Parece que o pai dela, o Neil Clarkson, e a mulher, a Ellen, a mimaram tanto que chegaram ao ponto de dar cabo de uma miúda que é inteligente, ainda que algo rebelde.

– E ela já tinha fugido? – perguntou Marie.

– Esta é a quarta ou quinta vez. É por isso que não há alerta de pessoa desaparecida, ainda que ela seja vulnerável por causa da idade. Podíamos tornar isto público, mas o papá está cagado de medo de que a encontremos desmaiada, bêbeda que nem um cacho, num antro qualquer, e o façamos parecer um completo tolo.

A testa de Jackman tinha-se tornado um monte de rugas.

– Então o bom do velho Chefe Cade, com o seu amigo importante, forçou-nos a vir resolver-lhe o caso?

– O mais rápida e discretamente possível, senhor Inspetor.

– Bem, vamos tratar disso, Agente – retorquiu Jackman secamente. – Não tenho fama de usar paninhos quentes. Vamos fazer o que é preciso e da maneira que *eu* achar certa.

Gary assentiu com a cabeça e exibiu um sorriso de satisfação.

– Oh, ótimo.

– É bom saber que já temos um aliado deste lado. Então e o que é que aconteceu desta vez, Agente? – perguntou Marie, puxando do bloco de notas.

– Ontem, a Toni teve uma discussão com a mãe por causa de qualquer coisa bastante trivial, mas aquilo escalou para uma briga enorme. O pai meteu-se e pô-la de castigo. A Toni, como era de esperar, não aceitou aquilo lá muito bem e, quando anoiteceu, pispou-se pela janela do quarto.

– Onde é que eles vivem? – perguntou Jackman.

– Cameron Court, o único endereço chique na cidade inteira. Têm um apartamento no rés do chão. É um condomínio gradeado que tem cerca de uma dúzia de moradias, assim como o próprio pátio. São três andares de apartamentos para executivos. Custam uma pipa de massa.

– Alguém a viu depois disso?

– Ela e duas colegas foram apanhadas por uma câmara de segurança sentadas nos degraus do memorial aos mortos da guerra. Estavam a beber de uma garrafa escondida num saco. Segundo o que ficou registado, eram 22h27.

– E depois disso? – perguntou Marie, a escrever velozmente.

– Nada. Reconhecemos as duas outras raparigas e falámos com elas discretamente. Disseram que ela tinha começado a ser desagradável quando se recusaram a entrar à socapa no clube noturno aqui da zona com ela. Depois de uma discussão, disse às amigas que eram duas imbecis e que se ia embora. «Para um sítio qualquer onde fosse bem-vinda e houvesse muito álcool.» Foi a última vez que foi vista.

– E elas sabiam a que sítio ela estaria a referir-se?

Gary abanou a cabeça.

– Não faziam ideia nenhuma. Foi então que nos mandaram sair dali, com medo de que atraíssemos demasiada atenção. Nessa altura, supunha-se que o pai ainda acreditava que ela estava apenas amuada e em casa de uma amiga.

– Gostava de saber se ele ainda tem a mesma certeza à fria luz do dia – murmurou Jackman.

Marie fechou o caderno de notas com um estalido seco.

– Se calhar, devíamos ir descobrir, não? – disse Marie, olhando para Gary. – Vai ser o nosso guia local, Agente?

O homem esfregou a barba grisalha com uns dedos surpreendentemente esguios e sorriu radiosamente.

– Oh, sim, Sargento. O melhor trabalho que me deram desde que houve um assalto à fábrica de cerveja. Quer dizer, desde que possamos usar o vosso carro. O carro de serviço está fora de combate e temos uma enorme falta de automóveis.

– Não há problema.

Jackman estava prestes a acrescentar qualquer coisa, mas parou abruptamente.

Um homem alto e empertigado, com um uniforme imaculado, estava parado à porta, a observá-los silenciosamente.

– Oh, bom dia, senhor Superintendente-Chefe – disse Gary endireitando-se.

Jackman reparou que o sorriso do agente tinha desaparecido.

– Inspetor Jackman, Sargento... apresento-vos o Superintendente-Chefe Cade.

– Já nos conhecemos – disse Jackman num tom frio.

– Foi simpático da sua parte ter vindo tão depressa, Inspetor Jackman.

As palavras ressumaram pelos lábios finos do homem e Jackman sentiu uma sensação de repulsa no estômago. Cade sorriu friamente.

– Sei muito bem que isto, provavelmente, não é nada, mas o pai dela é um apoiante tão generoso das instituições de caridade da nossa polícia... bem, o que é que eu podia fazer?

– Compreendemos perfeitamente a situação – retorquiu Jackman acidamente. – E embora estejamos dispostos a fazer tudo o que pudermos para vos ajudar, temos casos prementes nossos e estamos ansiosos por regressar a eles.

Fez uma pausa e acrescentou um seco «senhor Superintendente-Chefe».

– Evidentemente. Não esperaria que uma equipa tão *talentosa* se deixasse ficar por aqui sem fazer nada – respondeu Cade, erguendo as sobrancelhas. – Por isso, como é uma situação urgente, vou deixá-los continuar. E obrigado, Rowan. Sabia que podia contar consigo.

Jackman ficou profundamente ofendido com a utilização do seu nome próprio. A única pessoa que o tratava por Rowan era Ruth Crooke. Ao empregá-lo, Cade dava a entender que eram camaradas e Jackman nunca o escolheria para amigo mesmo que fosse o único homem que restasse em Lincolnshire. Além disso, tinha ignorado Marie completamente!

Enquanto Cade se afastava da porta, Jackman murmurou:

– Oh, o prazer é todo nosso, sem a menor dúvida.

E a seguir acrescentou:

– Não me parece.

Olhou para Marie, comentando:

– Bem, não há dúvida de que ele te adora, não é?

– E é assim mesmo que eu quero que seja – rosnou Marie.

* * *

Marie conduziu enquanto Jackman disparava perguntas a Gary.

– O Gary conhece esta rapariga. Na sua opinião, temos motivos para nos preocuparmos?

– É bastante estranho, Inspetor, mas por qualquer razão *eu* estou preocupado. Talvez esteja a ser hipersensível, mas *sinto* que há qualquer coisa errada.

– Porquê?

– Bem, quando nos mandaram recuar, resolvi ter uma conversa rápida com a mãe sobre as escapadelas anteriores da Toni.

– E?

– Embora em cada uma das ocasiões ela tivesse tido brigas terríveis com os pais, as fugas foram planeadas cuidadosamente.

Fez uma pausa para dar instruções a Marie.

– Tinha arranjado tempo para fazer um saco e ir a uma caixa do multibanco antes de se ir embora. Uma das vezes, até levou o passaporte. Mas não foi assim desta vez – atirou numa voz sombria.

– Então ela não tencionava fugir? – interveio Marie.

– Ela é uma rapariga esperta e muito calculista. Acho que se estivesse a pensar fugir se tivesse preparado melhor.

Jackman assentiu.

– Por isso, ao sair pela janela, estava apenas a desafiar a hora de recolher imposta pelo pai, é isso? Ia só sair à noite, para mostrar o dedo do meio aos pais?

– Exatamente. Tenho a certeza de que foi isso.

Enquanto passavam pelos portões de Cameron Court, Jackman sentiu-se inclinado a concordar com ele. Pela primeira vez, sentiu um arrepio de medo real por Toni Clarkson.

[4] N.T.: Sigla de Royal Air Force, a Força Aérea Britânica.

Capítulo Sete

Neil Clarkson revelou-se muito diferente do Superintendente-Chefe Cade. A preocupação de Neil e Ellen Clarkson com o desaparecimento da filha intratável era indubitavelmente genuína. Reconheceram os erros, culpavam-se por serem coniventes com ela e pediram desculpa repetidamente para o caso de estarem a fazer a polícia perder tempo.

– Perdemos um filho, Inspetor Jackman, morto num acidente de viação. Só tinha 4 anos – explicou Clarkson, passando a mão pelo espesso cabelo cinzento-escuro. – É errado, eu sei, mas a Ellen e eu tentámos contrabalançar exageradamente com a Toni.

A mulher esboçou um sorriso triste.

– E vejam onde isso nos levou. Amamo-la com todo o coração, mas ela transformou-se num pesadelo.

Ellen Clarkson estava demasiado magra e parecia uma pessoa que não dormia o suficiente.

– Não estamos a lidar com isto particularmente bem – acrescentou o marido, fatigadamente.

Jackman sentia pena deles. Não tinha filhos, mas tomava conta, frequentemente, de Robert, o sobrinho de 7 anos. Havia alturas em que tinha a certeza de que o rapaz devia ser um alienígena, um ser de outro planeta que não tinha qualquer parecença com aquele onde vivia, mas adorava-o.

Tomaram nota dos nomes de amigos e dos sítios que Toni frequentava. Jackman ficou especialmente interessado num namorado que fora largado recentemente, chamado Ethan Barley. Magoado, rejeitado ou zangado, podia ter andado à procura de vingança.

– Que tipo de pessoa é o Ethan Barley? – perguntou.

– É filho do vigário de Fendyke Village, um aluno um bocadinho rebelde.

– Estivemos com ele uma vez e não ficámos muito impressionados – respondeu Clarkson a olhar para a mulher.

Ellen assentiu.

– Não fazia nada o nosso género. Fiquei com a impressão de que ele

tinha nascido no tempo errado. Era muito veemente nas causas dele.

– Comentámos na altura que ele devia ter estado a chefiar a greve dos mineiros ou a distribuir cópias do manual de guerrilha do Che Guevara – disse Neil Clarkson, encolhendo os ombros. – Não quer dizer que ele fosse um rufia ou qualquer coisa do género. Era evidente que vinha de um lar decente e os modos dele eram surpreendentemente bons para um jovem tão determinado.

Marie fez perguntas sobre Toni. Era facilmente levada pelos outros? Impressionável? Os pais riram-se com esta pergunta. Aparentemente, Toni discutia por tudo e por nada, inclusive o tempo, quanto mais deixar-se persuadir a fazer qualquer coisa que não quisesse fazer.

Jackman estava prestes a encerrar a reunião quando o telemóvel tocou. Pediu desculpa e foi para o corredor atender.

– Senhor Inspetor? Daqui é a Rosie. Estou no serviço de urgências do Saltern General Hospital. Achei que devia saber que foi admitida uma adolescente e que ela está em muito mau estado.

– Rosie? O que é que estás a fazer no hospital? E o que é que te leva a pensar que é a nossa desaparecida?

– Ouvi por acaso um telefonema que chegou sobre uma jovem que fora encontrada a vaguear nas imediações de uma das aldeias dos pântanos. Não tinha identificação e estava em muito mau estado. Nessa altura, lembrei-me do que a sargento me tinha contado sobre o senhor estar à procura de outra rapariga desaparecida na área de Harlan Marsh. Resolvi vir até cá e ver com os meus próprios olhos. Pode dar-me uma descrição da rapariga de que anda à procura?

Jackman olhou para o bloco de notas.

– Morena, cabelo pelos ombros, magra, olhos castanhos e com uma *T-shirt* amarela esterlicada e calças de ganga *bootcut*.

– Então acho que deve vir cá o mais depressa possível.

– Estou com os pais dela neste preciso momento – respondeu Jackman, mordendo o lábio. – Dizes que ela está em muito mau estado. Consegues clarificar isso, antes de eu matar a família de susto?

– Espancada e ferida. Possivelmente, costelas partidas. Nada que a ponha já em risco de vida, embora esteja muito instável. Os médicos estão a partir do pressuposto de que ela tomou, ou lhe terá sido dada, uma droga qualquer.

Jackman pensou em Shauna.

– O quê? Um alucinógeno ou uma droga do género do Rohypnol?

– Ainda não sabem, é demasiado cedo para se saber, embora, graças a Deus, não haja sinais de qualquer tipo de abuso sexual.

– Ao menos isso. Ora bem, Rosie, tens a certeza de que a descrição me permite levar os pais ao hospital?

– Parece-me bastante parecida. Tenho quase a certeza. A roupa, a cor do cabelo e a constituição parecem corresponder, mas, por favor, não lhes dê muitas esperanças, não vá eu ter encontrado uma sósia.

De volta à sala, Jackman parafraseou cuidadosamente o que a Agente Rosie McElderry lhe tinha acabado de comunicar.

– Ora isto pode não ter nada a ver com a Toni, mas preciso mesmo que um de vós, ou os dois, venha connosco. E, por favor, perdoem-nos se acabar por ser outra rapariga e não a vossa filha.

Marido e mulher levantaram-se de um salto.

– Levamos o nosso carro, Inspetor Jackman. Vamos atrás dos senhores.

Marie acompanhou-os.

Gary e Jackman discutiram o caso enquanto seguiam rapidamente para o hospital.

– Parece que a rapariga se deparou finalmente com alguém mais forte e pior do que ela esperava – refletiu Gary. – Não se pode abusar da sorte, ela esgota-se – continuou, olhando preocupadamente para Jackman. – Há outra coisa que deve saber, senhor Inspetor. Durante este último ano, temos estado a tentar identificar um clube clandestino de amigos dos copos. Parece inócuo, mas está longe disso. Alguém anda a fornecer álcool e sabe-se lá o que mais a menores. Parece que os miúdos entram à borla e conseguem bebidas grátis desde que se divirtam à maluca e socializem com os membros pagantes.

Jackman sentiu uma onda de náusea.

– Socializem?

A cara de Gary franziu-se sombriamente.

– Hum, não sabemos exatamente que formas isso assume e ninguém está disposto a falar disso. Quem quer que o dirija é muitíssimo esperto. Há meses que andam sempre um passo à nossa frente.

– Então porque é que não conseguem localizar o local das festas?

– Essa é a parte inteligente. Está sempre a mudar. Suspeitamos que os membros recebem uma mensagem de texto com a hora e a localização apenas poucas horas antes de começar, um bocadinho parecido com o que acontecia com as antigas festas de *acid house* – retorquiu Gary, abanando a cabeça. – Estivemos perto, mas até agora não descobrimos nicles. E, raios me partam, como eu gostava de deitar a mão aos homens por trás disto!

Jackman abrandou por causa de um sinal vermelho.

– Gary, neste momento estamos a investigar um afogamento. Uma rapariga de 14 anos, com álcool e drogas no sangue. Suspeitamos que foi levada para uma praia deserta e largada lá. O facto de ela se ter afogado deve ter sido um bónus acrescido para quem quer que a tenha drogado. Há alguma probabilidade de haver uma ligação?

Gary assentiu.

– Diria que sim. E se esta nova rapariga acabar por ser a Toni Clarkson e tiver uma daquelas drogas para facilitar violações no sistema, isso também pode estar ligado.

– Então temos de descobrir esse clube e entrar lá.

– Isso é mais fácil dizer do que fazer.

Jackman acelerou em direção à povoação.

– Não quero ofender, Gary, mas nós temos recursos melhores que os vossos. Estou pronto a apostar que podemos resolver isto. O que diria se eu conseguisse uma transferência temporária? Pô-lo na nossa equipa durante uns tempos?

– Ficaria muito satisfeito, Inspetor Jackman, ficaria mesmo – respondeu Gary recostando-se no assento e soltando um profundo suspiro. – Na verdade, as coisas têm estado bastante merdosas este último ano. Perdi a minha irmã há uns meses e embora os tipos na esquadra não sejam maus de todo, a atmosfera e o ambiente de trabalho são mauzinhos. Tenho andado a pensar numa mudança de cenário, mas preciso que esse clube seja fechado e que os nossos miúdos se livrem dessas garras antes de ponderar o que vou fazer a seguir.

– Então, vou pôr as coisas a andar. Acho que a Divisão de Saltern-le-Fen ficaria bem servida com um homem como você, Agente Pritchard.

Gary sorriu abertamente.

Fizeram o resto da viagem em silêncio. Jackman receava que aquilo se estivesse a tornar uma coisa muitíssimo mais desagradável do que tinha imaginado.

* * *

Encontraram Rosie à espera deles no átrio do hospital. Depois de uma troca de informações breve, Rosie levou-os rapidamente para o sítio onde a adolescente estava a ser tratada. Foram recebidos por um médico e esperaram ansiosamente enquanto ele se certificava de que a rapariga estava em condições de ser vista.

– Ela ainda está muito confusa e nós estamos preocupados porque não fazemos ideia do que ela tomou.

O médico parecia ter 12 anos. Tinha a camisa fora das calças e parecia exausto.

– A Toni não consome drogas – disse Ellen Clarkson numa voz muito rouca.

E Shauna também não tomava. Jackman perguntou-se quantas vezes já teria ouvido aquela afirmação vazia. Os pais eram sempre os últimos a saber.

– Pode ser verdade – replicou o médico gentilmente, – mas *há* drogas no sistema dela e, pelos sintomas que apresenta, bastante fortes.

Virou-se para a porta da sala de exames.

– Mas primeiro vamos ver se a reconhecem, ok?

Deixaram-se ficar atrás enquanto os Clarkson se aproximavam a medo da maca onde a rapariga agitada estava deitada.

Jackman apercebeu-se de que estava a conter a respiração. Depois ouviu um grito baixinho da mãe.

– Querida! Meu Deus! O que é que te aconteceu?

– Bingo – sussurrou Rosie. – Está resolvido.

Jackman não respondeu. Havia qualquer coisa que não encaixava bem naquilo tudo.

Marie e os outros afastaram-se, conversando animadamente, mas ele continuou a olhar pela janela de observação.

A jovem ainda estava a alucinar. A dado instante, parecia quase comatosa, e, no seguinte, estava a atirar-se de um lado para o outro, a lutar, a gritar com quem quer que se aproximasse dela. Tinha os olhos muito abertos e as pupilas contraídas, do tamanho de cabeças de alfinete. Obviamente, não reconhecia os pais. Por essa razão, e para os poupar a mais choques, uma enfermeira tirou-os rapidamente do quarto e levou-os para uma sala para as famílias que ficava ali perto.

– Posso entrar? – perguntou Jackman ao médico.

– Claro. Mas mantenha-se bem afastado. Já tivemos uma seringa de sedativos atirada como um dardo para a parede!

– Só quero observá-la – respondeu Jackman, olhando para a maca e para um grande saco de plástico por baixo dela. – A roupa já foi metida num saco para o laboratório?

– Sim, está tudo ali. Embora os sapatos estejam à parte. Estavam cobertos de lama espessa.

Enquanto Toni gritava e praguejava, Jackman observou o saco de plástico transparente com os sapatos.

– Ela estava sozinha quando a encontraram?

O médico olhou para ele.

– Sim.

Campainhas de alarme soaram-lhe na cabeça.

Os pés descalços de Toni agitavam-se violentamente e pontapeavam a enfermeira mais próximo dela. Os pés eram estreitos, muito magros e com dedos compridos, mas era evidente que não eram maiores do que um tamanho 36. Jackman voltou a olhar para o saco de plástico e para o par de ténis volumosos e cobertos de lama.

– Estes sapatos não são dela – disse ele baixinho. – Porque é que ela está a usar os sapatos de outra pessoa?

O médico pestanejou.

– Não faço ideia. Embora ela esteja sempre a gritar por uma pessoa chamada Emily. Talvez tenha alguma coisa a ver.

Como de propósito, Toni gritou o nome várias vezes e choramingou:

– Para onde é que a estão a levar?

A seguir, começou a tremer violentamente e enrolou-se na posição fetal.

Um fio gelado de medo desceu pela coluna de Jackman.

Tinham encontrado Toni e, graças a Deus, ela estava viva, mas quem diabos era Emily?

Jackman saiu do quarto, levou o pai de Toni para um canto e perguntou-lhe se conhecia uma amiga chamada Emily. O homem olhou inexpressivamente para ele e depois abanou a cabeça e voltou para junto da

mulher transtornada.

Jackman tinha a cabeça a andar à roda. O que é que Toni queria dizer com: «*Para onde é que estão a levar?*» Tinham de procurar outra rapariga? Engoliu em seco. Acreditava que tinham e, considerando o que tinha acontecido com Shauna Kelly, quem quer que Emily fosse corria um grande perigo.

Capítulo Oito

Não podiam fazer muito mais até Toni estar capaz de falar. Gary ofereceu-se para ficar com ela no hospital enquanto Jackman e Marie voltavam de carro para Saltern.

Jackman falou muito pouco durante a viagem. Marie sabia que a mente dele estava a trabalhar a todo o vapor. Não tinham outra alternativa a não ser levar a sério a ansiedade de Toni pela tal Emily, embora ela ainda estivesse completamente pedrada.

– Nem os pais nem o Gary Pritchard sabem o que quer que seja em relação a uma jovem chamada Emily que hipoteticamente vive em Harlan Marsh e o Gary tem andado a trabalhar nessa zona há tempo suficiente para conhecer a maior parte dos rufiazinhos e desmiolados na zona. O que torna esta situação o raio de um problema. Nem sei por onde começar – disse Jackman, parecendo cansado.

Marie abrandou quando se aproximaram de uma rotunda.

– A única coisa que podemos fazer é começar com as averiguações habituais, na esperança de que acabemos por descobrir esta rapariga misteriosa de uma maneira ou de outra.

Jackman assentiu.

– A primeira coisa que vou fazer é pôr o Max agarrado ao seu querido computador e deixar que ele faça o que sabe fazer tão bem.

Marie estava de acordo. Max era de longe o melhor da equipa quando se tratava de TI. Parou à frente dos portões de segurança da esquadra e passou o cartão pela máquina.

– Esperemos que tenhamos mais sorte do que em Harlan Marsh, porque se também dermos com um beco sem saída, calculo que vamos ter de lá voltar e ir para as ruas.

– Tenho um pressentimento horrível de que é isso mesmo que vamos ter de fazer – respondeu Jackman, saindo do carro e batendo com a porta. – Oh, bem, não nos resta alternativa. É melhor começarmos a avançar com umas verificações básicas.

Max descobriu 20 raparigas chamadas Emily. A maioria adolescentes, eram ou pessoas desaparecidas ou pequenas criminosas que tinham ido parar aos ficheiros da polícia devido a uma grande variedade de pequenos delitos. Uma enxurrada de telefonemas para casas particulares, prisões e instituições para delinquentes jovens eliminou todos os nomes exceto três. Uma tinha morrido de *overdose* e as outras duas estavam desaparecidas há muito tempo e não tinham ligações com a área.

Marie terminou o último telefonema e fez uma careta. Não lhe apetecia nada palmilhar as ruas de Harlan Marsh, mas precisavam de mais informações e era aí que era mais provável encontrá-las.

Jackman chamou-a da porta do gabinete:

– Marie, larga isso! Vamos voltar ao hospital. O Gary Pritchard telefonou agora mesmo e a Toni está mais ou menos em condições de falar connosco. Disse-lhe para ficar com ela e para não a deixar falar com mais ninguém, nem sequer com os pais, até lá chegarmos.

Marie vestiu o casaco e apalpou os bolsos à procura das chaves. Se Toni conseguisse dizer alguma coisa de concreto em relação a Emily, poupar-lhes-ia uma data de cabedal dos sapatos.

Chegaram ao hospital em sete minutos e, passados outros dois, estavam parados a olhar para a cara ferida e marcada pelas lágrimas de Toni Clarkson.

– Toni, apresento-lhe o Inspetor Jackman e a sargento dele, Marie Evans. Como lhe disse, estão aqui para a ajudar.

A voz de Gary parecia carinhosa e tranquilizadora, como a de um tio preferido. Era evidente que tinha utilizado o tempo antes de chegarem para tentar conquistar a confiança da rapariga.

Marie olhou para Toni e viu um laivo de beligerância nos olhos dela.

Jackman puxou uma cadeira para perto cama e colocou-se ao mesmo nível da rapariga, para não a intimidar. Garantiu-lhe que não estava metida em nenhum sarilho e que tudo o que queriam fazer era descobrir quem é que a tinha ferido e punir essa pessoa, ou pessoas.

A beligerância nos olhos de Toni desapareceu lentamente e só permaneceu o medo.

– Não sei nada – choramingou ela.

– Bem, vamos começar pela altura em que deixaste as tuas amigas no memorial aos mortos da guerra, está bem? – perguntou Jackman num tom suave.

Os olhos de Toni giraram rapidamente à volta do quarto. A rapariga engoliu várias vezes, mas ficou calada.

– Disseste às tuas amigas que ias para um sítio onde ias ser bem recebida.

Toni encolheu-se e, apesar do calor quase insuportável no quarto,

começou a tremer.

– Foste a esse sítio, Toni? – perguntou Jackman.

Marie sabia que se Emily existisse mesmo, a cada segundo que passava as coisas estariam a ficar mais negras para ela.

– E foste bem recebida? – acrescentou gentilmente. – Deram-te álcool?

Toni soltou um longo suspiro trémulo e assentiu lastimosamente.

– Há sempre bebidas grátis se quisermos.

– E onde é que fica esse sítio?

– Como se eu fosse mesmo dizer-vos!

A atitude de desafio tinha voltado.

– Eles matam-me se os denunciar e, de qualquer maneira... Não é assim tão simples.

Toni limpou uma lágrima da bochecha e estremeceu quando tocou no osso magoado.

– Mas uma coisa vos posso dizer, havia lá pessoas que eu nunca tinha visto – afirmou, apertando a roupa da cama à volta do corpo com mais força e balançando-se para trás e para a frente. – Disseram que iam para outra festa.

– E tu foste com elas? – perguntou Jackman olhando para a rapariga.

Toni voltou a assentir.

– Num carro?

– Sim.

– De que marca? Era um 4x4? – perguntou Jackman.

– Não, era apenas um carro vulgar.

– Estavas sozinha?

– Julguei que alguns dos outros também iam, mas quando entrei no carro, era só eu com um dos homens.

– Está tudo bem, Toni. Estás a salvo agora – disse Jackman numa voz afável. – Nós não vamos permitir que te aconteça mais nada. Mas sabes para onde foram? Reconheceste o sítio onde foi a festa?

– Não houve festa nenhuma – respondeu ela numa voz pesada e sem emoção. – E não sei para onde me levaram. Andámos de carro durante séculos, para um lugar qualquer nos pântanos. O local tresandava a couves podres. Deu-me vontade de vomitar.

– Era uma quinta? – perguntou Marie. – Ou talvez um edifício qualquer numa quinta?

A rapariga abanou a cabeça.

– Não sei. Acho que não. Era velho e muito assustador – retorquiu, franzindo a testa. – Mas conseguia ouvir música, por isso não tive medo. Descemos para uma espécie de cave. Tinha candeeiros a petróleo e velas e os assentos eram caixas velhas com cobertores atirados para cima delas. Havia garrafas de vinho por todo o lado. Achei que era muito porreiro só para começar...

Mas mais tarde já não, pensou Marie muito zangada, vendo os vergões na cara de Toni e vendo como a rapariga apertava a barriga para proteger as

costelas partidas.

– Quantas pessoas é que lá havia, Toni? – perguntou Jackman.

– Ao princípio, éramos só eu e o tipo que me tinha levado no carro. Ele disse-me que tínhamos chegado cedo e que os outros não levariam muito tempo a aparecer. Deu-me um copo de vinho tinto.

– E tu bebeste-o?

– Vinho de borla?

Toni revirou os olhos para Jackman como se ele tivesse acabado de dizer uma coisa completamente maluca.

– Já, claro.

– Consegues descrever o homem, Toni?

– A modos que para velho, um bocado como o senhor, acho eu. Mas tinha um corte de cabelo fantástico e roupas à moda.

– Alto? Baixo?

Jackman estava a sorrir ligeiramente por ser descrito como velho.

Toni olhou para ele.

– Da sua altura, mas tinha um corpo mais *sexy*. Mais músculos.

Marie estava a fazer um grande esforço para não sorrir.

– E a roupa dele?

– Calças de ganga desbotadas, mas caras. *T-shirt* e ténis azuis, um casaco cinzento com fecho de correr e capuz. Sim, estava muito moderno para um cota.

– Ouve, Toni – disse Jackman. – Serias capaz de o reconhecer se o tornasses a ver?

A rapariga encolheu os ombros e depois arfou e levou a mão à costela partida.

– Talvez. Tinha um ar meio banal e um bocado envergonhado, embora sorrisse muito. Ah, e cheirava bem – acrescentou.

Jackman deitou um olhar perplexo na direção de Marie. Fosse o que fosse que este homem lhe tivesse feito, pensou Marie, falar dele não parecia perturbar Toni. E também não dava a ideia de ser um psicopata sinistro.

– Foi ele que te magoou?

Toni abanou a cabeça.

– Oh, não, não foi ele. Quando os outros chegaram, ele foi-se embora, não tornei a vê-lo.

– Os outros?

Toni retesou-se e engoliu com força.

– Eu...

Fez uma pausa, a testa franzida em confusão.

– As coisas ficaram estranhas. Não consigo lembrar-me de mais nada.

O coração de Marie caiu-lhe aos pés. A maldita da droga devia ter sido posta no vinho. Precisamente quando estavam a chegar ao fundo da questão, Toni estava a ficar mais baralhada.

– E consegues lembrar-te de quantas pessoas lá estavam?

– Não sei. Não eram muitas.

Jackman estava a olhar pensativamente para a rapariga. Depois deitou a Marie um olhar que dizia que já tinham sido delicados durante demasiado tempo. A expressão dele mudou.

– Toni, quando te trouxeram, falaste de uma pessoa chamada Emily. Lembras-te dela? Ela estava contigo?

Uma expressão de terror estampou-se na cara de Toni.

– Toni, quem é a Emily e o que é que lhe aconteceu ao certo?

Um gorgolejo soltou-se da garganta da adolescente, seguido de um gemido baixo. Bastante audível. Marie só esperava que isso não trouxesse o pessoal do hospital a correr.

Jackman inclinou-se para mais perto da cama.

– Escuta, Toni! Ela pode estar num grande perigo. Tens de nos contar tudo aquilo de que te lembrares. Por favor!

Lágrimas começaram a escorrer pelas pisaduras lívidas da rapariga.

– Já vos disse, ficou tudo muito estranho. Parece um pesadelo. Está tudo misturado – respondeu Toni, soluçando. – Havia uma pessoa a cantar e depois outra estava a abanar-me e a fazer-me perguntas estúpidas.

– Que perguntas estúpidas?

– Género, quando é que nasci.

A idade do consentimento sexual. Marie rangeu os dentes. O filho da mãe estava a verificar se ela era menor.

– Queres dizer o ano em que nasceste, é isso?

– Não. Tudo. O dia, o mês e o ano.

Sem dizer uma palavra, Gary estendeu-lhe um lenço de papel e Toni agarrou nele e limpou o nariz.

– Ele fez a mesma coisa à Emily – disse a rapariga, com os olhos a voltar a encher-se de lágrimas.

– E depois eu já estava lá fora, nos campos! Estava com tanto medo. Sentia-me agoniada. A Emily tinha desaparecido e eu estava perdida. Queria o meu pai e a minha mãe. Queria ir para casa.

– Quem é a Emily, Toni? Tens de nos dizer!

Jackman estava quase a gritar. Marie tossiu violentamente, como quem diz: *Não estrague isto agora.*

– Acho que a minha paciente já aguentou que chegue por agora, Inspetor.

O jovem médico estava parado à porta do quarto e já não estava a sorrir.

Jackman assentiu bruscamente com a cabeça, sorriu forçadamente para Toni e, com relutância, saíram do quarto.

– Vou ficar por aqui, senhor Inspetor – disse Gary, – até que possam arranjar uns agentes fardados para me virem render.

Dirigiu-lhes uma piscadela de olho cúmplice.

– Mas não há pressa. Farei o possível para trocar mais umas palavras com ela, assim que estiver mais calma.

Jackman guiou de volta à esquadra, dando tempo a Marie para ler as notas dela. Havia duas coisas que a incomodavam.

– O que foi aquilo tudo de saber *exatamente* quando é que ela nasceu? Quer dizer, se eles estavam a querer saber a idade dela com a ideia de fazer sexo, ela tem 16 anos, por isso... – encolheu os ombros. – Então porquê largá-la e levar a outra rapariga?

Jackman abanou a cabeça.

– Talvez eles *quisessem* raparigas menores e a Emily pode ser mais nova do que a Toni. Ou talvez a Toni já estivesse a alucinar nessa altura, não? Por outro lado, se alguém estava à procura de uma rapariga em particular, precisaria de uma data de nascimento exata.

Fez uma careta.

– Nada faz muito sentido, pois não?

– E outra coisa, que raio é que ela quis dizer quando disse que o clube a que foi não era «assim tão simples»?

– Bem, acho que a isso já posso responder.

Jackman resmungou uma praga e acelerou para ultrapassar um veículo lento.

– Os agentes de Harlan Marsh têm andado atrás de um local de encontro que está constantemente a mudar de sítio.

Marie recostou-se e escutou com repugnância crescente enquanto Jackman lhe falava do clube de amigos dos copos.

– Parece um esquema muito sórdido, Inspetor.

– Pois parece. E como o local de encontro está sempre a mudar, tem sido difícil apanhá-los. Sempre que estão a aproximar-se, mudam de lugar outra vez.

– Estou a perceber, então é isso que a Toni queria dizer. Se calhar, vai contar-nos mais alguma coisa quando, finalmente, perceber a gravidade do que aconteceu. Até é capaz de vir a ser um momento decisivo para ela mudar.

Jackman ergueu uma sobrancelha.

– Esperemos que sim. Acho que ela ficou louca de medo.

– Oh, bem, vamos esperar que o Gary tenha sorte com a miúda. Ele é um bom homem, não é?

Jackman concordou.

– Ele não é assim tão velho, mas faz-me lembrar os polícias a sério da velha guarda.

– Exatamente – respondeu Marie. – Prefiro isso aos rapazes que andam por aí com um dedo na lata de gás lacrimogénio.

– E isso leva-me diretamente a outra questão, Marie. Se concordares, vou perguntar à Superintendente se podemos mandar transferir temporariamente o Gary para a nossa equipa. O que é que achas?

Marie assentiu.

– Excelente ideia. Os conhecimentos dele sobre esta zona podem ser uma ajuda.

– Ótimo, então vamos lá voltar e vou tratar disso imediatamente.

Já tinha escurecido quando regressaram à sala de inquérito, mas Max, Charlie e Rosie ainda estavam com a cabeça enfiada nos computadores.

Jackman sorriu-lhes.

– Ok, malta. Vão para casa, descensem e voltem amanhã de manhã cedo.

Rosie levantou os olhos.

– Não me importo de ficar mais uma hora, senhor Inspetor.

Marie sorriu-lhe. Como é que uma mulher madura, fina como o alho, conseguia parecer uma delegada de turma de 18 anos?

Jackman abanou a cabeça.

– Obrigado, mas não. Vai-te embora. Aproveita a oportunidade para descansar enquanto podes.

Rosie agarrou no casaco e na carteira.

– Ok. Até amanhã.

Olhou de relance para Max, curvado sobre o teclado.

– Vens?

Max endireitou-se, esticou os braços acima da cabeça e resmungou.

– Acho que sim. Seja como for, esta pesquisa também não está a levar a lado nenhum

Levantou-se.

– Espera por mim, florzinha, acompanho-te até ao parque de estacionamento.

Jackman observou-os a irem-se embora e depois saiu para ver se o gestor administrativo lhe tinha deixado alguma mensagem antes de também ele ter ido para casa. Marie ficou sozinha a pensar no que tinha acontecido nas últimas horas.

Havia pelo menos uma coisa de que tinha a certeza. *Existia* uma Emily. Mas onde é que ela estava?

* * *

Jackman estava a desligar o telefone quando Marie entrou no gabinete.

– Era o Gary. A Toni acalmou consideravelmente e quando os pais dela foram tomar um café, eles os dois estiveram a «cavaquear», como ele diz.

Marie sorriu, contente por terem apostado no Agente Pritchard.

– E?

– Para começar, ela confirmou que a Shauna Kelly esteve numa das festas. Não eram amigas, mas a Toni conhecia-a de vista. E a Emily existe mesmo. Nunca se tinham encontrado antes dessa noite e, por causa das bebidas e das drogas, a descrição que ela fez da rapariga foi vaga. Cabelo escuro e comprido e uns olhos lindos foi o melhor que a Toni conseguiu. Aparentemente, o homem que as estava a molestar ficou muito excitado quando a Emily lhe disse a data de nascimento, e pouco depois foi levada dali

para fora. A seguir a isso, a Toni já só tem recordações vagas de ser metida à força num carro e largada a quilómetros de qualquer sítio.

– Bem, pelo menos, sabemos que não estamos a perseguir sombras.

– Isso sabemos. O pessoal fardado está com a Toni neste momento. O Gary vai apanhar boleia para Harlan Marsh, com um amigo que é porteiro nas Urgências. Ele disse que ia ficar com a Toni até ao fim do turno do amigo.

Jackman recostou-se na cadeira e Marie apercebeu-se de como o cansaço lhe tinha escurecido os olhos.

– O mais importante é que agora sabemos que a Emily é real. E, ao que parece, foi raptada.

Marie sentiu um arrepio nas omoplatas. Quando já se tinha visto o que pessoas supostamente civilizadas eram capazes de fazer, era quase impossível impedir que a imaginação se concentrasse nos piores cenários.

Jackman levantou-se abruptamente.

– Sei que é contra os nossos princípios irmo-nos embora quando há uma rapariga desaparecida, mas temos pessoal fardado não só nas ruas como também a investigar todas as propriedades «velhas e decrépitas», como diz a Toni. Vamos lá descansar um bocado.

Marie assentiu. Jackman tinha razão. Era ir contra os princípios, mas iam precisar de se manter racionais e não se podia fazer isso sem dormir.

* * *

Asher Leyton empurrou para trás a cadeira do gabinete e espreguiçou-se. Tencionara trabalhar durante mais uma ou duas horas, mas estava a ter dificuldade em concentrar-se. Estava sempre a ver a cara daquela rapariga na Brewer Street. Estava morta e isso estava a perturbá-lo profundamente.

Pegou na Parker Duofold que se encontrava em cima da secretária polida, enfiou-a no bolso do casaco e levantou-se. Devia ir para casa. Ia ser bom fazer uma surpresa a Lynda. Se calhar, ia levá-la a jantar ao Lorenzo's. Ela ia gostar. Gostava das coisas mais requintadas da vida. E Asher sabia que era por isso que Lynda tinha concordado em viver com ele antes de estarem casados.

Quando estava com Lynda, era um cavalheiro perfeito. Agia honradamente e com um velho decoro. Exatamente aquilo de que ela estava à espera e que queria.

Asher fechou os olhos e soltou um gemido. Aquilo estava a matá-lo. Tinha necessidades, que naquele preciso momento estavam a ameaçar dominá-lo. Adorava Lynda, idolatrava-a. Queria-a. Mas sabia que a única maneira que tinha de não a perder era respeitar os desejos puritanos e vitorianos dela, por muito doloroso que isso fosse para ele. Ela podia parecer uma jovem moderna e chique, mas os pais profundamente religiosos tinham-lhe instilado uma moralidade antiquada e inflexível.

Com outro gemido mais fundo, tirou a carteira da gaveta da secretária e verificou o que lá tinha dentro. Mais do que o necessário para o que precisava. Com um pequeno grunhido de satisfação, enfiou a carteira na algibeira e dirigiu-se para a porta.

Ia levar Lynda a jantar fora, comprar-lhe champanhe e acompanhá-la a casa como perfeito cavalheiro que era. Mas ainda antes de pousar os olhos na impecável pele de porcelana e no cabelo suave e reluzente, tinha de ir a um encontro muito diferente.

Capítulo Nove

Antes de saírem da esquadra para ir visitar Ethan Barley, o ex-namorado de Toni, Jackman e Marie demoraram algum tempo a fazer uma lista dos locais abandonados e degradados para os agentes fardados inspecionarem.

– Há a velha casa das bombas em Quintin Eaudyke; e quanto àquele sítio grande e velho na Roman Bank? – perguntou Jackman a olhar para a lista cada vez maior.

– Windrush? O antigo sanatório? – perguntou Marie com um sorriso. – Conheço bastante bem essa espelunca. Passei lá uma semana quando era estagiária. Os donos arrendaram-no para um curso de formação, buscas e salvamentos, e segurança e resiliência ao fogo. Foi um quartel militar na Segunda Grande Guerra e depois um sanatório para a tuberculose. Muito sinistro, mas interessante. O curso era de morrer de tédio e, por isso, passei bastante tempo a investigar a história acidentada do sítio.

– Até parece que podias ter feito visitas guiadas nos meses de verão.

– Provavelmente, devia tê-las feito – respondeu Marie, olhando para o relógio. – São horas de nos irmos embora. Temos de ir falar com um vigário e a prole dele.

* * *

O nome Fendyke Vicarage evocava uma imagem bonita de uma caixa de chocolates. Na verdade, era uma casa de quatro assoalhadas da década de 40, construída nos terrenos da igreja para instalar o vigário e a família. Os ocupantes sucessivos não tinham feito qualquer esforço para a tornar mais acolhedora. E se a casa era uma surpresa, o próprio vigário era uma surpresa ainda maior.

O homem que veio à porta andava pelo metro e oitenta de altura e era tão largo como alto. A barba grande fazia pensar mais num velho marinheiro experimentado do que num vigário. Jackman perguntou-se como seriam os

sermões dele.

– Entrem, entrem.

Recuou e eles comprimiram-se para passar entre a porta e o volume do homem.

Seguiu à frente deles por um corredor comprido até chegarem a um átrio grande e arejado. Cortinados com padrões florais espalhafatosos chocavam com uma carpete colorida.

Num sofá de couro moderno, que parecia incongruente no meio dos padrões florais, recostavam-se indolentemente um Labrador preto, um gato branco e um jovem borbulhento.

Olharam os três para cima quando eles entraram. Jackman teve dificuldade em decidir qual das expressões era mais desdenhosa.

– Nicholas, diz ao teu irmão para descer, se fazes favor.

O vigário voltou-se para os Inspetores.

– Achei que era melhor ter os meus dois filhos disponíveis para os senhores poderem falar com eles – explicou, erguendo uma sobranceira espessa. – Seja qual for a razão da vossa visita, de certeza que terá a ver pelo menos com um deles ou, possivelmente, com ambos.

O adolescente levantou-se todo curvado e, do fundo das escadas, gritou:

– Ethan!

Jackman sorriu ao vigário.

– Eles não estão metidos em sarilhos, senhor vigário. Só precisamos de ajuda com as nossas investigações relacionadas com uma adolescente desaparecida.

O reverendo Barley indicou duas poltronas e levantou, com esforço, o cão relutante do sofá. Quando se sentou, as molas do sofá soltaram um guincho de protesto.

– Ah, este é o Ethan, o meu filho mais velho, e este é o Nicholas, o bebé da família.

O «bebé» deixou-se cair pesadamente na extremidade mais afastada do sofá e fitou-os ameaçadoramente por baixo de uma franja lisa.

Ethan esticou a mão respeitosamente e a seguir arrastou um gigantesco pufe de pele para junto da lareira e atirou-se descontraidamente para cima dele. Era magro, com uma cara estreita e cabelo escuro. Usava óculos de aros pretos de *designer* e as calças de ganga estavam tão descaídas que pareciam desafiar a gravidade.

Marie apresentou-lhes uma versão abreviada da provação por que Toni passara e perguntou-lhes se algum deles conhecia uma rapariga chamada Shauna Kelly, ou uma rapariga chamada Emily, com cabelo escuro e comprido.

Jackman observou-os atentamente. A cara de Nicholas manteve-se inexpressiva, mas, à menção do nome de Toni, Ethan inspirou tremulamente.

– A Toni vai ficar bem? – perguntou o rapaz.

– Esperamos que sim. Ela teve muita sorte por ter escapado apenas com

ferimentos ligeiros – respondeu Jackman.

O vigário disse num grunhido baixo:

– O melhor trabalho que já fizeste, rapaz, romperes com essa rapariga. Ela só cria problemas. Eu sempre disse isso, não disse?

– Ela não tem culpa que um filho da mãe lhe tenha drogado a bebida.

– Cuidado com a linguagem, Ethan!

– Tem uma palavra melhor para uma pessoa que faz esse tipo de coisas?

Jackman não conseguia lembrar-se de nenhuma, mas resolveu não se juntar à discussão familiar.

– E quanto à Shauna ou à Emily? – perguntou Marie.

– Nã – murmurou o rapaz mais novo.

Olharam para Ethan.

– A Shauna, não, mas há cerca de uma semana, um estudante meu amigo tentou fazer-se a uma rapariga chamada Emily num *pub* em Harlan Marsh – respondeu ele, encolhendo os ombros. – Claro que pode não ser a mesma Emily.

– Sabes como ela era?

Ethan abanou a cabeça.

– Nunca a vi, mas o meu amigo disse que ela era uma brasa. Ficou desfeito quando ela o mandou dar uma curva.

Marie apontou o nome e o número de telefone do rapaz.

– Vamos ver se ele se lembra de alguma coisa que nos possa ajudar. Ora bem, podem dizer-me se alguma vez ouviram falar de um clube ilegal de amigos dos copos para menores? Um que está sempre a mudar de sítio?

O vigário inclinou-se para a frente.

– Calma aí! Os meus rapazes não se aproximariam dum sítio desses.

– Tenho a certeza de que não – retorquiu Marie. – Mas podem ter ouvido boatos sobre isso, não podem?

O vigário voltou a sentar-se para trás.

– Suponho que sim. Rapazes?

Ethan abanou a cabeça.

– Nunca ouvi falar disso, mas calculo que a Toni Clarkson vos poderá ajudar. Ela estava sempre a falar de um sítio qualquer onde se podia ficar completamente bêbedo à borla. Não é o meu tipo de cena – respondeu e, mordendo o lábio, continuou. – E, se quiserem saber, isso foi uma das razões para termos rompido.

– Ainda bem que ela te deu com os pés. Cabra reles – resmungou Nicholas baixinho.

Mas Jackman tinha visto a expressão dele. Nicholas sabia mais sobre o clube do que dizia.

– E tu, Nicholas? Chegou-te alguma coisa aos ouvidos?

– Népia – respondeu o moço, agitando-se ligeiramente no assento. – Não sei de que é que está praí a falar.

Jackman não acreditou nele e sabia que Marie também não, mas nem um

nem outro fizeram qualquer comentário. Seria melhor apanhar o rapaz sozinho.

– E, para terminarmos, reverendo Barley, sabe quem é que tem a chave da capela velha na Fen Road?

Jackman olhou rapidamente para os dois rapazes. Ethan manteve uma expressão indiferente, mas Nicholas deixou transparecer um pequeno sobressalto que se apressou a esconder.

– Bem, na verdade, sou *eu*. Porque é que pergunta?

O vigário parecia confuso.

– Estamos a investigar todos os edifícios desabitados e inseguros – respondeu Jackman. – Por causa da rapariga desaparecida. Será que lhe podíamos pedir para nos fazer o favor de a abrir ou de nos emprestar a chave temporariamente?

– Claro. Vou buscá-la – replicou ele.

Levantou-se e o sofá voltou a guinchar, provavelmente de alívio.

O vigário voltou e entregou a Jackman um porta-chaves com uma etiqueta esfarrapada.

– Não gostaria de ter de afirmar quanto tempo passou desde a última vez que a porta foi aberta, Inspetor Jackman. Penso que deve ter sido no outono passado, quando tivemos aqueles ventos fortes. A torre do sino colapsou e fomos ver o interior à procura de outros estragos. Desde essa altura, tem estado sempre fechada.

Jackman não tinha tanta certeza disso. Assentiu com a cabeça e agarrou nas chaves.

O vigário olhou para o relógio na prateleira da lareira.

– Iria consigo, mas tenho uma reunião com um dos paroquianos daqui a 15 minutos.

– Não há problema. Já lhas devolvemos – disse Marie, olhando em volta com um sorriso. – Talvez um dos seus filhos nos queira acompanhar até lá?

– Nem pensar! – exclamou Nicholas, levantando-se do sofá com uma rapidez inaudita e dirigindo-se para a porta. – Tenho coisas para fazer.

Ethan pôs a mão atrás da orelha.

– Oh, sim. Consigo ouvir o choro lamentoso de uma PlayStation abandonada.

– Vai-te lixar!

– Vou eu com os senhores – anunciou Ethan.

Não parecia propriamente entusiasmado, mas *tinha-se* voluntariado.

– Bom rapaz – disse o vigário. – Tem filhos, Inspetor Jackman?

– Não, embora o meu irmão tenha rapazes e, quando posso, passo tempo com eles.

O vigário abanou a cabeça.

– Bem, são uma bênção e uma maldição. Por qualquer razão, desconfio que o Nicholas não irá seguir as pegadas do irmão e da irmã e entrar para a universidade.

– Duvido que ele consiga chegar sequer ao Centro de Emprego – acrescentou Ethan sombriamente.

O reverendo soltou um suspiro.

– Não devemos desistir dele, filho. Um dia, talvez ele nos venha a surpreender a todos.

Pela expressão do filho mais novo, a única surpresa que provavelmente o reverendo Barley ia ter seria desagradável.

Enquanto conduzia para a capela, Jackman mirou Ethan pelo espelho retrovisor. Não era o tipo de rapaz que esperava, tendo em conta a opinião bastante cáustica sobre ele de Neil e Ellen Clarkson. Acima de tudo, mesmo descontando a diferença de idades, Jackman não o conseguia imaginar com a beligerante e descarada Toni.

– Então o que é que estás a estudar? – perguntou Jackman, sorrindo para o espelho.

– Política e Relações Internacionais. Estou a tirar um curso em Nottingham.

– Vais fazer uma especialização?

– Estou a planear escolher Globalização no terceiro ano.

– Interessante. Ouvi o teu pai dizer que a tua irmã também está na universidade é isso?

A cara estreita de Ethan abriu-se num sorriso.

– Oh, sim. A Daybreak^[5] é o cérebro da família.

– Daybreak? – questionou Marie.

– Ela chama-se Dawn^[6], mas odeia o nome. Diz que se chama Danni. Daybreak é a minha versão do nome verdadeiro dela. Está em Oxford a estudar Teologia. O pai está maravilhado. Se não fosse o Nick, ele acreditaria mesmo que tinha sido abençoado três vezes.

– Tu *sabes* que o teu irmão conhece esse clube de amigos dos copos, não sabes? – perguntou Marie descontraidamente.

– O quê? O Nick? Está a brincar! – gargalhou Ethan. – O Nick precisava de um GPS para encontrar o próprio umbigo. É burro como a mer... como uma porta. Nunca seria capaz de ser suficientemente esperto para não falar de uma coisa dessas.

– Eu não teria assim tanta certeza – respondeu Marie. – Ele reagiu quando falámos nisso. Quase se enfiou atrás do sofá.

– Não consigo acreditar nisso.

Jackman encolheu os ombros.

– Vamos ver, ok? Desculpa por te dizer isto, mas que raio é que viste na Toni Clarkson? Vocês os dois parecem estar em polos opostos.

Ethan inspirou fundo.

– Não se deixe enganar pela Toni, Inspetor. Ela é muito mais esperta do que deixa transparecer. O que é que eu vi nela? Bem, adorava a maneira como ela se mantinha fiel a si própria apesar da riqueza da família. Adorava a forma como ela se batia contra o sistema. Via um espírito livre e acho que sou capaz

de a conhecer melhor do que ela própria se conhece.

Jackman virou para a faixa que levava à capela.

– Ela vai acalmar à medida que cresce.

Ethan falava mais como um mentor do que como um antigo namorado.

– Pode não acreditar, mas a Toni consegue ser realmente doce quando a afastamos dos amigos.

Jackman parou e desligou o carro. No silêncio repentino, Ethan perguntou:

– Ela esteve por um fio, não esteve?

– Sim, Ethan, esteve mesmo – respondeu Jackman com uma expressão grave. – Foi mesmo por um triz. Estamos convencidos de que escapou por pouco a ser raptada.

– Tem autorização para receber visitas?

– Ela é capaz de ir para casa esta tarde, por isso telefona primeiro, mas, sim, acho que seria bom para ela ver uma cara amiga.

Saíram do carro e subiram o caminho de entrada. Jackman tinha resolvido ver primeiro a capela antes de entrar na cave.

Ethan sacudiu o pó do estuque das calças de ganga esterlicadas.

– Que estrumeira!

– Já cá tinhas estado? – perguntou Marie.

– Estava em casa quando houve a tempestade. Vim cá com o meu pai e uns quantos paroquianos para analisar os estragos.

– O Nicholas veio contigo?

O rapaz franziu o sobrolho.

– Agora que estou a pensar nisso, veio, o que foi bastante estranho. Geralmente, ele não ajuda a fazer nada.

Vasculharam o velho edifício durante uns 10 minutos, não encontrando nada a não ser bocados de alvenaria poeirentos e excrementos de pombos.

– Ok, vamos ver a cave, está bem?

– Há uma cave? – perguntou Ethan. – Nestes pântanos sedimentosos? Não fazia ideia nenhuma.

Marie assentiu.

– Bem, na realidade, suponho que é uma cripta. Há uma porta nas traseiras.

Observaram a cara dele, mas só viram uma leve surpresa. Que se intensificou quando o rapaz os viu a afastar para o lado emaranhados de urtigas e espinheiros, deixando à vista os degraus que levavam à porta.

– Mas que cena!

Olhou de relance para Marie e abanou a cabeça, incrédulo.

– Aposto que o meu pai não faz a mínima ideia disto. O que é que acham que há lá em baixo?

– Vamos lá ver, ok? – respondeu Jackman.

Jackman concluiu que o rapaz parecia de facto genuinamente espantado com a descoberta.

Marie experimentou a chave mais pequena na fechadura. A porta velha abriu-se mais suavemente do que deveria ter feito e entraram.

A cripta era uma área grande e aberta. Tinha chão de pedra, teto baixo e os resíduos de uma grande festa.

Ethan soltou um assobio baixinho.

Marie olhou para Jackman.

– Acho que encontrámos um dos locais do tal clube.

Jackman olhou em redor da cripta. Havia garrafas, latas, copos de plástico, maços de tabaco, beatas e dúzias de velas gastas espalhados pelo chão.

– Isto é nojento – atirou Ethan, dando um pontapé com o ténis-bota azul e branco Converse num preservativo usado. – Isto era um sítio de devoção.

Jackman apercebeu-se da repugnância na cara dele. Ethan podia ser um estudante radical, mas, claramente, a influência do pai ainda lá estava.

– A Medmenham Abbey também era – retorquiu Jackman. – E vê só para o que é o que o Hellfire Club a usou.

– Continua a ser nojento.

– Pois é. Ora bem, gostava de saber *como* é que os foliões deitaram a mão à chave deste sítio – disse Marie, dirigindo a Ethan um olhar sagaz, acompanhado de uma sobranceira erguida.

Ethan Barley devolveu-lhe a mirada, de olhos esbugalhados.

– O Nick? Oh, não, não pode pensar...?

– Na verdade, é mesmo o que eu penso, sim.

Jackman estava a abrir caminho pelo meio das latas de cerveja esborrachadas e os pacotes de batatas fritas espalhados pelo chão. Dirigiu-se a Ethan em voz alta:

– Desculpa, Ethan, mas concordo com a Marie. Acho que o teu irmão é mais esperto do que julgas.

Ethan empalideceu.

– O meu pai mata-o se descobrir.

– Espero que digas isso metaforicamente.

O rapaz ficou calado.

– Lamento, mas vamos precisar destas chaves – disse Marie, balançando as chaves no dedo indicador. – Temos de selar este sítio e chamar uma equipa forense.

– Uma equipa forense? – repetiu Ethan, com os olhos a ficarem cada vez mais esbugalhados.

– Este pode ser o sítio para onde trouxeram a Toni e a Emily – explicou Marie gentilmente.

O rapaz olhou para o chão.

– Se encontrarem provas de que o meu irmão tem alguma coisa a ver com isto, ele vai estar metido num grande sarilho, não vai?

– Enterrado até ao pescocinho, lamento dizê-lo – respondeu Marie, enterrando as mãos nas algibeiras. – A não ser, claro, que consigas que ele

fale conosco. Seríamos muito mais lenientes com ele, nesse caso.

– E, Ethan, precisamos de saber se fizeram outra chave – acrescentou Jackman. – Achas que nos podes descobrir isso? Entretanto, não dizemos nada sobre a nossa suspeita de que o Nick possa estar envolvido.

– Preciso de ar.

Ethan dirigiu-se vagarosamente para a porta e subiu os degraus. De ombros curvados, encaminhou-se para um muro baixo que cercava o cemitério e sentou-se pesadamente.

Jackman aproximou-se e sentou-se ao lado dele.

– Podemos estar enganados. Mas *temos* de descobrir o que se passa, percebes isso, não percebes, Ethan?

Ethan concordou com a cabeça.

– Eu ajudo-vos... pela minha família, pela Toni e pela outra rapariga. Essa Emily está em perigo?

– O que é que achas, Ethan? Segundo a Toni, drogaram-na e levaram-na, sabe Deus para onde. Nunca mais a viram. Não pode ser mais perigoso do que isso.

O rapaz mordeu o lábio e olhou para o chão.

– Vou fazer tudo o que puder com o Nicholas.

Marie aproximou-se deles.

– Vou comunicar isto, Inspetor, e chamar uns agentes para aqui. Depois levamos o Ethan a casa.

De volta ao vicariato, Jackman deu o cartão dele ao rapaz.

– A qualquer momento, dia ou noite, ok?

Ethan assentiu e enfiou-o na algibeira.

– Espero que a encontrem.

Jackman olhou para Marie quando arrancaram.

– Ele não é mau rapaz, mas o irmão dá-me arrepios. Não há nenhuma referência à mãe.

– Calculo que tenha morrido – respondeu Marie resolutamente. – Vi umas fotografias na sala, todas bastante antigas. Não havia recentes.

– Hum-hum, pensei o mesmo.

– Se calhar é por isso que o Nicholas é tão...

Marie encolheu os ombros.

– É difícil encontrar uma palavra para o descrever, não é?

– Eu sou capaz de me lembrar de umas tantas, mas nenhuma repetível.

Jackman sorriu-lhe e depois o sorriso esfumou-se.

– Esta coisa toda está a tornar-se complicada, Marie, e não me consigo esquecer de que temos de arranjar tempo para reabrir o caso da Kenya Black – rematou, soltando um suspiro. – Temos de resolver esta história dos clubes depressa. Se os conseguirmos fechar e prender os homens por trás deles, temos uma boa probabilidade de parar com estes raptos.

– E de descobrir a nossa desaparecida – concordou Marie, quase para si mesma. – Bem, pelo menos, agora temos um ponto de partida. A capela era,

sem dúvida nenhuma, um dos locais. Vamos encontrar lá provas forenses com toda a certeza, por isso...

Sorriu-lhe.

– É uma coisa positiva, chefe. Finalmente, estamos a avançar.

Jackman ficou contente com a abordagem confiante de Marie, só esperava que não encontrassem mais nenhum obstáculo.

Ou pior ainda, outra rapariga desaparecida.

[5] N.T.: Alvorada.

[6] N.T.: Aurora.

Capítulo Dez

Max espreguiçou-se e empurrou a cadeira para trás.

– Chocolate quente? – perguntou para o sítio onde Rosie estava sentada ao computador.

Ela olhou para ele e sorriu.

– Era capaz de matar para beber um, como se costuma dizer.

Max dirigiu-se para a máquina de venda automática e olhou para trás, na direção dela. Rosie ainda estava a olhar para o monitor, torcendo distraidamente o cabelo numa espiral apertada. Sorriu. Já a tinha visto fazer aquilo muitas vezes, quando estava concentrada.

Enquanto escolhia umas moedas, perguntou-se porque é que nunca se tinha interessado verdadeiramente por Rosie. Pertenciam a equipas diferentes, mas trabalhavam no mesmo gabinete havia anos, por isso, porque é que não sabia mais coisas sobre ela? Sabia que ela era uma de três raparigas, todas na polícia e todas em divisões diferentes, e que tinha um apartamento por cima da florista na High Street. E mais nada. Seria de esperar que ela fosse colega dele, até mesmo amiga. Deveria convidá-la para tomar um copo?

Max enfiou com força as moedas na máquina. Tinham de encontrar uma rapariga desaparecida e ele tinha de manter a cabeça firmemente concentrada nisso. Não era altura para se pôr a sonhar acordado.

* * *

Os Agentes Andy English e Kevin Stoner estavam sentados no carro-patrolha a apreciar a cena que tinham pela frente.

Windrush era uma propriedade compacta e antiga, de estilo gótico vitoriano, situada num parque, com uma vegetação demasiado desenvolvida, que se erguia numa colina que bordejava o pântano. Devia ter sido impressionante no seu auge, mas esses tempos tinham acabado categoricamente.

– Oh, meu Deus – murmurou Andy. – Vamos precisar de 15 dias para revistar esta lixeira de uma ponta à outra.

Kevin não respondeu. Ainda estava a tentar interiorizar a magnitude da velha mansão. A casa principal estava mais ou menos intacta, mas aparentemente alguém estava a demolir alguns dos anexos. Montes de entulho e pilhas de madeira velha amontoavam-se ao logo da berma do relvado e Kevin conseguia ver uma nuvem de fumo cinzento a erguer-se nas traseiras.

– Bem, está cá alguém – disse, apontando para o fumo. – Vamos dar-lhe uma palavrinha.

Andy assentiu. Os dois polícias saíram do carro para um caminho de cascalho, coberto de ervas, e bateram com as portas. Encaminharam-se para um lanço de escadas de pedra que conduzia à entrada principal.

Ao fundo das escadas, estava uma escavadora. Ambos ouviram um tiquetaque lento quando passaram por ela.

Andy apontou para a máquina com a cabeça.

– O motor está a arrefecer. Tens razão em dizer que está cá alguém.

– O que é que estão a fazer a este sítio? – murmurou Kevin.

– Não faço ideia. Há anos que não ando por aqui.

Kevin abriu, com um empurrão, as duas grandes portas da frente e entraram num átrio enorme.

– Polícia de Fenland! – gritou. – Está alguém em casa?

A voz ecoou pelo chão de mármore rachado e pela escadaria vazia acima.

– Devem estar lá fora.

Contornaram juntos a casa.

No que restava de um enorme pátio de cimento, estava um contentor de metal amolgado com uma tábua de madeira grossa apoiada na parte mais baixa. Quando se aproximaram, viram um homem enorme, as mãos gordas a agarrar nas pegas de um carrinho de mão de empreiteiro carregado, a subir a tábua de madeira sem qualquer esforço. Com um rugido, lançou-se para cima e atirou ruidosamente os conteúdos pesados para dentro do velho contentor amolgado. Com uma torção destra, virou o carrinho de mão coberto de cimento e desceu.

O suor pingava-lhe de um sobrolho que se franziu desaprovadamente quando os olhos depararam com os dois polícias.

Kevin fez um esforço para manter a habitual expressão calma quando olhou para o homem mais feio que já tinha visto.

– Ah... boa tarde. O senhor é o proprietário?

Todos os centímetros do corpo enorme do homem dardejaram um sinal de aviso.

– Não.

A expressão carrancuda acentuou-se e o homem acrescentou:

– Aqui, não há nada para vocês. É uma propriedade privada.

– O senhor desculpe, mas está uma rapariga desaparecida.

Kevin tentou parecer mais alto e mais durão do que realmente era, mas desistiu rapidamente.

– Estamos a fazer buscas em todos os edifícios desocupados da zona e gostaríamos de ter autorização do dono para dar uma vista de olhos.

Uma coisa qualquer perpassou rapidamente pela cara do gigante. Andy achou que a expressão dele era difícil de ler, mas a menção da rapariga tinha-o claramente afetado de alguma maneira.

– Oh, bem, isso é diferente.

Não lhes sorriu, mas a fúria parecia ter diminuído um pouco.

– Uma rapariga, dizem vocês? Bem, eu tenho estado aqui desde a madrugada até ao pôr do sol neste último mês e não vi ninguém.

– É um sítio muito grande. Ela pode ter-se esgueirado cá para dentro ou ter sido trazida para cá, sem que o senhor tivesse dado conta necessariamente. Lamento, mas precisamos mesmo de dar uma vista de olhos.

– Sim, claro, hum, acho que o dono, o Mr. Broome, não se iria opor – respondeu ele, sacudindo a terra das mãos gordas e esfregando-as nas pernas das calças. – Mas vou ter de ir também. Este sítio não é seguro. E há partes que estão fechadas à chave. Vou precisar de ir buscar as chaves. Ah, e vão precisar de capacetes. Segurança e saúde e essas tretas todas.

– Obrigado – retorquiu Andy delicadamente. – E o senhor é...

O homem levou o seu tempo a responder.

– Micah. Sou o Micah Lee, o guarda do Mr. Broome. Ele não vem cá muitas vezes, por isso trato-lhe eu das coisas.

– E também está a fazer muito trabalho – acrescentou Kevin, olhando para o local que Micah estava a limpar. – Quais são os planos para este sítio?

– É um projeto grande, um sonho, na realidade. Mas é melhor perguntarem ao Mr. Broome. Dou-vos o cartão dele quando formos ao meu gabinete – respondeu o homem, fungando ruidosamente. – Ora bem, venham comigo e eu vou buscar os capacetes.

Uma hora mais tarde, com os sapatos arranhados e os uniformes sujos, os dois polícias acharam que já chegava.

– Não estive cá ninguém, pois não? – resmungou Kevin.

– Já estariam a rogar pragas se tivessem estado – acrescentou Andy, sacudindo o pó do estuque da perna das calças. – Este sítio é um perigo do caraças.

Kevin olhou para Micah.

– Desculpe o incómodo, Mr. Lee. Boa sorte para o projeto – disse com uma careta. – Acho que vão precisar dela.

– Oh, vai acontecer, vai ver, Agente. Vai levar tempo, mas um dia o Mr. Broome vai alcançar o sonho dele.

Kevin abriu a porta do carro e deixou-se cair gratamente no lugar do condutor.

– Espero que sim, Mr. Lee.

Ligou a ignição, acenou e desceu o largo caminho de acesso tão depressa

quanto conseguiu.

– Diabos me levem! Aquele tipo era um filho da mãe muito feio, não era?

– Parecia uma mistura entre o Hagrid e o Incrível Hulk – comentou Andy, engolindo em seco. – Vou ter pesadelos só de pensar naquela cara. Reparaste nos calos que tinha nas mãos?

– Sim, e podes crer que não gostaria de me encontrar com ele num beco numa noite escura.

Andy olhou para o cartão usado e em mau estado que tinha na mão.

– Achas que devo ligar a este gajo, o Broome?

Kevin abrandou na casa do guarda e depois entrou na faixa deserta.

– Não vale muito a pena. Tenho a sensação de que o matulão, provavelmente, já o informou da nossa visita.

Enquanto acelerava para longe da velha propriedade isolada, franziu o sobrolho.

– Mas vou garantir que o chefe sabe deste sítio. Não posso dizer que esteja muito contente com isto, tu estás?

Andy soltou um assobio.

– Queres que seja franco? Nunca me senti tão assustado com um sítio desde os meus tempos de escuteiro, quando me fecharam no cemitério ao crepúsculo.

Esfregou as mãos e concluiu:

– Cagado de medo, meu amigo, foi como me senti. Cagado de medo.

* * *

De volta à esquadra, Jackman foi ver se tinha alguma mensagem dos serviços forenses. Clive, o gestor do gabinete dele, dirigiu-lhe um sorriso animador e começou a remexer nos montes de papéis desarrumados em cima da secretária. Localizou a folha com o memorando certo ao fim de uns segundos, algo que deixava Jackman sempre espantado.

– Um dos elementos da equipa forense ligou-nos do local. Ela acha que há por ali fluidos corporais a flutuar capazes de rebentar com o ficheiro do ADN do computador deles, mas infelizmente os testes levam tempo. Vamos ter de esperar mais de uma semana para termos os resultados.

– Merda! E quanto às impressões digitais?

– Uma montanha delas. Vai introduzi-las na base de dados assim que voltar para o laboratório. Se houver correspondências, vai saber-se logo.

– Isso parece um bocadinho mais promissor. Mantém-me informado, está bem?

Jackman voltou para o gabinete, onde Marie se lhe juntou.

– Marie? Suponho que não saibas se já alguma vez esbarrámos com o jovem Nicholas Barley... a título oficial.

– Ele já foi apanhado algumas vezes – respondeu Marie. – Infelizmente, nunca foi nada suficientemente grave que justificasse tirar-lhe as impressões digitais.

– Não faz mal. Vamos tirar-lhas à mesma.

– Vou tratar disso – retorquiu Marie. – A propósito, posso perguntar-lhe uma coisa, chefe?

– Diz lá.

– Acha que a Toni Clarkson estaria disposta a ir à capela velha para ver se se consegue lembrar se foi lá que a denominada festa aconteceu?

Jackman assentiu.

– Acho que ela tem coragem para isso, tu não?

– Sim, acho. Quer que eu vá ao hospital e lhe pergunte?

Jackman abanou a cabeça.

– Não quero ofender, mas porque não telefonar para a esquadra de Harlan Marsh e pedir ao Gary Pritchard para o fazer? Ele parece ter uma boa relação com a rapariga.

– Boa ideia. Vou contactá-lo. E também vou ligar a esse amigo do Ethan.

Jackman tornou a sair do gabinete, entrando na sala do DIC, onde viu Rosie, Max e Charlie a olhar sombriamente para folhas impressas do computador.

– Calculo, pelas vossas caras, que não temos mais nada sobre a Emily, certo?

Rosie levantou a cabeça.

– Desculpe, chefe. Estamos a ficar sem opções para explorar.

– Estou a começar a questionar-me se as drogas baralharam a cabeça da Toni. Somos capazes de estar à procura de uma alucinação – disse Max, com uma careta.

– Não podemos excluir isso, mas a miúda está sempre a lembrar-se de mais coisas de cada vez que falamos com ela. Tenho a certeza de que a Emily existe. Lamento, rapaziada, continuem à procura.

Marie juntou-se-lhes.

– O amigo do Ethan não atende o telemóvel, por isso deixei-lhe uma mensagem no *voice mail*. Esperemos que nos contacte.

– E o Gary?

– Vai a caminho do hospital e tem a certeza de que a vai conseguir convencer a visitar a capela.

– Excelente. Vamos encontrar-nos com ele lá e depois voltamos à capela com a Toni. Se ela reconhecer aquela cave, já teremos qualquer coisa de concreto. E vamos perguntar-lhe se se consegue lembrar de mais alguma coisa sobre a Emily – disse Jackman, endireitando-se. – Muito bem, é altura de avançarmos. Rosie, verifica os nossos arquivos e vê se temos alguma coisa registada aqui em Saltern-le-Fen sobre festas ilícitas ou clubes de amigos dos copos. Mantém-me a par de qualquer coisa que descubras, e Max, tu e o

Charlie continuam a escavar no que diz respeito a pessoas desaparecidas e estejam atentos ao telefonema do tal amigo do Ethan Barley. Tentem obter o máximo que puderem dele sobre a Emily a quem o tipo se atirou no *pub*, ok?

Max assentiu.

– Entendido.

– Então, mãos à obra. *Temos* de descobrir o que aconteceu à Toni Clarkson e, em especial, se temos outra desaparecida. Precisamos de qualquer coisa que corrobore a história da Toni sobre a linda Emily com o longo cabelo escuro.

* * *

Jackman atirou as chaves a Marie.

– Guia tu. O meu telefone está a tocar.

Tirou o telemóvel do bolso e deu a volta para o lugar do passageiro.

– Inspetor? Peço desculpa, mas preciso de compreender uma coisa.

Jackman levou uns instantes para perceber que era Ethan Barley.

– Claro, Ethan, diz lá.

– Pode garantir-me que seria de facto uma ajuda para o meu irmão que ele falasse consigo? Isto é, não é nenhum truque da sua parte, pois não? Sei alguma coisa sobre armadilhas e merdas dessas. Acontece mesmo, por isso não me diga que não.

– Não te mentiria, Ethan. Esse género de coisas acontece, mas não com a minha equipa, ok? Se o Nicholas souber alguma coisa e vier ter connosco voluntariamente, será bom para ele. Do mesmo modo, se ele souber alguma coisa e a esconder de mim, caio-lhe em cima como um camião a alta velocidade. Estás a perceber?

A linha ficou silenciosa durante bastante tempo. Finalmente, Ethan respondeu:

– Então acho que ele precisa de falar consigo.

– Se ele precisar de uma persuasãozinha, Ethan, podes dizer-lhe que recolhemos uma quantidade enorme de impressões digitais naquela cave. Se as dele estiverem lá, talvez numa garrafa, e se ele negar que sabia da festa... Acho que o vosso pai não vai ficar muito satisfeito por ver o filho mais novo algemado.

– Eu levo-o aí – disse Ethan, parecendo assustado.

– Daqui a duas horas, ok? Encontro-me com vocês na receção.

– Está bem. Ah, e esqueça a rapariga a quem o meu amigo se atirou, ele acabou de me dizer que ela era loura e tinha o cabelo todo espetado.

A ligação foi interrompida.

– Bem, graças a uma pressãozinha do irmão mais velho, o jovem Nicholas está prestes a fazer-nos uma visita.

Marie sorriu.

- Perfeito. Pode poupar-nos uma data de trabalho de campo.
 - E se a Toni reconhecer a cripta, vai-se encaixar tudo rapidamente.
- Mas Jackman parecia mais confiante do que se sentia.

* * *

Marie conseguiu persuadir os Clarkson a esperar no carro enquanto ela e Jackman mostravam a capela a Toni. Provavelmente, a rapariga estaria muito mais disposta a falar se os pais não estivessem por ali a rondar.

Toni agarrou-se ao braço de Marie enquanto esta a guiava pelo caminho de gravilha e a sargento sentiu que ela estava a ficar cada vez mais tensa a cada passo que davam.

Deu umas palmadinhas na mão da rapariga.

– Não há razão para teres medo, Toni. Diz-nos apenas se reconheces ou não a cave e tiramos-te de lá imediatamente.

– *Odeio* não ser capaz de me lembrar de tudo. É assustador. Quer dizer, esses pervertidos horrorosos podem ter feito tudo e mais alguma coisa!

Toni fez uma careta de dor e tocou na ilharga com a mão livre.

– Mas não fizeram, Toni, agarra-te a isso.

Marie parou, agarrou a rapariga pelos ombros e olhou-a nos olhos.

– Já é suficientemente mau que te tenham magoado, mas não te atacaram sexualmente, ok?

Tono assentiu e murmurou:

– Sim, suponho que sim.

Subiram até ao cimo das escadas e olharam para baixo.

– Muito bem, vamos lá acabar com isto.

Toni desceu, tocando a medo na parede, como se estivesse a ler Braille.

Gary estava à espera lá no fundo e estendeu-lhe a mão.

– Linda menina. Muito bem – disse-lhe ele. – É só uma olhadela rápida e a seguir levamos-te para casa, ok?

Toni parou à entrada da cripta e olhou em volta. Franziu o nariz quando sentiu o cheiro.

– Não, não era isto. Isto ainda cheira pior do que couves, tresanda a mijo.

– Tens a certeza, Toni?

Jackman tinha estado tão convencido de que o sítio era aquele.

– Sim, isto aqui é maior e, bem, parece uma parte de uma igreja velha. Aquele sítio onde estive – disse a rapariga, com um arrepio involuntário – era uma cave a sério, estão a ver? Havia coisas velhas espalhadas por lá. Caixas e caixotes, esse tipo de coisa.

– E vês alguma coisa que te faça lembrar o sítio para onde te levaram? – perguntou Gary.

A rapariga avançou mais para dentro e depois parou e olhou em volta.

– Havia garrafas com velas lá espetadas, como aquelas.

Apontou para uma prateleira de pedra cheia de garrafas de vinho vazias com cotos de velas nos gargalos. Dirigiu-se para lá e pegou numa.

– A Emily mostrou-me este rótulo! Achou-o engraçado e rimo-nos dele.

– Pousa-a, Toni, se fazes favor – disse Marie. – Podemos ter de analisar as impressões digitais nela. Estás a dizer que te ofereceram o mesmo tipo de vinho?

Toni assentiu furiosamente.

– Não me iria esquecer de um nome desses, pois não?

Inclinaram-se por cima do ombro dela e leram o rótulo. *Old Tart*^[7].

– Havia uma chamada *Old Git*^[8]. Também nos rimos dessa.

Jackman encolheu os ombros.

– As pessoas comprem o rótulo e não o vinho, suponho eu.

– Na verdade, são vinhos bons, chefe. Um é um Sauvignon Blanc e Terret e o outro, um Grenache/Syrah – esclareceu Gary.

– Não fazia ideia de que eras um *connaisseur*. São difíceis de encontrar?

– Não, chefe. Há muitos supermercados que os têm.

– Como seria de esperar – resmungou Jackman.

– Já posso ir para casa? Este sítio nojento dá-me vontade de vomitar.

Marie pôs um braço à volta dos ombros magros de Toni e sorriu-lhe.

– Claro. Sinto exatamente o mesmo. Obrigado, Toni, ajudaste-nos muito.

– Já encontraram a Emily?

O sorriso de Marie esmoreceu.

– Ainda não. Mas quando estiveres instalada em casa, temos mesmo de conversar contigo mais um bocado sobre ela.

– Claro. Embora não saiba que mais vos possa dizer. Está tudo tão confuso.

Marie tentou mostrar-se positiva:

– Ei, acabaste de te lembrar de te rires com os rótulos das garrafas. Tenho a certeza de que te vão ocorrer outras coisas.

– Talvez.

Toni olhou de relance para a entrada, onde o pai estava parado, a apoiar-se ansiosamente ora num pé, ora noutro.

– Espero que sim. A Emily era mesmo simpática.

* * *

Gary e Toni foram-se embora. Jackman precisava de ligar para a esquadra, por isso Marie sentou-se ao volante, ligou o motor e ficou à espera enquanto ele andava às voltas à procura de sinal. Bocejou, tamborilou no volante e depois virou o carro para ficar de frente para a estrada. Quando voltou a olhar para cima, Jackman estava a atravessar a relva apressadamente

na direção dela.

– A Rosie descobriu as participações de dois incidentes nos últimos meses, em que adolescentes estiveram em festas clandestinas e acabaram podres de bêbedos.

– Certo. E eram aqui da zona?

– Miúdos aqui da zona, sim, mas os sítios eram fora da terra. É a única coisa que ela sabe, ainda está a investigar. Neste momento, precisamos de ir entrevistar os rapazes Barley, por isso carrega no pedal, Marie. Estou em pulgas para saber o que é que o irmão mais novo tem para nos contar.

[7] N.T. : Literalmente, *Velha Cabra*.

[8] N.T.: Literalmente, *Velho Cretino*.

Capítulo Onze

O que quer que Ethan tivesse dito a Nicholas, tinha tido um efeito profundo. O rapaz estava a despejar informações como uma torneira avariada.

– Para começar, achei que era fixe. Ganhar uma data de massa por fazer uma cópia da merda de uma chave? Quer dizer, quem é que não o faria? Só mais tarde é que fiquei assustado – contou Nicholas.

– É pena que não tenhas pensado nisso primeiro, estúpido – murmurou o irmão. – O que é que pensaste que eles iam fazer lá em baixo? Encontros de oração e planear a Paz mundial?

– Estava-me nas tintas para o que eles faziam! De qualquer maneira, o sítio era uma espelunca.

– Então, que história é que eles te impingiram, Nicholas? – perguntou Jackman.

– Eles tinham caixotes e caixotes de álcool e tinham muito gosto em partilhá-los connosco se a miudagem andasse simplesmente com eles. Não havia compromissos.

O estômago de Jackman contraiu-se num nó pequeno e doloroso.

– E que tipo de atividades fazia parte desse *andar simplesmente com eles*?

Nicholas encolheu os ombros.

– Era só beber, dançar uns com os outros, uns apalpançozitos e um bocadinho de marmelada – respondeu, mordendo o lábio. – Embora ache que alguns deles fossem mais longe.

– Vimos os preservativos, obrigadinho.

– Bom, eu não sabia que isso ia acontecer, pois não? Os cotas, bem, eles só olhavam, não era? Quer dizer, nunca nos tocavam nem nada desse género. Limitavam-se a ficar sentados nas sombras a observar-nos.

Nicholas olhava fixamente para a mesa.

– Alguns dos miúdos queriam dar-lhes tudo a que eles tinham direito. Tipo, chocá-los, mostrar-lhes aquilo de que eram capazes.

Voltou a cara salpicada de acne para eles.

– Foi a bebida, não foi? A maior parte já estava bêbeda nessa altura.

Voltou a olhar para a mesa.

– Pus-me a andar quando vi que um dos homens tinha uma câmara de vídeo numa mão e a pil... – fez uma careta, apontando para entrepernas. – Se é que me entendem.

– Desculpa, Nicholas, mas precisamos de ser claros a este respeito, um dos homens mais velhos estava a tocar-se enquanto observava os jovens?

Nicholas assentiu.

– Um punheteiro.

– Percebes que temos de acabar com isto, não percebes? Antes que um destes miúdos acabe... Só Deus sabe o que lhes podia acontecer.

– Sim, mas nunca se ouviu nenhum nome – respondeu o rapaz, soltando um suspiro. – Conto-lhes tudo o que sei se não contarem nada ao Pai.

Jackman viu a consternação no rosto de Nicholas. O bom do reverendo devia ter um temperamento difícil, pensou. O rapaz estava aterrorizado.

– Conta-nos tudo o que sabes e eu não vou dizer a maior parte ao teu pai. E vou garantir que ele saiba que nos ajudaste.

– Conta-lhes o que sabes, imbecil! E dá graças aos céus por estares a safar-te com tanta facilidade – silvou Ethan furiosamente.

Vinte minutos mais tarde, deixaram os rapazes ir embora. Tinham descrições, localizações e, o melhor de tudo, Nicholas descrevera o sítio exato da cave onde o «mandachuva» tinha estado sentado. Qualquer vestígio de ADN encontrado naquela área poderia ser-lhe atribuído.

Jackman fechou a porta da sala de interrogatórios e soltou um suspiro audível.

– Mal posso esperar por ligar isto ao que o Gary Pritchard já conseguiu. Não podemos perder um instante para meter esses perversos na prisão.

Marie assentiu.

– Filhos da mãe! Só a ideia desses nojentos a observarem miúdos dá-me vontade de vomitar.

Jackman pensou no sobrinho.

– Percebo exatamente o que queres dizer.

Dois polícias fardados estavam a aproximar-se velozmente deles.

– Senhor Inspetor? Podemos falar consigo, se fizer o favor?

Jackman assentiu e voltou-se para Marie:

– Vai ver o que os outros estão a fazer, sim?

Virou-se para eles:

– Claro, rapazes, mas sejam rápidos.

– Pediram-nos que fôssemos investigar um sítio chamado Windrush em seu nome, senhor Inspetor – disse o mais velho dos dois.

Era o agente Andy English, um bom polícia que tinha trabalhado com Jackman em várias ocasiões.

– Sim, e descobriram alguma coisa?

– Não exatamente, senhor Inspetor – respondeu o mais novo, o agente Kevin Stoner.

Jackman olhou para ele com interesse. O Agente Kevin Stoner era um polícia jovem e brilhante e Jackman tinha-o recomendado para os exames do DIC. Todavia, Stoner tinha resolvido que, como tinha um colega de equipa verdadeiramente bom, ia continuar mais alguns anos como polícia fardado.

– A questão é a seguinte, senhor Inspetor – continuou Andy. – Estivemos lá uma data de tempo e quando nos viemos embora, concluímos que não havia nada, mas agora não temos tanta certeza assim. Achamos que merece uma segunda vistoria, com mais pessoas no terreno.

– E o que é que vos está a preocupar, Andy?

Andy ajeitou o cinturão pesado com o equipamento e franziu o sobrolho.

– É difícil apontar uma coisa concreta, mas acho que é o tipo que nos acompanhou, mais do que qualquer outra coisa.

– Achamos que ele nos dirigiu para onde precisávamos de ir com demasiado cuidado, senhor – acrescentou Kevin. – Tenho a certeza de que só vimos o que ele quis que víssemos e mais nada.

– E quem é ele?

– Chama-se Micah Lee e parece o género de homem que não gostaríamos de aborrecer.

Andy fungou.

– Sou bastante bom a ler as pessoas, senhor Inspetor, e aquele homem estava retesado como uma mola. Ficou furioso quando aparecemos sem aviso, mas depois fez uma boa representação. Muito simpático por fora, mas a ferver por dentro, era como ele estava. Absolutamente a ferver.

– E é o dono de Windrush?

– Não, é apenas o guarda. O dono é um homem chamado Benedict Broome. O Lee não nos quis dizer o que se estava a passar ali, mas abriu-se um bocadinho quando andávamos a dar uma volta pelo sítio e disse-nos que o Broome tinha enormes planos para o lugar. O Micah Lee parece que está ali dar o litro. E, raios partam, Windrush é um esterqueiro assustador.

– E perigoso – acrescentou Kevin. – Precisa de ser arrasado com um buldózer para recomeçar do zero.

– E que grandes planos são esses?

– O Broome quer transformar Windrush num retiro, num sítio para as pessoas lá irem e fugirem da vida durante uns tempos. Um sítio remoto onde possam comer bem, dormir bem e descontraír. O Lee não se calava com os jardins de água, os pátios cobertos para contemplação silenciosa, um jardim de tranquilidade, salas de leitura, salas de música, salas com um silêncio absoluto, o que mais se lembrarem. Até se podia pensar que o Broome tinha um milhão para gastar.

– Se calhar, até tem.

Kevin soltou uma gargalhada.

– Bem, não está a gastar muito na mão de obra! Não viu o Micah Lee, senhor Inspetor! Ele está para ali sozinho com uma escavadora velha, o raio de uma pá enorme e um carrinho de mão, sem qualquer sinal de outros

trabalhadores ou ajudantes. Parece que está a fazer tudo sozinho.

– Foi uma coisa esquisita, senhor Inspetor – concordou Andy. – Mas podia ver-se que já tinha sido feito um grande trabalho de limpeza.

Franziu o sobrolho.

– Não me importaria de ver os planos e os relatórios do alvará de construção.

– Então vá arranjá-los, Agente, o mais depressa possível, e traga-mos imediatamente. E entretanto – continuou Jackman, agarrando no cartão velho que Kevin Stoner lhe estendia – vou ter uma conversa com este Benedict Broome e provavelmente vamos fazer outra visita a Windrush.

Jackman ficou a ver os dois polícias descerem velozmente o corredor e sentiu um arrepio de apreensão. Com o passar dos anos, Jackman tinha aprendido a nunca ignorar estas sensações de mal-estar. Podia sair caro.

Encaminhou-se lentamente para os elevadores, concluindo que, afinal de contas, a visita guiada a Windrush de Marie até era capaz de vir a ser útil.

* * *

Jackman entrou na sala do DIC e fez sinal a Marie.

– Tenho estado a pensar.

Marie sorriu-lhe rasgadamente.

– Isso é perigoso.

– Provavelmente. Mas o facto de não termos tido tempo para dar uma olhadela ao caso da Kenya Black está a começar a preocupar-me a sério, principalmente se a mãe dela estiver a planear uma campanha mediática em grande para breve.

– O chefe vai clonar-nos?

– Acho que não podia aguentar dois Charlie Button, tu podias?

– Deus o abençoe. Ele tenta – retorquiu ela, o sorriso a morrer-lhe nos lábios. – Então no que é que está a pensar em relação à Kenya Black?

– Acho que devíamos telefonar à mãe, a Grace Black, e ir falar com ela imediatamente, se estiver em casa – respondeu Jackman, passando a mão pelo cabelo. – Vou pedir-lhe clemência, dizer-lhe que estamos a reabrir o caso, mas que há outras raparigas desaparecidas. Vou tentar fazer com que ela perceba o nosso problema e prometer-lhe que daremos toda a nossa atenção à Kenya mal consigamos fazer alguns progressos no caso atual.

Marie pensou por uns instantes.

– Acho que tem razão. Se ao menos a contactarmos, isso dar-lhe-á algum conforto a que se agarrar e tira-nos a Superintendente de cima.

– Então vou pedir ao Clive que lhe telefone. Pelo que li nos ficheiros, ela nunca desistiu de descobrir a filha. E, como provavelmente já ouviste, nunca perde uma oportunidade para criticar a polícia. E, francamente, não a censuro.

Marie assentiu com a cabeça.

– Também li os relatórios. Temos de fazer tudo segundo as regras no que respeita à Grace Black.

– Certo. Então é o que é que andaram os outros a fazer enquanto estivemos fora?

– Não se preocupe com eles. Estão todos proveitosamente ocupados, incluindo o Gary Pritchard. Está na câmara escura com o Charlie, a olhar para os ecrãs das câmaras de vigilância.

– Ah, as informações do Nicholas Barley.

– Sim, estão à procura do Nicholas e do tipo que era o mandachuva lá da festa.

– Excelente – disse Jackman. – Assim vou ver o que é que podemos arranjar para esta visita.

* * *

Grace Black tinha-lhes dito que estaria em casa durante as duas horas seguintes, por isso Jackman e Marie partiram imediatamente.

Foram levados para uma enorme sala que parecia mais um escritório de um *trader* da bolsa de valores do que uma sala de estar confortável. Caixas de cartão cheias de documentos estavam empilhadas ao longo de uma parede e resmas de fotocópias, cartas, folhas de caixa e recortes de jornais enchiam todas as superfícies. Havia caixas de vídeos e cassetes com escritos numa letra tremida nas lombadas amontoadas em pilhas instáveis ao lado da televisão. Marie viu um computador, um portátil e, pelo menos, três telefones.

Marie sabia que Grace tinha 40 e poucos anos. Tinha um corpo magro e vigoroso, olhos castanhos penetrantes e cabelo escuro e curto, cortado, pensava Marie, por ser fácil de cuidar. Pelo aspeto bastante amarrotado, parecia que Grace Black gastava pouco tempo a arranjar-se.

Não lhes foi oferecida uma bebida, apenas uma ordem impaciente para se sentarem, uma tarefa nada fácil no meio daquela confusão.

Marie retirou cuidadosamente um exemplar das Páginas Amarelas e uma lista telefónica local de uma cadeira com as costas direitas e empoleirou-se desconfortavelmente na borda. Jackman enfiou o corpo alto entre um monte de caixas de arquivos e um saco de ginástica aberto, cheio com um equipamento de rãguebi sujo.

– Atire isso para o chão. Só está aí para eu não me esquecer de o arrumar antes de amanhã à noite – indicou ela, soltando um resmungo de irritação. – Não há horas que cheguem no raio do dia.

Jackman sorriu.

– Não vamos retê-la muito tempo, Mrs. Black, mas há uma coisa que gostaríamos que a senhora soubesse.

Lançou-se no seu discurso semipreparado e depois ficou à espera.

Marie esperou também. Estavam ambos a contar com uma diatribe

furiosa, mas, para grande surpresa deles, a mulher permaneceu em silêncio. E depois disse muito suavemente.

– Já ouvi isso antes, como sabe.

– De mim, não ouviu – respondeu Jackman sinceramente. – Temos um caso para resolver primeiro e, a seguir, prometo-lhe que só vamos voltar a largar isto quando já tivermos descoberto o que aconteceu à sua filha.

– Quero acreditar em si, mas...

– Pode confiar. Dou-lhe a minha palavra.

– Francamente, não creio que esteja numa posição de a poder dar. Se as autoridades lhe retirarem o apoio, o senhor vai fazer o que os outros fizeram e desistir, apresentando as mesmas velhas desculpas. E, acredite-me, já as ouvi todas. Mão de obra, orçamento, prioridades, é só escolher.

– Desta vez é diferente, Mrs. Black. Tenho a garantia dos meus superiores de que posso continuar com este caso até à sua conclusão. E vou usar todos os instrumentos e todos os agentes de que disponho.

– Desculpe o meu ceticismo, mas isto faz-me pensar que os seus chefes precisam que esta complicaçãozinha desagradável seja varrida para baixo do tapete. Provavelmente, souberam que eu tenciono recomeçar a fazer grandes ondas. Na realidade, não querem saber de mim nem do sofrimento da minha família, Inspetor Jackman. Eu não passo de um embaraço e de um contratempo e querem calar-me.

Marie achava que, provavelmente, ela tinha toda a razão.

– Interessa realmente saber quais são as razões ou as políticas deles, Mrs. Black? O que é importante é que o caso vai ser reinvestigado desde o primeiro instante e que eles escolheram o melhor Inspetor da região inteira para o resolver.

Tentou não olhar para Jackman.

– Além disso, se o Inspetor Jackman lhe dá a sua palavra, aceite-a. Se há alguém capaz de descobrir o que aconteceu à vossa menina, é ele.

Grace ficou calada durante uns instantes.

– Caramba! Talvez as coisas venham mesmo a *ser* diferentes desta vez.

– Podemos contar então com o seu apoio? – perguntou Jackman rapidamente. – Mesmo que isso signifique reviver esse sofrimento antigo?

– Acha que alguma vez desapareceu? – retorquiu Grace.

– Não, tenho a certeza de que não. Mas vou querer rever todos os relatórios, todas as declarações, todos os movimentos de todas as pessoas envolvidas – horas, datas e o que comeram ao pequeno-almoço. Podemos fazer perguntas que pareçam irrelevantes ou muito dolorosas, mas vou querer respostas para todas elas. Consegue aguentar isso?

Grace Black endireitou a coluna e puxou os ombros para trás. Toda a sua postura se alterou.

– Sim! Sim, consigo, e o que resta da minha família também consegue. Quanto tempo é que esse caso vai levar? Aquele que têm de resolver primeiro.

Marie teria preferido que Grace não tivesse feito aquela pergunta.

Estavam a fazer tantos progressos.

– Devo informá-la de que se trata de um caso de uma pessoa desaparecida, Mrs. Black – declarou Jackman. – Não de uma criança, mas de uma adolescente e, nestas circunstâncias, tenho a certeza de que vai ser indulgente connosco durante um curto espaço de tempo. Inicialmente, havia três raparigas desaparecidas, mas já encontrámos duas. Uma está em segurança junto da família, mas a outra, infelizmente... está outra vez com a família, ainda que não da forma que esperávamos. Tenho a certeza de que vamos conseguir encontrar a terceira rapariga muito em breve. Temos pistas que estamos a seguir.

Grace abanou a cabeça com tristeza.

– Então desejo-vos toda a sorte do mundo, para bem da rapariga desaparecida e da família e também para o vosso.

Jackman levantou-se. Marie sentiu uma vontade esmagadora de fugir da sala. Havia demasiadas crianças arrancadas às famílias, demasiadas filhas perdidas das mães, demasiadas famílias de coração partido à procura de respostas.

Quando se dirigiam para a porta, Jackman parou e disse:

– Agradecemos muito o tempo que nos concedeu, Mrs. Black. Será contactada por nós o mais brevemente possível.

Grace Black levantou-se e inclinou a cabeça para o lado, fazendo Marie pensar num pássaro. Depois dirigiu-lhes um sorriso triste, dizendo:

– Sabem? Pela primeira vez, acredito que serei.

Capítulo Doze

Charlie Button, Max Cohen e Gary Pritchard estavam sentados na escuridão bruxuleante da sala dos monitores, os olhos fixados nas imagens de vídeo das câmaras que passavam nos ecrãs.

– Espero que vocês os três estejam a trabalhar e não a comer *Big Macs* e batatas fritas às escondidas.

Jackman deixou-se cair numa cadeira vazia e Marie olhou para o monitor, por cima do ombro de Max.

– Infelizmente, não temos essa sorte – respondeu Max, com os olhos no ecrã. – Ainda estamos à procura do encontro do Nick Barley com o chefe da Sicko Society.

– Bem, enquanto continuam, tenho uma boa notícia ali para o Agente Pritchard.

Gary pôs o vídeo em pausa e voltou-se para trás para olhar para ele.

– Senhor Inspetor?

– Desde há 10 minutos, estás na nossa equipa.

A cara de Gary franziu-se num sorriso.

– Isso é ótimo, chefe! Só espero ser capaz de ajudar.

– Tenho a certeza de que sim, Agente Pritchard. Ora bem, agrada-te ir e vir todos os dias ou podemos arranjar-te um sítio temporário em Saltern?

– Ele pode ficar no meu quarto das visitas, chefe – disse Marie.

Voltando-se para Gary, acrescentou:

– Se o quiseres, claro.

– Seria perfeito, desde que não a vá incomodar, Sargento?

Marie sorriu.

– Não há problema. Será bom ter mais alguém por perto, para além do gato.

E estava a ser sincera. Desde a morte do marido, tinha preferido ficar sozinha, mas ter apenas memórias antigas por companhia, por vezes, era deprimente. Gostava de Gary e acreditava que ele se sentia sozinho e que isso também se devia a uma perda trágica.

– Então está tudo resolvido – disse Jackman.

Gary estava a sorrir de orelha a orelha.

– Quando chegar a casa esta noite, vou escolher algumas coisas e reunir umas roupas. Posso mudar-me amanhã, se acharem bem? Será muito melhor estar à mão se precisarem de mim.

– É exatamente o que eu penso – retorquiu Marie. – Embora, se calhar, eu deva informar-te de alguns dos meus hábitos excêntricos antes de te comprometeres a ser meu hóspede.

Gary ergueu uma sobrancelha.

– Parece intrigante, mas estou disposto a correr o risco, Sargento. Depois de se viver em Harlan Marsh, já se viu de tudo. Aquele sítio tem personagens que fazem os excêntricos parecer normais!

Marie riu-se.

– Bem, acho que não sou assim tão má.

– Não acredites – soltou Max. – *Eu* já ouvi os boatos que correm na messe.

Marie deu-lhe uma palmada na parte de trás da cabeça, sentindo-se de repente muito satisfeita com a sua nova situação doméstica. Estava sozinha há demasiado tempo.

– Sargento! Chefe!

Gary parou a máquina e fê-la andar para trás uns quantos *frames*.

– Apanhei-os!

Marie olhou para duas figuras escuras, ambas bem enfiadas no fundo das sombras, ao passo que o jovem Nick Barley, ditosamente desprevenido, estava parado mesmo à frente da câmara de vigilância.

– Raios! Podem ser qualquer pessoa! – praguejou.

– Calma, Sargento. O da esquerda vira-se daqui a um minuto. Olhe ali – disse Gary, apontando para o ecrã.

– Aquele mais alto, o tipo é familiar. Acho que o conhecemos – murmurou Jackman.

– Talvez, mas... – Marie franziu os olhos enquanto tentava distinguir quaisquer características reconhecíveis.

– A qualidade é uma porcaria. Mesmo que ele fosse o maior bandido aqui da terra, nunca conseguiríamos uma identificação a partir disso.

– Vou arranjar umas impressões dos fotogramas. Talvez elas mostrem mais alguma coisa.

Gary foi falar com o responsável das TI e voltou uns minutos depois com um lote de fotocópias.

Jackman soltou um suspiro.

– Estas não são melhores. Max? Podes limpá-las, torná-las mais claras?

– Não, chefe. Dá para ver que o técnico fez o melhor possível. A cara do jovem Barley está clara como água, como podem ver. Mas o maioral e o comparsa dele mantêm-se perto do edifício e nas sombras mais profundas.

– Se são cá da zona, provavelmente conhecem as posições exatas das câmaras – resmungou Jackman. – Isto é tudo o que temos?

– Só nos falta investigar o último dos locais de encontro de que o Nicholas Barley nos falou – explicou Charlie, deitando-lhes um sorriso cansado. – Nunca se sabe, *pode ser* que tenhamos sorte.

– Ok. Vocês estão aqui desde madrugada, por isso acabem de ver isso e vão para casa. Não podemos fazer muito mais neste momento.

– Também se vai embora, chefe?

Marie reparou nas manchas escuras por baixo dos olhos de Jackman.

– Primeiro, preciso de falar com este Benedict Broome e depois pensei ir ver a Toni Clarkson a casa dela e tentar descobrir alguma coisa, *qualquer coisa*, que nos possa dar uma ideia mais clara da identidade da Emily.

– Vou consigo – disse Marie.

– Não, acabas as coisas aqui e depois, por amor de Deus, aproveita a oportunidade para descansar um bocado. Tenho a sensação de que as coisas vão aquecer rapidamente.

Espetou um dedo nas fotografias granulosas.

– Tem tudo a ver com as malditas festas, não é? O Nick Barley ajudou a organizar uma das festas, a Toni foi voluntariamente a uma, a Emily também e o Asher Leyton contou-nos que a Shauna Kelly lhe disse que tinha estado numa festa estranha e que ia a outra. *Temos* de descobrir uma maneira de acabar com elas antes que mais miúdos desapareçam ou sejam mortos!

Marie pensou em Emily. O tempo podia estar a esgotar-se para ela. *Fosse ela quem fosse.*

– Se ao menos conseguíssemos meter uma pessoa nessas festas – murmurou.

– Descubram-me um desses pontos de encontro e eu infiltro-me lá.

Rosie McElderry estava parada à porta, com uma expressão determinada nos olhos.

– O problema é *descobrir* o próximo – disse Gary desanimadamente. – Não te esqueças de que andamos um passo atrás desses tipos há meses e não estamos mais perto de os apanhar.

– Mas não tinham o Nick Barley, pois não?

Rosie olhou para as fotografias do rapaz.

– E desde que ninguém saiba que ele nos está a ajudar, pode ser a nossa maneira de entrar.

Jackman encheu as bochechas de ar.

– Ele disse-nos que se tinha pisgado de lá quando descobriu que estava a lidar com um monte de pervertidos. Pode não achar fácil voltar a entrar lá.

– Talvez não, mas estou disposta a apostar que conhece alguns dos miúdos que lá vão – disse Rosie teimosamente. – Pelo menos, vamos falar com ele.

Max franziu o sobrolho.

– Bem, se conseguirmos uma localização e uma hora, porque é que não nos limitamos a fazer uma rusga? Evitamos pôr a Rosie em perigo e prendemos os filhos da mãe, assunto resolvido!

Rosie sorriu.

– Que querido da tua parte, preocupares-te. Mas pensa bem, Max. Pode não *ser* assunto resolvido se uma carrinha carregada de chuis carregar. E se os chefes não estiverem lá? Duvido que os organizadores assistam a todas as *raves*. Ou se eles se piscarem e nós não os apanharmos? Tenho a certeza absoluta de que eles têm uma saída de emergência planeada. *E* o sítio pode estar cheio de menores. É demasiado problemático. Precisamos de mais informações antes de os podermos atacar.

– A Rosie tem razão – disse Jackman calmamente. – Precisamos de nos infiltrar numa dessas malditas festas.

– Talvez eu possa ajudar, senhor Inspetor.

Marie viu uma figura alta de pé atrás de Rosie. O sargento de serviço, Danny Page, de cara empedernida, entrou na sala dos monitores mal iluminada.

– Desculpe interromper, mas acho que deve ouvir o que uma nova testemunha tem a dizer sobre as vossas festas.

Jackman levantou-se.

– Finalmente apareceu alguém?

– De certa maneira – respondeu o sargento, empurrando uma adolescente loura para dentro da sala. – Senhor Inspetor, apresento-lhe a minha filha, Jasmine. Penso que vai descobrir que ela tem muito para lhe contar.

* * *

Meia hora mais tarde, o Sargento Page, com o braço à volta dos ombros da filha, escoltou-a para fora da esquadra. Jackman e os outros ficaram a discutir a atitude a tomar a seguir.

– Portanto, tudo o que precisamos é do telemóvel da amiga da Jasmine, a Chloe, e assim que o texto chegue, teremos a localização da próxima festa. Já está! Temos a morada dela. Quer que eu e o Max tratemos disso, senhor Inspetor? – perguntou Rosie, muito excitada.

Jackman concordou com a cabeça.

– Sim. Segundo o que a Jasmine ouviu, às vezes há várias festas numa semana, o que pode fazer com que a próxima seja a qualquer momento, até mesmo hoje à noite!

Olhou para Rosie.

– E não preciso de te dizer como deves lidar com a Chloe e o irmão, pois não? Há vidas em perigo. Podes matá-los de medo que eu não me ralo, limita-te a assegurar-te de que eles cooperam *e* que ficam de boca calada, ok?

Jackman e Marie voltaram para o andar de cima, deixando Gary e Charlie a verificar as últimas imagens das câmaras de vigilância.

– Acho que é melhor ficares por aqui até a Rosie e o Max voltarem.

Quero que estejamos todos muito perto dessa festa, seja ela onde for, se a nossa menina vai lá entrar clandestinamente.

– Não estou muito satisfeita por ela ir fazer isto sozinha – desabafou Marie.

– Bem, lamento dizer isto, mas não creio que qualquer um de nós pudesse passar por um adolescente.

– E porque é que não mandamos o Max com ela? – perguntou Marie. – Ele pareceu bastante preocupado por ela ir fazer isto sozinha.

– O Max não é lá muito bom a fingir-se pobre e sujo – respondeu Jackman, soltando uma pequena gargalhada. – Lembras-te daquela vez que tentámos dar-lhe um ar um bocado mais rude? Continuou a parecer que tinha acabado de sair da capa da *GQ*. É um jovem que gosta de estar na moda, mas não é de maneira nenhuma o tipo de frequentador de festas desta natureza. Ia dar imediatamente nas vistas. E, de qualquer maneira, acho que a Rosie dará menos nas vistas se fizer isto sozinha.

– Então é uma escuta?

– Não te preocupes. Não a deixaria ir sem uma. Precisamos de saber o que se passa a cada segundo. Não lhe vai acontecer nada, Marie. Conheces a Rosie. Isto faz tudo parte do trabalho, é o que nós fazemos. Ela é um osso duro de roer quando é preciso e sabe tomar conta de si própria, por isso deixa de te enervares – rematou ele, olhando para o relógio. – Vou ligar ao Benedict Broome. E ainda tenho esperanças de ir visitar a Toni Clarkson, mas calculo que isso vá depender se há ou não uma das nossas festas horríveis. Talvez possas ver se o Agente Andy English teve alguma sorte com o alvará de construção?

Jackman entrou no gabinete, agarrou no cartão esfrangalhado que Kevin Stoner lhe tinha dado e marcou o número.

Benedict Broome respondeu numa voz profunda, as palavras claramente enunciadas.

Jackman apresentou-se e contou-lhe resumidamente o que se passava com a rapariga desaparecida e com a visita anterior à propriedade dele, em Roman Creek.

– O Mr. Lee informou-me – retorquiu Broome, com um leve tom divertido na voz. – Espero que a aparência bastante avassaladora dele não tenha perturbado os seus agentes. E espero que ele tenha sido amável. Às vezes, consegue ser demasiado protetor em relação à velha propriedade.

– Os meus homens referiram realmente o tamanho dele, mas posso garantir-lhe que foi suficientemente prestável para lhes fazer uma visita guiada.

Jackman continuou dizendo que, considerando o tamanho de Windrush, iriam precisar de uma busca mais extensiva, pedindo-lhe autorização para a levar a cabo.

– Claro que tem de a fazer, Inspetor. Vou informar o Mr. Lee imediatamente e dizer-lhe que o senhor tem a minha completa autorização.

Depois de umas palavras de agradecimento, Jackman desligou.

O homem tinha sido encantador e a preocupação que demonstrara pela rapariga desaparecida parecera genuína. Jackman olhou fixamente para o telefone. Então, porque é que se sentia tão inquieto?

Marie entrou depois de uma leve batida na porta.

– O Andy já saiu, mas deixou-lhe isto.

Jackman agarrou no memorando e leu-o em voz alta:

Senhor Inspetor, em relação ao alvará de construção para o projeto do Benedict Broome em Windrush. Saberei mais depois de ter falado com o funcionário principal do conselho municipal amanhã, mas desconfio que as coisas não são tão simples. Tenho a certeza de que merece outra vistoria. Agente Andy English.

Algo em Jackman quis dar um salto, agarrar numa carrinha cheia de polícias e arrancar imediatamente para Windrush. Precisavam de revistar o sítio segundo as condições deles e não as do guarda gigantesco, Mr. Micah Lee.

– Lamento dizer que já é demasiado tarde para agirmos hoje. Já não restam horas de luz suficientes. Vamos amanhã. Porque é que não vais lá abaixo ver quanto apoio é que o pessoal fardado nos pode dar? Vamos precisar de uma equipa bastante grande para um sítio com aquele tamanho.

Marie assentiu.

– Vou ver o que consigo arranjar.

À porta, a sargento hesitou.

– Avisa-me assim que a Rosie e o Max voltarem, não avisa?

– Claro que sim – respondeu Jackman.

Ficou a observar a sargento a sair da sala. Compreendia perfeitamente as preocupações dela. O denominador comum nesta investigação eram mulheres jovens e Rosie era uma jovem bonita, que parecia muito mais nova do que a idade real. Mas também era uma polícia com experiência e muito capaz. Não tinha a menor dúvida de que era perfeita para a tarefa. Mesmo que fosse arriscada.

Capítulo Treze

Depois de ter combinado com os agentes fardados uma busca em grande escala a Windrush, Marie voltou para o gabinete para ir buscar o casaco e as chaves. Jackman estava sentado na borda da secretária dela, absorto nos seus pensamentos.

– Julgava que ia visitar a Toni Clarkson?

– E vou, mas tenho estado a pensar. Queres vir comigo?

– Claro, mas porquê a mudança de opinião?

– O pai dela. Se eu for sozinho, não há grandes hipóteses de conseguir falar com ela sem ele se sentar a assistir e não é isso que eu quero. Se também lá estiveres, deveremos ser capazes de a apanhar sozinha.

– Concorde. Ela falará muito mais livremente se os pais não estiverem por perto.

Olhou para ele e perguntou:

– Alguma notícia da Rosie?

– Está marcado para hoje às 10h da noite. O Max ligou-me mesmo antes de teres entrado.

– Onde? – perguntou Marie, sentindo a garganta a contrair-se.

– Segundo parece, eles só divulgam o local meia hora antes de começar.

Não tenho a certeza do que a Rosie e o Max lhes disseram, mas embora a Chloe esteja muito lixada, o irmão, o Luke, está a cantar como um passarinho. O Max acha que ele ouviu qualquer coisa sobre o que se passou lá há mais ou menos uma semana e, além disso, o miúdo confirmou que a Shauna Kelly era uma das frequentadoras das festas. *E* está muito desejoso de nos ajudar – atirou Jackman, dirigindo-lhe um sorriso tenso. – Disse à Rosie que ela pode usar o nome dele para entrar.

– E ela confia nele?

– O Luke já anda nisto há bastante tempo. Não está em todas as festas, mas vai a bastantes. É considerado «seguro» pelos organizadores, não que ele saiba muito sobre eles.

– E onde é que a Rosie está agora? – perguntou Marie.

– Foi pedir à sobrinha que lhe empreste uma vestimenta suficientemente

na moda. Vai voltar às 10h para esperar pelo telefonema.

Jackman olhou para o relógio na parede.

– Ainda são só seis, por isso temos tempo de sobra para irmos falar com a Toni, jantar qualquer coisa e descansar umas horas – disse, levantando-se. – Pronta?

– Pronta.

* * *

Jackman conduziu depressa pela terra pantanosa e desolada em direção a Harlan Marsh. A viagem longa e bordejada por juncos parecia interminável. Abandonou um bocadinho. Desde o primeiro dia em que tinha começado a guiar neste terreno, tinha aprendido que nunca se deve subestimar estas estradas aparentemente benignas. Uma mudança na curvatura, uma ponte arqueada, uma curva inesperada ou até a simples complacência podiam fazer uma pessoa enfiar-se numa vala profunda em segundos.

O cansaço dominou-o quando fez uma curva e viu a cidade de Harlan Marsh à frente dele. Na realidade, esta visita podia ter esperado até de manhã, mas nessa altura ia precisar de levar a equipa de buscas para o velho sanatório.

Neil Clarkson abriu a porta. Não se mostrou exatamente hospitaleiro.

– Não se demore, Inspetor Jackman, a minha filha está exausta.

Talvez, mas *está* viva, pensou Jackman com os seus botões, e em segurança, ao contrário da pobre Emily.

– Claro, Mr. Clarkson. Apenas uns minutos com ela e deixamo-los em paz.

Clarkson franziu o sobrolho.

– Sozinha?

– É melhor assim, se não se importar. Os jovens não gostam que os pais ouçam os seus segredos.

Clarkson recuou relutantemente e apontou para o corredor comprido.

– Terceira porta do lado direito. Batam com força, o mais provável é ela ter os fones postos.

O quarto de Toni era uma completa mistura de coisas infantis e de coisas adolescentes. Dois ursos de peluche sentavam-se à frente de um póster que mostrava umas criaturas noturnas agarradas num abraço sangrento e com presas pontiagudas. Os sobrinhos de Jackman adoravam a saga *Twilight*, mas isto tinha uma intensidade mais sinistra e erótica. Jackman tinha a certeza absoluta de que os pais não se sentiam particularmente felizes com a escolha das ilustrações da filha.

– Que música é que estás a ouvir? – perguntou Jackman enquanto Toni tirava os auscultadores.

– Uma banda chamada Taking Back Sunday – respondeu a rapariga,

olhando pacientemente para Jackman. – De certeza que nunca ouviu falar dela.

– Oh, não esperava que fosses uma *emo*.

Por uns instantes, os olhos de Toni abriram-se com um laivo de divertimento, mas ela não disse nada. E ainda bem, porque tinha sido pura sorte ter ouvido recentemente uma entrevista sobre a subcultura *emo*, na Radio 4.

– Tenho estado a pensar na Emily – disse Toni devagar. – Já vos contei que ela falava de forma esquisita?

– Tipo, como se tivesse um defeito de fala? – perguntou Marie.

– Não, com sotaque. Acho que ela era da Europa do Leste.

Os dedos de Toni passavam indolentemente pelo ecrã do telemóvel e fotografias de cores brilhantes iam cintilando nele.

– Não tenho a certeza, mas consigo lembrar-me de uma coisa qualquer sobre avós que se recusavam a sair da aldeia deles, ainda que ela fosse uma verdadeira porcaria. Sabem? Tipo, bombardeada?

Jackman encheu as bochechas de ar e exalou devagarinho. Se calhar, era por isso que não tinham nenhuma informação sobre uma pessoa desaparecida. Havia uma enorme comunidade de trabalhadores migrantes de países da UE a viver em Greenborough, mas mantinham-se unidos e não confiavam na polícia.

– E o nome dela não é realmente Emily.

Toni olhou para uma fotografia de um jovem de ar temperamental, com um torso bronzeado e dentes branqueados.

– Ela disse que os ingleses não conseguiam pronunciar corretamente o nome verdadeiro dela, por isso escolheu chamar a si própria Emily, porque gostava do nome.

Jackman esfregou a testa e tentou pensar. Isto estava a tornar-se cada vez mais problemático a cada segundo que passava.

– E não me consigo lembrar de mais nada.

Toni varreu o rapaz bonito do ecrã, substituindo-o por uma personagem do Pokémon.

– Portaste-te como uma valente, Toni – disse Marie numa voz suave.

– Acham que ela está morta?

A pergunta direta fez Jackman estremecer.

– Estamos a fazer todos os possíveis para a encontrar antes que qualquer coisa desse género possa acontecer.

– Eu acho que ela está morta. Os homens naquele sítio... – soltou Toni, estremecendo involuntariamente. – Eu vi-lhes os olhos, principalmente os de um, aquele que me magoou. Tinha uns olhos horríveis.

– O que é que queres dizer? – perguntou Marie gentilmente.

– Tipo, vazios. Tipo, iá, ele estava todo excitado com o dia em que ela tinha nascido e isso tudo, mas, mesmo nessa altura, os olhos continuavam inexpressivos. Como num filme de *zombies*, mas eu nunca tinha visto um ser

humano com esse ar.

Jackman sentiu um calafrio a percorrê-los a todos quando Toni falou do homem que a tinha levado. Tinha-a aterrorizado completamente e Jackman teve a certeza de que seria preciso mais do que algum tempo para que aquelas recordações horríveis desaparecessem.

Marie olhou para ele e Jackman percebeu que ela estava a pensar a mesma coisa.

Marie desviou a conversa dos olhos mortos:

– Toni, quando falámos contigo no hospital, disseste que havia alguém a cantar. Lembras-te disso? Podes explicar o que é que querias dizer?

Toni franziu a cara, concentrando-se.

– Tinha-me esquecido disso. Pareceu tão esquisito! Quer dizer, totalmente sinistro. Naquela cave malcheirosa com as velas e o vinho e a música estilo *funk* a tocar, um tipo começa a chorar e a voz dele era...

Ergueu as mãos num gestozinho de assombro.

– A de um menino de coro! Mas melhor, mais forte. Quer dizer, mesmo poderosa, como se ele não conseguisse controlar o volume. Era a modos que espetacular.

Marie olhou de relance para Jackman e encolheu os ombros.

Jackman franziu o sobrolho. Tinha a certeza de que esta informação era imensamente importante.

– Obrigado, Toni. E agora vamo-nos embora. Acho que já é altura de descansares um bocadinho, ok?

Tirou um cartão da algibeira e entregou-lho.

– Talvez possas apontar qualquer outra coisa de que te lembres. Qualquer coisa, por mais pequena que seja... e telefonar-me?

A rapariga agarrou no cartão e os dedos gelados tocaram os de Jackman quando o fez.

– Estou sempre a vê-la. Vejo a cara dela quando eles a arrastaram para longe.

Pousou o cartão na mesinha de cabeceira e voltou-se lentamente para eles. Os olhos estavam cheios de lágrimas.

Marie agarrou na mão da rapariga.

Com a mão colada às costelas, Toni passou o braço magro à volta de Marie, apertando-a com força, escondendo a cara no peito da sargento.

– Tudo por causa do aniversário dela – soluçou. – Se tivesse sido diferente, podia ter sido eu a ser levada, não é verdade?

A miúda insuportável e mal-educadzinha tinha-se esfumado.

Marie afagou o cabelo da rapariga, emitindo sons tranquilizadores.

– Mas não foste tu, pois não, querida? Estás a salvo em casa, onde deves estar. Agora tudo o que tens de fazer para ajudar a Emily é escrever todas as recordações, tudo o que te vier à memória, ok? E depois, quando a encontrarmos, e nós *vamos* encontrá-la, Toni, podes pôr tudo isto para trás das costas e continuar com a tua vida.

A rapariga chorou durante mais um bocadinho e Jackman apercebeu-se de que o pai estava à espera ansiosamente do outro lado da porta. Pelo menos, tinha o bom senso de não entrar.

Foram-se embora 10 minutos depois, convencidos de que havia de facto outra jovem vítima algures, à espera de que eles a encontrassem. Mas iriam encontrá-la viva?

* * *

Enquanto o carro acelerava em direção à esquadra, Jackman disse:

– Espero estar certo, mas a minha governanta costuma deixar-me comida quente quando andamos com muito trabalho. Queres partilhar?

Marie já tinha ouvido falar dos lendários pratos caseiros de Mrs. Maynard e tinha o estômago a dar horas.

– Adorava, se tiver a certeza.

– Excelente – retorquiu ele, dirigindo-lhe um pequeno sorriso. – Embora, provavelmente, vá ser a primeira vez que ela se esqueceu. Mas não há problema, tenho sempre uma refeição M&S algures no congelador, para as emergências.

Saiu da estrada principal e dirigiu-se para Cartoft.

– Assim vamos ter oportunidade de planear o que faremos hoje à noite e discutir o que acabámos de ouvir da Toni.

– E num ambiente mais simpático do que a esquadra.

Marie adorava a casa-moinho de Jackman, era tão acolhedora. Seria capaz de dar este mundo e o outro por uma casa como aquela. Bill tê-la-ia adorado. Conseguia imaginá-lo no velho armazém a trabalhar pacientemente no motor de uma mota qualquer antiga. Soltou um suspiro involuntário.

– Sentes-te bem? Não estás outra vez preocupada com a Rosie, pois não?

– Não, apenas uma lembrancinha do passado. Às vezes, há coisas que nos aparecem sorrateiramente quando menos as esperamos.

– O Bill?

Ela assentiu.

– Sei que não adianta nada, mas quando uma pessoa morre demasiado cedo, quando ainda é nova, não conseguimos evitar perguntar o que ela se teria tornado – disse Marie, esfregando as mãos pensativamente. – Tento imaginar o que é que ele teria feito em relação a tudo: o policiamento moderno, toda a tecnologia nova, como os carros que se estacionam sozinhos e os telefones que comandam o nosso aquecimento central.

Riu-se suavemente.

– Na verdade, ele era um bocadinho tecnofóbico. Acho que era por causa disso que ele gostava tanto das motas antigas. Gostava de coisas que cheirassem a óleo e em que se pudesse remexer e voltar a pôr a funcionar. Ligar o carro a um leitor de diagnóstico computadorizado não lhe interessava

nada. E julgo que não teria gostado nada de ter as nossas compras entregues por um *drone*.

Jackman assentiu com a cabeça.

– Eu sinto um bocadinho o mesmo. Isto é, gosto imenso que a ciência nos tenha dado maneiras de resolver crimes muito mais rapidamente e os avanços nas ciências médicas são inegáveis, mas acho que o meu coração se sente mais feliz com as coisas mais simples.

Marie afastou os pensamentos sobre o passado quando se apercebeu de que estavam a virar para a estrada estreita que levava a casa dele.

– Façamos figas para que a Mrs. M. se tenha saído com alguma magia na minha cozinha – disse Jackman, sorrindo-lhe. – E parece-me que um copinho de vinho fortificante não caía nada mal.

Estacionou debaixo do telheiro para os carros, desligou o motor e abriu a porta.

– Sentes o cheiro a comida?

Marie saiu do carro e inspirou.

– Estou a sentir um cheirinho a caril. Há algum restaurante indiano em Cartoft?

– Não há nada em Cartoft, mesmo nada, para além da igreja e da junta de freguesia, por isso é um bom augúrio.

Apressaram-se em direção ao moinho.

O cheiro a especiarias aromáticas recebeu-os à porta.

– Oh, sim! – exclamou Jackman com os olhos a iluminarem-se. – Não vai ser nada parecido com o que encontrarias num restaurante de caril. A Mrs. M. não usa receitas, faz apenas o que lhe ocorre.

Levou-a até à cozinha, agarrou numa folha em cima da mesa e leu-a em voz alta:

Há caril de frango a conservar-se quente no forno pequeno e tem um bocado daquele pão estrangeiro de que gosta num tabuleiro tapado com papel alumínio. Aqueça-o uns minutos. Não se esqueça de que o jardineiro vem na quinta-feira para aparar as sebes. Hetty.

Marie sorriu.

– Gostava de ter uma Mrs. M. Aluga-a?

– Ela vale o peso em ouro, podes crer.

Jackman despiu o casaco e atirou-o para as costas de uma cadeira.

– Põe-te à vontade. Vou buscar o vinho enquanto o *naan* está a aquecer.

Abriu o frigorífico e tirou uma garrafa de Chardonnay.

– Não faço ideia nenhuma da razão, mas é perfeito com o caril de frango.

– É melhor não ser demasiado bom, ou teremos de cancelar o ataque

desta noite.

– Não te preocupes. Estou a racioná-lo.

Encheu dois copos, tornou a pôr a tampa e meteu a garrafa no frigorífico.

Poucos minutos depois, estava a deitar a comida em duas grandes tigelas e a pôr o pão quente num prato entre ambos.

– Ataca e saboreia.

Enquanto comiam, falaram sobre Toni e as coisas preocupantes que ela contara. Se Emily era uma trabalhadora migrante, encontrá-la seria difícil devido à comunidade muito unida em que devia viver. Passado um bocado, Marie disse:

– Sei que amanhã temos de lidar com as buscas em Windrush, mas não nos podemos esquecer de que temos de ir falar com os residentes de Allenby Creek.

Acabou a última garfada e continuou:

– De certeza que alguém viu alguma coisa, certo? É um sítio tão fora do caminho que se espera que um carro estranho ou uma pessoa desconhecida dê nas vistas.

– Vamos ter esperança de conseguir descobrir alguém que os agentes tenham deixado passar quando andaram de porta em porta.

Jackman pôs-se em pé e levantou os pratos.

– Oh, meu Deus, como o tempo voa! Obrigado, Mrs. M. Muito grato.

– Apoiado – disse Marie, sorrindo-lhe. – Quanto a hoje à noite. Sinto-me bastante...

Fez uma pausa.

– Excitada? Apreensiva?

– Um bocadinho das duas, acho. Esta missão da Rosie pode fornecer muita informação, mas, ao mesmo tempo, os homens que fazem este tipo de coisa fazem-me sentir quase homicida, além de agoniada – respondeu Marie com uma cara enojada.

– Solidarizo-me com isso, acredita. É por isso que temos de os apanhar o mais depressa possível.

– Sim, eu sei – concordou Marie. – Só espero que não estejamos a meter a Rosie numa situação que seja demasiado perigosa.

– Vamos estar todos perto. Se ela tiver o mais pequeno problema, esse clube nem vai perceber o que lhe vai cair em cima – respondeu Jackman, estreitando os olhos. – Mas tenho a impressão de que ela só irá apalpar o terreno hoje à noite. Vai reunir o maior número de informações que conseguir sem se desmascarar e sair com a opção de poder voltar, se for necessário.

Sorriu a Marie.

– Pela primeira vez, não partilho as tuas preocupações. Acho que a Rosie vai ser excelente nisto. Já andou infiltrada e, aparentemente, com muito êxito.

Talvez fosse o facto de um ser homem e o outro mulher a causa desta rara diferença de opinião entre ela e Jackman. Marie esperava ferverosamente estar enganada e que viesse a ser Jackman a dizer: «Eu bem te disse.» – Ora

bem, queres um café antes de planearmos a estratégia para hoje à noite?

– Perfeito, obrigada.

Marie inspirou fundo e decidiu que já que a noite ia mesmo acontecer assim, fosse como fosse, era melhor estar preparada.

– Vamos lá tratar disso.

* * *

À medida que as 10h da noite se iam aproximando, Jackman começou a sentir a mesma mistura de apreensão e excitação. O plano estava longe de ser perfeito. Como não faziam ideia de para onde iam, não podiam planejar um reconhecimento ou um apoio adequados. Teriam de improvisar.

Rosie, com uma indumentária que teria escandalizado Jackman em qualquer outra ocasião, olhava fixamente para o telemóvel de Chloe, desejando que tocasse.

Marie andava de um lado para o outro na sala do DIC, tal como Max Cohen. De facto, pensou Jackman, Max estava ainda mais preocupado do que Marie, o que não era nada típico dele. Geralmente, adorava este tipo de coisas.

– Bingo! – sussurrou Rosie, agarrando no telefone.

Toda a gente susteve a respiração.

– Jubilee Lane, o velho clube de remo ao pé do moinho.

Rosie fechou a tampa do telemóvel com um estalido e levantou-se de um salto.

– Alguém conhece? Porque eu cá, não.

– Descontrai, florzinha – retorquiu Max, introduzindo os dados no computador. – Fica apenas a uns 20 minutos de distância, na estrada para Harlan Marsh. Eu costumava ir pescar ali perto com um camarada. O moinho está em ruínas e completamente entaipado. Estou a receber uma fotografia de satélite da área.

– Tanto quanto me lembro, o clube também está fechado. Houve um fogo há uns anos atrás e mudaram o clube de remo para outras instalações.

Jackman assentiu para si mesmo.

– Não há residências na área e tudo o resto está abandonado, por isso é um sítio perfeito para uma festa – disse.

Virando-se para Gary, continuou:

– Vai dar a localização exata aos agentes. Quero uma equipa bem afastada, mas suficientemente perto se precisarmos deles. E silêncio, muito silêncio, se fazem favor. Nada de luzes a brilhar nem de sirenes a tocar em circunstância nenhuma.

– Cá vamos nós – disse Max, mostrando uma vista aérea da casa em ruínas e esquadrinhando os arredores. – Se largarmos a Rosie aqui – apontou para um caminho estreito, – ela pode atravessá-lo e chegar ao caminho principal que dá para o sítio. Imagino que a maior parte das pessoas que vai

para a festa virá desta direção, da estrada principal.

Passou o dedo pela margem do rio.

– Acho que podemos encontrar bons esconderijos ao longo do caminho para levar os barcos à sirga e à volta do moinho. Precisamos de estar o mais perto possível.

Jackman endireitou-se.

– Concordo. Estão todos prontos? Então vamos lá. Rosie? Ainda disposta a isso?

– Sempre! Vamos lá!

Jackman sorriu para aqueles olhos inteligentes a brilhar por trás das pestanas falsas. A escolha da indumentária e da maquilhagem de Rosie fazia-a parecer ter à volta de 16 anos. A única pessoa ali que não estava toda acelerada era Marie, não tinha dito praticamente nada desde que tinham chegado. Isso estava a preocupar Jackman, mas sabia que ela ia estar com eles sempre se a coisa desse para o torto.

– Verifica o microfone dela, Max. Não podemos arriscar perder o contacto.

– Já está feito, chefe. E não é um microfone normal. Fui eu próprio que o adaptei. É topo de gama. Ela tem o melhor sinal e o maior alcance disponíveis.

Jackman olhou em redor.

– Então vamos lá, gente. E boa sorte. Temos de descobrir os podres de uns gajos mesmo beras.

Tocou no ombro de Rosie.

– Tem cuidado lá dentro, Rosie. Ao *mínimo* problema, saís. E estou a falar a sério. Nada de heroísmos, dá de frosques e depressa.

Capítulo Catorze

Rosie colocou-se discretamente atrás de um grupo de quatro ou cinco jovens e tentou ouvir a conversa deles. Era evidente que já estavam bastante bêbedos, ainda antes de chegarem às bebidas grátis. Rosie sentiu a raiva a crescer. Estes miúdos idiotas eram presas tão fáceis para os perversos. Inspirou fundo. Precisava de se manter concentrada. Não podia dar-se ao luxo de deixar escapar uma única coisa.

Uma das raparigas à frente dela estava pendurada num rapaz magricela e de cabelo eriçado, a espetar-lhe um dedo enquanto ia cambaleando ao lado dele.

– E podes manter esses teus olhinhos esfomeados afastados dessa cabra ruiva se ela voltar a aparecer hoje à noite. Eu vi-te, Calvin, com a língua pendurada até ao umbigo.

Calvin encolheu os ombros.

– Não sei de que é que ‘tás praí a falar. Tu sabes, Billy?

O outro rapaz deu um pontapé a uma lata de bebida vazia enquanto caminhava vagarosamente, as mãos enfiadas até ao fundo das calças de ganga.

– Népia. A não ser que te refiras à pega com aquele carimbo de vagabunda?

Rosie tentou esconder um sorriso. Sabia que o rapaz se estava a referir a uma tatuagem que a rapariga tinha logo acima do rabo.

As outras duas raparigas, de braço dado e a cambalear nos saltos altos das botas da moda, riram-se alto.

– Sim! Nós vimos-te, Calvin. Não conseguias tirar os olhos das tetas dela, pois não?

Calvin continuou a caminhar calmamente.

– Tretas. Vocês estavam todas demasiado bêbedas para saberem o que se estava a passar.

Rosie tinha estado a contar conseguir esgueirar-se para a festa como se fizesse parte do grupo, mas enquanto se dirigiam para o casco escuro da casa dos barcos, resolveu ficar para trás e entrar sozinha. Se ia haver uma confrontação, seria melhor manter-se longe dos outros miúdos.

O que veio a provar-se fácil.

– Não te conheço.

O homem que estava parado logo a seguir à porta era esbelto e bem vestido, com um leve sotaque nortenho. Agarrou-a pelo pulso e parou-a.

– Sou uma amiga do Luke – disse Rosie, com um sorriso aborrecido. – Ele hoje não pode vir, mas disse-me que me podia divertir.

Olhou diretamente para os olhos do homem e passou a língua vagarosamente à volta dos lábios escarlates.

– *Você* acha que me divertiria aqui?

O homem largou-a e sorriu-lhe dengosamente.

– Oh, acho que vais divertir-te à grande, meu anjo. Se tiveres sorte, vai ser uma grande farra. E, se te *divertires*, vem ter comigo antes de te ires embora. Talvez possa arranjar maneira de te tornar uma cliente habitual.

– Obrigada – respondeu Rosie, soprando-lhe um beijo e desaparecendo dentro da casa dos barcos. – Oh, foi tão fácil – sussurrou, sabendo que Max e Charlie estariam algures ali perto, a ouvir as palavras todas que dissesse.

Algures, mais à frente, Rosie ouviu música. Seguiu outros burguistas ao longo de uma grande área deserta, revestida de prateleiras metálicas que sobressaíam das paredes. Calculou que, outrora, os barcos a remos deviam ter estado armazenados ali.

– Por aqui.

Um homem parado nas sombras orientava os adolescentes para uma grande sala repleta de gente, nas traseiras. Havia uma dúzia de mesas pequenas com garrafas de vinho vazias a servir de castiçais. Tendo em conta que era uma espelunca, a sala tinha uma atmosfera estranhamente aconchegante. A música *tecno* estava alta e a batida reverberava-lhe pelo corpo, fazendo-a questionar-se sobre o efeito que teria no microfone.

– Um copo? É de borla.

Um homem mais velho agarrou-a pelo braço e levou-a para uma mesa carregada de latas de cerveja e cidra e de dezenas de copos de vinho de plástico.

– És nova aqui, não és? E estás sozinha? – perguntou, olhando-a inquiridoramente. – Ora bem, pergunto-me se isso será corajoso ou uma parvoíce?

Rosie tirou-lhe uma fotografia mentalmente. O homem andava pelos 40 anos, com cabelo fino e desgrenhado, olhos pequenos e um nariz comprido e afilado. O cós do fato barato debatia-se com a barriga. Tinha muito mau gosto na roupa.

– Faço o que me apetece – retorquiu-lhe desdenhosamente, agarrando num copo de vinho branco, que não tinha a menor intenção de beber. – Não preciso de guarda-costas.

– Bem, isto fica muito intenso aqui, à medida que a noite avança. Espero que estejas preparada para isso.

Estou preparada para te ver numa cela, sacana. Rosie encolheu os

ombros e respondeu:

– Intenso é fixe.

O homem sorriu-lhe lubricamente e ela sentiu-lhe os olhos na minissaia vermelho-vivo.

– Então como é que nos descobriste? – perguntou-lhe ele, bebericando o que parecia uísque puro de um copo de linhas direitas.

– Foi um amigo que me contou.

– E quem foi esse amigo? – perguntou o homem, sem descolar os olhos glutões dos dela.

– O Luke, se é que tens alguma coisa com isso.

– O Luke Jones?

Rosie pensou rapidamente. O apelido de Luke e Chloe era Perry, mas será que ele usava um nome falso quando lá ia?

– O Luke do cabelo preto com a faixa loura à moicano e do hálito capaz de desentupir canos.

– Ah – disse o homem, afastando-se dela. – Bem, querida, diverte-te. Ei, como é que te chamas?

– Petra – respondeu Rosie.

A seguir, lembrando-se da razão por que estava ali, acrescentou:

– E tu?

O homem apertou os lábios e olhou duramente para ela. Era evidente que nunca lhe tinham feito tal pergunta.

– Harry.

– Dirty Harry? – perguntou-lhe ela, passando os dedos pela lapela do fato barato e vendo-lhe a maçã de Adão a subir e a descer.

– Às vezes – respondeu ele num murmúrio rouco.

Rosie interpretou aquilo como uma deixa para se ir embora.

– Então vemo-nos mais tarde, Harry... talvez.

Ou talvez não, meu grande nojento.

Rosie dirigiu-se para uns miúdos que se balançavam numa pista de dança improvisada. Ninguém lhe prestou atenção enquanto dançava pelo meio deles até ver um sítio do lado mais afastado da sala onde podia olhar em redor da sala inteira.

Precisava de descobrir um frequentador habitual, alguém que quisesse falar com ela. Fingiu bebericar o vinho enquanto investigava os candidatos possíveis. Teria de ser um rapaz. As raparigas não seriam amistosas, iam vê-la como uma ameaça.

Passado um bocado, viu um rapaz ligeiramente mais velho, sentado sozinho, apenas com uma lata de cerveja como companhia. Tanto quanto podia perceber, não havia raparigas à volta dele e o moço não tinha feito qualquer esforço para dançar ou meter conversa com ninguém.

– A ir meter conversa com um dos locais – sussurrou para um Max invisível.

– Esta cadeira está ocupada?

Sem esperar resposta, Rosie sentou-se e cruzou sedutoramente as pernas compridas.

– Agora, parece que está.

Por uns instantes, julgou que o rapaz se ia levantar e pôr-se a andar.

– Não conheço ninguém aqui – disse ela suavemente.

– Bem, não perdes nada – respondeu ele, olhando em volta. – Uma data de punheteiros.

– Oh, disseram-me que estas festas eram mesmo porreiras – insistiu Rosie, sorrindo-lhe envergonhadamente. – Sou a Petra.

O rapaz passou a mão pela guedelha escura e mirou-a pensativamente.

– Não pareces uma dessas cabras que este sítio costuma atrair. Sou o Will.

– E porque é que cá vens se isto é uma trampa tão grande?

– Boa pergunta – retorquiu Will, bebendo um grande trago da cerveja. – Para manter debaixo de olho uma pessoa que não devia cá estar, mas que parece ter vontade de morrer.

– Namorada? Irmã?

– O estúpido de um irmão, na realidade.

Revirou os olhos.

– E o gajo até era um puto tão querido.

Will baixou o braço junto à cadeira, agarrou numa segunda lata de cerveja e passou-lha.

– Se queres uma bebida, Petra, toma esta. Nunca toques no vinho ou em qualquer coisa que alguém te ofereça que já tenha sido aberta.

Rosie pousou o copo de vinho na mesa riscada e húmida e aceitou a lata. Puxou o anel para trás, deixou que a espuma assentasse e depois bebeu.

– Já devia ter pensado nisso. Já viste mesmo meterem cenas nas bebidas?

– Imensas vezes. Faz tudo parte da diversão... pelo menos, é o que eles me dizem.

– E aquilo também? – perguntou Rosie, apontando para uma mesa comprida envolta pelas sombras, na parte de trás da sala.

Três homens estavam sentados no lado mais afastado da mesa a observar atentamente os adolescentes, em especial um par que estava a apalpar desesperadamente os corpos enroscados um do outro. Rosie viu uma luzinha vermelha. Um dos homens estava a usar uma pequena câmara digital portátil

– Como já te disse, são uns punheteiros. Não há almoços nem bebidas grátis, Petra – retorquiu Will, fungando. – Oh, esta noite não te vai acontecer nada. Nunca tentam nada na primeira visita, mas, passadas umas vezes, vão querer pagamento, numa forma ou noutra. Sabes o que é um *voyeur*?

– Melhor do que pensas – murmurou ela, sabendo que ele não a conseguia ouvir acima da música. – Se esses tipos são uns perversos, porque é que ninguém os para? – perguntou, esperando parecer ingénua.

– Os homens tiram fotografias de toda a gente e assustam-te ameaçando

que mandam fotografias aos teus pais ou a quem quer que julguem que te assusta mais.

Olhou com muita tristeza para o outro lado da pista, onde um rapaz mais novo estava a ser acariciado por uma rapariga bêbeda com um corte de cabelo de meter dó e uma maquilhagem à espantinho que até teria assustado os pássaros.

– E como estes idiotas acabam quase todos meio nus e de cabeça perdida, não é uma coisa que queiram partilhar com a Mamã e o Papá.

Rosie seguiu-lhe o olhar.

– O teu irmão?

Will assentiu com a cabeça.

– O Sean. Só tem 14 anos e, pela maneira como se anda a comportar, vai precisar de ter muita sorte para aguentar os próximos meses sem apanhar uma DST.

– E ele não te dá ouvidos?

Rosie estava a fazer um esforço para não parecer demasiado adulta, mas tinha uma forte convicção de que Will estava a ser sincero.

– Ele está viciado nestas festas. E tirando amarrá-lo para que não se mexa, o melhor que posso fazer é estar aqui a vigiá-lo – respondeu o rapaz, franzindo o sobrolho. – Não tenho provas, mas acho que aqui acontecem coisas piores do que apenas uns quantos tipos velhos a masturbarem-se com algumas miúdas excitadas.

Rosie engoliu em seco.

– Tipo o quê?

– Não quero assustar-te e, provavelmente, estou enganado, mas acho que certas raparigas são «escolhidas», se é que me estás a entender, para outras coisas.

– Filhos da mãe nojentos! Parto do princípio de que estás a referir-te a sexo?

– Para que outra coisa é que as iam querer? – ripostou Will sombriamente. – Já vi alguns desses velhos a chamar à parte algumas e, a seguir, elas desaparecem, somem-se simplesmente.

Voltou para Rosie uma cara muito séria.

– Tu não pertences aqui. Vai-te embora enquanto podes – e não voltes.

– Sou capaz de fazer isso mesmo, Will. Diz-me, já conhecestes uma rapariga chamada Emily nestas festas?

Will abanou a cabeça.

– Acho que não. Porquê?

– É uma amiga minha – mentiu Rosie. – Começou a andar com segredinhos comigo e já não a vejo há uns dias. Estava a pensar se estaria a vir para aqui, mais nada – replicou, olhando outra vez à volta. – Mas e tu? De certeza que os homens que dão estas festas se apercebem de que tu não, hum... te misturas?

Will sorriu-lhe.

– Bem, na realidade, não estou morto da cintura para baixo. Para poder prestar atenção ao Sean, de vez em quando descubro uma miúda gira e damos uns linguadozitos.

Rosie riu-se.

– Lamento, mas até agora ainda não vi muitas miúdas giras.

– Não? Pensava que estava a olhar para uma neste momento.

Rosie ficou tensa. Não havia maneira de não perceber a expressão dos olhos de Will. Até onde é que precisaria de ir para não se desmascarar?

* * *

Charlie Button soltou uma risadinha abafada na escuridão.

Tinham encontrado um pequeno anexo vazio, ligado ao moinho em ruínas e quase diretamente por trás da casa dos barcos. O sinal do microfone escondido de Rosie era forte e o equipamento de alta tecnologia suficientemente sensível para filtrar o ruído de fundo, tornando a voz dela e até os suspiros perfeitamente claros.

– Estou convicto de que aquela rapariga se está a divertir – atirou ele.

– Que raio é que queres dizer com isso? – perguntou Max.

Jackman virou a cabeça. Max nunca falava assim com Charlie.

– Apenas que ela está a dar bem conta do recado – respondeu Charlie, confuso. – E está a desempenhar o papel de uma *raver* adolescente muito convincentemente.

Jackman viu que Max estava a esforçar-se para conter o mau génio.

– Ela não devia estar ali.

Ignorando o colega, Charlie voltou a pôr-se à escuta, transmitindo-lhes pedacinhos do que lhe chegava. De repente, pôs-se em pé.

– Ela está a sair, chefe. Viu alguém que reconhece.

Voltou a pôr-se à escuta.

– Diz para irmos ter com ela ao sítio onde a largámos, dentro de cinco minutos.

Max foi o primeiro a sair pela porta do alpendre velho e, ainda antes de Jackman se conseguir levantar, já tinha corrido para a escuridão da noite.

Enquanto o seguia, Jackman questionou-se sobre o comportamento de Max. Seria que estava...?

Levou um bocadinho mais de tempo do que Rosie tinha dito, mas, não muito depois da mensagem, ela apareceu, aproximando-se apressadamente deles.

Max tinha-se adiantado.

– Estás bem? Porra! Assustaste-nos.

Rosie ergueu as sobrancelhas.

– Estou ótima, que nem ginjas, meu estúpido! Foi só que reconheci um homem que apareceu mesmo naquela altura e eu não podia deixar que ele

visse um bófia ali, pois não?

– E quem era ele? – perguntou Marie, que se tinha materializado ao lado de Rosie.

Rosie abanou a cabeça.

– Apesar de eu ter o raio de uma boa memória, não consigo identificá-lo, Sargento. Reconheci-o assim que o vi, mas, por mais que tente, não sou capaz de me lembrar de onde.

Marie pôs um braço à volta de Rosie.

– Não te preocupes, vais-te lembrar quando a adrenalina se tiver desvanecido. E portaste-te muito bem, florzinha. Vamos voltar para a esquadra e recolher as tuas informações.

Enquanto regressavam, Rosie descreveu o homem como estando pobremente vestido, com uns chinos sujos, um polo e a parte de cima de um fato treino de *nylon*. Era alto, com cabelo lustroso e puxado para trás e usava óculos de armação metálica.

– Provavelmente, um tipo que ajudaste a prender numa altura qualquer – disse Charlie Button. – Talvez uma olhadela ao ficheiro dos delinquentes sexuais te avive a memória.

– Sim, é uma boa ideia.

– Espero que não leves a mal que te diga isto, mas parecia que te estavas a divertir com o teu amiguinho, o Will – disse Charlie, sorrindo tolamente. – As coisas estavam a ficar um bocadinho tórridas por ali, não estavam?

Rosie deu uma palmada na parte de trás da cabeça de Charlie.

– Mete-te na tua vida, o Will foi muito prestável. Contou-me muitas coisas e tenho o número do telemóvel dele se precisarmos de aprofundar mais alguma coisa.

– Desmama-bebés.

– Coscuvilheiro.

– Calem-se lá, vocês os dois – rosnou Max. – Isto é sério! Não é assunto para brincadeira.

– Nós sabemos isso – murmurou Charlie. – E tu precisas de te acalmar. A Rosie está ótima, por isso, deixa de te ralar.

Fizeram o resto do caminho em silêncio. Jackman soube que tinha tido razão. Max Cohen estava caidinho que nem um perdido por Rosie McElderry.

Capítulo Quinze

No dia seguinte, Jackman já estava no gabinete antes das 7h da manhã. Não tinha dormido bem e tinha resolvido levantar-se cedo e despachar o máximo de trabalho burocrático possível. Às 8h horas, Marie entrou no gabinete transportando dois cafés e um pacote de Jammie Dodgers. Fechou a porta do gabinete com a anca.

– Vi que estava ocupado, por isso deixei-o em paz.

– Agradeço, Marie, e também esse café.

A sargento sentou-se à frente dele e deitou açúcar na caneca dela.

– Tenho estado a pensar na Toni Clarkson. Com a brincadeira da noite passada, esqueci-a, mas depois acordei às 2h da manhã doente de preocupação com ela.

Jackman pousou as pastas de ficheiros.

– Sabes, pela primeira vez tive um lampejo daquilo que o jovem Ethan Barley viu nela. Ela está devastada pela ideia de terem levado a Emily, não está?

– E não admira. Quando pensamos no que aconteceu à Shauna Kelly, a Toni teve sorte em escapar com vida – respondeu Marie, pousando a caneca na secretária. E por falar na Shauna, um agente disse-me que uma das amigas da escola dela confirmou que a Shauna confessou que tinha participado numa «festa» num «casebre imundo», nas palavras dela, cheio de tipos lindos e em forma e de velhos porcos.

– Então é mesmo como suspeitávamos. Oh, coitada daquela mãe.

Marie abanou a cabeça. E perguntou:

– Quando é que vamos a Windrush?

– Está marcado para daqui a nada, às 11h.

– Então, se está tudo combinado, importa-se que eu agarre num dos miúdos e vá até Allenby Creek, só para fazer um reconhecimento rápido daquelas casas? Talvez alguém tenha visto qualquer coisa na noite em que a Shauna se afogou.

Jackman empilhou as pastas dos ficheiros.

– Esquece os miúdos. Acaba a tua bebida e vou eu contigo. Temos

imenso tempo.

– Ótimo. Vou buscar um carro.

* * *

Ninguém com quem falaram sabia ou tinha visto Shauna Kelly. Jackman estava a começar a acreditar que tinham estado a perder tempo. A última casinha que tentaram era uma confusão de madeira gasta, telhas rachadas e partidas e alvenaria a desfazer-se. Mas tinha fumo a sair da chaminé e um aroma agradável a assado persistia à entrada.

Uma mulher respondeu quando bateram à porta, gritando-lhes para entrar. Andava pelos 40 anos, com cabelo comprido, que já estava a ficar grisalho, preso numa trança francesa despenteada. Tinha um sorriso caloroso.

– Oh, sim, esses polícias simpáticos vieram cá anteontem, mas...

Encolheu os ombros e esfregou uma mão cheia de farinha na testa.

– Não os pude ajudar. Fui ao mercado de manhã e não voltei a sair de casa.

– Vive aqui sozinha, Miss...? – perguntou Jackman educadamente.

– Seale, Megan Seale, Inspetor Jackman. E não, é a casa do meu pai. Só estou a tomar conta dele durante uns tempitos. Está a ficar velhote e tem estado bastante adoentado.

– Os polícias também falaram com ele? – perguntou Marie.

– Não, Sargento. O Pai estava a dormir e, bem, eu deixo-o ficar quando ele aterra. Está a ficar esquecido e também divaga um bocadinho. Parece horrível, eu sei, mas quando ele está a dormir, eu posso descontrair um pouco. Fazer umas tarefas cá em casa.

Jackman olhou em volta da cozinha velha e reparou nas beatas de cigarros num cinzeiro perto do fogão.

– O seu pai sai às vezes à noite, Miss Seale?

A mulher sacudiu a farinha do avental.

– Sim, sai, infelizmente. Faço os possíveis para o impedir, mas... – rematou com um encolher de ombros impotente.

– E acha que lhe posso dar uma palavrinha rápida? Prometo não o incomodar.

– Não tenho a certeza de que consiga muita coisa. Há bocado, veio dizer-me que o Winston Churchill ia discursar ao país daqui a pouco e que eu tratasse de me certificar de que o rádio estava sintonizado na estação do Ministério do Interior.

– Só por um ou dois instantes? – insistiu Jackman, acentuando o sorriso.

– Claro. Mas não tenha muitas expectativas. Ah, e se ele lhe chamar Gordon, está a falar do filho, o meu irmão. Morreu há 10 anos, mas o Pai ainda acha que ele anda por cá.

Jackman sentiu pena da mulher.

– Não o vou reter durante muito tempo, prometo.

– Ele está lá atrás, no alpendre. Chama-se Stan.

Deixando Marie a conversar com Megan, Jackman atravessou a vivenda decrépita e entrou numa estranha sala estreita com janelas dos três lados. Podia ter passado por uma estufa se estivesse construída como devia ser, mas não era o caso. Jackman esperava sinceramente que se mantivesse de pé durante mais um bocadinho.

– Stan? Ora viva! Chamo-me Jackman. Posso dar-lhe uma palavrinha?

O velho estava de pé a olhar pela janela suja na direção do pântano. Ao ouvir a voz de Jackman, virou-se e olhou para ele sem curiosidade.

– O senhor conhece esta parte melhor do que a maioria, segundo me disseram. Calculo que já viva aqui há muito tempo, correto? – começou Jackman.

Stan sentou-se pesadamente numa poltrona muito velha e, num fraco raio de sol deslavado, Jackman viu milhares de partículas de pó a levantarem-se à volta dele.

– Tem andado pela borda d’água quando está escuro como breu? – perguntou Jackman, tentando lembrar-se do dialeto daquela zona de que já quase se tinha esquecido, na esperança de estimular a memória do velho.

– Sim, há algumas noites atrás.

A voz tinha o timbre grave e áspero de um grande fumador.

– E viu alguma coisa interessante?

O velho franziu o sobrolho.

– Talvez, mas a minha cabeça está uma confusão. Parece que acho que vi uma moça bonita e uma carrinha onde não devia estar uma carrinha. Ali fora, ao luar. Não. Não devia estar lá.

– Que tipo de carrinha, Stan?

– Uma coisa grande e escura, rodas grossas, demasiadas luzes e um barulho como um rugido.

A testa de Jackman franziu-se.

– Um 4x4? Um veículo todo-o-terreno?

– Uma coisa desse género, sim – retorquiu Stan, franzindo a cara enrugada. – Mas o fulano que o guiava era pior. Um olhar para a cara dele e víamos que ele é tão preto como o saco das nozes do diabo! Falou com a rapariga e, logo a seguir, ela desatou a correr como uma lebre.

– Para onde?

O velho apontou vagamente na direção do mar, depois deu meia-volta e olhou fixamente para Jackman.

– E quando é que vais arranjar aquele algeroz, Gordon? Aquele pingue, pingue, pingue não me deixa dormir a noite inteira.

Jackman olhou para aqueles olhos remelosos e viu que a janela de oportunidade dele se tinha fechado.

– Vou tratar disso, Pai – respondeu com delicadeza, esgueirando-se silenciosamente para fora da sala bafienta.

Já no carro, Marie olhou ansiosamente para Jackman.

– Um 4x4, diz o chefe?

– *E* uma rapariga bonita – respondeu Jackman, mordendo o lábio. – Mas a cabeça do velho vai e vem e, provavelmente, ele não será capaz de nos dizer muito mais se nos sentarmos com ele o dia inteiro.

– Mas *ela* esteve aqui! Foi para aqui que a trouxeram, não foi?

– Acredito que sim, mas não podemos prová-lo.

Jackman tamborilou no volante.

– Raios partam isto! É quase pior do que não saber nada.

Marie olhou para o relógio.

– É melhor voltarmos, chefe. Tenho a certeza de que vamos ter umas pontas soltas para atar antes de irmos para Windrush.

Jackman resmungou qualquer coisa e avançou com o carro para a estrada.

* * *

Às 10h horas, Jackman reuniu a equipa na sala do DIC.

– Conseguiu um mandado de busca para Windrush, patrão? – perguntou Charlie Button.

Jackman assentiu.

– Sei que o Broome prometeu colaborar, mas eu salvasse-me. Já combinei tudo com a chefia e um agente já o foi buscar ao magistrado.

Olhou para Max e viu que o jovem já tinha voltado ao estado natural.

– Gostaria que conversasses com o Stefan, o nosso intérprete polaco. Para ver se ele ouviu alguns rumores na comunidade da Europa do Leste sobre uma adolescente desaparecida, uma rapariga que adotou o nome de Emily. Diz-lhe que estamos convencidos de que ela corre grave perigo. E, Max, assegura-te de que ele compreende que isto não é uma mera desculpa para estar a perseguir essas pessoas. Ok?

Max concordou com a cabeça.

– Vou tratar já disso, antes de sairmos.

Bateram à porta e ergueram todos os olhos quando o Agente Andy English entrou, trazendo uma pasta de ficheiros do gabinete de urbanismo da câmara municipal e o mandado assinado.

Entregou-os a Jackman.

– Podemos vir a precisar disto, senhor Inspetor, se o meu palpite sobre o matulão estiver correto. O tipo aterrorizou-me mesmo, sem sombra de dúvida. Tenho a certeza absoluta de que o gajo é, como a minha avó teria dito, «um grandessíssimo bronco». E tem a constituição de um anexo de tijolo. Não gostaria nada de o irritar.

– De facto, o Benedict Broome disse que o Mr. Lee pode mostrar-se demasiado protetor em relação ao sítio. Francamente, estou mortinho por o

conhecer. Ora bem, o que é que descobriste sobre o alvará de construção?

– Bom, o Broome tem realmente licença para uma mudança de utilização para o projeto proposto. Parece que ele pediu autorização para modificar o sanatório, acrescentar certas estruturas e transformá-lo num santuário, tal como o matulão disse. A maior parte do projeto foi aceite. A questão é que ele parece ter alterado o caderno de encargos uma dúzia de vezes – disse Andy, olhando para os papéis que tinha na mão. – O homem do Urbanismo disse que ele era um pesadelo e que, mesmo agora que os trabalhos estão quase a começar, não está convencido de que ele não vá tentar mudar as coisas outra vez.

– E o que é que sabemos de facto sobre o Broome? – perguntou Jackman

Broome, sozinho, parecia estar preparado para gastar uma fortuna no velho edifício. Quem, para além dos maiores figurões do mundo dos negócios, tinha essa quantidade de dinheiro para esbanjar neste clima financeiro sombrio? Muito estranho.

– Investiguei-o, senhor Inspetor, e não temos informações acerca dele. Tudo o que sabemos é que vive com a governanta numa dessas casas grandes ao longo do canal. Sabe, aquelas casas vitorianas de três andares?

Jackman lembrou-se da voz bem-educada.

– Estás a falar da Admiralty Row? Isso é uma morada com muita classe. Deve estar carregadinho dele, se possui essa propriedade e a de Windrush.

Andy assentiu com a cabeça.

– Completamente. Conhece a velha história, não conhece?

Jackman assentiu.

– De o sanatório ter sido ganho numa aposta? É mesmo verdade?

– Oh, sim. O Broome ganhou-o num jogo de póquer.

Marie sorriu-lhe.

– Porque será que a Lotaria só me dá uma nota de 10 libras uma vez por ano?

– A si e a mim, Sargento. Seja como for, pedi ao Kevin Stoner para continuar a investigar a história do Broome.

– Ok – concordou Jackman. – Então, embora pareça tudo legal, continuas a achar que devemos passar revista ao sítio?

Andy olhou para ele.

– Absolutamente, senhor Inspetor. – Não há dúvida de que o Micah Lee nos desviou de certas partes. Além disso, estava mesmo muito tenso por estarmos ali. Precisamos de voltar e não é para fazer a visita turística.

Jackman voltou a assentir.

– Ok, isso chega-me, Agente. Junta a tua equipa. Saímos às 11 horas.

Capítulo Dezasseis

Por cima do pântano, o céu estava tão azul como o mar Egeu, mas uma nuvem de mau agouro pairava sobre os polícias.

Max e Gary tinham ficado para trás para procurar o intérprete e manter a esquadra a funcionar enquanto o resto da equipa seguia para a casa antiga em Roman Creek.

Os agentes da polícia iam conduzir a busca principal, mas Jackman queria ver o sítio com os seus próprios olhos.

Charlie olhava lá para fora pela janela do carro.

– É estranho, não é, chefe? Embora esteja perto do pântano, esta área está numa elevação.

Jackman olhou em frente.

– Tens razão. É uma anomalia. É quase uma colina.

– Outrora, foi uma ilha, ou, pelo menos, foi o que me disseram – explicou Marie. – Quando a terra foi reclamada e drenada, este sítio, que agora se chama Roman Bank, chamava-se Romsey. Acho que quer dizer *ilha* ou *terra seca no pântano de um homem chamado Rum*, tal como a que fica em Hampshire.

Jackman olhou para ela cheio de admiração.

– Nunca deixas de me espantar, Marie. Esperemos que o teu interesse por estes lugares antigos se mostre útil.

Marie sorriu, mas à medida que o carro se aproximava de Windrush, Jackman reparou que ela parecia cada vez mais ansiosa.

– O que é que se passa? – perguntou-lhe.

– Mudou tanto desde a última vez que cá vim – respondeu ela – e tenho a sensação de que não foi para melhor.

Olhou pela janela para o velho sanatório desolado.

– Não consigo acreditar na sensação diferente que este sítio me dá agora, comparando com quando cá vim para aquele curso sobre segurança e saúde.

– Isso já foi há décadas, não foi, Sargento? – perguntou Rosie, com uma gargalhada e dando uma cotovelada no colega mais novo. – Aqui o Charlie, provavelmente, ainda andava de fraldas.

Os agentes já tinham saído dos veículos e Andy English esperava que Jackman desse ordem para avançarem.

Jackman tirou o mandado do bolso e acenou-lhe afirmativamente. English retribuiu o aceno e, com alguns dos outros homens, subiu rapidamente as escadas até à entrada da frente do edifício velho.

A equipa do inspetor deixou-se ficar com o resto do grupo ao fundo das escadas de pedra, toda a gente à espera do primeiro vislumbre do homem que tinha causado tanto impacto nos agentes English e Stoner.

Não demorou muito até que ele abrisse a porta.

– Meu Deus! Conan, o Bárbaro, está vivo – sussurrou Rosie, com os olhos arregalados.

Micah Lee era um brutamontes. Tinha uma trunfa escura e uma cara que parecia ter sido rudemente talhada num pedaço de granito. Os olhos eram encovados sob sobranceiras grossas e salientes. Era alto e poderoso, mas não de forma atlética. A força dele parecia mais inerentemente neandertal do que desenvolvida por exercício físico. Jackman achou que era impossível calcular-lhe a idade, mas o que mais o impressionou foi a quase tangível sensação de ressentimento pela presença deles. Lee tinha os lábios apertados com a fúria.

– Foi muito sensato da sua parte ter arranjado esse mandado – disse Marie baixinho. Tenho um forte pressentimento de que vamos precisar dele.

Jackman encarou abertamente o Golias de Windrush. Durante um instante terrível, pensou que Micah Lee teria de ser controlado fisicamente. E não sabia quantos agentes seriam precisos para isso.

O Agente English aproximou-se corajosamente do homem, disse-lhe que Mr. Broome tinha aprovado uma investigação completa e referiu que também tinham um mandado.

Lee pareceu que se desmoronava. Jackman viu uma onda de emoção passar-lhe pela cara escarpada. A fúria intensa amainou, substituída por uma trepidação e um medo quase infantil.

Medo de quê?, questionou-se o inspetor.

– Despachem-me isso – disse Micah repentinamente.

A seguir, rodou nos calcanhares e marchou para casa pelas portas da frente.

Jackman viu-o a desaparecer lá dentro e depois gritou a Andy e aos colegas deste para entrar.

– De cima a baixo. Prestem atenção extra a tudo o que fique de baixo do chão – caves e coisas do género. Qualquer sítio que possa esconder uma rapariga desaparecida. Chamem-me se encontrarem alguma coisa, ok?

Um sargento alto e careca assumiu o comando imediatamente e não demorou a que homens e mulheres se comesçassem a deslocar, aos pares, para revistar a grande casa velha, os muitos anexos e os terrenos circundantes.

– Senhor Inspetor! – gritou-lhe o sargento. – Quer ajudar ou ficar com o Mr. Lee?

– Vamos convosco, Sargento – respondeu Jackman, que não tinha

vontade nenhuma de fazer de ama-seca de um bebé gigantesco e volátil. – Que área é que devemos investigar?

– Segundo o meu mapa aéreo, há um bloco de enfermarias nas traseiras. Não parece estar ainda a ser preparado para as renovações, por isso tenham cuidado e vejam bem onde põem os pés. Pode ser perigoso – informou o sargento, colocando um sinal de visto na lista e virando-lhes costas.

Contornaram a casa até às traseiras, dirigindo-se para o edifício térreo onde ficavam as enfermarias adicionais. O exterior tinha sido, em tempos, branco, mas agora grandes bocados de reboco tinham-se esboroados, deixando os tijolos expostos e a apodrecer.

– Isto pode levar algum tempo – comentou Rosie, avançando com cautela por cima de destroços caídos. – Este sítio é maior do que parece.

Marie assentiu.

– É um edifício grande e velho com imensos recantos e é um pecado terem deixado que se transformasse numa ruína destas. Quando cá estive, estava a cair, mas pelo menos ainda era utilizável.

Jackman abriu uma porta com um empurrão e espreitaram lá para dentro.

A enfermaria era comprida e larga, com um dos lados a abrir, através de uma série de portas envidraçadas, para terraços de cimento. Jackman lembrou-se de que tinha sido um sanatório para tuberculosos e que, nesses tempos, empurravam a cama e o paciente para o exterior para este beneficiar do ar fresco.

Agora as janelas estavam rachadas e partidas e o estuque e os bocados de madeira podre espalhavam-se pelo chão. Uma névoa espessa de partículas de pó nadava nos raios de luz que penetravam no que restava do vidro. Num canto, havia uma pilha de velhas camas de metal hospitalares e, noutro, um monte de mesinhas de cabeceira e de esqueletos de cadeiras enferrujadas. Jackman viu uma coisa qualquer a mexer e uma ratazana apareceu, correndo para um buraco sombrio, aberto no chão de madeira.

Marie soltou um suspiro.

– Se calhar, devíamos manter-nos juntos. Não podemos arriscar tornozelos partidos ou cortes e nódoas negras por causa deste lixo todo que está espalhado por aqui.

– Que pena o gigante Micah não ter chegado a limpar isto – resmungou Charlie Burton. – O tipo fez um belo trabalho na parte da frente e nas laterais da casa.

– Acho que esta parte vai ser demolida – retorquiu Jackman. – Dei uma breve vista de olhos em algumas das plantas que o Andy me mostrou e, tanto quanto me lembro, as traseiras do edifício estão destinadas a transformar-se numa espécie de jardim protegido com bancos e vários pontos de água. Não que consiga imaginá-lo neste preciso momento.

Inspirando fundo, Jackman entrou. Marie, Rosie e Charlie seguiram-no e começaram a esquadriñar o local.

Revistaram todas as divisões, todos os armários e todos os corredores.

Havia cinco enfermarias, idênticas no traçado. Quando chegaram à última, Jackman disse:

– Acho que podemos declarar esta área revistada. De acordo?

Rosie e Charlie concordaram imediatamente, mas Marie parecia absorta nos seus pensamentos.

– Marie?

– Estou cá a pensar que precisamos das plantas antigas, dos mapas antigos desta área. Que recuem até ao tempo da construção original da casa.

Olhou para Jackman com uma luz a brilhar-lhe nos olhos.

– Da última vez que cá estive, havia uma série de narrativas acerca da história deste sítio. Li um bocadinho sobre a história geral, só porque me interessou, mas havia outras histórias.

– De que género? – perguntou Rosie.

– Género histórias de fantasmas? – questionou Charlie, muito excitado.

– Mais do género de lendas e folclore. Uma era sobre os tipos que provocavam naufrágios.

Jackman sacudiu ingloriamente um bocado de estuque do casaco.

– Tínhamos quem causasse naufrágios ao longo desta costa? Julgava que isso era na Cornualha.

– Tivemos alguns, sim. Está documentado que Mablethorpe teve uma dose considerável e, se as histórias antigas tiverem um pingo de verdade, parece que nesta área também houve disso.

Jackman olhou para o pântano.

– Bem, o Wash fica logo a seguir a este pântano e depois temos o mar do Norte. É possível, mas é um caminho muito longo para arrastar a carga ilícita. Como é que eles a traziam até aqui? Gostava de saber.

Marie esfregou o queixo.

– É por isso que quero ver uns mapas antigos, porque estou a pensar em túneis e armazéns antigos.

– Então talvez os agentes encontrem qualquer coisa. Estão à procura de caves, não estão? – perguntou Rosie.

Jackman assentiu.

– Talvez, mas se a Marie tiver razão e esta casa foi usada por quem causava naufrágios para esconder a carga ilegal, então as entradas estariam escondidas. Precisamos dessas plantas.

Rosie pôs-se de cócoras.

– Talvez ali o Fred Flintstone tenha algumas, se tem estado a fazer este trabalho todo.

Por qualquer razão, Jackman não achava que Micah Lee tivesse as plantas. Quem deviam contactar para isso era Benedict Broome. Mas antes que se metessem por esse caminho, havia outro. Jackman agarrou no telemóvel e marcou o número de Max. Demorou apenas uns segundos para transmitir aquilo de que precisavam e depois fechou a tampa do telefone e olhou para Marie.

– Já está à procura e, se encontrar alguma coisa útil, liga-nos e o Gary vem trazer isso de carro. Se o Max não der com nada, vamos pedir ajuda ao Broome. Embora eu tenha a certeza de que os conhecimentos de TI do Max lhe vão permitir aceder a tudo aquilo de que precisamos mais depressa do que levaria o Benedict Broome a abrir-nos a porta de casa.

Marie endireitou-se.

– Acho que devemos ir ver como é que os outros se estão a sair. Estas enfermarias não escondem segredos nenhuns. Vamos procurar o sargento?

* * *

– Alguma coisa até agora?

O sargento responsável pela operação abanou a cabeça.

– Nada de substancial, senhor Inspetor. Algumas das divisões foram usadas recentemente, mas provavelmente é só por o Micah Lee andar por cá. Ele parece muito ligado a este sítio, tendo em conta que não é o dono. E é óbvio que está a dar o litro – respondeu o sargento, passando a mão com nós dos dedos largos pela cabeça rapada. – Mas, no que respeita às buscas, não há sinais de alguém ter estado detido aqui em qualquer altura, mas é uma área muito grande que temos de esquadrinhar. Ainda mal começámos o nosso trabalho.

– Bem, o bloco das enfermarias nas traseiras já está revistado, por isso pode riscá-lo da sua lista. Ah, e pedi todas as plantas arquitetónicas do edifício original e todos os mapas antigos, para o caso de poderem existir divisões ou caves que tenham sido seladas nos últimos anos – acrescentou Jackman.

– Boa ideia. Tanto quanto sei, este sítio pode ser uma grande rede de túneis subterrâneos.

Marie sobressaltou-se.

– O que é que o leva a dizer isso, Sargento?

– Bem, pode não ter nada a ver com isso, mas está a ver aquela zona de pântano ali? – respondeu ele, apontando para o outro lado dos campos, para uma vasta extensão de brejo. – Dantes chamava-se Chapel Marsh. Supõe-se que em tempos históricos havia ali uma abadia, uma vez que a linha da costa era diferente nessa altura. Seja como for, o mar levou-a quando inundou esta parte da terra e tudo o que ficou foi uma capela minúscula que foi usada por contrabandistas até à altura da Segunda Grande Guerra, quando também foi levada pelo mar.

Os olhos de Marie iluminaram-se.

– Já ouvi falar disso. Mas falou em túneis?

– Sim, ao que parece, os contrabandistas usavam um sistema de túneis para trazer o contrabando para terra. Claro que muitos deles podem ter desabado ou ruído com as marés altas e as tempestades, mas dizem que um ou

dois tinham sido muito bem construídos. As pessoas da terra, e a minha avó é uma delas, acham que eles ainda existem por aqui, talvez sob a praia marítima de Roman Creek. Como provavelmente já reparou, é um bocado de terreno invulgar, mais elevado do que o resto, por isso não é impossível que haja ali túneis. Basta sentarmo-nos num dos *pubs* locais para ouvirmos uma data de superstições sobre eles.

Marie sentiu um arrepio de excitação.

– E algum desses túneis antigos está ligado a esta casa?

O Sargento encolheu os ombros.

– Não faço ideia, Sargento Evans. Podem até nem existir. Pode ser tudo superstição e folclore. Nunca se sabe, não é assim?

Marie sorriu.

– Oh, existem, sim. Aposto a minha Suzuki nisso. Obrigada, sargento – disse.

Voltando-se para Jackman, perguntou:

– E o que é que se segue agora?

– Sugiro que deixemos este pessoal continuar e voltemos à base para ver o que o Max desencantou. Esta busca vai durar até a luz desaparecer, por isso é melhor fazermos outro tipo de trabalho de campo, usando um computador em vez de uma enxada.

Capítulo Dezassete

A sala do DIC parecia uma sala de mapas da Segunda Grande Guerra. Max tinha juntado várias mesas, que estavam cobertas com montes bem organizados de mapas, diagramas e plantas.

– Oh, meu Deus! Quem tem sido um menino trabalhador, hã? – perguntou Rosie, rindo.

Marie olhou para ele. Max tinha corado?

Max puxou ainda mais para cima as mangas já enroladas.

– Estava mesmo a preparar tudo para o Gary ir ter convosco. Conseguimos deitar a mão a uma data de coisas úteis.

– Estou a ver – disse Jackman, dando uma palmada no ombro de Max. – Bom trabalho! Sabíamos que podíamos contar com os teus conhecimentos informáticos.

O jovem *cockney* encheu-se de orgulho.

– Obrigado, chefe. Descobri mapas, plantas, escrituras, pedidos para licenças de construção, levantamentos geofísicos e respetivos dados e até imagens cartográficas de Windrush e das redondezas.

– Tentámos organizá-los cronologicamente – explicou Gary. – Os mais antigos no cimo e descendo até ao presente. Estes são especialmente interessantes – disse, levantando uma batelada de impressões geofísicas. – Foram tiradas há alguns anos, quando se andava a planear uma escavação arqueológica na Roman Bank, mas não conseguiram autorização para pôr as escavadoras a funcionar. Mostram o terreno todo e incluem a orla da propriedade Windrush.

Marie fixou o olhar nos papéis.

– Não sei bem para o que estou a olhar.

– São imagens de alta resolução que mostram estruturas do subsolo ou vestígios de atividade humana.

Gary parecia saber do que estava a falar. Marie estava bem impressionada.

O agente apontou para um quadrado escuro pouco nítido e uma série de círculos e linhas cinzentos.

– Era disto que andavam à procura. Os arqueólogos acreditavam que havia uma vila romana antiga neste lugar e estes dados confirmam a teoria deles. A seguir, alargaram os estudos geofísicos para verem que mais lá poderia existir, mas alguém lhes cortou os apoios e não fizeram mais nada.

Marie sentiu uma onda de excitação.

– E os dados deles abrangiam realmente parte de Windrush?

Gary agarrou num maço de papéis.

– Sim, mesmo até às paredes da casa do lado do pântano.

Jackman espreitou por cima do ombro de Marie. Franziu o sobrolho e espetou o dedo num dos mapas.

– Que área é esta?

– É uma das áreas que está a ser renovada? – perguntou Rosie.

Jackman desdobrou as plantas que Andy lhe tinha dado.

– Não. Toda a renovação e as novas construções vão acontecer dentro e à volta da casa propriamente dita. Os armazéns antigos e a área do celeiro que estão a ver estão delimitados por uma linha verde grossa.

Franziu os olhos para ler a legenda no canto esquerdo do mapa:

– A caixa verde indica o Estádio Três do Projeto. Trabalho proposto. Ver adenda anexa.

Desdobrou o resto dos papéis.

– E não há nenhuma adenda anexa.

Marie inspirou fundo.

– Provavelmente, isso quer dizer que não há planos para esse sítio num futuro próximo.

– Então pode ser um sítio muito bom para esconder uma pessoa – afirmou Jackman.

Voltando-se para Gary, perguntou:

– És mesmo capaz de ler essas coisas geo não sei quê?

– Com a máxima exatidão, não, senhor Inspetor. Podíamos facilmente estar a olhar para as fundações de estruturas anteriores nesse sítio, um celeiro ou qualquer coisa desse género.

– Então precisamos de um perito.

– E eu acredito que posso ajudar nisso, meu caro amigo.

Voltaram-se todos para trás. Rory Wilkinson estava parado à porta.

– Desculpe. Tenho estado a escutar a vossa conversa fascinante. Acontece que tenho um velho amigo na universidade que sabe imenso disto tudo. É um estudante de arqueologia, mas não se deixe enganar pelo termo «estudante». Já participou em escavações pelo mundo inteiro e está a escrever um ensaio sobre a utilização de várias tecnologias não invasivas na arqueologia. Chama-se Ted Watchman. Vai gostar dele – disse Rory, puxando do telemóvel. – E terei imenso prazer em contratar os serviços dele para si.

Jackman concordou animadamente.

– Formidável! Peça-lhe ajuda e insista na importância disto, Rory. A rapariga continua desaparecida, mas ainda pode estar viva.

– Considere o assunto tratado.

Rory falou durante uns minutos ao telemóvel e depois voltou-se para Jackman:

– Ele deve encontrar-se consigo aqui ou no local?

– Diga-lhe para seguir diretamente para Windrush. Encontramo-nos lá.

* * *

Jackman e a equipa chegaram ao velho sanatório antes do novo recruta.

Com um arrepio, Jackman apressou-se a voltar para o átrio e viu a figura escura de Micah Lee a observá-los do seu minúsculo quarto de porteiro. Parecia especialmente concentrado em Marie e a expressão dele era de puro ódio.

A meio do átrio, Jackman virou-se e devolveu o olhar a Lee. Foi preciso grande determinação para sustentar um olhar de ódio tão intenso. Por fim, Lee cedeu e desviou os olhos.

O telefone de Max tocou enquanto Jackman se apressava a reunir-se com a equipa. Max escutou e fez uma carranca.

– O comandante dos bombeiros está a tentar localizar uma câmara de deteção de calor. Partilham uma com várias outras corporações, mas não está na base neste momento. É sempre a mesma história, nunca há a porcaria do dinheiro para nada nos tempos que correm.

Guardou o telefone.

– Chefe, com tudo isto que se está a passar, esqueci-me de lhe dizer que contactei o Stefan, o intérprete. É possível que haja uma mulher desaparecida. Chama-se Aija, Aija Ozolini. Não é polaca, é letã e usa um nome diferente quando está com pessoas que falam inglês. Ele ainda está a tentar descobrir quem é.

O coração de Jackman bateu mais depressa.

– E está desaparecida há muito tempo?

– Não foi dada como desaparecida oficialmente, mas a comunidade dela está claramente preocupada. E o *timing* é perfeito.

* * *

Dirigiram-se para o sítio onde os mapas mostravam marcas não identificadas sob o solo.

A área por trás dos armazéns consistia em cimento e relva raquítica e enfraquecida, rodeada por arbustos destruídos pelo vento, espinheiros e ervas daninhas. Até o velho celeiro e os armazéns pareciam desprovidos de personalidade em comparação com a casa, que, embora decrépita, era

impressionante num estilo gótico vitoriano tardio.

– Não há dúvida de que é um sítio que merece ser investigado quando o amigo do professor cá chegar – disse Gary, olhando para o mapa geofísico. – Mas não há nada para ver à superfície.

Olharam todos em redor.

– Nada mesmo – disse Rosie, parecendo desapontada.

Impaciente, Max deu um pontapé num bocado de cascalho solto.

– Isto é um sítio miserável!

Marie sentou-se num muro de pedra baixo, um bocadinho afastada dos outros, a olhar para o pântano. Que diferente lhe parecia aquele local da última vez que ela lá tinha estado quando era uma jovem polícia! Tinha tido sempre um ar de mistério, mas era uma propriedade velha, onde muitas pessoas tinham morrido ao longo dos anos. Afinal de contas, também tinha sido um hospital. As histórias sobre o sítio tinham sido passadas de geração em geração com o correr do tempo, mudando e sendo embelezadas, até se terem tornado parte do folclore. Quando estava no curso, Marie tinha-se deleitado com estas histórias, mas hoje o local dava uma sensação diferente. Marie era uma mulher terra a terra, prática, mas até ela sentia que algo sombrio e doentio se tinha enroscado no velho edifício e em toda a terra que o rodeava.

Um bando de patos selvagens voou sobre o pântano. Giraram e aterraram habilmente num espaço verde-lima de carriços perto da água. Os grasnidos desagradáveis combinavam perfeitamente com a paisagem desoladora.

Marie sentiu uma mão a pousar-lhe delicadamente no ombro.

– Este sítio causa-vos arrepios? – perguntou Rosie baixinho. – Porque, a mim, não há dúvida que causa.

– E a mim também – acrescentou Gary.

Sentaram-se ambos ao lado dela no muro e Gary fitou o pó agarrado às botas pretas e engraxadas.

– A minha irmã odiava esta zona dos pântanos.

Jackman aproximou-se vagarosamente deles.

– A tua irmã morreu, não é verdade?

Gary assentiu.

– Há pouco tempo.

– Foi por isso que quiseste uma mudança de cenário? – perguntou Jackman gentilmente.

– Em parte, mas trabalhar na esquadra de Harlan Marsh era... – replicou Gary, soltando um suspiro.

– Vinham cá muitas vezes? Tu e a tua irmã? – perguntou Marie.

– Só quando trazíamos um animal ao veterinário.

Apontou para o outro lado da Roman Bank, onde uma pequena casa de uma quinta se aninhava numa pequena mata.

– O nosso veterinário vivia ali. Costumava fazer as consultas na sala da

frente. Ainda lá vive, acho, embora agora tenha um consultório moderno em Harlan Marsh. Um tipo simpático, porreiro com os nossos cães. Mesmo assim, a Anne odiava vir cá.

Rosie inclinou a cabeça para cima.

– Porquê?

Gary sorriu tristemente, puxou do porta-documentos e tirou uma pequena fotografia colorida.

– A minha irmã, a Anne.

Marie escondeu um sorriso. Pareciam gémeos.

– Desde miúda, fazia tudo para não atravessar o Hobs End Marsh – continuou Gary, apontando para a área imediatamente em frente. – Aquele espaço ali. Há uns anos, chamava-se Chapel Marsh, mas o nome mudou durante a guerra. Teve sempre má reputação e a maioria das pessoas mais velhas da terra ainda se recusa a ir lá.

Jackman soltou um pequeno suspiro. Todos os sítios tinham histórias estranhas e maravilhosas e não havia dúvida de que se intrometiam nas investigações. Tinha pouco tempo para tolices.

– Então é que treta supersticiosa é que os mantém longe daqui? – perguntou. – Esta parte da costa é uma das áreas mais ricas para colher salicórnia, devia ser uma minazinha de ouro. De que é que têm medo? Dos fogos fátuos ou dos papões? Do nevoeiro verde? Ou talvez seja do Cão Preto!

Gary sorriu e levantou as mãos.

– Eu sei, eu sei. A superstição está vivinha da silva e mora aqui em Lincolnshire.

O sorriso desvaneceu-se.

– Mas nem eu gosto desta zona e não acredito em papões.

– Mas a tua irmã acreditava? – questionou Rosie, devolvendo-lhe a fotografia.

– Oh, não. A Anne não acreditava nessas coisas. Acho que todas essas histórias que ouviu quando era miúda a afetaram e ela tinha uma sensibilidade estranha à atmosfera. É difícil explicar, mas havia certos locais que a perturbavam muitíssimo.

Olhou por cima dos carriços e dos juncos do pântano.

– E este era um deles.

Gary agarrou na fotografia, olhou para ela durante uns instantes e voltou a guardá-la cuidadosamente no porta-documentos.

– Sinceramente, embora pense que a Anne tinha razão em relação a este sítio, pode ter havido outras razões para as pessoas da terra se manterem afastadas. Dizem que têm visto uma pessoa com roupas escuras a andar por aqui à noite. Dizem que só um diabo andaria por estes carreiros na escuridão.

Ergueu as mãos e sorriu.

– Mas eu digo que um contrabandista o faria de certeza. Este pântano vai dar ao Wash e o Wash ao mar do Norte – rematou, erguendo uma sobrancelha.

– E o mar do Norte vai dar a barcos carregados de drogas ilegais – disse Jackman, assentindo com a cabeça. – Já falámos sobre isto, mas em termos mais históricos.

– Livrámo-nos da maior parte do negócio nesta área, mas nunca se consegue eliminá-lo por completo. Há sempre um parvalhão qualquer preparado para conquistar o pântano e as marés assassinas – acrescentou Gary.

– Então e qual é que era a história original do folclore sobre este sítio? E porque é que a tua irmã ficou tão afetada com ela? – perguntou Rosie, inclinando-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Já não me lembro da história toda, mas dizem que é um daqueles sítios onde acontecem fenómenos naturais estranhos quando as condições do tempo são as ideais. E podem imaginar o que é que os cotas aqui da terra pensam disso! Mas, reparem, embora todos estes pântanos tenham as suas luzes fantasmagóricas, é a pura abundância e regularidade das luzes que os torna diferentes. Isso e os barulhos esquisitos. De Hobs End, vinha uma quantidade enorme de sons estranhos, coisa que tinha a ver, penso eu, com o movimento do solo pantanoso. Fosse como fosse, um dia, quando estávamos a passear os cães até à margem do Wash, a Anne revelou que estava a ouvir sussurros, vozes, a dizer coisas que ela não queria ouvir. Quase morreu de medo. Mais tarde, há alguns anos, o meu cão velho fugiu a seguir a uma visita ao veterinário e viemos até aqui à procura dele. Nessa altura, a Anne também ouviu coisas.

– O mesmo tipo de sussurros? – perguntou Rosie, começando a parecer uma miúda da escola no dormitório, à meia-noite.

– Não, ela disse que era mais tipo música de igreja, cânticos ou isso. Ficou desfeita. Fugiu a correr do pântano, fugiu mesmo.

– Um papão que canta! Isso é uma novidade para as velhas espalharem quando tiverem acabado de ler as folhas do chá – atirou Jackman, abanando a cabeça. – Onde raio é que se meteu o nosso arqueólogo? Estamos para aqui sentados a contar histórias idiotas enquanto a Emily pode estar a soltar o último suspiro.

– Vou à casa procurá-lo, senhor Inspetor – disse Rosie, sacudindo erva seca das calças.

Max levantou-se imediatamente.

– Vou contigo.

Marie ficou a vê-los a afastarem-se e depois virou-se para trás para contemplar a extensão isolada do pântano. Desejava com todas as forças estar longe dali.

Gary apontou para a casa.

– Parece que o nosso homem já chegou, Sargento. A Rosie está a acenar-nos. Vamos?

Uma carrinha branca, amolgada e meio morta, parou com um resmungo atrás do carro da polícia. Ted Watchman, o jovem que saiu da carrinha, não podia ser outra pessoa a não ser o estudante de arqueologia. O cabelo era demasiado comprido para estar na moda. Usava óculos de aros metálicos e roupas que não condiziam.

– O comandante dos bombeiros mandou-lhe esta belezinha, senhor Inspetor. Uma linda maquineta! – exclamou o sargento fardado, olhando para a câmara térmica com um desejo nada disfarçado antes de a entregar a Jackman. – Espero que saiba como funciona.

– Se não souber, Inspetor, eu sei. E, oiça, isso também não é uma máquina portátil vulgar! É um modelo industrial topo de gama – disse Ted, sorrindo.

– Desde que funcione, não me interessa o que é – resmungou Jackman. – E onde é que o Serviço Nacional de Bombeiros a conseguiu se não é um modelo corrente?

O sargento sorriu amargamente.

– Disseram-me que lhe dissesse para a guardar com a sua vida. Foi emprestada pela Equipa de Buscas e Salvamentos e, ao que parece, custa uns milhares de libras mais do que o meu carro.

Jackman passou-a apressadamente a Ted.

– Deixo-a com o perito, obrigado. Mas sendo o senhor um civil, tenho de lhe explicar os riscos em questão, caso precise de nos acompanhar para qualquer sítio que possa ser perigoso.

– Como julgo que sou a única pessoa aqui que sabe trabalhar com esta câmara e como já estive em sítios muito perigosos, senhor Inspetor... – retorquiu Ted, sorrindo. – Estou disponível se quiser.

– Não era nessa avaliação dos riscos que estava a pensar, Mr. Watchman, mas precisamos seriamente da sua ajuda.

Gary entregou a Ted os levantamentos geofísicos.

– Esta é a área que nos interessa, Mr. Watchman.

Traçou um círculo com o dedo em redor dos armazéns e do celeiro, falando num tom grave:

– Estamos à procura de um sítio qualquer que possa esconder uma rapariga desaparecida. É uma situação muito urgente.

– Tratem-me por Ted. E o Rory explicou-me do que estavam à procura.

Agarrou nos levantamentos e olhou para eles.

– Ei! Isto foi a escavação da vila romana, não é verdade?

Deixou-se cair no chão, espalhando as folhas à volta dele.

– Ao que parece – respondeu Jackman.

– Já tinha visto algumas destas coisas. Foi uma perfeita anedota interromperem esta escavação. A universidade estava convencida de que

podiam ter feito uma descoberta monumental.

Inclinou-se para mais perto das folhas impressas e soltou um assobio baixinho.

– Uau! Há muita coisa a passar-se aqui – exclamou, levantando os olhos para Jackman. – Posso ver a área em questão, se faz favor?

– Claro. Venha.

Ted acompanhou Jackman.

– Tenho equipamento na minha carrinha. Trouxe tudo o que achei que poderia ser útil.

– Ótimo, mas não posso deixar de insistir na rapidez com que temos de avançar.

– Ok, vamos ver primeiro o que temos e depois partimos daí. Essa câmara que pediu emprestada pode poupar-nos horas.

O coração de Jackman caiu-lhe aos pés.

– Não temos horas, Ted. Isto não é arqueologia. Se houver uma rapariga aí em baixo, ela pode estar a morrer. É crucial que a encontremos.

Durante os 15 minutos seguintes, Ted andou de um lado para o outro, mediu, consultou os levantamentos e murmurou para si mesmo. Depois começou a desenhar num bloco A4 liso.

Jackman teve vontade de o sacudir.

Ted expirou longa e ruidosamente.

– Certo, bem, normalmente, neste ponto, faria os meus próprios exames, usaria um instrumento de condutividade eletromagnético, até faria, se calhar, uma verificação da profundidade do solo com um radar para confirmar a minha interpretação inicial, mas se o tempo é realmente assim tão importante...

– Acredite em mim, Ted, é – resmungou Marie.

– Então isto é o que eu considero que está por baixo desta área, dado que tudo o que tenho são estudos geofísicos antigos – disse ele, entregando-lhes o desenho. – Havia outro edifício aqui. Parece uma estrutura grande e comprida. As fundações estão claramente visíveis e estendem-se para lá dos armazéns e do celeiro atuais.

Piscou o olho a Jackman e afastou um caracol de cabelo da vista.

– Julgo que era um armazém qualquer muito anterior, com um sistema de caves próprio. A parte superior foi demolida e os armazéns, celeiro e pátio atuais foram construídos em cima.

Jackman olhou atentamente para o esboço.

– E isto?

Apontou para uma rede de linhas duplas.

Os olhos de Ted cintilaram.

– Túneis, Inspetor! Provavelmente, seis ou mais. Uns passam por baixo da casa principal, outros estendem-se na direção da autoestrada e outros ainda vão dar diretamente ao Hobs End Marsh.

Capítulo Dezoito

Jackman não tinha provas de que Emily estivesse presa nos túneis por baixo de Windrush.

Não tinha provas sequer de que os túneis fossem acessíveis.

Tinha coagido um pequeno exército de agentes fardados a fazer buscas num perigoso edifício em ruínas com pouca ou nenhuma justificação e tinha levado um dos seus Inspetores a convencer o Departamento dos Bombeiros a emprestar-lhe um equipamento que custava uma pequena fortuna. Até a universidade tinha enviado um dos seus mais ilustres, juntamente com tecnologia suficiente para desenterrar uma cidade perdida.

E agora tinha pedido e recebido reforços para encontrar as entradas de seis túneis subterrâneos que podiam nem sequer existir.

Estava a começar a ter dúvidas sobre a sua própria sanidade mental até que a equipa se reuniu num círculo no átrio para discutir a situação e Jackman ficou a saber que todos concordavam com ele.

A expressão de Rosie era de entusiasmo.

– Tudo se encaixa, senhor Inspetor. Coisas pequenas, eu sei, mas fazem sentido. Disse-nos que a Toni Clarkson ouviu qualquer coisa que parecia uma corista. A irmã do Gary ouviu uma música género coro de igreja. E, segundo estes mapas e a descrição do Gary do sítio onde ela se encontrava, estavam mesmo por cima de um dos túneis.

– E o Micah Lee – sussurrou Charlie Button – está de certeza a esconder qualquer coisa.

– Seja como for, mesmo que tudo isto se venha a revelar uma grande treta – acrescentou Max, – existem *mesmo* divisões e túneis subterrâneos por baixo deste pardieiro, por isso a nossa rapariga pode estar a ser escondida num deles. Ponto final. Vamos fazer uma busca ao sítio.

Marie deu uma palmadinha no ombro de Max.

– Não podemos argumentar contra isto, pois não, chefe?

Fazia sentido. Um perito universitário tinha identificado estruturas subterrâneas que podiam ser facilmente usadas como sítios para esconder uma rapariga raptada. E Jackman estava convencido de que Emily se encontrava

algures muito perto. Chegara a altura de tomar uma decisão.

Se estiver enganado em relação a isto, a Superintendente vai crucificar-me – publicamente.

Jackman observou os preparativos para as buscas e avaliou a posição em que estava. Chegou à conclusão de que estava a pisar terrenos bastante escorregadios.

Já passava das três horas quando as equipas de buscas concluíram que quatro dos seis túneis tinham colapsado ou estavam inacessíveis. Mas Jackman continuava a acreditar que a iriam encontrar lá em baixo.

* * *

O aviso chegou mesmo antes de as sombras púrpuras do início da noite se começarem a espalhar pelo pântano.

– Encontrámos uma entrada, senhor Inspetor!

A mulher polícia tinha a cara encarnada e coberta de suor.

– É o túnel do pântano e estende-se cerca de quatrocentos metros até Hobs End.

Jackman viu um rubor de excitação escurecer a cara pálida de Marie.

– E onde é que fica? – perguntou ele.

– Há ali um edifício velho, pouco mais do que bocados grandes de cimento e paredes parcialmente caídas. Suponho que era uma vivenda velha que foi abandonada por causa do perigo de ser inundada. Fica um bocadinho acima do nível do mar e há um alçapão que leva a uma espécie de cave e depois uma porta que dá para o túnel – descreveu ela, limpando a testa com o antebraço. – Descemos até à porta. Está fechada, por isso gostaríamos de autorização para a arrombar. Não podemos simplesmente deitá-la abaixo sem autorização, pois não, senhor Inspetor?

– Para proteger uma vida, podem, e eu estou convencido de que há alguém em perigo de morte. Assim que o resto da equipa chegar, iremos atrás de si, Agente. E vamos entrar.

O carreiro do pântano era estreito e irregular. Correram, escorregando e tropeçando, até chegarem ao edifício em ruínas.

Ao parar para recuperar o folego, Jackman viu que Marie olhava pensativamente para as pilhas de pedra e de tijolos antigos cobertos de musgo. Pensou que ela também estava convencida de que se encontravam no sítio certo. Uns a seguir aos outros, desceram facilmente pelo alçapão antigo e encontraram-se numa cave minúscula. O fedor a humidade, bolor e plantas podres fê-los engasgarem-se.

Ao contrário da cave, a porta para o túnel era completamente nova.

Jackman observou-a atentamente. A madeira parecia forte e a fechadura resistente estava untada de óleo fresco a toda a volta.

Um agente da polícia estava parado à espera, com um pesado aríete de

metal debaixo do braço musculoso.

– Senhor Inspetor?

Olhou para Jackman e ergueu a peça do equipamento acima da cabeça, preparado para agir.

Era chegada a hora. O coração de Jackman batia-lhe velozmente no peito. Olhou para a equipa e percebeu que todos sentiam o mesmo.

Até Ted Watchman, a transportar cuidadosamente a preciosa câmara térmica nos braços, como se fosse um bebé, parecia que tinha sido ligado a uma tomada e que estava à espera que o interruptor fosse acionado.

Foram precisas cerca de 12 pancadas para destruir a porta. Depois, avançaram todos.

Jackman começou a correr.

As luzes das lanternas faziam ricochete nas paredes e desenhavam padrões intrincados no teto dos túneis. Jackman perguntou-se para onde se estariam a dirigir.

Ted arfava ao lado dele.

– Devemos estar a aproximar-nos da casa de Windrush, Inspetor. Segundo o exame topográfico, o túnel deve estar a acabar em breve.

– Há uma porta lá à frente, chefe! – gritou Rosie, que se tinha colocado à frente. – Vamos precisar desse aríete outra vez.

Jackman levantou a mão.

– Esperem, todos, e baixem a voz por uns momentos.

Não sabiam o que iam encontrar ali. Tanto quanto sabiam, o raptor podia estar à espera com uma faca encostada à garganta de Emily ou ela podia estar sentada em cima de uma bomba artesanal. Ou podia ser uma divisão sem ninguém lá dentro.

– Ok, Ted, este é o seu momento – disse Jackman sombriamente. – Preciso de saber se há alguma coisa viva atrás dessa porta.

Ouviu o jovem arqueólogo a expirar nervosamente e a aproximar-se da pesada porta de madeira. Abriu cuidadosamente o ecrã da câmara e carregou numa série de botões. O ecrã acendeu-se e ele moveu-o da esquerda para a direita.

Toda a equipa estava a conter a respiração.

Ted permaneceu em silêncio, virando a câmara para um lado e para o outro, e depois soltou um pequeno suspiro. O coração de Jackman afundou-se.

Foi então que Ted sussurrou:

– Sim. Há uma fonte de calor. É fraca, muito fraca, mas existe.

– Só uma?

– Só uma, tenho a certeza disso – respondeu Ted, recuando. – Inspetor, parece que é uma área muito grande. De facto, é enorme.

– Agente! Deite-a abaixo!

Recuaram todos para dar ao polícia enorme espaço para usar o aríete. Jackman sentia-se doente de apreensão. Podia ser Emily. Ou podia ser um gato vadio.

Se Emily estivesse ali, em que estado estaria? E se fosse um gato? Jackman pensou naquela busca gigantesca e em tudo o que isso implicava e imaginou-se a perder de vez o equilíbrio e a estatelar-se ao comprido.

Capítulo Dezanove

Enquanto o aríete se abatia sobre a porta, Marie começou a preparar-se. Não fazia ideia do que estaria do outro lado e desconfiava que o quer que fosse era capaz de a vir a assombrar durante algum tempo.

Olhou em volta, para os colegas, e viu que estavam todos a ficar cada vez mais desconfortáveis. Naquele preciso momento, não precisavam de tempo para pensar, precisavam de ação. Estava a demorar demasiado tempo deitar a porta abaixo.

Finalmente, a porta começou a ceder. Mais uns segundos e estariam lá dentro. Marie apoiava-se impacientemente ora num pé ora no outro, erguendo os olhos. Por cima da porta, estava um letreiro cuidadosamente pintado. Dizia: ENFERMARIA DAS CRIANÇAS.

– Entrámos!

O grito ecoou pelo túnel e o coração de Marie deu um salto.

* * *

Nas sombras tremulantes das lanternas, nada parecia real, e Jackman sentiu-se como se tivesse sido atirado para um pesadelo bizarro qualquer.

Tinha estado preparado para encontrar ou o corpo de uma rapariga ou uma adolescente aterrorizada, possivelmente ferida, mas de certeza atada e amordaçada.

Mas não era nada disso.

A Enfermaria das Crianças era grande, com cerca de 21 metros de comprimento. Ao longo de toda a extensão da parede mais afastada, estendia-se uma fila de camas de hospital de metal, todas com almofadas.

Cobertores.

Ocupantes.

Jackman tapou a boca com a mão. Os olhos muito abertos passaram lentamente pela fila. Quantos seriam, por amor de Deus? O feixe luminoso

prateado da Maglite incidiu sobre as almofadas e revelou carne em decomposição e crânios.

Ouviram-se murmúrios chocados e alguém teve um vômito.

– Fiquem onde estão! Recuem, todos! Não quero que ninguém contamine esta sala! – ordenou firmemente.

– Há uma lâmpada ali!

A luz de uma lanterna apontou para cima e alguém gritou:

– Meu Deus! Há eletricidade aqui!

– Há aqui um interruptor.

Jackman reconheceu a voz de Gary.

– Inspetor Jackman? Ligo-o?

Jackman reparou na prudência de Gary Pritchard. Tinha-se apercebido do choque que a iluminação da enfermaria sem aviso poderia ter nos colegas.

A voz de Jackman não revelou a mínima emoção:

– Sim, Gary. Estamos prontos. Pensem apenas na Emily. Temos de a encontrar o mais depressa possível.

Gary carregou no interruptor. Felizmente, a luz era fraca. Pendurada do teto, oscilava uma enfiada de lâmpadas de baixa voltagem, embora tivesse pouco efeito a suavizar o horror que os rodeava.

– Ponha essa maldita câmara a trabalhar, Mr. Watchman! – gritou Jackman. – Precisamos de a localizar sem contaminar tudo. Se conseguir aguentar, descubra se ela ainda está viva, e se não tiver estômago para isso, dê-me a câmara.

Enquanto Ted levantava a câmara, Jackman chamou Marie e avaliaram a cena juntos.

Todas as camas, menos uma, tinham um corpo. Ao lado de cada cama, havia um armário pequeno com uma jarra de flores colhidas recentemente. Os «pacientes» estavam deitados em silêncio, uns mais novos, outros mais velhos. Tinham as mãos cruzadas por cima dos lençóis e a cabeça deitada em almofadas desbotadas e cheias de pó. Marie contou em voz alta. Eram 13.

Alguns pareciam bonecos adormecidos, outros não passavam de ossos nus e crânios descarnados. Uns tinham a pele translúcida como um pergaminho de uma múmia, ao passo que outros ainda estavam a apodrecer, o que justificava o cheiro nauseante.

De repente, Ted exclamou:

– Encontrei-a! Está na terceira cama a contar do fim!

– Chamem os paramédicos! Marie! Vem comigo!

Jackman correu ao longo da fila até ver o cabelo castanho intenso espalhado por uma almofada lavada.

– Oh, Emily! – exclamou, com um suspiro de alívio. – Já te encontrámos. Já te temos connosco.

Agarrou na mão da rapariga e olhou para Marie.

– Está fria, mas não mortalmente fria.

Virou-se para Ted:

– Tem coragem para verificar as outras camas com a câmara? A maior parte deles já se foi há muito, mas talvez...

– Ela está...? – perguntou Ted. – Quer dizer, ainda vi calor nela. Ela não pode estar...?

– Não faço ideia, Ted.

Jackman tocou no pescoço de Emily, tentando desesperadamente sentir-lhe a pulsação, mas não sentiu nada.

– Pode ainda estar viva, mas acho que a drogaram imenso. Precisa de cuidados médicos e depressa.

A câmara pesada tremia nas mãos de Ted enquanto ele varria a sala.

– Ela é a única, lamento.

– Ok. Não estava à espera de outra coisa, mas tínhamos de verificar. Obrigado, Ted.

– Não é exatamente o tipo de descoberta que estou habituado a desenterrar – respondeu o jovem a tremer. – Graças a Deus!

Jackman endireitou-se.

– Marie, vai ver se há outra maneira para entrar ou sair. E vocês todos voltem para o túnel. Digam ao sargento que esta área inteira, a casa e os terrenos, tem de ser interditada, ninguém entra e, sem contar com a equipa médica e uma escolta, *ninguém* sai.

Olhou para a equipa, todos eles em posição, à espera de ordens.

– Rosie, precisamos do patologista. Fala com o Rory Wilkinson e diz-lhe para reunir o maior número de agentes forenses que conseguir. Vai ter de pedir ajuda a outros distritos. Para evitar contaminação cruzada, tem de haver um agente para cada vítima, por isso vai precisar de uma carrada deles. De uma maneira ou outra, temos de levar a Emily para um sítio seguro e ao mesmo tempo preservar a integridade desta cena para os agentes forenses.

Olhou para a figura deitada na cama.

– Gary, quero que prendam imediatamente o Benedict Broome e o Micah Lee. Prende-os por suspeitas de homicídio e rapto. Não podemos deixar que falem um com o outro, por isso sugiro que leves o Broome para Saltern, onde o posso interrogar, e envies o Lee para Harlan Marsh. Eles ainda lá têm uma cela de detenção, não têm, Garry?

– Têm, sim, Inspetor.

– Então trata disso.

Voltou-se para os agentes fardados.

– A sargento e eu vamos ficar com a Emily. Todas as outras pessoas têm de se ir embora. E nem uma palavra a ninguém, especialmente aos suspeitos, compreendido? Vou precisar de os interrogar a todos antes que isto se saiba. Não sabemos com o que é que estamos a lidar.

– Para além de ser um monstro filho da mãe assassino – resmungou uma voz trémula.

– Exatamente. Por isso, não falem com ninguém. Compreendem? Com ninguém!

Enquanto os ecos dos passos dos agentes esmoreciam, Jackman e Marie dirigiram-se para a cabeceira de Emily e ficaram a olhar para a cara pálida dela. Marie tocou-lhe delicadamente na face com a parte de trás de um dedo.

– O chefe tinha razão, a Toni estava a dizer a verdade. A Emily existe mesmo.

Jackman continuava a segurar na mão de Emily.

– Rezemos para que os paramédicos mexam o cu, porque não estou nada seguro de que ela vá resistir. Pobre miúda, o que ela sofreu! Nem sequer consigo imaginar.

Marie continuou a olhar para ela.

– Graças a Deus, não passou muito tempo desde que ela foi raptada. Está bastante magoada, mas parece relativamente ilesa... bem, pelo menos, à superfície.

Marie voltou-se para olhar para as outras camas.

– Meu Deus, chefe, que raio é que se passou aqui?

Jackman olhou para as filas de camas.

– Só Deus sabe, Marie. As coisas que a mente humana consegue inventar são inacreditáveis.

– Humana? Tem a certeza disso?

Jackman acenou com a mão.

– Olha à tua volta, Marie. As camas estão limpas e feitas. Os cabelos, o que resta deles, escovados. Há flores ao lado das camas e os cacifos parecem suficientemente limpos para entrar na merda de um anúncio do *Flash*. O tipo cuidou melhor destas pobres almas do que algumas pessoas cuidam dos familiares doentes.

– Só é pena que tenha tido de os matar primeiro – rosnou Marie.

– É demasiado retorcido para se perceber.

– Bem pode dizê-lo.

Passado um bocado, Marie acrescentou:

– Acha que há alguma probabilidade de irmos a encontrar a Kenya Black aqui?

Tinha sido uma das primeiras coisas em que Jackman pensara quando viu os corpos.

– Acho que não. Não há aqui nenhuma criança verdadeiramente pequenas que eu consiga ver.

– Mas e se ela tiver estado encarcerada durante anos e depois... a despacharam?

Marie arrepiou-se e olhou para a porta.

– Onde é que está a porra da equipa da ambulância?

– Sei que é uma cena de crime e temos de a analisar, mas não nos pagam que chegue para termos de enfrentar um pesadelo destes – desabafou Jackman.

– Não sei bem se encontrar o Reino Perdido dos Mortos consta nas linhas de orientação para os procedimentos policiais e para a gestão de uma

cena de crime, e o senhor?

– Sou capaz de escrever uma adenda quando tiver tempo – respondeu Jackman, soltando um suspiro de alívio. – Estou a ouvir passos.

Dois paramédicos vestidos de verde, conduzidos por um agente fardado, entraram na sala.

– Deus do céu!

O primeiro homem enfiou o saco do equipamento debaixo do braço e benzeu-se.

– Aqui! – chamou Jackman. – Ela está muito mal.

Os dois paramédicos correram para junto deles, o segundo homem a puxar uma maca e a olhar de um lado para o outro com uma expressão horrorizada.

– Olhem, esqueçam o que está à volta e façam o possível por esta rapariga, ok?

Marie baixou os olhos para Emily.

– Chama-se Emily e temos razões para pensar que foi altamente sedada.

Com esforço, o paramédico controlou-se.

– Se se puderem afastar, agora é connosco. Sabem o que é que lhe deram?

Jackman abanou a cabeça.

– A uma outra rapariga, que esteve recentemente com ela, deram-lhe um tipo qualquer de benzodiazepina. Um *roofie* novo, possivelmente com o nome de rua «*Ooblie*», se isso servir de ajuda?

– Oh, o raio dessa porcaria mortífera! É possível, e os sintomas parecem condizer, mas tenho a certeza de que não foi só isso que ela tomou. Bem, faremos o que pudermos aqui e depois metemo-la na ambulância.

Levaram 10 minutos para a entubar, pôr fluidos a correr e colocar um monitor do coração, e depois prenderam cuidadosamente Emily na maca e levaram-na para longe daquele inferno.

Quando ia a sair, o paramédico ergueu-lhes o polegar.

O silêncio pareceu envolvê-los como um manto grosso e Jackman resolveu que era melhor esperarem pelo patologista no exterior.

Já não havia ninguém que pudessem ajudar.

Jackman deitou um último olhar em redor, para a fila de jovens mortas a dormir pacificamente nas camas bem arranjadas e, de repente, apercebeu-se de uma coisa.

– Por que raio é que não reparei nisto antes?

Marie parou à porta.

– Não reparou em quê?

– Há nomes por cima das camas. Olha! Placazinhas só com um nome.

Começou a andar ao longo da fila das camas de hospital.

– Corrie, Tessa, Annie, Lucy... Porra! O assassino deixou-nos os nomes delas! Estive tão concentrado a pôr a Emily em segurança que me esqueci do protocolo básico da cena do crime. Temos de analisar cada uma das camas. E

precisamos de procurar a Kenya.

Jackman parou junto a uma das camas mais antigas e espreitou para o rótulo.

– Raios partam, a maior parte já se sumiu com o tempo. Afinal, vamos precisar mesmo do laboratório – disse, soltando um longo suspiro. – Anda. Vamos sair daqui.

* * *

Quando saíram do túnel para a noite quente, Marie sentiu que as lágrimas lhe escorriam vagarosamente pela cara abaixo. Durante todo o tempo que passara na polícia, tinha visto muitas coisas terríveis – os trabalhadores massacrados na Red House Farm, os cadáveres em Dovegate Lane, Simeon Mulberry e a mulher, Charlotte. Mas hoje? O que tinha visto hoje ultrapassava tudo o que se pudesse imaginar.

Tinha de ligar à mãe. Precisava de dizer à mãe que a amava.

Marcou o número, satisfeita, por uma vez, por a mãe viver longe, em Gales. Se a mãe soubesse o que a filha tinha de enfrentar todos os dias da vida profissional, provavelmente nunca mais conseguiria dormir.

– Mãe?

Marie encostou mais o telefone ao ouvido e sorriu.

– Então olá, e, sim, estamos enterrados até ao pescoço em trabalho, como de costume.

– Tiveste um dia muito mau?

– Do pior, Mãe.

– Posso ajudar?

– Já ajudaste. Conta-me qualquer coisa normal que tenha acontecido hoje, qualquer coisa vulgar.

– O cão vomitou no meu melhor tapete.

Marie soltou uma gargalhada.

– Era exatamente isso que eu queria ouvir.

– Mas ainda há melhor. O barracão da Maeve Henshaw foi abaixo com o vento ontem à noite e a tropa toda dos escuteiros apareceu para lhe salvar os cogumelos.

A voz melodiosa da mãe era o antídoto perfeito. Quando acabou a chamada, tinha voltado a ser ela própria, a Sargento Marie Evans, uma Inspetora muito boa. E que estava prestes a prender um pérfido assassino de raparigas e crianças.

Voltou a enfiar o telemóvel na mala e inspirou profundamente. Fosse o que fosse que estivesse para acontecer, Marie estava preparada.

Capítulo Vinte

Até Rory Wilkinson ficou calado quando viu o que o esperava na sala subterrânea. Voltou-se para Jackman e disse simplesmente:

– Se estivesse no seu lugar, aceitaria qualquer proposta que lhe fizessem sobre aconselhamento psicológico.

– Estou bem, Rory. Mas percebo o que está a dizer e talvez vá ter uma conversa com alguém quando tiver apanhado o homem que fez isto.

– Acha que é um homem? – perguntou Rory.

Jackman não respondeu. Uma mulher? De certeza que uma mulher não conseguiria...

– Só digo isto por causa dos toques delicados – explicou Rory, olhando em redor. – As jarras de flores e a forma cuidada como as roupas das vítimas estão dispostas.

Jackman pareceu confuso.

– Roupas?

– Olhe para a parede do fundo. Está a ver aquela fila de cacifos metálicos? As roupas das vítimas estão todas bem penduradas e etiquetadas. O nosso assassino não podia ter sido mais prestável. Não só temos nomes próprios, temos também as roupas que essas pobres almas vestiam quando desapareceram. Algumas estão muito frágeis, pouco mais do que farrapos, mas outras estão quase novas.

Rory olhou em volta da sala subterrânea.

– A atmosfera e as temperaturas baixas aqui em baixo atrasaram consideravelmente a deterioração, mas vai levar algum tempo para conseguir responder a todas as suas perguntas, Inspetor.

Jackman concordou.

– Eu sei. Mas, provavelmente, o homem – ou mulher – que fez isto esteve aqui muito recentemente, talvez hoje de manhã. Agora, está lá fora, num sítio qualquer próximo e, por causa do que acabou de perder, não preciso de lhe dizer como é perigoso.

Olhou firmemente para Rory.

– Não tenho muito tempo e, se a Emily não recuperar, só o tenho a si

para me ajudar.

– E vou fazê-lo. Há uma coisa que sei, uma das vítimas é muito mais velha do que as outras.

– E que importância é que isso poderá ter?

– Não tenho a certeza, mas um dos cadáveres tem 20 ou 30 anos. Dou-lhe um cálculo muito mais preciso depois de termos feito a autópsia, mas é sem dúvida a mais velha e, por isso, pode ter sido a causa de tudo isto.

Rory endireitou os óculos e voltou a olhar em volta.

– Não consigo deixar de pensar que acabei de entrar numa dessas exposições artísticas modernas. Não seria possível montar nada mais grotesco mesmo que se tentasse.

– Posso dar uma vista de olhos a esses cacifos? – perguntou Jackman, erguendo as mãos enluvadas.

– Claro que pode. Mas vai ver que embora haja 13 vítimas, incluindo a sua sobrevivente, só há 10 conjuntos de roupa.

– Mesmo assim, é uma sorte fantástica, Rory. Vai ajudar na identificação.

Rory assentiu.

– Há uma coisa de que não gosto neste sítio, para além do que é espetacularmente óbvio. Que cheiro é que sente, além do fedor da decomposição?

– Antisséptico? Lixívia? Um qualquer produto de limpeza industrial?

– Exatamente. E olhe para o chão. Não há sujidade, não há cotão, não há teias de aranha. Eu tenho mais cotão a flutuar pela minha sala de estar – disse Rory, encolhendo ligeiramente os ombros. – Diria que este sítio está tão esterilizado quanto ele ou ela conseguiu.

– O que vos irá provocar grandes dificuldades na busca de provas, é isso?

– Não estou a dizer isso. Os nossos métodos são muitíssimo mais sofisticados atualmente. É quase impossível não deixar vestígios. Vamos apenas de ter de trabalhar mais afincadamente do que o normal. E com esta nota, julgo que estou pronto para chamar a minha equipa, por isso, se não tiver nenhuma objeção...?

Jackman dirigiu-se para a porta.

– Seja o que for que precise, Rory, basta pedir. Mais iluminação, mais efetivos, mais veículos, seja o que for. Ninguém se irá atrever a berrar «Orçamento!» numa ocasião destas.

Rory anuiu.

– Contactá-lo-ei assim que descobrirmos alguma coisa que lhe seja útil.

Jackman ergueu a mão num gesto de agradecimento e recuou ao mesmo tempo que a primeira onda de figuras vestidas de azul e encapuçadas carregava o equipamento para a sala subterrânea.

Enquanto saía pelo túnel, conseguia ouvir a voz de Rory:

– Oh, não! Assim não! Por amor de Deus! Por favor! Pensem em cascas

de ovos e asas de borboletas, não em grandes bocados de carne de vaca!

Jackman sorriu para si mesmo. Estava muitíssimo satisfeito por Rory Wilkinson estar a chefiar a operação da equipa forense. Se havia respostas à espera naquela câmara de horrores, Rory Wlkinson iria desenterrá-las.

* * *

Quando regressou a Saltern-le-Fen, Marie encontrou-se com ele na receção.

– O Gary trouxe o Benedict Broome como lhe mandaram. Mas houve um problema, lamento dizê-lo.

– Porquê? O que é que aconteceu?

– Oh, nada que tenha a ver com o próprio Broome, Inspetor. Foi a governanta dele, uma mulher chamada Elizabeth Sewell. Teve um colapso e está agora a ser vista nas Urgências. Aconteceu quando ela viu os agentes a subir o caminho do jardim. O Benedict disse ao Gary que ela tem um «temperamento nervoso». Disse que ela é uma doente externa do departamento psiquiátrico do Saltern General. Resolvemos pedir um exame completo, só para jogarmos pelo seguro, sobretudo porque muito provavelmente vamos querer interrogá-la mais tarde.

Marie fungou e continuou:

– E não se preocupe, temos dois agentes com ela até a podermos trazer para aqui e nenhum deles lhe fará perguntas sobre o caso, por isso o relógio só vai começar a funcionar quando ela for libertada dos cuidados hospitalares.

Jackman recordou-se da pergunta de Rory: *Tem a certeza de que é um homem?*

– E o Micah Lee?

– Está em segurança em Harlan Marsh.

Jackman consultou o relógio. Iam poder deter Broome e Lee sem os acusar durante 36 horas, 24 horas sob a autoridade dele e 12 sob a da superintendente. Por aquilo que tinham descoberto em Windrush, não tinha o menor escrúpulo em prendê-los, mas precisava de encontrar provas que os ligassem ao crime. E dada a grande quantidade de trabalho forense em questão, não tinham a mais pequena esperança de conseguir as respostas antes que as limitações de tempo expirassem. Cada segundo contava, mas também precisavam de uma enorme dose de sorte.

– Posso dar-lhe uma palavrinha em privado, chefe, antes da reunião?

– Claro. Vamos usar o meu gabinete.

Marie entrou atrás dele, fechou a porta e sentou-se.

Jackman reclinou-se para trás na cadeira.

– Diz lá!

– Quando voltou para o subterrâneo com o Rory, andei um bocado pelo pântano, tentando acalmar a cabeça. Ainda não tinha andado mais do que duas

centenas de metros quando ouvi murmúrios. Nas sombras do anoitecer e depois daquilo que tínhamos acabado de ver, foi mesmo uma coisa muito bizarra.

Jackman olhou para ela.

– Os fantasmas do Hobs End Marsh?

– Não, era o senhor.

– Eu? – retorquiu Jackman, espantado.

– Levei um bocado a perceber que o senhor e o Rory Wilkinson estavam mesmo por baixo dos meus pés, no túnel para a Enfermaria das Crianças. Tem de haver condutas de ar ou poços de ventilação ou qualquer coisa desse género, mas distorcem o som e é *realmente* estranho! Agora já sei porque é que o pântano tem a reputação que tem e porque é que a irmã do Gary ouviu vozes, mas ele não. Tem a ver com o sítio onde estamos parados.

– Então ela estava a ouvir pessoas de carne e osso debaixo do chão! O Gary vai ficar satisfeito quando ouvir isso.

– E nós também devíamos ficar porque pode responder à questão da cantoria.

Jackman assentiu vagarosamente, à medida que a imagem assustadora se foi tornando mais clara.

– O assassino punha-se a cantar enquanto percorria os túneis da Enfermaria das Crianças?

– Bem, sabemos que ele anda por aqui há anos e que os contrabandistas já andavam antes dele, portanto isso é capaz de explicar as superstições.

– As luzes no pântano à noite também podem estar relacionadas. Se há poços que sobem do túnel e se já sabemos que ele levou a eletricidade do celeiro para a sala subterrânea, talvez, às vezes, houvesse pontos de luz na superfície. Se os poços conseguem conduzir som, porque não luz?

Jackman sorriu-lhe de orelha a orelha.

– Muito bem, Inspetor! Acabaste de destruir a Lenda Fantasmagórica do Hobs End Marsh!

– E sinto-me muito bem com isso. Estas conversas todas de acontecimentos arrepiantes estavam a assustar-me a sério. Eu gosto é de factos.

– Ok, a nossa próxima tarefa tem a ver inteiramente com factos. Chegou a hora de trocarmos informações. Está toda a gente presente?

– Sim, chefe. Estão todos na sala dos homicídios à sua espera.

– Certo, vou lá ter assim que tiver informado a Superintendente Crooke. E depois dessa troca de informações, podemos interrogar o Broome – disse Jackman, sentindo um ligeiro frémito a percorrê-lo. – E Marie? Ótimo trabalho!

Ruth Crooke parecia ainda mais fatigada do que da última vez que Jackman a tinha visto.

– Foi tão mau como me contaram?

– Provavelmente, senhora Superintendente. Talvez pior. Não sei o que lhe disseram.

– Seja como for, lamento que tenha sido o primeiro a deparar-se com uma coisa tão pavorosa, Jackman.

O inspetor encolheu os ombros.

– Foi melhor ter sido eu do que um homem de família com filhas daquela idade.

– E detiveram o Broome e o vigilante?

– Vou interrogá-los assim que tiver informado a equipa. Quer estar lá quando isso acontecer, senhora Superintendente?

– Não, continue a tratar disso, tenho o adjunto do chefe da Polícia em cima de mim e depois temos de lidar com os *media*.

Jackman arfou.

– Com certeza que não vamos tornar isto público tão cedo, pois não? Caraças, preciso mesmo de um bocadinho de folga antes que o frenesim comece!

Ela dirigiu-lhe um meio-sorriso cansado.

– Acalme-se, Inspetor. Vou reter isto o máximo de tempo que me for possível. Só preciso de estar preparada para intervir antes que haja uma fuga de informação. Sabe que eu não consigo manter silêncio sobre uma coisa desta magnitude durante muito tempo. Temos metade da polícia de Fenland em Hobs End Marsh e embora não se trate propriamente de uma metrópole efervescente, as pessoas dão-se conta. Falam *e* fazem perguntas *e* se não lhes dermos qualquer coisa que as satisfaça, somam dois mais dois e chegam a cinco, raios partam!

Ela tinha razão. Jackman não fazia a mínima ideia se um qualquer nativo de Lincolnshire Fens não teria já visto umas lindas luzes azuis no pântano e ligado para o pasquim da terra.

– Peço desculpa, senhora Superintendente. Por favor, consiga-me o tempo que puder. Basta que chegue para conseguir interrogar o dono de Windrush e o poder prender ou soltar.

Ruth Crooked assentiu com a cabeça.

– Vou fazer isso. Ah, e pedi aos outros agentes do DIC para reorganizarem a carga de trabalho que têm e vos darem qualquer apoio de que precisem, especialmente com o processo de identificação.

Endireitou-se na cadeira e algo da antiga superintendente brusca pareceu ter regressado.

– Agora, vá lá tratar da sua reunião e não se esqueça da nova diretiva sobre os traumas psicológicos. Temos um serviço confidencial de despistagem e aconselhamento disponível e compete-lhe encorajar ativamente todas as pessoas que estejam afetadas por isto a falar com o psiquiatra o mais depressa

possível.

Claro, fazer um bicho de sete cabeças de tudo e pôr os que têm tudo resolvido na cabecinha deles a sentirem-se culpados por não serem chanfrados.

– Vou garantir que todos conhecem as opções disponíveis, senhora Superintendente.

Jackman deu meia-volta para se ir embora.

– Não se esqueça de me manter a par das novidades todas, Rowan. De todas. Assim que ocorram.

– Sim, senhora Superintendente.

* * *

A reunião levou menos tempo do que o inspetor tinha pensado. Jackman podia ser considerado um perito em linguagem corporal e sentiu-se aliviado por nenhum dos agentes dele parecer demasiadamente perturbado. Afinal, estava a lidar com polícias experientes e não com um bando de miúdos da escola impressionáveis.

Tinha pedido a Marie para prestar atenção a quem quer que ela julgasse que estava a ter dificuldades, mas a sargento concordava com ele. Para a maioria, era apenas mais uma tarefa, só que um bocadinho mais horrenda. As piadas macabras já tinham começado a circular e, dadas as circunstâncias, Jackman achava que era positivo.

– Quem é que está no hospital com a Emily? – perguntou.

– Uma agente fardada e um dos inspetores do Inspetor Osborne. Ah, e o Stefan descobriu-nos um intérprete de letão, só para o caso de ela ser a desaparecida da UE de Greenborough. Têm ordens para lhe telefonar diretamente se houver alguma notícia, chefe – explicou Marie. – Segundo as últimas informações, ela continuava na sala de reanimação e não faziam ideia se iria safar-se ou não.

Jackman rezou para que Emily recuperasse. Só algumas palavras, só um nome ou uma descrição e poderiam apanhar o filho da mãe que tinha feito aquilo.

A sala foi-se esvaziando lentamente, até que Jackman ficou sozinho com Marie e Rosie. Olhou para o relógio. Passava pouco das nove.

– É demasiado tarde para andar a fazer perguntas de casa em casa hoje à noite, Rosie, mas quero que organizes tudo para começar logo de manhãzinha. Arranja uns agentes fardados para irem a Roman Creek visitar todas as propriedades na área circundante. Não são muitas, mas têm de as revistar completamente, ok?

Rosie assentiu.

– Certo, chefe.

– Diz-lhes para terem cuidado. Não há nada que diga que isto é obra do

Broome ou do Lee. Pode ser de qualquer pessoa. Por isso, eles têm de agir cuidadosamente e informar-nos se houver alguma coisa invulgar.

Virando-se para Marie, continuou:

– O sargento responsável concordou que falássemos com o Broome, desde que fôssemos breves. Tem os seus códigos de conduta a ter em conta.

Fez uma careta

– Raios partam o maldito PACE^[9] outra vez!

– Então o melhor é tratar disso.

[9] N.T.: Police and Criminal Evidence Act, o conjunto de normas relacionadas com os direitos humanos e a forma como os cidadãos devem ser tratados sob custódia; trata-se de um modelo que estabelece e circunscreve os poderes da polícia e elabora um código de conduta para os agentes.

Capítulo Vinte e Um

Jackman e Marie sentaram-se à entrada da sala de interrogatórios e esperaram que trouxessem Benedict Broome da cela.

– Antes de entrarmos, Marie, talvez devêssemos recapitular as poucas informações que temos sobre o Broome. O que é que sabemos?

Marie abriu uma pasta fina.

– Isto é o que o Andy English e o Kevin Stoner conseguiram descobrir. Não é muito – explicou, olhando para as notas. – O Benedict é dono daquele sítio no canal. Está lá há mais de 10 anos. A governanta tem um pequeno anexo. Ao que parece, está com ele desde o princípio, toma conta da casa, cozinha, etc. Sem contar com o jardineiro que vem duas vezes por semana, não há mais ninguém.

– E como é que o Benedict Broome ganha a vida?

– Não diz aqui. Não há referência a qualquer emprego – respondeu Marie, continuando a ler. – Há uma nota do Agente Goode relativa às origens do Broome. Diz que bateu numa parede de tijolo quando tentou encontrá-las.

– Parece uma tarefa para o nosso Max, não parece? Partindo do princípio de que o Broome nos dá respostas satisfatórias. Quem me dera que a Toni Clarkson não tivesse estado tão drogada. Podia ser que fosse capaz de o reconhecer, ou ao Micah Lee, numa fila de identificação de suspeitos. Sendo as coisas como são, ela só consegue recordar-se de que ele tinha uns olhos estranhos.

– E a palavra de uma miúda a quem tinham acabado de enfiar uma saqueta de «Ooblie» não teria exatamente validade – disse Marie, levantando os olhos. – Ah, ótimo, parece que já temos rede. O sargento está a chamar-nos.

– Certo, vamos lá ver o que é que o Mr. Benedict Broome nos pode dizer.

Benedict Broome foi levado para a sala de interrogatórios, mas antes de o entregar a Jackman e a Marie, o sargento responsável saiu da sala e disse-lhes baixinho:

– Sejam breves. Está a ficar tarde para um interrogatório exaustivo e tenho de vos dizer que ele dispensou o direito de ter um advogado presente.

Marie encolheu os ombros.

– Bem, isso é uma prerrogativa dele, mas nada aconselhável, dadas as circunstâncias.

Enquanto entravam na sala, perguntou-se que tipo de homem iriam encontrar.

Para que ficasse tudo gravado, Jackman apresentou-se, pediu a Marie e a Broome para fazerem o mesmo e explicou a razão do gravador de cassetes. Depois certificou-se de que Broome compreendia a gravidade da situação em que se encontrava.

– Tenho realmente de o aconselhar a ter um advogado presente, Mr. Broome, considerando a gravidade da sua situação e a natureza da descoberta por baixo da sua propriedade, nomeadamente, Windrush, em Roman Creek.

Broome olhou-o diretamente nos olhos.

– Inspetor-Chefe, estou mais do que disposto a responder às suas perguntas. O que descobriu é horrível, absolutamente devastador. Estou tão chocado e confuso como o senhor, talvez até mais, porque esse sítio estava destinado a ser um santuário, um local de paz e tranquilidade.

Soltou uma gargalhada amarga.

– Que possibilidade de paz há agora, quando sei que uma pessoa perversa o usou para cometer atos tão terríveis?

Benedict Broome era bem constituído, naquele estilo dado a boa comida e a bons vinhos. Vestia roupas caras e tinha o ar confiante de um homem de negócios bem-sucedido.

– E, claro, não quero atrasar as coisas nem para si nem para mim. Francamente, quer esteja um advogado presente ou não, só lhe posso dizer o que sei e pode ter a certeza de que não irei esconder nada e que direi apenas a verdade.

Recostou-se na cadeira, as mãos cruzadas no colo. Jackman preferiu não responder de imediato.

Marie observou ambos cuidadosamente. Broome era erudito, obviamente sabia muito sobre leis e era muito diferente da maioria dos «clientes» que passava por aquela sala. Era evidente que Jackman estava a tomar tudo isso em consideração.

– Muito bem. Posso perguntar-lhe se lhe foi claramente explicada a razão para estar aqui hoje?

Broome confirmou que estava completamente ciente de que uma jovem que fora raptada e uma série de cadáveres tinham sido descobertos por baixo de um dos anexos e das áreas do recinto de Windrush. Sendo o dono da propriedade, ele e as pessoas que trabalhavam para ele teriam, naturalmente,

de ser interrogados.

– Sabia da existência dos túneis por baixo da sua propriedade, Mr. Broome? – perguntou Marie.

– Só por fazerem parte de uma lenda histórica. Todas as casas antigas como Windrush têm segredos, não é verdade? Esconderijos para padres, salas e corredores secretos, às vezes até caves secretas e, sim, muito possivelmente, túneis. Embora seja de frisar que há muito poucos no pântano, uma vez que é terra reclamada ao mar. Windrush está construída num pequeno afloramento de rochas que, supostamente, tinha sido uma ilha. É isso que a torna tão invulgar.

Broome arranhou o queixo pensativamente.

– De certeza que há uma porta selada na cave principal, mas foi cimentada muito antes de eu passar a ser o proprietário. Dada a idade do edifício, estou convencido de que não é a única.

Marie franziu a testa.

– Mas de certeza que mandou fazer estudos aprofundados quando fizeram o projeto para o vosso trabalho de reconstrução?

– Sim, Sargento Evans, mandei. Mas tanto quanto percebi, a sala subterrânea que contém os cadáveres não faz parte do meu programa atual. Se tudo corresse bem e as finanças permitissem, tencionava continuar com mais duas fases. Essa seria a Fase Três e ainda não tinham sido feitos estudos nem projetos – disse ele, soltando um grande suspiro. – E agora nunca serão.

– Qual é a sua ocupação, Mr. Broome? – perguntou Jackman abruptamente.

– Trabalho no mundo das finanças. Negoceio nos mercados.

– Então tem fundos consideráveis à sua disposição?

– Vivo desafogado, embora o dinheiro nunca seja suficiente, Inspetor Jackman – replicou Broome com um leve sorriso. – Especialmente com um sorvedouro de massa do tamanho de Windrush.

– E é mesmo verdade que a ganhou numa aposta? – perguntou Marie.

– Ganhei, sim.

– Quer dizer que é um jogador?

– Já disse que negoceio nos mercados. Isso faz-me correr riscos sem dúvida nenhuma, portanto pode chamar-me um jogador, se preferir.

Marie olhou para ele com interesse. Parecia culto e seguro de si.

– Nasceu nesta região, Mr. Broome? – perguntou Jackman.

– Não, não nasci nem fui criado em Fenland. Nasci no West Country e, mais tarde, a minha família instalou-se em Cambridgeshire.

– E os seus pais? – perguntou Marie, reparando que Jackman estava a observar Broome atentamente.

– Já morreram há muito – respondeu ele, sem qualquer emoção na voz. – Morreram quando eu estava no fim da adolescência.

– Então quem é que cuidou de si?

– Tive ajuda das pessoas que me rodeavam e, felizmente, havia dinheiro.

Mas, até certo ponto, tomei conta de mim mesmo.

Sentou-se para a frente, com os cotovelos pousados descontraidamente na mesa entre eles.

– São coisas que acontecem. A única coisa que temos de fazer é andar para a frente e lidar com isso, não é? Sobrevivi e isso é que conta.

– Então o que é que o trouxe para os Fens?

– Eu e os meus advogados passámos anos a tentar resolver as complexidades dos bens da minha família e há pouco tempo descobri que possuía a propriedade na Admiralty Row. Vi-a, gostei dela e foi isso. Realojei os inquilinos e mudei-me para lá.

Parecia muito convincente. Marie desejou ter a capacidade de Rosie para ler as pessoas.

Seguiu-se um silêncio enquanto os dois polícias se interrogavam sobre como continuar.

Marie olhou para as notas. Será que devia fazer uma pergunta sobre a cantoria? Resolveu que não. Seria demasiado fácil para Broome mentir, e ela ainda não estava completamente preparada para aquela cartada.

Jackman olhou fixamente para Broome.

– O homem que tem lá em Windrush, o Micah Lee. Parecia bastante nervoso quando conversámos com ele. Saberá dizer-nos porquê?

– Aparentemente, o Micah Lee sofreu um acidente quando era pequeno e ficou com dificuldades de aprendizagem. É um trabalhador manual bom e forte. Tive pena dele e o trabalho na minha propriedade deu-lhe algo em que se focar. E é extremamente leal.

– Onde é que ele vive?

– Está hospedado numa quinta na Fendyke Village. O dono é um cultivador de batatas chamado Tanner. O Micah faz algum trabalho sazonal para ele e, ao que sei, ajuda na quinta quando não está em Windrush.

– Mr. Broome, temos de averiguar os seus movimentos por volta da altura em que a jovem foi raptada – declarou Marie. – Onde é que o senhor estava na última sexta-feira?

Broome ficou calado durante uns instantes.

– De manhã, estive no meu escritório, em casa. Faço a maior parte dos meus negócios pelo telefone e pela Internet. E, à tarde, levei a minha governanta ao hospital para uma consulta externa. Jantei sozinho nessa noite, tanto quanto me lembro, e a seguir, provavelmente, devo ter feito mais uns telefonemas e fui para a cama por volta das 11h, acho eu – concluiu, esfregando o queixo bem escanhado. – Tudo muito vago, percebo, mas em geral a minha vida não é excitante.

– E a Elizabeth Sewell? Está consigo há muito tempo?

– Veio trabalhar comigo cerca de uma semana depois de eu me ter mudado para cá. Sofre bastante dos nervos. É muito delicada, mas a natureza solitária do trabalho convém-lhe. Além disso, é uma excelente cozinheira.

As respostas de Broome tinham sido tão mundanas que, à parte o gosto

pelo jogo, podia bem ser o mortal mais enfadonho do planeta. Mas havia ali mais qualquer coisa.

Jackman olhou para o relógio e deu o interrogatório por concluído.

– Já são horas de ir dormir, Mr. Broome, mas haverá mais perguntas.

– Claro, Inspetor Jackman – retorquiu ele, erguendo as mãos. – Estou completamente à sua disposição.

* * *

– Identificaram a Emily!

Max quase saltou por cima da secretária para chegar a eles.

– Ela é a rapariga letã, a Aija Ozolini. O intérprete de letão, Janis, levou o tio dela ao hospital e ele identificou-a.

– E como é que ela está? – perguntou Jackman.

– Nada bem, chefe. Está crítico. Ainda continua ligada ao ventilador.

– Bem, pelo menos está fora daquele inferno.

Jackman recordou a si próprio que tinha de contar a Toni Clarkson que tinham conseguido socorrer Emily.

– E o Prof. Wilkinson telefonou a pedir que lhe ligue para o telemóvel assim que puder.

Max voltou para a secretária e acrescentou:

– Esta investigação sobre o passado do Broome está a dar comigo em doido. Seja qual for a abordagem que escolho, obtenho sempre um grande e gordo zero. Até parece que foi encontrado debaixo de um arbusto. É como se ele não existisse!

– Se calhar, não existe mesmo – recordou Marie, empoleirada no canto da secretária de Max. – Estou a captar qualquer coisa muito estranha desse homem e, se estivesse no teu lugar, alargaria a próxima pesquisa.

– Como? – perguntou Max.

Marie encolheu os ombros e bocejou.

– Não sei. Só não consigo acreditar que ele seja o chato do ricaço que diz ser.

Jackman não conseguiu evitar bocejar também.

– Concorde. Ele é demasiado bom para ser verdadeiro – disse, olhando para o relógio. – Raios! É demasiado tarde para ir falar com o Micah Lee agora. Vamos ter de telefonar para Harlan Marsh e combinar qualquer coisa para amanhã cedo. O tipo pode precisar de ter um acompanhante adulto ao lado para salvaguardar os interesses dele. Depois do que o Broome nos contou, não estou muito certo da capacidade mental do homem. Pode ser deficiente e não quero que nenhum dos nossos interrogatórios seja considerado inadmissível.

– Tem toda a razão – murmurou Marie. – Vou ligar já para Harlan Marsh e tratar do assunto.

– E eu vou ligar ao Rory.

Jackman agarrou no telefone e marcou o número do patologista.

– Vou subir à superfície e torno a ligar-vos! – berrou Rory por uma linha cheia de crepitação. – Temos de falar.

Rory parecia estar ofegante quando voltou a ligar.

– Então, o que é que tem para mim?

– Bem, primeiro – e a verdade é que não precisa que eu lhe diga isto –, o intervalo de tempo entre cada homicídio mostra a confiança crescente de um assassino em série. Parece que as mortes dele eram bastante raras há 10 anos, mas agora está a começar a matar mais frequentemente.

– Então esperemos que o tenhamos parado antes de ele entrar numa onda de assassínios.

– Possivelmente. Mas não se esqueça que lhe destruiu o precioso covil. Neste momento, o Inspetor não vai ser a pessoa de quem ele mais gosta. De facto, meu amigo, ele vai odiá-lo por isso e pode perder o controlo e voltar a matar só para o despeitar.

– A não ser que eu o prenda antes que ele tenha essa possibilidade – resmungou Jackman por entre dentes. – E que mais é que tem para nós?

Rory fungou.

– É uma coisa muito pequena e aborrecida. Quando documentámos as roupas, descobrimos que a vossa única sobrevivente tinha os sapatos errados. Nunca lhe poderiam servir e também não pertencem a nenhuma das outras vítimas.

Jackman respondeu-lhe que tinham visto exatamente a mesma coisa com Toni Clarkson.

– Ah, meu herói! Isso resolve o assunto. Odeio mesmo esses pormenores irritantes. Agora, uma coisa muito mais importante – disse Rory, fazendo uma pausa, muito provavelmente, para criar um efeito dramático. – Um dos meus agentes da equipa forense comentou a quantidade de equipamento na sala subterrânea e que teria sido impossível arrastar isso através do pântano e pelo túnel. Suspeito que o proprietário de Windrush irá usar o facto de a entrada para a câmara mortuária subterrânea ser no pântano, que é terra comum e que, por isso, podia ter sido usada por qualquer pessoa. Tenho razão?

Jackman respondeu-lhe que já tinham discutido isso.

– Foi o que eu pensei. Por essa razão, fiz um exame minucioso da sala e da parede em especial. É quase impossível ver a olho nu, mas uma parede não está rebocada exatamente como as outras e, sob um escrutínio rigoroso, é visível o contorno vaguíssimo de uma porta.

Jackman sentiu um frémito de excitação.

– Quer dizer que trouxeram as camas e tudo o resto por uma entrada algures na própria propriedade de Windrush?

– Oh, acho que sim. Na minha opinião, a sala foi preparada e depois a entrada foi selada, para impedir que qualquer pessoa de Windrush tropeçasse nela ou para dar a ideia de que não tinha nada a ver com o proprietário. As

camas são quase de certeza uma herança do tempo em que a casa foi usada como sanatório.

Rory inspirou fundo.

– Quando lhe devolvermos a cena do crime, sugiro que volte a consultar o meu querido amigo Ted. Talvez ele possa usar algum daquele equipamento maravilhoso e investigar o que está do outro lado da parede, não?

– É o que vou fazer, Rory. Acredite ou não, ele ainda aqui está. Ele e um dos nossos rapazes das TI estão ocupados a transferir todos os túneis subterrâneos e todas as estruturas antigas para uma espécie de mapa computadorizado da propriedade.

– Fantástico! Ele sempre gostou de desafios. E quando estiver a falar com ele, acha que lhe pode perguntar se conhece algum antropólogo forense, aqui da zona, que possa estar preparado para nos dar uma ajuda com o esqueleto mais antigo? Estou cheio de trabalho e estou bastante convencido de que aquela senhora guarda grandes segredos.

– Vou perguntar-lhe. E o que é que quer dizer com «grandes segredos»?

– Bem, posso dizer-lhe que isto não é o primeiro sítio onde aquela rapariga foi enterrada.

O sobrolho de Jackman franziu-se ainda mais.

– Exumada? Desenterrada? Pode ser mais específico? A minha cabeça já está a cengeminar uns cenários bastante bizarros.

– Provavelmente, não mais estranhos do que a verdade. Esta rapariga foi de certeza trazida para aqui pouco depois de ter morrido. Não me pergunte como é que sei, o meu relatório vai responder-lhe.

Jackman soltou um grande suspiro.

– Vou mesmo perguntar ao Ted se arranja alguém para o ajudar com ela. Como você diz, ela pode muito bem ser a chave para o que aconteceu.

– Bem, é melhor voltar para o meu Hades privado. Nem consigo dizer-lhe quanto trabalho temos de fazer esta noite.

– Como é que vai conseguir lidar com isto, Rory? Há tantos cadáveres. A morgue não está preparada para isso e ainda tem as suas atividades diárias.

Rory soltou uma gargalhada.

– Vou partilhar um segredo consigo. Há umas instalações especiais nas entranhas do hospital. Não é uma coisa muito conhecida, mas foram criadas há séculos para permitir que o Ministério do Interior conseguisse enfrentar uma epidemia grave ou uma catástrofe natural. Não são usadas há anos, desde aquela onda de calor que levou tantos dos nossos velhos. Neste momento, tenho lá alguns dos meus técnicos a ativá-las e a prepará-las para começarem a funcionar. Por isso, não se preocupe, caro amigo, há muito espaço para todos. E agora tenho de ir. Falamos mais tarde.

Jackman terminou a chamada e questionou-se sobre aquela primeira rapariga. O assassino tê-la-ia matado, enterrado e depois voltado, muito mais tarde, para exumar o corpo e o colocar numa cama de hospital com flores lindas em cima do cacifo? Jackman resfolegou de descrença e foi à procura de

Ted Watchman.

Encontrou o jovem arqueólogo ainda debruçado sobre mapas antigos e folhas de computador impressas. Quando Ted ouviu falar da parede e de uma possível porta na câmara subterrânea, os olhos iluminaram-se-lhe e disse que adoraria investigar o assunto. Contou a Jackman que um dos membros do corpo docente da Universidade, a Professora Jan Wallace, era uma antropóloga forense brilhante e que lhe ia telefonar na manhã seguinte, bem cedo.

Jackman mandou-o ir dormir e foi à procura de Marie.

– Em Harlan Marsh não foram particularmente prestáveis – resmungou ela. – Mas esperemos que tudo esteja em ordem para amanhã. Eles acham que o Micah Lee é bastante amalucado.

– Olha a novidade – retorquiu Jackman, franzindo o sobrolho. – O que eu gostaria mesmo era de falar com ele hoje à noite, mas o raio do Police and Criminal Evidence Act não o permite. Uma data de burocracia que nos restringe e a que estamos presos.

– Não se preocupe, vamos falar com ele logo de manhãzinha – disse Marie, abafando um bocejo.

Jackman não escondeu o próprio bocejo.

– Esperemos que nessa altura ele esteja um bocadinho mais recetivo.

Marie fez uma careta.

– Até parece que é dono do sítio. Nunca vi um homem tão zangado.

– Talvez uma noite nas celas o torne um nadinha mais prestável – atirou Jackman, soltando um suspiro. – Vamos à procura dos outros e depois, casa. Que dia mais pavoroso!

Encontraram a equipa reunida na sala do DIC, todos parecendo macilentos de fadiga.

– Ok, rapaziada, acabem o que estiverem a fazer. Os nossos suspeitos já foram metidos na cama pelos respetivos sargentos responsáveis, por isso não podemos fazer mais nada. Vão para casa, todos!

Marie voltou-se para Gary.

– Estás pronto, companheiro de casa? O meu quarto de hóspedes espera por ti, assim como os parques conteúdos do frigorífico, a não ser que te apeteça ir buscar uma refeição de micro-ondas quando formos a caminho de casa?

– Tenho alguma comida num saco de congelados no meu carro, Sargento. Posso arranjar qualquer coisa para comermos em metade do tempo que levaria a ir ao supermercado, mesmo a esta hora da noite.

Marie lambeu os lábios.

– Quanto tempo é que disseste que ias ficar?

Virando-se para Jackman, soltou:

– Boa noite, chefe. Até daqui a umas horas.

O inspetor acenou-lhes com a mão e dirigiu-se vagarosamente para o gabinete. Queria desesperadamente voltar para a casa acolhedora no moinho, aquecer-se ao pé do Aga e enroscar-se na cama confortável. Mas sabia que

devia usar a tranquilidade relativa da noite na esquadra para refletir acerca de tudo o que tinha acontecido.

Fechou a porta. O ar condicionado zumbia suavemente e ouviam-se vozes distantes provenientes das diferentes partes do edifício. Em comparação com a azáfama do dia, o gabinete estava tão pacífico como uma capela vazia.

Sentou-se à secretária, os cotovelos na superfície de madeira polida, e apoiou o queixo nas mãos em concha. Fechou os olhos que picavam do cansaço, como se os tivesse esfregado com areia. Por trás das pálpebras doridas e fechadas, viu os armários com as jarrinhas com flores.

Porque é que um assassino psicótico e frio tinha arranjado tempo para um gesto tão terno? Tão carinhoso?

Jackman pressentia que se soubesse a resposta a isso, chegaria ao cerne do que tinha acontecido em Windrush.

Quem lhe dera que tivessem um *profiler*. Jackman precisava de alguém com quem falar sobre os motivos do assassino, sobre o perfil dele. Mas depois de uma má experiência no passado, a superintendente estava completamente contra a criação de perfis psicológicos.

Jackman reclinou-se na cadeira e olhou para o teto. Não estava a chegar a lado nenhum. Se tudo o que conseguia desencantar eram jarrinhas de flores, era altura de desligar a ficha e ir para casa.

Capítulo Vinte e Dois

— Desculpe, senhor Inspetor. Deparei-me com um problema.

Gary entrou no gabinete de Jackman, com uma expressão ansiosa.

— Pediu-me para analisar as últimas imagens daquelas camaras de vigilância do Nick Barley com aqueles tipos do clube de amigos dos copos.

Jackman olhou para ele.

— E o que é que descobriste?

— Não descobri nada porque elas desapareceram — respondeu Gary, agitando-se desconfortavelmente. — Bom, não foi bem assim. Foram apreendidas pelo Superintendente-Chefe Cade. Quando perguntei porquê, disseram-me que o gabinete do DIC dele *«tinha despachado o trabalho em atraso e que estavam ansiosos por nos dar uma ajudinha»*. Também me explicaram claramente que como a rapariga original foi provavelmente raptada na área de Harlan Marsh, teriam mais probabilidades de reconhecer qualquer dos homens vistos a falar com o jovem Barley.

Os dentes de Jackman cerraram-se. Cade não tinha direito absolutamente nenhum de fazer aquilo. Não sem que ele tivesse dado autorização. Agora já havia uma ligação concreta entre o clube de amigos dos copos para menores, o rapto das raparigas e um assassínio em série, por isso, que raio é que Cade estava a tramar?

— Cada vez mais curioso — disse Marie baixinho, balançando as chaves do carro de serviço no dedo.

— O filho da mãe! — sussurrou Jackman. — Espera aí, Marie. Vou falar com a Superintendente.

Jackman entrou de rompante no gabinete de Ruth Crooke e anunciou bruscamente a notícia de que Cade tinha ficado com as imagens das câmaras de vigilância.

— Eu sei — respondeu a superintendente calmamente. — E você devia acalmar-se, Rowan, porque ele tem toda a razão. Eles andam atrás deste gangue há meses. Têm muito mais hipóteses de os identificar do que vocês.

Indicou-lhe uma cadeira, mas Jackman ignorou-a e continuou a andar de um lado para o outro do gabinete.

– Mas há os canais corretos e uma questão de mínima decência comum, senhora Superintendente. E ele marimbou-se tanto para uma coisa como para a outra.

– O Superintendente-Chefe Cade está apenas a ajudá-lo. Disse que está muito grato pela vossa ajuda, por isso, agora que vocês estão tão atarefados, está a retribuir o favor – retorquiu a Superintendente, estreitando os olhos. – Portanto, sugiro que o aceite como tal. Já tem muita coisa para resolver neste momento, com 12 corpos jovens para identificar, já para não falar de um assassino à solta nos Fens.

– Nem me lembre disso – soltou Jackman, deixando-se cair na cadeira e estando prestes a dizer mais qualquer coisa quando o telefone da superintendente tocou.

Ruth passou-o a Jackman por cima da secretária.

– Lamento, Rowan. A Aija Ozolini, conhecida como Emily, morreu há uns minutos. O agente que está no hospital gostaria de falar consigo.

Jackman ficou devastado. Depois de tudo o que Emily tinha sofrido, depois de ter sido socorrida, tinha acabado pura e simplesmente por morrer à mesma. Cerrou os dentes para conter os uivos de frustração.

– Fala o Inspetor Jackman.

– Senhor Inspetor, queria que soubesse que a Emily recuperou a consciência, só por uns curtos instantes, mas o médico disse que as drogas tinham provocado danos irreparáveis. Sofreu um ataque cardíaco violentíssimo e já não houve maneira de a reanimar.

– E ela disse alguma coisa sobre quem a raptou, Agente?

– Ela estava a falar na língua dela, mas o Janis, o intérprete, estava connosco. Ele diz que ela estava principalmente agitada sobre a família, mas disse qualquer coisa sobre alguém a cantar-lhe. Depois entrou em pânico total e começou a gritar algo sobre olhos. Anotei exatamente aquilo que o Janis disse. «Olhos mortos! Oh, meu Deus! Afastem-se de mim! Por favor! Não olhem para mim!». Não disse mais nada. O Janis fez o melhor que conseguiu para lhe arrancar alguma descrição, mas, pouco depois disso, o coração dela cedeu.

Jackman agradeceu ao agente e voltou a passar o telefone a Ruth Crooke. A tristeza já estava a dar lugar à raiva.

– Tenho de ir. Preciso de contar às tropas, mesmo que não sejam as notícias que queriam ouvir.

– Bem, lembre-se, Rowan, já têm dois suspeitos sob custódia e outro sob vigilância no hospital. É um começo melhor do que o que costumamos ter.

– E a minha única testemunha ocular acaba de morrer. Se os nossos suspeitos se vierem a revelar inocentes, há um psicopata à solta por aí.

Jackman deu à equipa a notícia da morte de Emily. Ficaram de cara à banda. Tinham concentrado todas as esperanças nela.

– O que é que lhe diz o seu instinto, chefe? – perguntou Charlie.

– Ainda nada. Até agora, só falámos com o Broome. O Micah vai ter de ser tratado com muito cuidado.

– Lamento, mas não vamos poder falar com ele agora – acrescentou Marie. – Recebi uma mensagem de Harlan Marsh. O médico da polícia viu-o e disse que ele não está capaz de ser interrogado, com ou sem adulto responsável. Vão informar-nos de quando o podemos ver.

Jackman praguejou. Aquele dia estava a tornar-se um pesadelo.

– Bem, não há nada a fazer. Podemos tentar este lavrador com quem o Lee vive. Tanner, acho que é assim que se chama.

– Talvez eu possa ajudar os agentes que andam de casa em casa em Roman Creek? – perguntou Rosie. – Eles têm falta de gente e há mais propriedades por aí do que eu julgava.

– Boa ideia. Certo. O ponto de situação é o seguinte: o Ted Watchman foi a Windrush procurar uma possível entrada para a sala subterrânea. A cena do crime ainda não nos foi entregue. O Micah Lee não está em condições para ser interrogado e as nossas imagens das câmaras de vigilância do clube foram-nos tiradas. Não é lá grande começo, mas temos bastante para continuar.

Olhou para a equipa.

– Sugiro que o Charles vá contigo, Rosie, para ajudar com as entrevistas casa a casa e a Marie vem comigo. Max? Gostaria que fosses à casa que o Broome tem na cidade. Leva uns polícias fardados contigo e vê o que consegues descobrir sobre o homem. Não deem cabo do sítio, mas observem com muita atenção.

A recordação de todas aquelas flores nos cacifos das raparigas mortas voltou a assaltá-lo.

– E não se esqueçam de verificar o anexo onde vive a Elizabeth Sewell. Ah, e enquanto lá estiverem, descubram quem é o jardineiro.

Jackman voltou-se para Gary.

– Tu vens connosco ao alojamento do Mr. Lee. Veremos o que o Mr. Tanner pensa dele.

Jackman lembrou-se de outra coisa. Chamou Clive, o gerente do gabinete.

– Gostava que usasses as tuas melhores capacidades diplomáticas e ligasses para a Grace Black – disse ele, fazendo uma careta. – Ela precisa que lhe garantam que não nos estamos a esquecer da nossa responsabilidade para com a Kenya. Diz-lhe que este caso se agravou e que eu entrarei em contacto com ela, pessoalmente, muito em breve, ok?

Clive ergueu o polegar.

– Não se preocupe. Serei discreto, bem-educado, sensível, diploma...

– Ok. Já percebi.

Enquanto saíam da cidade, Jackman olhou para Gary. O agente parecia mais calado do que o costume.

– É por causa da Emily? – perguntou-lhe. – Sei bem como estamos todos desapontados, estávamos todos esperançados de que ela nos indicasse o assassino.

Gary abanou a cabeça.

– Isso é verdade, mas, não, há outra coisa que me está a incomodar.

Franziu a cara numa careta e depois largou de rajada:

– A questão é que eu estava verdadeiramente preocupado com aquilo do Superintendente-Chefe Cade levar aquelas gravações das câmaras de vigilância, senhor Inspetor, por isso dei uma palavrinha a um amigo meu em Harlan Marsh.

Virou-se para Jackman.

– Ele é de absoluta confiança, o meu amigo, e eu sei que não vai falar disto a ninguém.

Jackman meteu a quinta e prestou atenção.

– Ao que parece, assim que ouviu que vocês estavam metidos até ao pescoço em cadáveres em Roman Creek, o Cade correu que nem um desalmado para Saltern. Perguntou à Superintendente como estavam a correr as vossas investigações em relação ao clube de amigos dos copos... e o resto é história.

– E o que é que concluis daí? – perguntou Marie do banco de trás.

– Que ele conhece alguém envolvido neste clube ilegal e quer protegê-lo.

– Outro dos amigalhões dele a chafurdar na merda da lama! – bufou Marie. – Então porque é que nos foi pedir para investigar? Se tens amigos metidos em sarilhos, não incitas uma equipa de topo a começar a meter o nariz.

– Com toda a sinceridade, Sargento... – disse Gary, mordiscando o labo inferior. – Aposto uma nota de cinco libras que ele acreditou mesmo que a Toni tinha feito simplesmente um daqueles truques de fugir habituais dela e por isso estava apenas a exhibir-se ao Neil Clarkson, pondo-vos à procura da rapariga.

Estreitou os olhos.

– Acho que aquele homem é capaz de tudo. E, olhando para trás, a nossa caçada ao clube foi amaldiçoada pelo azar desde o dia em que começámos. Já ando a pensar há algum tempo que alguém os andava a informar – afirmou, com uma expressão determinada. – Vi provas desaparecerem, testemunhas a desistirem das queixas repentinamente e toda uma série de coisas duvidosas a acontecerem no tempo que passei naquela esquadra.

Jackman desviou o carro da estrada principal para um caminho comprido

e em linha reta. Olhou para os campos em pousio e perguntou:

– O teu amigo faria mais umas investigações discretas para ti?

Gary assentiu.

– Ele está em dívida comigo, por isso vou pedir-lhe que me retribua. Mas, atenção, se ele pensasse que estava a ajudar a lixar a vida do Cade, fá-lo-ia só por amor.

– Então pede-lhe para manter debaixo de olho a «investigação prestável» do Cade ao clube.

Gary puxou do telemóvel e ligou para o amigo.

– Feito – atirou com um sorriso sombrio. – Ele é bom rapaz. Telefona-me quando souber alguma coisa.

Durante alguns minutos, contemplaram o brilho do sol a cintilar nas águas cinzentas prateadas do amplo canal de drenagem que corria ao longo do estreito canal de irrigação da quinta.

– É um condado muito bonito – disse Gary baixinho. – Como é que há aqui pessoas capazes de fazer tanto mal?

A casa onde Lee vivia era uma casa de quinta típica dos pântanos. Com as chaminés em cada uma das pontas do íngreme telhado de ardósia, o alpendre central e a porta da frente e as janelas salientes de cada lado, pareceu a Jackman um desenho infantil.

Os celeiros que estavam dispostos em redor estavam limpos, arrumados e estranhamente silenciosos.

Ninguém veio abrir a porta. Jackman estava a começar a pensar que tinham feito a viagem para nada quando um homem alto e musculoso, de calças de ganga empoeiradas e um casaco de oleado coçado, apareceu vindo de um dos celeiros maiores.

Gary acenou e o homem encaminhou-se para eles.

Gary mostrou-lhe a identificação.

– Estamos à procura do Mr. Tanner. Sou o Agente Pritchard e estes são o Inspetor-Chefe Jackman e a Sargento Evans.

Mostraram os distintivos e o homem relanceou os olhos por eles.

– Sou o Bill Hickey, o gerente da propriedade. Lamento, mas o Mr. Tanner está fora durante uns dias. Isto tem a ver com o Micah?

Jackman assentiu com a cabeça.

– Conhece-o, obviamente.

– Sim, tomo conta desta quinta já há cinco anos e o Micah estava cá antes de eu vir. Um tipo divertido, não tem muito na cabeça, mas é de confiança. E também o raio de um grande trabalhador. Ajuda-nos com a classificação das batatas depois da apanha. Nunca se queixa, limita-se a continuar a trabalhar.

– É amigo do Mr. Tanner ou apenas um inquilino?

– Acho que são amigos, mas não especialmente chegados. São os dois solteiros e muito reservados, por isso acho que a situação lhes convém. O Micah tem a sua própria sala de estar e o seu próprio quarto e partilha a

cozinha da casa – explicou Hickey, enfiando as mãos bem no fundo das algibeiras. – Os vossos homens vieram cá a noite passada. Revistaram as instalações dele, mas recusaram-se a dizer o que tinha acontecido.

– Desculpe, Mr. Hickey, mas nós também não podemos dizer, ainda não – retorquiu Marie, mirando o caseiro com interesse. – E onde é que está o Mr. Tanner?

– Está na Alemanha, a visitar um dos grandes fabricantes de máquinas agrícolas.

– E quando é que ele foi?

– Anteontem à noite. Volta amanhã.

Hickey olhou de um para o outro.

– O Micah está bem? Quer dizer, ele não teve nenhum acidente, pois não?

– Está em segurança – respondeu Jackman prudentemente.

– Mas está metido em sarilhos – comentou Hickey com um leve sorriso.

– O temperamento desse homem é terrível. Não ficaria espantado se ele tivesse dado uma bela sova a alguém.

Jackman abanou a cabeça.

– Ele está a ajudar-nos com as nossas investigações, Mr. Hickey, mas não se meteu em briga nenhuma. Tem uma chave da casa? Gostaríamos de ver as instalações do Mr. Lee.

Hickey assentiu e tirou um grande molho de chaves da algibeira do casaco.

– Não tenho a certeza de que o Mr. Tanner gostasse disto, mas acho que não faz mal. Importam-se que vos acompanhe?

– Vá à frente.

A casa estava limpa e despida, sem ornamentos, plantas de interior, fotografias, televisão ou computador. Sem vida, pensou Jackman.

O quarto de Micah era igual. Os objetos eram todos puramente utilitários. Jackman deitou a Marie um olhar desiludido.

– Acho que nunca será a capa da *Hello*, não te parece?

– E não nos diz nada sobre o tipo de pessoa que ele é – respondeu Marie, voltando-se para Hickey.

– Como é o Micah Lee? De onde é que ele é?

O caseiro inchou as bochechas.

– Acho que não sou a pessoa indicada para perguntar, Sargento. Ele tem realmente os seus problemas, mas não sei o que é que os causou. É reservado, embora me pareça que me lembro de ele ter dito que vivera em Derbyshire quando era mais novo, algures perto daquela aldeia da peste, no centro do Peak District. Eyam, acho que é assim que se chama.

– E quanto a amigos?

– Não tem nenhum que eu conheça e, de qualquer maneira, tem passado tanto tempo naquele trabalho em Roman Creek, que realmente é raro vê-lo.

Jackman encolheu os ombros e deitou um último olhar às paredes nuas.

– Já vi que chegue. Obrigado, Mr. Hickey.

– Devia mesmo falar com o Toby Tanner sobre o Micah, Inspetor. Tenho a certeza de que ele o conhece melhor do que ninguém. Vou dizer-lhe para lhe telefonar assim que regressar.

Enquanto voltavam para o carro, Jackman resmungou baixinho:

– Espero que o Charlie e a Rosie estejam a sair-se melhor do que nós. Que lugar tão estranho. Nenhum conforto doméstico.

Gary concordou.

– Suponho que isso possa acontecer quando não há uma mulher nem amor numa casa.

Jackman não tinha a certeza disso. Afinal, não tinha companhia com quem partilhar a vida, mas continuava a sentir que a casa dele era um lar. No entanto, fosse qual fosse a razão, aquele sítio era estranho.

* * *

A manhã de Rosie e Charlie tinha sido consideravelmente mais produtiva. Tinham encontrado um velho casal cujos pais tinham trabalhado em Windrush quando os soldados lá tinham estado aboletados, durante a última guerra mundial. Tinham-se revelado um manancial de trivialidades sobre o sítio e também de muito bom chá e bons biscoitos. O marido, Ernie, era uma fonte de folclore local. Numa voz baixa, contou-lhes que quando andava a passear os dois cães ao longo do caminho à beira-mar, tinha ouvido uma voz estranha e misteriosa a cantar melancolicamente ao crepúsculo.

A segunda visita também tinha sido muito informativa. O dono da casinha de campo, um homem baixo, entroncado e com uma grande barba chamado Ralph Jenkins, era o representante local da RSPB^[10], e passava muito tempo nos pântanos a catalogar aves peraltas, aves aquáticas e visitantes migrantes. Admitiu ter visto alguém no pântano à noite, fizesse o tempo que fizesse.

– Que estupidez! Eu sou um *yellowbelly*^[11], nascido e criado aqui, Inspetores, e sei bem que isso não se deve fazer.

A última visita foi à casa do veterinário de Gary. Felizmente, tinham escolhido o único dia de folga dele.

– Entrem. Querem um chá?

Philip Groves, de calças de bombazina e uma camisa de xadrez, levou-os para a sala de estar acolhedora e confortável. Quase todos os assentos tinham um animal qualquer lá instalado. Rosie contou seis cães de várias raças e pelo menos três gatos a dormir.

– Pelos vistos, já só há lugares em pé.

Groves sorriu e depois dirigiu-se a dois *jack russells*.

– Vá lá, rapazes! Jacko! Willoughby! Mudem-se! Deem um lugar à senhora!

Rosie sentou-se e Willoughby saltou-lhe imediatamente para o colo.

– Oh, meu Deus, espero que goste de cães, menina.

– Adoro-os – respondeu Rosie, fazendo cócegas nas orelhas do animalzinho.

Charlie expulsou um gato gordo e fofo de uma pequena poltrona, sentou-se e explicou a visita.

– Aconteceu alguma coisa grave em Windrush? – perguntou Groves.

– Sim, senhor doutor, embora lamente não podermos dar-lhe pormenores.

– Aquele tipo matulão que lá trabalha teve algum acidente? – inquiriu Groves com uma expressão grave. – Tenho-o visto lá fora, sozinho, a todas as horas. Muito perigoso, acho eu.

– Não, ele está bem, Mr. Groves – retorquiu Rosie. – Mas viu alguém sem ser o Mr. Lee, que é o tipo matulão que referiu, em Windrush ou no pântano lá perto?

Philip Groves encolheu os ombros.

– Bem, acho que nunca conheci realmente o dono, mas, para além do Mr. Lee, há o meu vizinho, o Jenkins, o homem dos pássaros. Está sempre ali fora nos carreiros dos pântanos. E o Ernie Coulter passeia os cães à beira-mar com bastante regularidade e, de vez em quando, aparece-nos um ou outro caminhante.

Franziu o sobrolho.

– Agora que penso nisso, vi alguém há uma ou duas semanas, ao entardecer, e essa pessoa estava bastante afastada, na parte mais desabrigada do pântano. E isso não é uma coisa muito sensata, a não ser que se conheça muito bem as marés e o estado do tempo.

– Então deve ter sido uma pessoa cá da terra, certo? – perguntou Charlie.

– Espero que sim. É um sítio perigoso para um recém-chegado. Esta comunidade é muito pequena, Inspetor, mas não era uma pessoa que eu reconhecesse.

– Vive sozinho, Mr. Groves? – perguntou Rosie.

– Tirando esta malta toda – respondeu ele, apontando para os animais de estimação. – Comecei com um cão, um velho cão de caça, sem raça definida, e um gato. Os outros, por qualquer razão, foram-me descobrindo ao longo dos anos e olhem-me só para nós agora!

– Alguma vez ouviu alguém a cantar? No pântano? – perguntou Rosie.

Groves deixou de sorrir e ela viu uma expressão estranha passar-lhe pela cara.

– Nunca pensei que estivessem interessados nessas superstições, senhores agentes.

– Pode não ser superstição, Mr. Groves. Se ouviu alguma coisa, pode haver uma razão muito válida para isso.

– A única coisa que ouvi foram histórias da carochinha – respondeu Groves secamente. – Mas estaria interessado em saber o que querem dizer

com isso.

– Teremos todo o gosto em explicar, mas receio bem que ainda não o possamos fazer – rematou Charlie, levantando-se. – Obrigado pelo tempo que nos dispensou.

Entregou um cartão a Groves.

– Se se lembrar de mais alguma coisa, quer sobre a casa velha, quer sobre o pântano, ligue-nos.

Quando iam a sair da sala, Charlie voltou-se para trás.

– Ah, quase me esquecia! Um colega nosso queria mandar-lhe cumprimentos, senhor doutor. O Agente Gary Pritchard?

– O Gary! Claro! Ele e a irmã adorável costumavam vir cá com os cães deles antes de eu abrir consultório na cidade. Um tipo muito simpático, o Gary, uma pessoa íntegra! Adorava os cães dele. Deem-lhe os meus cumprimentos, sim?

Olhou para Rosie, que ainda tinha Willoughby nos braços.

– E, por falar nisso, lamento, mas o cão tem de ficar aqui, Inspetora McElderry. Mas o meu consultório está ligado a um pequeno centro de recolha de animais. É dirigido por voluntários e alguns dos meus enfermeiros, por isso faça-nos uma visita se puder oferecer uma boa casa a um cão ou a um gato.

– A trabalhar as horas que trabalho, não, Mr. Groves. Não seria justo.

Com um suspiro, Rosie pousou o cãozinho no chão.

[10] N.T.: Royal Society for the Protection of Birds, a maior organização sem fins lucrativos de conservação da natureza no Reino Unido.

[11] N.T.: *yellowbelly*, nativo do condado de Lincolnshire, especialmente dos pântanos.

Capítulo Vinte e Três

Já na esquadra, Clive entregou um memorando a Jackman.

– Isto é do patologista e, só para que saiba, já falei com a Grace Black. Ela foi muitíssimo compreensiva. Disse que percebia que havia muita coisa a acontecer neste momento, mas que agradeceria uma atualização dada por si quando tivesse tempo.

– É justo – respondeu Jackman.

Passou os olhos pelo memorando e voltou-se para Marie.

– A cena do crime ainda não está pronta para nos ser devolvida, mas o Rory disse que tu e eu podemos dar outra vista de olhos. E o Ted Watchman confirmou que uma entrada enorme numa das paredes da câmara foi selada com muito profissionalismo. O Ted também confirmou que o trabalho foi feito a partir de um túnel do lado da casa. Isso quer dizer que as camas e as outras coisas todas foram trazidas de Windrush.

– O que liga isto ainda mais ao Broome – disse Marie avidamente.

– Ou ao homem que tem passado muitíssimo tempo a trabalhar lá.

– O Mr. Micah Lee.

– Exatamente. Meu Deus, precisamos desesperadamente de falar com esse homem! Vou telefonar para Harlan Marsh e tentar pressionar o médico assistente. Vai ver se a Rosie e o Max já voltaram e depois seguimos novamente para Windrush.

* * *

Com um ar exausto, Rory Wilkinson recebeu-os e apontou para um dos pequenos letreiros pendurados por cima de cada uma das camas.

– Como tiveram o cuidado de não contaminar a minha cena, não mexeram nestes cartões e, por isso, não repararam no que estava escrito na parte de trás.

Com dedos enluvados, Rory virou o cartão e mostrou-lhes uma linha

desbotada escrita à mão.

– Datas de nascimento?

Jackman pensou imediatamente em Toni e no homem que tinha querido saber exatamente quando ela nascera.

– Datas de nascimento *parciais* em cada cartão. Têm todos o dia da semana, alguns o mês e outros o ano, alguns desapareceram por completo. Mas, observem, em todos os cartões, o dia da semana está sublinhado.

Marie olhou mais de perto.

– Nasceram todas numa quarta-feira?

– Bem, não podemos ter a certeza em relação aos cartões mais antigos até fazermos testes laboratoriais, mas todos os que estão legíveis são exatamente iguais.

– A criança da segunda-feira é linda, a criança da terça-feira é cheia de graça...

Jackman olhou para Marie à procura de ajuda.

– A criança da quarta-feira está cheia de aflição!^[12] – finalizou Marie, abanando a cabeça.

– Tenho a certeza de que um bom psiquiatra ia achar isto muito interessante – disse Rory, voltando a pôr o cartão no sítio.

– Se tivéssemos um – resmungou Jackman.

Rory olhou para ele por cima dos óculos.

– Bem, eu tenho um amigo. É um psicólogo forense brilhante *e* está reformado. Posso ligar-lhe, se quiser?

Jackman pensou na aversão da superintendente pela criação de perfis criminais e no sarilho que o último tinha provocado e depois respondeu:

– Sim, se fizer favor, ligue-lhe. Adoraria perguntar-lhe umas coisas.

– Ótimo. Tenho a certeza de que vai ser uma grande ajuda – disse Rory, com um grande sorriso. – E ele é simplesmente lindo! Já maduro, sim, mas meu Deus! Se eu não estivesse comprometido, bem... Mas já me estou a entusiasmar demais. Ora bem, antes que me esqueça, tenho de lhe agradecer por nos ter arranjado uma antropóloga forense tão adorável. Já vos apresento, mas, meu Deus, o que aquela mulher não sabe sobre ossos, não vale a pena ser sabido.

Rory voltou-se outra vez para os cartões.

– Há mais uma coisa em relação a estes cartões, bem, na verdade, sobre a letra.

Mordeu o lábio.

– Isto não é de maneira nenhuma conclusivo, mas o técnico que tem estado a catalogar os cartões é grafólogo e tem a certeza de que foram escritos por uma mulher.

Jackman olhou para Marie e soube que ela estava a pensar o mesmo que ele. Aquelas jarras de flores e as roupas muito bem penduradas, tudo cuidadosamente etiquetado, quereriam dizer que Roy estivera certo desde sempre? Mas e o homem com os olhos estranhos? O corista? Poderia ser um

cúmplice?

– Têm algum suspeito feminino em vista, Jackman? – perguntou Rory.

– Mais ou menos. Temos uma mulher chamada Elizabeth Sewell – sussurrou o inspetor. – Neste momento, está no Saltern General Hospital, incapaz de ser interrogada.

– Bem, eu mantê-la-ia sob vigilância apertada se estivesse no seu lugar. Acho que ela sabe muita coisa sobre a Enfermaria das Crianças – disse Rory, erguendo uma sobrancelha. – Mas venham conhecer a residente mais antiga e a Professora Wallace. Tudo o que podíamos fazer *in situ* está feito e por isso ela está a preparar a nossa rapariga para ser transportada.

Rory parou e fez as apresentações ao longe, avisando-os para não se aproximarem muito por causa da possibilidade de uma contaminação cruzada.

Jackman olhou para aquela perita na morte e recordou-se imediatamente da Tia Hilda. A mulher que olhava por cima da máscara facial era baixa, entroncada e tinha olhos brilhantes. Era óbvio que tinha dificuldade em manter a juba desgrenhada de cabelo grisalho dentro do capuz do fato protetor, o que criava a ilusão de uma cabeça enorme.

Jackman controlou o impulso de lhe chamar *Titi*, acabando por perguntar porque é que a perna do esqueleto parecia tão deformada.

– Estarei em condições de lhes dizer mais quando examinar os restos mortais em condições mais controladas, mas creio que ela fez uma fratura no tornozelo na primeira infância. Deve ter sido tão grave que lhe cortou o final da tíbia. Mesmo passado este tempo todo, consigo ver a distorção e o calo ossudo relacionado com a fratura. Diria que nunca sarou corretamente e que ela nunca foi tratada como deve ser ou que, posteriormente, sofreu outro ferimento no mesmo sítio já afetado. Venham ter comigo à morgue e já lhes direi mais.

– Tem uma ideia da idade aproximada dela, Professora? – perguntou Marie.

– Não gosto de fazer suposições, mas, se é importante, calcularia que estivesse a meio da adolescência. Os testes vão ajudar a aproximar esta estimativa da realidade.

– Professora? O Rory Wilkinson diz que ela foi morta muito antes das outras vítimas. Pode dar-nos uma ideia, mesmo que vaga, de quando é que ela morreu?

Quase ternamente, a «Titi» meteu um osso comprido de um tom castanho creme numa caixa e olhou para ele pensativamente.

– Mais coisa, menos coisa, 20 anos, talvez mais.

Jackman perguntou-se quem é que seria esta rapariga e porque é que ela teria sido suficientemente importante para correrem o risco de a exumar do túmulo legítimo e a trazer para aqui. Era bizarro.

Rory entregou a Jackman uma folha de papel.

– Mandei um dos meus técnicos preparar isto para si, em vez de ter de esperar pelo relatório completo. Pensei que você poderia avançar com isto e

fazer umas pesquisas preliminares – disse, apontando para a lista.

Nela estavam os pormenores dos cartões e uma descrição clara das roupas que tinham sido tão carinhosamente guardadas. Jackman sabia que estas roupas seriam vitais para a identificação final. Não eram só os vestígios que estariam, sem a menor dúvida, ainda presentes. Toda a gente se lembrava exatamente do que uma criança vestia quando desaparecia.

– Obrigado, Rory. Agradeço-lhe mesmo muito – disse Jackman, guardando-a cuidadosamente na algibeira.

– Tudo bem. E acho que vão poder voltar a recuperar a vossa cena esta noite, desde que a logística consiga descobrir uma maneira de transportar os meus pacientes para fora deste pântano. Estão a falar de uma frota de veículos todo-o-terreno aproximar-se o mais que se atrever e de os corpos serem levados por maqueiros dos túneis até aos veículos. Até parece a evacuação das trincheiras da Primeira Grande Guerra! Seja como for, foi tudo fotografado, documentado, varrido e limpo de pó e tudo o que é importante foi guardado e etiquetado. Se tudo correr bem, hoje à noite, as próprias residentes serão transferidas para os meus ternos cuidados no hospital e nessa altura o nosso verdadeiro trabalho poderá começar.

Deu um passo atrás e rematou:

– Agora, caros amigos, tenho de vos pedir, muito respeitosamente, que me desamparem a loja e me deixem trabalhar.

Jackman sorriu, voltou a agradecer-lhe e começaram a longa caminhada de regresso pelo túnel.

* * *

Assim que Gary viu Jackman e Marie chegar, levantou-se de um salto, seguiu-os para o gabinete e fechou a porta.

– Desculpe, senhor Inspetor, mas acho que há algo muito desagradável a passar-se em Harlan Marsh.

– Tem a ver com o Cade?

Marie quase cuspiu o nome.

Gary sentou-se pesadamente, à frente do novo patrão.

– Tomou conta da investigação do clube de amigos dos copos e está a manter as coisas muito secretas. O meu amigo foi destacado para a equipa dele para os ajudar.

– E ele acha que o Cade está a proteger alguém? – perguntou Jackman.

– Foi o que pensou primeiro, mas agora está mesmo muito preocupado. Olhe para isto. É uma digitalização de uma das imagens que o Cade requisitou.

Tirou uma folha de papel do bolso interior, abriu-a e passou-a para o outro lado da mesa.

– Lembra-se dela? É quando o jovem Nick Barley está a falar com dois

homens.

– Aquela em que tu e a Marie pensaram que reconheciam um deles?

Gary assentiu com a cabeça.

– Observe com atenção, senhor Inspetor. Este homem está obscurecido pela sombra do edifício, mas não me parece que seja um dos amigalhões do Cade. Acho que é o próprio Cade.

Gary baixou a voz.

– E adivinhem o que aconteceu. Pouco depois de o meu amigo a ter conseguido, o original desapareceu. *E* a gravação das câmaras de vigilância sofreu um acidente infeliz – disse Gary, apontando para a fotografia. – Ninguém sabe disto e agora é apenas a única cópia.

Jackman agarrou na fotografia e observou-a atentamente.

– Meu Deus! Não é suficientemente clara para o podermos confrontar, mas acho que tens razão!

Marie inclinou-se para a frente e tirou-lha.

– Então era do Cade que eu estava a pensar quando a vi – sussurrou. – O filho da mãe!

Levantou os olhos para Jackman.

– Chefe, ouvi dizer que agora existe *software* capaz de comparar a forma e as dimensões do homem nessa imagem. Não tem de ser perfeito, desde que uma parte esteja completa. O programa preenche os buracos. Só precisamos de outra fotografia do Cade para comparar e podemos identificá-lo.

– E temos esse tipo de tecnologia?

– Nós não, mas a universidade tem. O Ted contou-me que usam um programa semelhante no departamento dele.

Jackman franziu o sobrolho.

– Estaríamos a trabalhar muito fora dos regulamentos se o fizéssemos. Teríamos de ser extremamente cautelosos. Conseguem imaginar a escandaleira se isso se soubesse? E supondo que estávamos enganados? Para começar, perderíamos todos o emprego.

– As palavras «merda» e «rebenta» vêm-me imediatamente à cabeça. Mas se um oficial superior for corrupto, *temos* de saber.

Marie olhou para Gary.

– Trabalhaste para ele. Sabemos todos que ele é um canalha, mas achas possível que esteja envolvido numa coisa tão grave como esta?

Gary não hesitou.

– Sim, Sargento, acho. Apostaria a minha pensão.

Jackman parecia que estava a chupar um limão.

– Então, a pergunta seguinte é: até que ponto estará envolvido? Estará apenas à margem, a esgalhar o pessegueiro a ver sexo porcalhão, ou estará mais envolvido? Embora duvide que ele tenha tido alguma coisa a ver com os raptos. De certeza que nem o Cade desceria tão baixo, pois não?

– A jovem Toni disse que tinha estado várias vezes nesses encontros, mas que nunca tinha visto o homem que a levou à «festa» fictícia – disse

Gary, erguendo as sobrancelhas. – Isto é só uma ideia, mas será que a Toni reconheceria o Cade se lhe mostrássemos uma fotografia dele?

– Não podemos fazer isso, Gary – replicou Marie. – Se alguém descobrisse, lixavam-nos sem apelo nem agravo. Diriam que estávamos a meter-lhe ideias na cabeça. E, seja como for, ela iria mesmo reconhecê-lo. Não te esqueças que ele é amigo do pai dela.

– Mas estou pronto a apostar que o Cade só é amigalhaço do Neil Clarkson por causa do dinheiro que ele dá para os cofres da polícia. Não sei bem porquê, mas duvido que socializem fora das reuniões da Maçonaria. Não podiam ser mais diferentes – rematou Jackman com uma gargalhada sem humor.

– Então está a sugerir que devemos mostrar-lhe a fotografia, senhor Inspetor? – perguntou Marie.

– É muito arriscado e claro que não o poderíamos fazer ao pé dos pais. Com todas estas mortes, a verdade é que não temos tempo para isto, mas... – continuou Jackman, encolhendo os ombros. – Acho mesmo que o devíamos fazer.

Olhou para Gary.

– Isto seria totalmente confidencial e tu não tens de participar. Ficavas com o emprego em risco se fosses apanhado.

Gary inspirou fundo e endireitou-se.

– Estou disposto a arriscar, senhor. Eu sei coisas sobre o Cade que só um homem que trabalhou com ele pode saber. Estou pronto a correr esse risco.

– Se tens mesmo a certeza absoluta... A Toni gostou muito de ti. No hospital, ela confiava em ti mais do que em todos os outros. Ok. Fala com ela em privado.

Jackman fez uma pausa.

– E julgo que não é a altura certa para lhe contar da Emily, a não ser que ela pergunte diretamente. Deixo isso contigo.

Gary assentiu com a cabeça.

– Logo vejo como corre tudo. Mas posso dizer uma coisa antes de ir?

– Claro.

Gary inspirou fundo.

– Esta história toda da fotografia está certíssima. Claro que devemos investigar isso e tenho a certeza de que conseguimos provar que é o Cade. Mas conheço-o e ele vai esquivar-se de uma ou outra maneira. Acho que a única hipótese é apanhá-lo com a boca na botija. Temos de voltar clandestinamente a outra dessas festas ilegais e prendê-lo *in situ*.

Seguiu-se um silêncio. Finalmente, Jackman inspirou fundo.

– Chama a Rosie e o Max.

– Mas, chefe? – perguntou Marie, começando a levantar-se e sentando-se novamente.

– Sei que não gostas disto, Marie, e tenho a certeza de que o Max também não, mas o Gary tem razão. Precisamos de voltar a entrar.

Max, como era de esperar, não ficou satisfeito, mas Rosie agarrou-se imediatamente ao telemóvel, ligando para o novo amigalhão dos copos, Will, e combinando um encontro.

– Ele adora o irmão e ficará tão contente como nós por ver o clube ser encerrado – disse Rosie, olhando para Jackman. – Confio nele, é um bom miúdo e acho que me vai perdoar por lhe ter mentido. Tenho a certeza de que nos vai ajudar.

– Uma vez que não há maneira de impedir que isto aconteça, desta vez vou com a Rosie – anunciou Max. – E não se preocupe, vou esforçar-me imenso para alterar o meu aspeto e passar despercebido.

– Então vamos ficar atentos às mensagens. Vai demorar alguns dias, mas assim que recebermos a mensagem, entramos.

– E se o Cade lá estiver, atacamos o sítio com todos os agentes de que dispusermos – acrescentou Marie sombriamente. – Entretanto, vou organizar a questão da prova fotográfica com o Ted.

– Isto já se parece mais com a sargento que todos conhecemos e adoramos – atirou Jackman.

– Se quer que lhe diga, chefe, se apanharmos o Cade, até me aperalto toda e danço em cima da mesa.

* * *

Quando fechou a porta ao sair do gabinete, Gary apercebeu-se repentinamente de quanto odiava o Superintendente-Chefe Cade. O homem já andava por ali há tanto tempo que tinha aprendido a viver com ele, como se fosse uma deficiência ou uma doença terrível. O posto de Cade e os homens poderosos com quem ele se dava faziam com que parecesse intocável. Gary tinha julgado que as coisas nunca iriam mudar, mas agora tinham uma oportunidade de, finalmente, o derrotar.

Gary dirigiu-se para a secretária e ligou o computador. E se conseguisse fazer isto bem – e ele sabia exatamente como fazê-lo –, poderia corrigir uma data de injustiças.

Um sorriso determinado espalhou-se-lhe pela cara. Estava muito contente por ter vindo trabalhar com o Inspetor-Chefe Jackman, em Saltern-le-Fen.

* * *

Jackman esperava estar a fazer o mais correto. Arriscar o próprio emprego era uma coisa, mas permitir que os outros fizessem o mesmo era outra completamente diferente. Olhou ansiosamente para Marie.

– Confias no Ted Watchman?

Marie assentiu vigorosamente com a cabeça.

– Confio.

– Então, vai procurá-lo. Vê o que é preciso para essa comparação das fotografias e diz-lhe que precisamos de descrição absoluta. Isto *não pode* prejudicar ninguém, daqui ou de outro sítio qualquer. Ok?

Marie voltou a assentir e saiu do gabinete.

Jackman voltou-se para Max e Charlie.

– Vocês os dois conseguem arranjar-me o máximo de gente possível que esteja livre no DIC? Precisamos de comparar esta lista com as das pessoas desaparecidas e dos casos não resolvidos.

Entregou a Max o papel que Rory Wilkinson lhe tinha dado.

– Temos roupas, nomes próprios e datas de nascimento parciais, por isso precisamos de começar a identificar as vítimas o mais depressa possível. Digam-lhes que quero saber o que descobrirem assim que o fizerem. E, Max, vais ter de te concentrar numa rapariga com uma perna e um pé seriamente deformados. Acreditamos que tenha sido a primeira a morrer, talvez há uns 20 anos.

Fez uma pausa para respirar antes de prosseguir:

– E, Charlie, por favor pede ao Clive que contacte quem estiver de serviço na casa do Benedict Broome para me arranjar qualquer coisa escrita pela Elizabeth Sewell. E agora, tenho a tarefa nada invejável de me ir prostrar aos pés da superintendente para conseguirmos usar o tal psicólogo. E acho que ela vai gostar tanto dessa ideia como de um clister gelado.

Enquanto Jackman se dirigia para os elevadores, olhou para o relógio. O médico da polícia de Harlan Marsh tinha prometido telefonar assim que Micah Lee estivesse em condições de ser entrevistado, mas não o tinha feito. Sabendo o que sabia agora, Jackman perguntou-se se o atraso teria a ver com Cade. Continuava a achar difícil compreender porque é que o superintendente arriscaria tanto – um emprego cheio de poder, com regalias imensas e o raio de uma ótima pensão – só para ver uns adolescentes a apalparem-se uns aos outros na escuridão. Era demasiado para assimilar de uma só vez, principalmente quando tinha um assassino psicopata e 13 vítimas, assim como suspeitos para entrevistar. De repente, estacou.

Jesus! Teria enviado Micah Lee para Harlan Marsh, diretamente para as mãos de um homem que sabia tudo a respeito dele?

Com a boca seca, correu para o gabinete da superintendente. Este caso estava de facto a levá-los para águas muito perigosas e competia-lhe a ele guiá-los para porto seguro. Só esperava estar à altura.

[12] N.T: Referência (tal como na fala anterior de Jackman) ao poema inglês «Monday's Child», que foi publicado pela primeira vez em 1838 e deu origem a uma popular canção infantil.

Capítulo Vinte e Quatro

Gary tinha um sorriso de satisfação nos lábios. Sem qualquer hesitação, Toni tinha escolhido Cade entre as dez fotografias que lhe mostrara. Quando Gary estava a voltar para o seu velho Suzuki, outro carro estava a aproximar-se da casa dos Clarkson.

– Ethan Barley! O que é que te traz à porta desta jovem senhora? – perguntou Gary ao rapaz, à laia de cumprimento.

Ethan sorriu rasgadamente.

– Voltei para a Toni.

– Bleh!

Do lugar do passageiro, Nick Barley estava a fazer uma careta de nojo ao irmão.

– Não aprovas? – perguntou-lhe Gary com um sorriso.

– Ah, acho que até é na boa. Talvez isso o tire de cima de mim.

Ethan disse ao irmão para ficar à espera, só ia demorar uns minutos, e depois subiu o caminho com passadas rápidas e largas em direção à casa. Gary olhou demoradamente para Nick e resolveu correr o risco.

– Fazes-me um favor, filho?

Nick pareceu desconfiado.

– Estava cá a pensar se reconheceria aqui alguém.

Gary tinha sido muito cauteloso. Tinha reproduzido a imagem da cara de James Cade de uma revista da polícia. Tinha-a copiado e recortado todos os vestígios de um uniforme de modo que Cade parecesse um civil qualquer. Depois tinha agarrado em nove fotografias de indivíduos aleatórios de casos antigos e tinha-as acrescentado à «galeria de tratantes», criando uma folha perfeita para efeitos de identificação.

– Conheces alguém?

Nick olhou mais de perto.

– Só um. Este gajo aqui. Mas nunca o vi tão arranjadinho.

O coração de Gary deu um salto. O rapaz tinha apontado para Cade!

Nick Barley devolveu a folha de papel.

– Andava muitas vezes com o tipo que me pediu para copiar as chaves e

estava na festa na cripta.

– Então como é que ele se veste?

– Sempre da mesma maneira. Cabelo penteado para trás com brilhantina, óculos, calças tipo chino pretas e com mau aspeto, um polo escuro e parte de cima de um fato de treino preto de *nylon*.

Gary sentiu-se agoniado. Era a descrição que a Rosie tinha feito do homem que reconhecera, mas não conseguia saber de onde. Ela tinha mesmo visto Cade numa festa! E, com sorte, Cade não tinha reconhecido Rosie.

– Filho da mãe nojento! – resmungou Nick. – Foi ele que adulterou a bebida da miúda do Ethan?

– É possível, Nicholas. E, se calhar, fez bem pior do que isso.

Gary fez uma pausa por uns instantes e depois acrescentou:

– Estarias disposto a testemunhar?

– O quê? Ir ao tribunal? Foda-se, claro que não! – exclamou o rapaz, arregalando os olhos.

– Isso poderia ser muito bom para ti, filho. A nossa chefe ficaria extremamente satisfeita contigo e ela tem *muita* influência. E se ela estiver satisfeita, tenho a certeza de que poderia tornar as coisas entre ti e o teu pai muito mais fáceis.

O rapaz fungou. Encolheu os ombros.

– Não sei. Pois, bem, até que podia fazer isso, mas...

Gary sorriu-lhe.

– Lindo menino! Eu sabia que eras capaz.

Quando ele se afastou, Nick chamou-o.

– Havia outra rapariga, não havia? A Emily?

– Preferia que mantivéssemos isto entre nós, Nick. Não quero que a Toni saiba disto para já – respondeu Gary, fazendo uma pausa. – A Emily morreu.

A cara macilenta de Nick ficou ainda mais branca.

– Morreu? O quê? Assassinada?

– Raptada de uma dessas festas, Nicholas. Drogada, aprisionada, provavelmente violada, obrigada a sofrer terrivelmente e abandonada à morte. Diria que isso foi assassinio, não concordas?

Nick inspirou fundo durante uns momentos, claramente à beira das lágrimas. A seguir, com serenidade e firmeza, afirmou:

– Vou testemunhar.

* * *

Marie estava a andar de um lado para o outro do *foyer*. Passava das seis horas e tinham ligado da universidade meia hora antes para a informar de que lhe iriam enviar por mensageiro as informações recolhidas por Ted Watchman. Foi então que viu o motociclista vestido de couro a tirar o capacete e a tocar à campainha. Encontrou-se com ele à porta, assinou o

pacote, admirou a Yamaha enorme e deu-lhe uma nota de cinco libras.

Abriu o grande envelope castanho e olhou para o que se encontrava lá dentro. Não se atreveu a tirá-lo visto que havia outros agentes à volta dela, mas conseguiu ver a série de fotografias de reconhecimento facial. Marie extraiu a pequena nota explicativa, passou rapidamente os olhos por ela e soltou um gritinho de satisfação.

Tinha estado bastante convencida, mas, à medida que as horas iam passando, tinha começado a duvidar das suas próprias convicções. Agora tinha uma identificação positiva na mão.

Pensou em Valerie, a sua amiga adorada e primeira parceira. Tinha um sorriso atrevido, cabelo louro que lhe chegava aos ombros, olhos verdes espantosos e uma pele linda. Viu Valerie a saltar entusiasticamente para trás dela na moto e a desafiá-la a exceder o limite de velocidade. Quando estavam de folga, iam frequentemente até à costa e caminhavam ao longo da praia. Tinham vivido momentos felizes naqueles primeiros tempos... ainda pré-Cade.

Semicerrou os olhos enquanto fitava as fotografias.

– Chegou a tua hora, meu filho da mãe – sussurrou para si própria e, juntando os documentos, saiu a correr do *foyer*.

Quase caiu para dentro do gabinete de Jackman.

– Pela expressão da tua cara, não preciso de perguntar, pois não? – perguntou Jackman vagarosamente.

– É o resultado por que esperávamos.

Jackman puxou o relatório e as fotografias parcialmente para fora, olhou para eles e voltou a enfiá-los no envelope, trancando-o na gaveta da secretária.

– Isto fica aqui até precisarmos – disse, enfiando a chavezinha no porta-chaves com as outras e metendo tudo no bolso. – Para nos precavermos. Vamos precisar de todas as provas que conseguirmos arranjar se quisermos apanhar o Cade.

Marie bocejou.

– São seis e meia. Quer que mande pedir comida?

Jackman assentiu.

– Daqui a bocado. Há umas quantas coisas que preciso de tratar primeiro. Podes perguntar ao Clive se soube alguma coisa do laboratório em relação às tais comparações de caligrafias?

Marie apanhou Clive a arrumar a secretária e a desligar o computador.

– Vou para casa, Sargento – disse ele, entregando-lhe um maço de papéis. – São todos para o Inspetor-Chefe. O telefone esteve a arder na última meia hora. A maioria não é urgente, com a exceção do relatório da patologia, que está por cima.

Clive desligou a impressora e fechou à chave a gaveta da secretária.

– Até amanhã, Sargento.

Marie murmurou um «boa noite», agarrou no relatório e voltou para o gabinete de Jackman.

– Olhe, chefe! A letra nos cartões por cima das camas corresponde exatamente às amostras que o Max tirou do anexo da Elizabeth Sewell.

Jackman leu o relatório e gemeu audivelmente.

– Isto é de doidos! Não faz sentido. Como é que uma mulher fraca e sensível, física e mentalmente, pode estar envolvida em homicídios desta magnitude?

– Porque os escreveu para o seu patrão adorado, o Benedict Broome. Que mais pode querer isto dizer?

Marie franziu o cenho.

– Mas seja o que for que isto signifique, agora temos uma ligação direta entre ela e a cena do crime. Vamos ter de a transferir para uma unidade segura, não vamos?

Jackman agarrou no telefone.

– Tens toda a razão, vamos mesmo. Vou dar ordem para que a transfiram do hospital geral para o Saltern Hall Psychiatric Hospital, até ser reavaliada. E precisamos de voltar a falar com o Benedict Broome.

Enquanto Jackman tratava da transferência de Elizabeth Sewell, Marie dirigiu-se para o gabinete principal para lhes ir buscar café forte.

Max estava a levantar uma pilha de papel de impressora da secretária.

– Sargento, tem um minuto? As coisas estão a correr bastante bem por aqui. A equipa forense esteve a trabalhar no cartão com o nome do corpo mais antigo. É Fleur. Ainda estão a trabalhar nos outros, mas têm esperança de conseguir mais uns nomes em breve. E as outras equipas do DIC têm estado a dar no duro na parte das identificações. Temos uma rapariga chamada Hebe Brock, uma viajante escocesa que desapareceu há cinco anos. A data de nascimento bate certo e havia a informação de ter tido a parte de cima de um dedo amputada num acidente. A nossa vítima tinha uma lesão no osso idêntica. Além disso, há uma rapariga de 15 anos, dada a fugir de casa, e que se escapuliu de Calne, em Wiltshire. Chama-se Sophie Berry e desapareceu há sete anos. A data de nascimento, o nome próprio, um casaco vermelho e uma pulseira amuleto, corresponde tudo. Outra rapariga chama-se Tessa Avery. Julgaram que tinha fugido com o namorado para Espanha, mas os pais nunca mais tiveram notícias dela. Estava desaparecida há três anos e era natural de Surrey.

– Interessante, não é? Até agora nenhuma delas é um caso importante ou uma desaparecida nascida aqui na terra.

– A Emily era uma habitante local – retorquiu Max. – Por isso, é óbvio que o assassino estava a ficar mais confiante.

– Então, dêmos graças a Deus por termos encontrado o covil dele quando encontrámos. Bom trabalho, Max – disse-lhe Marie, dando-lhe uma palmadinha no ombro. – Estamos à espera de mais alguma coisa?

– Bem, tudo o que temos passou para o Computador Nacional da Polícia, para que eles possam conseguir mais correspondências a qualquer momento.

– Se calhar, é altura de aproveitares a oportunidade e de ires para casa, não?

– Estou a tentar descobrir mais coisas sobre a Fleur, o nosso esqueleto verdadeiramente antigo, Sargento, a rapariga do tornozelo com uma fratura grave. Por causa da idade dela, claro, não estou a ter tanta sorte como com as outras, mas gostaria de continuar com isto durante mais algum tempo.

Max introduziu outra pesquisa.

– Além disso, gostava bastante de ver se o CNP cospe alguma coisa interessante na próxima hora, ou coisa que o valha. Enviámos algumas perguntas bastante aliciantes.

– Está bem, mas não fiques a noite inteira aqui, miúdo.

Enquanto se dirigia para a máquina de café, Marie questionou-se sobre a vida social de Max. Será que a teria sequer? Apesar daquela aparência espantosamente bonita, Marie tinha a impressão de que a noite ideal em casa de Max consistiria numa refeição comprada num *takeaway*, numa cafeteira de café e numa banda larga rápida.

Equilibrando cuidadosamente os três copos de poliestireno, Marie pousou um ao lado de Max e levou os outros dois para o gabinete de Jackman.

Jackman estava a pousar o auscultador quando ela entrou. De repente, pareceu-lhe irritado.

– Há alguma coisa errada?

– Tudo.

A cara dele era uma mistura de cólera e perplexidade.

– A Elizabeth Sewell está a ser transferida, mas estive agora mesmo a falar com o médico de Harlan Marsh e expliquei-lhe que é imperativo que entrevistemos o Micah Lee. Ele diz que o homem tem a cabeça bastante instável. A dado momento, está lúcido e racional, e, no seguinte, está a trepar pelas paredes.

Jackman deitou um olhar feroz ao telefone.

– Não tenho tempo para ir lá e sentar-me como um imbecil à espera de um desses momentos racionais.

– Um dos agentes de Harlan Marsh não poderia fazer isso por si? Alguém que possa monitorizar os humores do Lee?

– O quê? Irias mesmo confiar em alguém no raio de ação do Cade? – ladrou ele.

– Confio no Gary – respondeu ela calmamente. – Por isso, confiaria em alguém que o Gary caucionasse. Eles não podem ser todos corruptos, pois não? Uma maçã podre não pode ter contaminado o cesto todo.

Jackman enfiou a cabeça nas mãos.

– Tens razão. Desculpa, Marie. Pede ao Gary que venha cá, se fazes favor.

Endireitou-se na cadeira, acrescentando:

– Aliás, junta a equipa toda na sala do DIC. Precisamos de conversar.

Jackman sentou-se na esquina de uma secretária à frente de um dos quadros brancos. Num dos lados do quadro, estava uma lista das vítimas. Nomes completos, fotografias e os locais onde tinham desaparecido estavam a ser acrescentados a cada minuto que passava. Já tinham as fotografias de Tessa Avery, Sophie Berry e Hebe Brock, e Annie Crane e Lucy O'Connell tinham acabado de ser acrescentadas segundos antes.

No cimo do quadro, estava o nome de Windrush e, por baixo, os de Benedict Broome, Elizabeth Sewell e Micah Lee.

Jackman pôs-se em pé e apontou para o nome de Elizabeth.

– Esta mulher é um elo direto à Enfermaria das Crianças. Todavia, já sabemos pelo Rory que algumas das raparigas mortas tinham sido violentamente atacadas, com a utilização de grande força, e, possivelmente, violadas, o que quer dizer que ela tinha um cúmplice ou então que está envolvida de alguma maneira... «acidental» – rematou, encolhendo os ombros.

– Mas ela *está* ligada ao Broome, e ao Lee, visto que este é empregado do Broome – disse Marie, contraindo os lábios. – E se o patrão dela lhe tivesse pedido para imprimir umas etiquetas? Ela fá-lo-ia, não é verdade? E não estaria necessariamente ciente do que elas eram, pois não?

– Foi isso – respondeu Jackman – que eu quis dizer com «acidental». E, se calhar, ela também o teria feito por um amigo. Precisamos de falar com ela assim que tenha sido avaliada no Saltern Hall. Entretanto, Gary, preciso de encontrar um Inspetor sénior em Harlan Marsh, uma pessoa que possa interrogar o Lee por nós e, preferivelmente, sem que o Superintendente-Chefe Cade saiba. Há alguém assim?

– Só conheço um, senhor Inspetor. O Inspetor-Chefe Jim Salmon.

– O Jim Salmon? O mesmo tipo que era o nosso treinador de cães há uns anos? Agora é inspetor?

Os olhos de Jackman abriram-se de espanto.

– Perfeito, vou telefonar-lhe assim que terminarmos.

Voltou-se de novo para o quadro.

– E então com quem mais é que falámos?

– Com o jardineiro do Broome, chefe. Um tipo chamado Len Curtis – respondeu Max, olhando para o bloco de notas. – Um tipo estranho. Foi difícil conseguir que ele dissesse duas palavras seguidas. Mas esteve algumas vezes em Windrush, com recados ou entregas para o Micah Lee, e vive apenas a um par de quilómetros de Roman Creek.

Jackman escreveu o nome no quadro.

– E quem mais?

– Com o Philip Groves, o veterinário que vive a uma curta distância de Windrush, na margem do pântano. E dois outros vizinhos, um ornitólogo chamado Ralph Jenkins e um casal chamado Ernie e Betty Coulter – informou

Rosie.

– E nós falámos com o Bill Hickey, o caseiro da quinta onde o Micah Lee está hospedado.

Jackman fez uma pausa.

– Mas o lavrador estava fora. Como é que ele se chama, Gary?

– Toby Tanner, chefe. Contam que ele chegue da Alemanha amanhã, segundo o Hickey.

– É tudo?

– Não, chefe – respondeu Charlie. – Houve várias pessoas que vivem na área de Roman Creek com quem os agentes falaram, mas eram quase todas mulheres velhas, sem contar com um casal que tem uma casa de férias para alugar no cimo da estrada da costa. Ninguém a quem fossem fazer uma segunda visita e os supostos «vizinhos» estão todos muito espalhados por uma área muito vasta. Windrush está muito isolado.

Marie levantou a mão.

– Talvez devêssemos incluir o Asher Leyton na lista das pessoas com quem falámos. É uma conexão muito vaga, mas ele conhecia a Shauna Kelly e ela foi identificada, sem a mais pequena dúvida, como tendo estado numa dessas festas. Para além disso, também sabemos que ele tem queda para falar com raparigas da rua.

Jackman acrescentou o nome de Asher Leyton.

– Ok, então vamos voltar atrás e falar com o Benedict Broome, a Elizabeth Sewell e o Micah Lee. E, numa estratégia diferente, voltamos a atacar o clube.

Como havia outros agentes na sala, concentrou-se estritamente nas raparigas raptadas, Toni e Emily, e nas vítimas da Enfermaria das Crianças.

– Os organizadores podem não ter nada a ver diretamente com os raptos, mas temos de os chamar e interrogar e essas malditas festas têm de parar.

Olhou em volta, para as caras cansadas que o fitavam.

– Ora bem, quem puder, vá para casa e descanse. Recomeçamos amanhã.

* * *

– Aquele tipo é um chanfrado tremendo – disse o sargento responsável de Harlan Marsh enquanto fechava a porta da sala de interrogatórios. – Bem, ele é todo vosso, desejo-vos toda a sorte do mundo para conseguirem fazer algum sentido do que ele diz.

O inspetor Jim Salmon perguntou-se se não teria sido demasiado rápido a aceitar ajudar o Inspetor Jackman. Já tinha ouvido que o Superintendente-Chefe Cade tinha tentado interrogar o Micah Malucão e que tinha tido de desistir quase de imediato. Só rezava para que Cade não viesse a saber desta tentativa especial. Pelo menos, o chefe só voltava ao serviço de manhã.

Juntamente com o seu sargento, Terry Langer, e uma assistente social chamada rapidamente do rol de serviço para salvaguardar os interesses do prisioneiro, Jim entrou relutantemente na pequena sala.

De um salto, Micah sentou-se direito que nem um fuso, os olhos muito abertos e fixos e as narinas a vibrar de fúria.

Jim Salmon olhou para ele e concluiu que Jackman lhe ficava a dever um grande favor.

Com um profundo suspiro, ligou o gravador e fez as apresentações.

– Mr. Lee, precisamos de falar consigo sobre uma sala subterrânea sob a propriedade de Windrush, em Roman Creek. Estamos a falar da propriedade que pertence ao Mr. Benedict Broome e onde o senhor anda a trabalhar há já algum tempo.

Jim manteve a voz neutra e baixa. Sabia que Micah ia reagir mal a qualquer demonstração de firmeza.

– Estamos a entrevistá-lo por causa do seu conhecimento do traçado de Windrush, Mr. Lee. Estando a trabalhar lá há tanto tempo, achamos que nos poderá ajudar.

– Qual sala? Não sei nada sobre uma sala subterrânea! – trovejou Micah.

Jim viu uma veia a pulsar na cabeça de Micah.

– Com certeza que sabe que há um túnel que vai das traseiras da casa principal até ao celeiro velho e ao armazém e que existe uma sala subterrânea por baixo deles, não é assim?

O grandalhão parecia um animal enjaulado. Mordeu furiosamente o lábio inferior e bateu freneticamente com os dedos no tampo da mesa.

– Não sei nada sobre um túnel. Não, não há túnel nenhum.

Jim tentou sorrir-lhe.

– Ok, mas sabe...?

Um uivo agudo irrompeu repentinamente dos lábios de Micah e reverberou pela sala minúscula. Deram todos um salto, a cadeira de Jim caiu para trás e a assistente social deu um gritinho.

A seguir, antes que alguém se conseguisse mexer, Micah soltou uma série de arquejos irregulares e entrecortados e caiu de frente no chão.

Jim carregou no botão de alarme.

– Arranjem ajuda! – berrou, atirando-se de joelhos para o chão, ao lado de Micah, desmaiado. – Precisamos de uma ambulância!

– O médico de serviço está no edifício! – gritou Langer. – Estava a tratar de um agarrado quando entrámos. Vou chamá-lo – disse, correndo para a porta.

O médico já estava ao lado de Micah poucos minutos depois.

– Provavelmente, foi algum ataque de pânico. Está a suar e com taquicardia. Pode ter hiperventilado, o que o fez desmaiar, mas...

O médico voltou a verificar a pulsação de Micah.

– ...precisamos de o levar para o hospital para o observarmos como deve ser. Pode muito bem haver uma causa neurológica para isto e não podemos

arriscar ignorá-la.

– A ambulância já está a caminho, chefe.

O sargento estava apoiado do outro lado da porta.

– E o pessoal fardado está a organizar uma escolta – continuou, olhando para Micah. – Não posso dizer que vou ficar triste por ver esse tipo desaparecer-nos da frente. É um gajo mesmo assustador!

Enquanto subiam a maca para a parte de trás da ambulância, Jim perguntou-se como é que iria contar ao Inspetor Jackman que, inadvertidamente, tinha mandado o prisioneiro para o hospital. E, pior ainda, como iria o Superintendente-Chefe Cade reagir quando descobrisse?

* * *

Já era muito tarde quando Jackman e Marie terminaram o segundo interrogatório a Benedict Broome. O homem tinha negado, delicada mas veementemente, qualquer conhecimento de terem sido realizados quaisquer trabalhos a partir de um túnel subterrâneo. Disse-lhes que não sabia nada sobre um túnel. E também negou ter qualquer conhecimento dos cartões com os nomes alegadamente escritos pela governanta.

Finalmente, deram o dia por terminado. Jackman tinha decidido não dizer nada sobre a cantoria do assassino. Concordava com Marie que seria melhor guardar esta informação até que a pudessem usar mais eficazmente.

– Gostava mesmo de saber se o Broome era um menino do coro – fantasiou Marie quando saíram da sala de interrogatórios. – Mas ele não cresceu nesta zona, por isso será difícil descobrir.

– Mas vale a pena tentar – respondeu Jackman, introduzindo o número de segurança e abrindo a porta de rompante. – Mas, neste momento, precisamos todos de dormir. Vai ver da equipa e manda quem quer que ainda cá esteja para casa e para a cama. Depois sugiro que agarres no teu novo hóspede e vás para casa também. E que tal te estás a sair no papel de senhoria? – perguntou com um sorriso.

– Otimamente! O Gary até cozinha o pequeno-almoço antes de ir para o trabalho! Está perfeitamente domesticado, é um génio na cozinha e, francamente, estou a pensar em mantê-lo.

– Ah, então a minha Mrs. M. é melhor ter cuidado. Nem eu tenho pequenos-almoços de faca e garfo.

Marie sorriu e estava prestes a dizer qualquer coisa quando o telemóvel de Jackman tocou.

– Jim! O que é que tens para me dizer?

Marie viu a expressão de Jackman a esmorecer.

– Merda! Como raio é que...? Oh, bem, a culpa não é tua, Jim. Só lamento ter-te metido nisto. Levaram-no para o Pilgrim Hospital de Boston? Sim, mas assegura-te que é vigiado durante 24 horas, sete dias por semana,

com dois agentes de cada vez. Tens pessoal para isso ou devo enviar-te reforços? Certo, bem, obrigado por tentares. Boa-noite, Jim. Ah, e qualquer chatice com o teu chefe, manda-o falar comigo.

Desligou o telefone e olhou sombriamente para Marie.

– O Micah Lee negou categoricamente saber alguma coisa sobre túneis ou salas subterrâneas e depois teve um colapso. Levaram-no para lhe fazer uma avaliação neurológica. Isso põe três dos suspeitos longe da nossa supervisão direta e eu não gosto nem um bocadinho disso.

Marie concordava com ele, mas, naquele momento, quase não conseguia pensar. Estava exausta.

– Vou despachar os outros e voltamos a ver-nos de manhã, chefe. Vamos ver o que é que o dia de amanhã nos traz, está bem?

– E falando de amanhã de manhã, o Benedict Broome vai ser libertado ou então acusado às 8 horas, por isso é melhor eu enviar alguém ao magistrado para pedir uma prorrogação. E tendo em conta o que está por baixo da propriedade desse homem, vou continuar a pedir prorrogações até chegarmos à verdade.

Capítulo Vinte e Cinco

Depois de uma noite desassossegada, Jackman levantou-se cedo. Preparou um pequeno-almoço como devia ser. Estava a fechar a porta de Mill Corner à chave quando o telemóvel tocou.

- Marie? Não me vais dizer que já estás no trabalho?
- Estou. Lamento começar o seu dia assim, mas temos um problema.
- Qual é agora?
- O Micah Lee fugiu do hospital.
- O quê? Raios, como é que isso aconteceu?
- Na verdade, ninguém teve culpa, tirando terem talvez subvalorizado a

força dele.

Jackman saltou para o carro e fechou a porta ruidosamente. Alguém tinha *sempre* culpa quando um preso fugia. Não acontecia frequentemente, mas, quando acontecia, era depois de terem ido parar ao hospital.

– Ok, conta-me. Mas não me digas que alguém abandonou o posto para ir à merda da casa de banho, ou ainda pode correr sangue.

– Não, nada disso. Eles julgaram que ele estava inconsciente quando o levaram para a radiologia, para lhe fazerem uma tomografia. Estavam dois agentes e dois enfermeiros a acompanhá-lo, mas quando ele saiu da máquina e tentaram voltar a prendê-lo, passou-se. Feriu gravemente um dos agentes de Boston, fez uma concussão a outro e deu cabo dos dois enfermeiros.

– Não!

A fúria de Jackman transformou-se em preocupação.

– Qual é a gravidade?

– Desconfiam de fratura do crânio, chefe. Ao que parece, bateu com as cabeças uma na outra. O Agente Bladon foi o que ficou pior. O Agente Smythe sofreu uma concussão ligeira.

– E o pessoal do hospital?

– Abalados e magoados, mas nada de grave.

– Então e para onde é que ele foi? As câmaras de vigilância estavam a funcionar?

– Sim. Viram-no nas traseiras do hospital, onde atacou um porteiro,

tirando-lhe a roupa e a carteira, trepou o muro do hospital e atravessou os jardins residenciais e os campos em direção ao canal de drenagem de West Fen.

– Quer dizer que o perdemos?

Jackman ouviu a sargento a inspirar fundo e depois a suspirar.

– Ok. Estou aí dentro de 15 minutos. Arranjem-me um café realmente forte e vamos reorganizar-nos.

Jackman desligou e soltou uma gargalhada amarga. Durante um bocadinho de tempo, tinha estado de facto a pensar que o dia de hoje podia correr melhor!

* * *

Quando Jackman chegou à sala dos homicídios, a cólera tinha-se dissipado e já só lhe restava a sensação de que as coisas lhe estavam a escapar.

Marie era a única pessoa na sala enorme e parecia quase tão bem-disposta como ele.

Estendeu-lhe um café, dizendo:

– O Max deixou um bilhete a informar que foram identificadas, não oficialmente, mais duas vítimas através do CNP. Precisamos dos resultados laboratoriais para termos a certeza, mas os nomes próprios e as datas de nascimento condizem. Uma é uma rapariga de Bristol chamada Corrie Anderson e a outra, a Charlotte King, é de Hull.

– E nenhuma nos diz nada. O nosso assassino levou sempre pessoas de perfil insignificante e de locais diferentes, não é verdade? Nenhuma apareceu esparramada nos tabloides nem foi muito falada nos *media*.

– Inspetor Jackman – soltou Marie, olhando para ele com uma expressão perplexa. – Estou a pensar nessas datas de nascimento. O que é que o facto de terem nascido numa quarta-feira *tem* para as tornar candidatas a morrer?

Jackman abanou vagarosamente a cabeça de um lado para o outro.

– Só vamos saber isso quando o caso estiver solucionado. E, neste momento, é melhor concentrarmo-nos em tentar capturar o Micah Malucão, não achas?

Inspirou fundo.

– E enquanto esperamos que os outros cheguem, ligas para o hospital psiquiátrico por mim para ver se a Elizabeth já está suficientemente bem para a interrogarmos?

Marie foi buscar o número. Enquanto folheava o ficheiro, perguntou:

– Então e para onde é que julga que o Micah terá ido?

A pergunta que valia ouro.

– Se o Benedict Broome estivesse em liberdade, apostava uma bela maquia que o Micah iria ter com ele, mas...

– Acha que terá ido para casa? Se está mentalmente instável, talvez precise de um sítio familiar, não?

– Mas não achas que ele sabe com toda a certeza que vamos estar a vigiar a casa? Já há agentes fardados na quinta. E Windrush está a abarrotar de polícias e de técnicos da equipa forense.

Jackman ainda conseguia ver a cólera na cara feia e empedernida de Micah quando tinham aparecido para passar revista a Windrush. Talvez a angústia dele tivesse sido causada por o grandalhão saber, já nessa altura, que era o princípio do fim da Enfermaria das Crianças.

Marie desligou.

– Já tem luz verde, chefe. Estão um bocadinho desconfiados, mas está tudo bem desde que o médico dela esteja presente e não demoremos muito.

Jackman pensou durante uns instantes.

– Estou cá a pensar se seria prudente se fosses antes tu e levasses a Rosie. Se esta mulher está assim tão fragilizada, talvez ter um homem a fazer-lhe perguntas não seja a melhor estratégia.

– É capaz de ter razão, chefe, e como acabei de ver a Rosie a entrar, vamos embora antes que os médicos mudem de ideias.

* * *

Marie e Rosie apressaram-se a sair do parque de estacionamento e a avançar até às pesadas portas de vidro do Saltern Hall Psychiatric Hospital. Marie carregou no botão do intercomunicador e anunciou os nomes delas. A porta zumbiu e o fecho soltou-se.

Nada de porta-chaves a chocalhar, de fechaduras de metal ou do clamor de portas de ferro, apenas passes e teclados numéricos.

– O Dr. Mason está à vossa espera. Vou acompanhá-las até à ala dele.

O rececionista era um homem elegantemente fardado de cerca de 30 anos. Tinha cabelo curto e era alto e musculoso. Não era o género de pessoa com quem fosse boa ideia alguém meter-se.

Elizabeth estava num quarto particular, com dois agentes posicionados do lado de fora. O Dr. Leonard Mason e um enfermeiro estavam à espera com ela e deixaram-nas entrar no quarto. Estava impecavelmente limpo e, embora bastante espartano, parecia muito confortável.

Marie tinha sido avisada de que Elizabeth estaria levemente sedada. Estava perfeitamente lúcida, mas frágil, e o psiquiatra e o enfermeiro iam manter-se lá durante a conversa.

Marie já tinha resolvido fazer apenas perguntas essenciais, não fosse os médicos tirarem-lhe o tapete.

Apresentaram-se a esta possível cúmplice de múltiplos homicídios nas vozes mais gentis que conseguiram.

Elizabeth olhou para elas quase inexpressivamente, até se fixar em

Rosie.

– Que linda rapariga – comentou, um sorriso estranho a torcer-lhe os lábios. – Faz-me lembrar a... não, ela era muito mais loura.

O sorriso manteve-se, embora os olhos de Elizabeth fossem os mais tristes que Marie já vira. Perguntou-se em quem é que ela estaria a pensar.

– Elizabeth, o seu patrão, o Benedict Broome, manda-lhe cumprimentos. Pediu para lhe dizer que está bem e que não se deve preocupar com nada. Disse que pode falar connosco sem quaisquer reservas. Estamos aqui apenas para descobrir a verdade. Está a compreender?

Outra vez o inclinar da cabeça.

– Ah, sim, o Mr. Broome. O Benedict.

Elizabeth dava puxões às mangas, esticando-as até tapar os dedos magros.

Rosie acrescentou:

– Ele é um bom patrão? Trata-a bem?

– Oh, sim! Não podia desejar melhor. Ele é muito bom. Não sei o que faria sem ele.

Conseguiram ver-lhe as mãos, as pontas dos dedos a saírem-lhe das mangas, a torcerem-se constantemente.

– Mas o que é que querem de mim? Porque é que eu estou aqui?

– Temos aqui uma coisa que gostaríamos que visse. Estávamos a pensar se a reconheceria.

Marie colocou um saco de provas de plástico transparente à frente dela. Lá dentro, estava um dos cartões com os nomes encontrados na camara subterrânea. Mesmo através do plástico, Marie conseguia ver claramente o nome «Lucy» escrito nele.

– É a sua letra?

– Penso que sim – respondeu ela, franzindo os olhos enquanto tentava ler o que estava lá escrito. – Tenho a certeza de que escrevi isso.

Marie ouviu Rosie inspirar fundo.

– E o que é isto, Elizabeth? Para que era?

Não houve resposta e Marie conseguiu a custo dominar o desejo avassalador de se inclinar para a frente e de a abanar.

– É seu ou alguém lhe pediu para o fazer?

Os dedos torceram-se.

– Não é meu – respondeu ela, franzindo a testa. – Mas de quem...?

– Talvez do Mr. Broome? – sugeriu Rosie, mantendo um tom calmo e uniforme.

– Deve ser, não deve? – retorquiu Elizabeth, empurrando cartão na direção delas.

– Ou talvez de um amigo? – insistiu Marie.

– Eu... não tenho a certeza.

Marie mordeu o lábio e viu os olhos atentos do médico colados nela.

– Cuidado – avisou Mason baixinho. – Não a pressione.

Olhou para a mulher tímida com mais atenção. Não era tão velha como parecia. Era muito magra, tinha ossos delicados e uma pele que lembrava porcelana, mas havia qualquer coisa naqueles olhos tristes que dizia que ela não era tão frágil como dava a entender. Repentinamente, Marie decidiu usar uma tática diferente:

– O Micah Lee desapareceu, Miss Sewell. Não sabemos onde está.

As mãos trementes voaram-lhe para a boca. Elizabeth soltou um pequeno arquejo e o Dr. Mason recuperou a voz:

– Sargento Evans, posso dar-lhe uma palavrinha, se faz favor? Lá fora.

Exatamente o que Marie tinha esperança de que acontecesse. Quando se levantou e acompanhou o médico para fora do quarto, Rosie continuou calmamente sentada com Elizabeth. Iria ter oportunidade de observar a reação sincera de Elizabeth à afirmação de Marie.

Marie ouviu o médico a ralar-lhe, mas, pelo canto do olho, foi observando pela janela. Viu os lábios de Rosie mexerem-se, sorrirem. Marie também conseguiu ver que ela estava de facto a receber uma resposta. Obviamente, Elizabeth Sewell sentia-se menos ameaçada só na presença da enfermeira e da «linda rapariga». Marie resolveu questionar a objeção do médico ao tom dela e prolongou a expulsão do quarto durante mais um bocadinho.

Arrastou a «conversa» durante cinco minutos, até o médico lhe dar licença para voltar por mais um bocadinho. Marie questionou-a sobre os túneis. Mas, desta vez, não viu qualquer compreensão nos olhos de Elizabeth. A mulher respondeu que nunca tinha ouvido Mr. Broome falar de túneis ou de salas subterrâneas em Windrush. Tinha lá estado muitas vezes com ele, mas nunca sozinha.

Marie voltou a pousar o saco das provas no colo de Elizabeth e ergueu as sobrancelhas.

– Tem mais alguma coisa a dizer sobre isto?

– O Philip! – exclamou ela repentinamente. – Eram para as gaiolas de uns animais no consultório dele – para os azarados.

A cabeça de Marie começou a andar à roda. Philip? Philip Groves?

– Como é que conhece o veterinário, o Philip?

– Trabalho para ele – respondeu ela, sorrindo pela primeira vez. – Só como voluntária, claro. Adoro animais. Ajudo lá nos meus tempos livres há anos.

– E escreveu isto para o Philip Groves? – perguntou Marie, apontando para os cartões.

– Não tenho a certeza – murmurou ela. – Pensava que os *dele* tinham nomes como Fluffy e Rocky. E uns desenhinhos de ossos e impressões de patas? Oh, minha nossa, se calhar estou a ficar confusa!

Recomeçou a contorcer as mãos.

– Acho que, por agora, já chega – disse o Dr. Mason, levantando-se.

Marie teve vontade de gritar de frustração.

As duas Inspetoras agradeceram a Elizabeth e saíram.

Enquanto esperavam pela escolta, Rosie disse baixinho:

– Imagine lá quem é que eu lhe lembro?

– Buffy, a Caçadora de Vampiros?

– Muito engraçado, Sargento. Não, lembro-lhe uma pessoa chamada Fleur.

– A vítima mais antiga! – exclamou Marie, arquejando. – Então qual é que é a ligação entre a primeira rapariga a morrer e a Elizabeth Sewell?

– Não tenho a certeza, mas a Elizabeth ficou muito aborrecida com ela própria por me ter dito. Perguntei-lhe quem era a Fleur e ela fechou-se em copas e começou a falar do Micah Lee.

– E o que é que ela disse sobre ele?

– Está desesperada para que o encontremos. E disse uma coisa muito estranha – respondeu Rosie, franzindo a testa. – Disse que a sargento e eu devíamos deixar que os homens tratassem dele.

– E o que é que ela quer dizer com isso, pergunto-me eu?

– Bom, acho que ela quer dizer que ele é um perigo para as mulheres.

– Isso não é propriamente uma novidade. Acho que o Micah é um perigo para toda a gente.

Rosie baixou a voz quando a escolta apareceu.

– Não me parece que seja isso que ela quis dizer. Tenho a certeza de que me estava a avisar.

Lá fora, no ar fresco, Marie destrancou o carro e atirou a carteira para o banco de trás.

– Muito bem, vamos voltar para a esquadra, Rosie, e a tua primeira tarefa é investigar a atividade veterinária do Philip Groves. Vê se os «azarados» recebem cartõezinhos bonitos com nomes e patas impressas, cortesia da simpática voluntária do consultório veterinário do Philip Groves, a Elizabeth Sewell.

– Certo, Sargento. E depois?

– Estou ainda mais ansiosa por descobrir tudo o que conseguirmos sobre a Fleur. A ligação dela à Elizabeth intriga-me e pode ser uma pista muito importante se a conseguirmos identificar. Trabalha com o Max nisso.

Enquanto avançavam a passo de caracol pelo meio do trânsito do centro da cidade, Marie perguntou a Rosie o que é que ela pensava de Elizabeth.

– Tenho a impressão de que ela está genuinamente confusa, o que a incomoda. A confusão dela deve-se provavelmente às drogas todas que lhe estão a dar, mas não consigo vê-la envolvida numa coisa tão hedionda como estes homicídios. Também tenho a certeza de que se manteria leal ao Benedict Broome até ao último suspiro, se fosse preciso. Ela pode ser louca, mas juraria que não está a mentir deliberadamente.

Isso era basicamente o que Marie também tinha pensado. Mas a necessidade premente de encontrar o assassino deixava-a com pouca paciência para jogos de adivinhas.

– Se for preciso voltar a interrogá-la, Rosie, sugiro que vás sozinha. Penso que conseguirás arrancar-lhe mais coisas.

A jovem sorriu.

– Acho que o seu posto a incomoda, Sargento. Reparei que ela também não gosta do médico, embora se sinta bem com a enfermeira e comigo. Diria que ela tem um problema com figuras de autoridade.

– Pergunto-me qual será o problema dela? Porque é que está feita num oito de tão nervosa?

Marie virou para uma rua secundária e deu meia-volta para regressar à esquadra.

– Talvez pergunte isso ao Broome. Ele tem estado a gastar todo o tempo livre que tem a levá-la a consultas externas. Estou disposta a apostar que ele sabe exatamente qual é o problema dela.

* * *

Quando estavam a entrar no átrio da esquadra, Marie ouviu chamar o nome dela. Jackman estava a fazer-lhe sinal para se aproximar da Superintendente Ruth Croke, que estava a conversar animadamente com um homem alto, esguio, uma barba muito bem aparada e óculos de armações escuras.

– Ah, ótimo, Sargento Evans, chega mesmo a tempo de conhecer o Professor Henry O’Byrne. É o amigo do Professor Rory Wilkinson de quem estavam à espera.

Marie até ficou de cara à banda, deitando um olhar de relance a Jackman. A Superintendente estava mesmo a sorrir para o homem e de uma forma incaracteristicamente calorosa.

– Por coincidência, ele é um velho conhecido. O Henry é um psicólogo respeitado, um perito na área de abuso infantil – explicou ela, sorrindo-lhe com admiração. – Já trabalhou em alguns dos casos mais difíceis deste condado e agora é todo vosso, porque tenho uma reunião.

Deitou uma olhadela a Jackman.

– A imprensa já deu conta da atividade à volta da morgue do hospital. Tenho de lhes dizer qualquer coisa, mas farei o possível para que seja o mínimo dos mínimos.

Abanou a cabeça e afastou-se rapidamente, dizendo:

– Mas não falta muito para que a situação se torne incomportável, por isso estejam preparados.

Tinha de acontecer. Acontecia sempre.

Marie apertou a mão ao professor. O sorriso dele era caloroso e cativante. Jackman tinha-lhe dito que Rory lhe tinha chamado *«lindo, de uma maneira madura»*. Marie conseguia perceber o que ele tinha querido dizer.

– Vamos para o meu gabinete, Professor – disse Jackman. – Está mais

calmo lá e o café é melhor.

Primeiro, levaram-no à sala dos homicídios, e, enquanto ele avaliava as fotografias, fizeram-lhe um breve resumo do que tinha acontecido.

Durante o que lhes pareceu uma eternidade, Henry O'Byrne andou de um lado para o outro, a olhar atentamente para pormenores e depois recuando um pouco para ficar com uma imagem geral de tudo.

– Sei que é pedir muito, Senhor Professor, mas poderia dar-nos um perfil do tipo de pessoa que pode fazer uma coisa destas?

Marie não sabia quanto tempo este homem estava disposto a conceder-lhes, mas a pergunta merecia ser feita.

– Bem, por muito que goste das séries criminais da TV, tenho de lhes dizer que não acredito que fazer o perfil de um delinquente funcione na vida real. Não é verdadeiramente fiável e pode ser muito perigoso se for interpretado incorretamente. Sei que a Unidade de Ciência Comportamental do FBI, no seu *bunker* lá em Quantico, discordaria, mas as probabilidades estão do meu lado. Seja o que for que os dramaturgos vos digam, existe apenas uma pequena possibilidade de conseguir prender uma pessoa através do perfil traçado. Em alguns casos, seria o mesmo que tirar à sorte os nomes de um chapéu.

Olhou para eles como quem pede desculpa.

– Vejo que estão desapontados, mas fariam melhor em apanhar o vosso homem, ou mulher, com um bom e sólido trabalho policial e a ajuda de um bom patologista e do seu laboratório.

Espreitou para eles por cima dos óculos.

– Mas o que eu *posso* fazer é aconselhá-los a usar psicologia pura e dura, a ciência da mente e do comportamento. E isso pode ser, de facto, muito instrutivo.

– Ótimo! – exclamou Jackman, com a cara a iluminar-se. – Isso chega-me perfeitamente e, para dizer a verdade, concordo completamente.

E se estava bem para Jackman, também estava bem para a sargento. Marie assentiu com a cabeça e a disposição dela melhorou consideravelmente.

– Então e o que é que gostaria de saber? – perguntou Jackman.

– Posso ver a cena do crime? Preciso de estar lá, de respirar o ar e de ver tudo o que o assassino terá visto.

– Até parece o Rory. Ele gosta de ser o primeiro a chegar à cena e ficar algum tempo sozinho com os cadáveres. Diz que muitas vezes eles partilham os segredos com ele.

– Compreendo isso perfeitamente. Mas a verdade é que partilhamos mesmo muitas características.

O professor sorriu-lhes de orelha a orelha.

São sempre os homens bonitos, não são?, pensou Marie.

– Levo-o à cena assim que falar com a minha equipa – disse Jackman, levantando-se. – Está disposto a dar um passeio pelos pântanos nebulosos?

Henry sorriu radiosamente para Jackman.

– Oh, se estou!

Rosie estava a desligar o telefone quando Marie se aproximou da secretária dela.

– A enfermeira do consultório do Philip Groves diz que vários dos animais nas gaiolas de resgate do centro têm de facto cartões com nomes nas jaulas. A Elizabeth Sewell realmente passa lá bastante tempo, como voluntária, a ajudar com os animais resgatados, e foi a Elizabeth que escreveu os cartões com os nomes.

– Hum. Não me parece o género de coisa que fosse interessar a um assassino, pois não?

– Tenho a certeza de que ela não está metida em nada, Sargento. Fez os cartões para outra pessoa e aposto que não sabe minimamente para que é que serviam.

– Pode ser que seja isso, mas seria muito útil se ela se conseguisse lembrar de quem lhe pediu para os fazer. E por muito ronronante que ela possa ser, não a excludas já, ok?

– Quer que volte a falar com ela?

– Não, ainda não. Primeiro, ajuda o Max com a questão da Fleur. Ela é um elo vital.

– Certo, Sargento.

– Vamos levar o psicólogo, o Professor O’Byrne, a Windrush, mas ligue-me para o telemóvel se acontecer alguma coisa interessante.

– Ok, mas só mais uma coisa antes de irem – disse ela, entregando a Marie um envelope castanho. – Chegou isto para o Inspetor Jackman, é do laboratório forense.

Marie levou-o até ao sítio onde Jackman estava a conversar muito concentradamente com Charlie Button.

– Abre-o, está bem, Marie? Já estou quase a terminar.

A sargento passou os olhos pelo memorando e sentiu uma onda de frustração. Era um relatório curto sobre as descobertas feitas no encontro do clube de amigos dos copos na capela velha. Nenhuma das dúzias de amostras recolhidas coincidiam com qualquer delinquente conhecido. Bem, pelo menos, tinham novas amostras no ficheiro e podiam usá-las para as ligar a quaisquer suspeitos – incluindo os que já tinham.

– Estamos prontos, é só o senhor dizer! – gritou Jackman para o professor. – Prepare-se para uma viagem à Enfermaria das Crianças mais horrível que alguma vez verá.

Capítulo Vinte e Seis

Enquanto seguiam para Roman Creek, Jackman e Henry O'Byrne conversaram sobre assassinos e o que podia levar alguém a tirar a vida a outra pessoa. Jackman esteve a maior parte do tempo a ouvir.

Quando se aproximaram do caminho que levava a Windrush, Henry disse:

– Não acredito que haja alguém que nasça mau. Estou convencido de que há certas pessoas a quem falta a capacidade de compreender as consequências das suas ações. Se são expostas à crueldade numa idade tenra e impressionável e depois continuam a sofrer violência, negligência ou abuso enquanto crescem, ficam dessensibilizadas. Ficam condicionadas a acreditar que a violência é uma forma aceitável de exprimir a sua fúria reprimida.

– Acha que o nosso assassino é uma dessas pessoas? – perguntou Jackman.

O professor abanou a cabeça.

– Oh, estou só a generalizar. Preciso de ver muito mais antes de começar a fazer juízos.

Fizeram-lhes sinal para passar o portão.

Marie estava pensativa.

– Mesmo depois de tantos anos neste trabalho e tendo visto algumas coisas horríveis, ainda continuo espantada com o que as pessoas são capazes de fazer umas às outras.

O professor virou-se e olhou para ela com uma expressão de enorme tristeza.

– Sargento Evans, quando uma pessoa não tem empatia e vê os outros como objetos e não como seres humanos, é capaz de *tudo* e não sente qualquer remorso.

Jackman olhou pelo para-brisas. Que animais complicados são os humanos!

– No nosso trabalho – disse, – lidamos pura e simplesmente com a atividade criminal, mas o senhor tem de lidar com pessoas com estados mentais confusos. Como é que consegue, Professor?

Henry O'Byrne sorriu.

– Da mesma maneira que o Inspetor. É um trabalho. Paga a hipoteca, a roupa e a alimentação. Podemos ter uma grande paixão por aquilo que fazemos, mas não é a nossa vida inteira. Aposto que têm amigos e família e que não há nada de que gostem mais do que de passar tempo com eles.

O sorriso alargou-se.

– E ajuda que conheçamos a diferença entre certo e errado, como acontece com a maioria das pessoas. Gosto de acreditar que a maioria das pessoas é bastante decente, tendo tudo em consideração, e acontece que nós lidamos com uma minoria muito pequena.

Jackman abriu a porta e saiu do carro.

– É bom conhecer um otimista. É muito reconfortante. Acredite, os otimistas são demasiado raros nas forças policiais!

Já dentro da casa, o professor olhou em volta.

– Aposto que isto em tempos foi impressionante. Que pena ter sido tão negligenciado.

O telefone de Jackman tocou.

– Jackman? É o Rory Wilkinson. Está livre? Tenho uma coisa que preciso de lhe contar.

– Diga lá. O seu amigo Henry O'Byrne e eu estamos no local.

Rory parecia excitado.

– Jackman, estou quase convencido de que nenhuma das nossas vítimas foi morta naquela divisão subterrânea. Foram todas mortas noutros sítios e levadas pelo túnel até à enfermaria, usando o velho carrinho de mão que encontrámos ao pé da porta. Havia partículas mínimas de tecido presas nas farpas da base de madeira grosseira daquilo.

– Então vamos ter de procurar outro local onde aconteceram realmente as mortes?

– Receio bem que sim.

Jackman fez a pergunta que o andava a assustar:

– Sabe se as vítimas foram atacadas sexualmente?

– Com os corpos mais antigos ainda é impossível dizer, embora a Jan Wallace tenha compilado um relatório muito pormenorizado sobre a primeira rapariga, a que conhecemos como Fleur. Ela é uma história completamente diferente e vou deixar que seja a Jan a falar-vos dela. Algumas das mais recentes foram, sem dúvida, sexualmente atacadas e, possivelmente, violadas, embora nem todas. As mais novas parecem ter escapado a esse destino.

– Pergunto-me porque é que a Emily ainda não estava morta? Estava drogada e de certeza que deu luta a dada altura, pelo estado dos pés e da roupa rasgada, mas ainda estava viva.

– Penso que o assassino julgou que a tinha matado. Você mesmo disse que os sinais vitais dela eram muito fracos.

Era verdade. Jackman não tinha sentido nenhuma pulsação.

– A Jan Wallace diz que lhe vai telefonar, se puder ser.

– No caso de ainda estarmos lá em baixo, na cave, diga-lhe para ligar para a sala do DIC. Eles apontam os pormenores. E, Rory, tivemos muitas respostas de outras forças policiais relativamente às identidades das raparigas, mas não podemos dizer que alguma delas seja cem por cento positiva até termos os resultados do ADN. Alguma ideia de quando é que isso poderá ser?

– Não é um processo claro e simples. Mas, por causa do número de vítimas, estou a usar a universidade e um laboratório privado de um colega meu. Eles tratam sobretudo de testes de paternidade, mas voluntariaram-se para participar. Não posso dizer exatamente quando é que vão chegar. Esperemos que não demorem muito, mas envio-lhe logo tudo o que seja realmente urgente.

– Faça da Fleur a prioridade número um, sim?

– Já é. Vai perceber isso quando falar com a Jan Wallace.

Jackman terminou a chamada e, repentinamente, sentiu-se dominado por uma sensação de desassossego.

– Certo, Henry. Primeira paragem, a cena do crime.

O professor tirou da cabeça um boné imaginário.

– Faça favor.

Passaram quase uma hora no subterrâneo e o psicólogo passou praticamente a viagem toda de regresso à esquadra calado.

– Que método! – exclamou subitamente. – Tudo planeado e disposto de forma tão perfeita. Uma mente arrumada, metódica. Até as camas têm a mesma distância entre todas elas. Tenho a certeza de que se medíssemos aqueles intervalos, seriam perfeitamente iguais.

– E o que é que isso nos diz? – perguntou Jackman.

Henry O’Byrne inspirou fundo.

– MUITÍSSIMO! Todo aquele cenário nos diz imenso!

Voltou-se no assento e encarou Marie, os olhos a brilhar de excitação.

– Acho que vos posso mostrar mais sobre o homem que engendrou tudo aquilo do que poderiam alguma vez esperar conseguir de um dos vossos criadores de perfis. Nunca imaginei que fôssemos encontrar uma imagem tão perfeita de uma mente.

– Disse «o homem». Tem a certeza disso? – perguntou Jackman.

– Sem a mínima dúvida – respondeu Henry, voltando a deixar-se cair num silêncio durante o resto da viagem.

* * *

Quando voltaram para a sala do DIC, Max disse-lhes que «aquela arqueóloga» tinha ligado. Marie ligou-lhe imediatamente.

– Sei que está ocupada, Inspetora – disse Jan Wallace, – mas gostava de saber se pode vir à morgue. Tenho informações referentes à vossa primeiríssima vítima, a Fleur. Algumas são bastante complicadas e têm de ser

explicadas pessoalmente.

Marie fez uma careta.

– Vou tentar, mas pode dar-me os pormenores mais importantes agora e eu vou para aí assim que puder. Estamos enterrados em trabalho por aqui.

Seguiu-se uma curta pausa.

– Compreendo, mas devo dizer-lhe que contei 27 lesões ósseas diferentes naquela jovem. Depois de ter estudado a patologia dos ossos dela, descobri que tinham uma grave falta de minerais e as análises mostraram anemia e má nutrição. Acho que ela morreu de fome.

Marie não estava à espera daquilo.

– Também posso confirmar que foi, de facto, desenterrada. Todavia, e isto é muitíssimo invulgar, a maioria do esqueleto ainda cá está, faltando apenas alguns dos ossinhos mais pequenos. Tinha 15 anos quando morreu, que é o que a placa com o nome diz. Há muitíssimas mais coisas, Sargento, quando tiver tempo, embora nada tão importante como o que lhe acabei de contar.

– Olhe, agradeço-lhe muitíssimo a sua ajuda, Professora Wallace, e vou ter consigo assim que tiver resolvido umas coisas aqui, ok?

Pousou o telefone, a mente completamente descontrolada.

– Morta de fome – sussurrou para si própria. – E exumada depois do funeral? O que é que se estava a passar?

Rosie sentou-se ao lado dela.

– Parece um bocadinho perplexa.

– E também vais ficar, florzinha. Ouve-me só.

Chamou Max e Charlie e transmitiu-lhes as informações de Jan Wallace.

– Raios partam! – exclamou Max. – Sei que eu é que sou o inspetor, mas que diabos é que se passa?

Ninguém respondeu.

* * *

Mal Jackman saiu do gabinete, Marie pô-lo a par do que Jan Wallace tinha descoberto.

– Arranja qualquer coisa para o professor comer, Marie, e diz à equipa para vir ao meu gabinete. O Prof. vai contar-nos o que pensa e depois devias mesmo ir falar com a Jan Wallace.

Passados uns instantes, estavam todos reunidos no gabinete de Jackman. O professor tomou a palavra:

– Há bocado, o Inspetor-Chefe Jackman perguntou o que significava a atenção muito particular que o assassino dava aos detalhes. Um assassino organizado é geralmente de inteligência normal ou acima do normal, conhecedor de ciências forenses e cuidadoso na escolha de um local onde se sinta confortável. Escolhe os momentos cuidadosamente, está bem preparado

e gosta de sentir que tem o controlo. Por outro lado, um assassino desorganizado tem frequentemente pouca inteligência, age espontaneamente e usa o que quer que seja que tenha à mão, por isso a cena do crime que nos deixa pode muitas vezes refletir o estado desorganizado dele.

– Então o nosso homem é organizado? – perguntou Marie.

O professor inclinou a cabeça para o lado.

– Obsessivamente. Tomou muito bem conta das vítimas. Não havia instrumentos de tortura, nenhuma amarras, nada para assustar ou ameaçar. Estava tudo limpo e arrumado, incluindo as flores e as roupas muito bem organizadas. De acordo com as fotografias, os corpos estavam ilesos e tinham sido dispostos de modo a parecer confortáveis e em paz.

– Isso bate certo com o que o patologista me disse. Os técnicos forenses não encontraram nada que mostrasse que elas tinham sido mortas ali – informou Jackman.

– Tudo naquela câmara contradiz o facto de as raparigas terem sido drogadas, raptadas, espancadas, possivelmente sexualmente atacadas ou violadas e depois assassinadas.

– Ele poderá ter dupla personalidade? – perguntou Charlie.

O professor assentiu com a cabeça.

– Os distúrbios de personalidade múltipla são muito raros, mas é uma possibilidade. Ele teria características e capacidades diferentes e as duas personalidades, muito provavelmente, não se aperceberiam da existência uma da outra.

Jackman esfregou a têmpora pensativamente.

– E o que é que provocaria a transição de um estado ao outro?

– Geralmente, um trauma qualquer.

– Isso encaixaria – disse Jackman. – Depois de matar a vítima, o trauma do que ele fez leva a segunda personalidade, a carinhosa, a assumir o controlo.

– Seria muito, muito invulgar, mas não impossível.

– Então e para onde é que ele levaria inicialmente as vítimas depois de as ter drogado?

– Imagino que para algures perto dali, mas não para a casa. Havia demasiadas pessoas a andar de um lado para o outro com aquelas obras todas e alguém o poderia reconhecer. E sabemos que ele usou o túnel do pântano para aceder à sala, por isso, diria para procurarem num raio de cerca de quilómetro e meio em relação à entrada do túnel.

– E se o nosso assassino é o Micah Lee, é aí que ele pode estar escondido – acrescentou Marie.

– Não acredito que ele voltasse para lá, com metade da polícia à procura dele, mas não podemos correr esse risco. É melhor enviarmos um grupo de busca para o pântano e para os campos circundantes antes de ficar escuro – disse Jackman, olhando para o relógio. – E não temos muito tempo.

Max levantou-se de um salto.

– Vou avisar o pessoal fardado.

– Certifica-te de que Windrush continua bem guardado, Max. Quero que tragam novos agentes. Não podemos dar-nos ao luxo de deixar Windrush desprotegido.

– Compreendido, chefe.

Marie olhou para Jackman.

– E a Jan Wallace?

– É melhor esperar até termos esta busca em marcha.

Max apressou-se a sair da sala e Jackman voltou-se para o professor.

– Acha mesmo que estamos a lidar com um homem com duas personalidades, Henry?

– Isso responderia a uma série de questões. Gostaria de saber como é que as coisas foram progredindo, por isso temos de saber tudo o que pudermos descobrir sobre aquele primeiro cadáver, o tal a que chamam Fleur. Principalmente se ela não foi assassinada.

Inspirou fundo.

– E, Inspetor-Chefe Jackman, em relação ao que disse anteriormente sobre ele não voltar para Windrush? Não só está bem documentado que os assassinos gostam de voltar à cena do crime como deve saber que quando um criminoso organizado chega ao fim da carreira, cai frequentemente no caos. A mente não consegue continuar a ser calculista e esperta eternamente. Está sob pressão constante e começa a vacilar. É quando comete erros e é apanhado.

– Então acha que é possível que ele acabe por lá voltar se conseguir?

– Nesta altura, ele já vai estar com a cabeça num turbilhão. A mente já será um turbilhão de raiva, ódio e confusão. O mundo voltou-se contra ele e ele sabe que não vai haver um final feliz. Vai voltar porque não tem mais nenhum sítio para onde ir e, se estiver a vacilar, há uma possibilidade muito forte de julgar que é suficientemente inteligente para enfrentar a polícia inteira.

Enquanto começava a digerir aquelas informações, Jackman ouviu o telemóvel de Marie a tocar. A sargento encaminhou-se rapidamente para ele.

– Era o Gary, chefe. Ao que parece, o Ethan Barley tem andado a arrastar o irmão, o Nick, por todos os bares manhosos e sítios rascas da zona, na tentativa de descobrir o homem que lhe pagou para copiar a chave da capela.

– E tiveram sorte? – perguntou Jackman, muito excitado.

– Tiveram, patrão! Ele ligou para o Gary de uma espelunca malcheirosa na East Street, em Harlan Marsh. E agora o Gary anda a seguir o homem. Não pode detê-lo porque isso significaria que a próxima festa seria cancelada e poderíamos perder a nossa oportunidade de arrumar o Cade. O Gary vai continuar a segui-lo para descobrir quem ele é e onde vive.

– Ótimo, mas temos de ser muito, muito cautelosos. *Nada disto* pode chegar aos ouvidos do Cade, senão ficamos completamente lixados. E *não podemos* permitir que isso aconteça.

Jackman olhou para Marie e viu-a a fitá-lo. Ela queria desesperadamente

que Cade pagasse por algo que tinha feito no passado. Jackman estava mortinho por saber o que teria sido.

Capítulo Vinte e Sete

Uma equipa de polícias fardados estava agora a vigiar a área à volta de Roman Creek, por isso Jackman e a equipa continuaram a trabalhar na sala do DIC.

– Devemos ir buscar aquele veterinário para o interrogarmos? – perguntou Max, mastigando pensativamente uma sanduíche. – Concluímos que a Elizabeth Sewell não podia ser o nosso assassino, no entanto, ela conhece uma pessoa chamada Fleur. Os cartões *dela* estão para ali naquele buraco infernal e ela escreveu cartões quase idênticos para as gaiolas dos animais no consultório veterinário do Philip Groves.

– Ele tem razão, chefe – disse Rosie. – Ainda que eu não consiga ver aquele homem como um assassino impiedoso.

Jackman olhou para a sanduíche e pousou-a.

– Se calhar, devíamos mesmo. De facto, ele vive ao pé do pântano e se estamos à procura de uma pessoa com dupla personalidade, então quem sabe? Como é que sabemos o que procurar?

Olhou para o outro lado da sala, onde Marie estava sentada um bocadinho afastada deles, muito concentrada nos seus pensamentos.

– Diz lá, em que é que essa cabecinha está a pensar?

Ela levantou a cabeça.

– Não tem interesse. Os meus pensamentos são quase tão claros como o óleo numa poça sanitária.

Inclinou-se para trás na cadeira, espreguiçou-se e disse:

– Ok. Doze raparigas mortas, todas nascidas numa quarta-feira. Na mesma sala. Outra rapariga morta, mas morta à fome. Uma rapariga, a Toni, é raptada e vive, outra rapariga, a Shauna, é raptada e morre, mas num sítio completamente diferente. Duas em três falaram de um homem com olhos mortos. Algum de nós viu um homem com olhos «mortos»? Não, não vimos. O Micah Lee tem uma cara horrível, mas os olhos são profundos e muito expressivos. O Benedict Broome tem olhos perfeitamente normais. A Elizabeth Sewell é uma mulher. E nem *uma* das pessoas com quem falámos, e já falámos com bastantes, tinha olhos estranhos – rematou com um grunhido

audível. – E quem raio é a Fleur?

– Vem tudo dar a ela, não vem? – questionou Jackman.

– Não há absolutamente registo nenhum de uma pessoa com esse nome que tivesse desaparecido – acrescentou Max, lugubrememente.

– O que é que estou a perder? – perguntou Gary, entrando como um furacão.

Olhou em redor e o sorriso esmoreceu.

– Bom, estou a ver que as coisas não estão a correr lá muito bem por aqui, mas eu, pelo menos, tenho um nome e um endereço para um dos organizadores do clube de amigos dos copos. Chama-se Brendan Keefe e vive nos arrabaldes de Harlan Marsh. Está à mão de semear, quando estivermos prontos.

– Bom trabalho, Gary. Imagino que ele não tinha olhos estranhos, pois não? – perguntou Jackman esperançosamente.

– Manhosos, dissimulados, pequenos como os de um porco, mas estranhos, não.

– Que pena. Senta-te – disse-lhe Jackman, empurrando para a frente dele a sanduíche em que não tocara. – Ainda estamos a tentar descobrir quem poderá ser a Fleur.

Gary agarrou na sanduíche.

– Ah!

Deu-lhe uma dentada agradecidamente, mastigou e depois disse:

– Não é um nome muito comum, embora...

Um sujeito à paisana entrou na sala.

– Desculpe incomodá-lo, Inspetor-Chefe Jackman, mas o sargento de serviço achou que o senhor devia saber que foi encontrado o corpo de um homem branco na orla do pântano. Parece tratar-se de um enforcamento, mas, por causa da localização, ele pensou que lhe poderia interessar.

Jackman endireitou-se na cadeira de um salto.

– Qual é a localização exata, Agente?

– O velho moinho em Goshawk End.

– Eu conheço isso! – exclamou Gary. – Fica entre Roman Creek e Hunt Point, exatamente dentro da área onde andamos à procura do Micah Lee.

Jackman já estava a meio caminho da porta.

– Então tu vens comigo, Gary, e tu também, Max. Vai fazer-te bem apanhar um bocado do ar fresco dos pântanos. De vez em quando, precisas de te livrar dessas correntes que te prendem ao computador.

Sorriu para Marie.

– E tu podes fazer uma pausazinha em relação a tanta gente morta. Tu e a Rosie continuem à caça da Fleur. Fala outra vez com a Jan Wallace. Pode haver uma novidade qualquer do ponto de vista forense.

– Gostava mesmo de saber: terá sido o Micah que se matou? – disse Marie, quase para si mesma.

– Pode muito bem ter sido. Não te preocupes, eu telefono e informo-vos.

Não havia muita coisa para ver no velho moinho, mas o que viram foi surpreendente.

O corpo não estava a oscilar lentamente numa corda chiadeira. Estava caído, num monte amarfanhado, no chão sujo, rodeado por caixotes de madeira para legumes partidos.

– Um corpo, já inegavelmente sem vida, com a corda ainda presa, e não é o Micah Lee – murmurou Jackman.

– Houve uma luta qualquer, pelo aspeto desta trapalhada toda – disse Max.

Gary abanou a cabeça.

– Não acho. Parece-me que ele trepou aquelas caixas... Não, não bate certo. Estão demasiado longe do corpo.

– E como é que a corda se desprendeu da viga de madeira? – perguntou Max, olhando para cima, na direção da viga pesada. – Parece robusta e não está inclinada para baixo.

Jackman fitou o homem morto. Observou o corpo contorcido, grato por a cara estar ligeiramente virada.

– Acho que a pergunta que devíamos estar a fazer é como é que um homem morto desapareceu a corda do seu próprio pescoço partido?

– Ah! Certo. Então quem é que estava aqui com ele? – perguntou Max.

– Se tentaram salvá-lo, teve de ser alguém que se importava.

Jackman olhou para a configuração dos velhos caixotes para legumes, a viga de madeira e o corpo do homem.

– Eu diria que alguém entrou, encontrou-o e depois trepou a pilha de caixotes e soltou a corda da viga. E como ninguém telefonou a informar que isto tinha acontecido ou para chamar uma ambulância, diria que foi uma pessoa que não queria ter nada a ver com a polícia.

– Como o corpo não é o do Micah Lee, poderá ter sido ele a encontrá-lo? – perguntou Gary. Gostava mesmo de saber: há quanto tempo é que isto aconteceu? Vou pedir para anunciarem alto e bom som que o Lee pode estar algures aqui na zona e bem alerta. Não há assim tantos sítios para onde ele possa ir a partir daqui.

Gary encaminhou-se para a porta.

– Será que ele podia chegar a Windrush a pé? – perguntou Jackman.

– Sim, mas isso implicaria atravessar uma parcela de pântano muito má e o melhor é não o tentar a não ser que se conheça o local muito bem.

– Mas ele trabalhou perto daqui, não trabalhou? – arriscou Max.

– E se conhecia o pântano assim tão bem, talvez soubesse da existência dos túneis – refletiu Jackman. – Para já, acho que devíamos voltar para trás. Não há nada que possamos fazer aqui. Os agentes vão manter este sítio completamente fechado até que o nosso esgotadíssimo departamento forense

possa tirar daqui este pobre tipo e analisar a cena. Nem sequer sabemos quem ele é. Não traz nenhuma identificação.

Enquanto voltavam para o carro, questionou-se sobre o que teria levado o homem a suicidar-se. A palavra que não parava de lhe vir à cabeça era «culpa». Culpa ou desespero. De certeza que não podia ser uma coincidência que um homem se matasse tão perto da cena do crime, pois não? Tinha de haver uma conexão. Talvez ele o tivesse feito com o desespero de ter perdido as suas preciosas raparigas?

– Imagino que seja *mesmo* suicídio, certo? – disse Max baixinho. – Pode ter sido ajudado.

– Acho que não. Olhando para o sulco em forma de V invertido no pescoço da vítima, deixado pela corda áspera, diria que foi sem dúvida alguma um suicídio deliberado e, neste caso, bem-sucedido.

Jackman olhou para trás, na direção do velho moinho em ruínas. Tudo o que restava era uma concha de tijolos antigos e uma porta de madeira destruída pelas intempéries. Devia ter tido velas a dada altura, mas já tinham desaparecido há muito. E, felizmente, não tinha nada a ver com a sua linda casa em Mill Corner.

* * *

– Está aqui uma pessoa a perguntar por ti, Marie – disse o sargento de serviço, apontando para uma jovem sentada na entrada.

Marie estava prestes a dizer-lhe para arranjar outra pessoa para lidar com ela quando reconheceu Lynda Cowley, a noiva de Asher Leyton.

Aproximou-se e sentou-se ao lado dela no átrio quase vazio.

– Miss Cowley, não é assim?

A rapariga assentiu com a cabeça.

– Lamento imenso estar a incomodá-la, Sargento Evans, mas ele desapareceu – disse, tentando conter as lágrimas. – O Asher não veio para casa a noite passada e hoje não apareceu no trabalho.

Tocou ao de leve na maquilhagem perfeitamente aplicada à volta dos olhos.

– Não é nada característico dele, é muito atencioso. Nunca se iria embora sem me dizer. Aconteceu-lhe alguma coisa, sei que sim.

Marie pensou rapidamente. Asher Leyton tinha falado com a rapariga morta, Shauna Kelley, em mais de uma ocasião. *E* tinham-no avisado em relação ao hábito de andar à caça de prostitutas. Tinham falado com ele sobre a morte de Shauna e agora o homem tinha desaparecido.

– Quando é que o viu ou falou com ele pela última vez?

– Ontem, à hora do almoço. Ele ligou para dizer que tinha uma entrevista marcada para tarde, mas que viria cear a casa.

Começou a choramingar.

– Mas eu fui para a cama muito tarde e ele não voltou para casa.

Marie prometeu fazer algumas averiguações.

– Vou fazer tudo o que puder, mas ele é um adulto responsável, por isso compreende que eu não o posso dar como desaparecido, certo?

Lynda assentiu com a cabeça e abandonou a esquadra, ainda a chorar.

Marie dirigiu-se para o balcão da receção.

– Danny, pede a um dos teus homens para ir dar uma palavrinha às marafonas de Dock Lane, está bem? Vejam o que é que elas vos podem dizer sobre um homem chamado Asher Leyton. E talvez seja boa ideia lançar um alerta. Gostava de dar uma palavrinha a esse jovem.

Deu ao sargento a descrição de Asher e dirigiu-se para os elevadores.

As coisas estavam a acelerar. Era altura de procurar Jackman e contar-lhe este último acontecimento preocupante.

* * *

Quando a noite caiu, houve outra chamada.

A voz de Gary soou sombria:

– Os agentes podem ter encontrado a outra cena do crime, chefe. É uma caravana velha num pedaço de terra ligado à propriedade de Windrush. O problema é que só a encontraram porque estava a arder. Estão lá uns homens e o comandante dos bombeiros de serviço, mas não têm maneira de levar um carro de bombeiros até lá. É só lama e couves pelo caminho todo até ao pântano.

– E a quem é que aquilo pertence?

– A terra é de um rendeiro chamado Smith, mas o tipo diz que a carrinha velha já lá estava muito tempo antes de ele ter começado a trabalhar ali.

– Estava lá alguém?

– Pensam que não, embora seja impossível ter a certeza até conseguirem lá entrar. O lavrador está a tentar levar um trator e uma mangueira de irrigação até lá abaixo, mas a coisa está a demorar muito tempo.

Jackman viu a cena do crime desaparecer no meio do fumo.

– Vamos lá, Gary. Mesmo que tenha ficado completamente destruída, temos de a ver.

– Está bem, chefe. Vou avisá-los de que estamos a caminho.

* * *

Enquanto guiava, Gary estava com a sensação de que se tinha esquecido de qualquer coisa importante. Os outros conversaram e trocaram teorias, mas Gary permaneceu calado. As coisas estavam a escapar-lhe a toda a velocidade

e ele estava a ficar para trás.

Estacionaram e atravessaram penosamente o campo arado. Havia pouco para ver exceto um destroço queimado de metal torcido e painéis deformados.

O bombeiro que veio ter com eles estava com uma expressão carregada.

– Receio bem não ter boas notícias para lhe dar, senhor Inspetor.

– Morreu alguém lá dentro? – perguntou Jackman.

– Não, não há cadáveres. Mas encontrei sangue e, pela variedade da parafernália descoberta lá dentro, parece que o senhor tem ali uma cena de crime especialmente desagradável – respondeu o bombeiro.

A seguir, acrescentou com uma careta:

– Ou o que resta dela.

– Que tipo de parafernália? – perguntou Marie.

– Bem, está tudo muito queimado, mas há restos de amarras de couro e de outros objetos também de couro, uma máscara preta de uma cabeça e outras coisas estranhas. Há correntes com algemas para as mãos e para os pés, tudo aparafusado à base da caravana. Estão sempre a aparecer coisas, mas ainda está a arder sem chamas e é demasiado perigoso ficar lá dentro durante muito tempo.

– Presumo que tenha sido premeditado, correto? – perguntou Jackman, a voz ligeiramente tremida.

– Oh, sim. Encontrámos os restos de uma botija de gás GPL com a válvula aberta e percebemos que foi usado um acelerante na área do quarto.

Então, pensou Gary, alguém tinha feito um trabalho de limpeza. Livrando-se das provas e protegendo-se ou protegendo outra pessoa qualquer. Olhou para as cinzas a arder e sentiu o cheiro cáustico de borracha queimada.

– Encaixa tudo, não encaixa? – disse Marie. – Ele leva-as para a caravana, faz lá seja o que for que faz e depois mata-as.

Tinha a cara contraída de cólera.

– E, a seguir, o filho da mãe leva os corpos para o caminho de baixo do pântano até à entrada do túnel, mete-os no carrinho de mão e leva-os para a Enfermaria das Crianças.

– Para dormirem para sempre – sussurrou Gary. – Ou, pelo menos, era o que ele julgava.

– Sabem o que é que eu acho preocupante? – retorquiu Jackman baixinho. – Que o animal que fez isto tudo possa estar neste preciso momento a observar, enquanto a última das chamas consome a câmara de tortura dele.

Voltaram costas à caravana queimada e regressaram ao carro.

– Acho que devíamos ir a Windrush e pedir um relatório aos agentes. Já não precisamos de homens a passar a área a pente fino à procura da segunda cena do crime, por isso pode ser boa ideia pôr mais gente à volta da casa e dos túneis. Só para o caso de o assassino fazer o que o psicólogo disse e voltar para o covil dele.

Capítulo Vinte e Oito

Marie sempre adorou as noites no pântano. O céu era uma exibição de cores de cortar a respiração e as sombras brumosas que se espalhavam pela água eram do outro mundo. Até os sons se revelavam pacíficos. O cantar dos pássaros, o sussurar de animais pequenos no matagal e o vento a fazer os juncos altos dançar e oscilar.

Mas esta noite era diferente. Todas as sombras ocultavam uma ameaça escondida e Marie sentia algo escuro e ameaçador a aproximar-se cada vez mais no vento vindo do mar.

Jackman e Gary estavam ocupados a verificar as questões relativas à segurança com o sargento fardado e Rosie e Mark estavam a falar com alguns dos restantes agentes.

Marie dirigiu-se para um muro baixo que cercava o jardim. Dava para os brejos e para o local onde o pântano se encontrava com o Wash. Conseguia ver dúzias de luzes e um sem-número de polícias recortados no céu da noite, todos a regressar depois de andarem à procura do local onde o assassino matava.

Sentou-se à sombra de um dos velhos carvalhos enormes que formavam uma barreira entre o jardim e o campo mais adiante, desejando que este caso pavoroso acabasse.

Mais do que tudo, desejava que conseguissem identificar Fleur.

O telemóvel começou a emitir o seu som melodioso. Parecia chuva a cair, fazendo-a recordar-se das colinas galesas.

– Só preciso de saber que estás em segurança.

A voz da mãe fê-la sorrir.

– Sim, a tua filha está em segurança e bem.

– E gostaria que permanecesses assim, querida. É uma má altura para telefonar?

– Está tudo bem. Não há mais ninguém de quem preferisse receber um telefonema, podes crer.

– Tenho a sensação de que o teu caso difícil se transformou num pesadelo. Tenho razão?

– Acertaste em cheio, Mãe. Este é daqueles que preciso mesmo que acabe.

– Bem, sei que não podes falar disso, mas estou cá a pensar se gostarias que eu fosse aí e ficasse uns dias?

– Não há nada de que gostasse mais, mas vou dizer-te que não, Mãe. Estamos tão ocupados que nunca te veria.

– Então toma muito cuidado e lembra-te de que te amo.

– E não me lembro sempre? – respondeu Marie. – E eu também te amo – rematou, sorrindo e desligando a chamada.

Marie tinha instintos muito bons, boa visão periférica, boa coordenação entre a mão e os olhos e a capacidade de fazer uma avaliação instantânea de uma situação e de agir de acordo com isso. Por outras palavras, era uma polícia e uma motociclista. Por isso, quando viu um levíssimo brilho de um reflexo no ecrã do telemóvel ao desligar, percebeu que não estava tudo bem.

Jackman estava um bocado afastado, a falar com os agentes, e Gary estava encostado a um carro, a falar ao telemóvel. Rosie e Max estavam lá longe, ao pé da casa, por isso estava sozinha. Ou devia estar.

Marie mergulhou de lado, esperando que para longe de quem quer que estivesse atrás dela.

O homem chocou com ela com toda a força de um rinoceronte a investir. O movimento rápido dela tinha-o desequilibrado e acabaram os dois caídos no chão, encostados ao muro.

Micah foi o primeiro a levantar-se, com uma rapidez surpreendente, e voltou a atirar-se a ela, as mãos esticadas para a garganta da sargento.

Marie desviou-se, rolando para o lado, mas ele agarrou-a e prendeu-a pelo pulso. Apertou-a com a violência de um tornio.

Marie soltou um grito, mas a outra mão de Micah tapou-lhe a boca e calou-a. Ela sentiu os dentes a cortar a carne mole no interior dos lábios e das bochechas.

– Filha da puta! Destruíste tudo! Agora vamos ver se a tua família também gosta de acabar desfeita!

Marie mal conseguia respirar. Então é assim que vou morrer, pensou, sem mais nem menos.

Depois o aperto abrandou, gradualmente. O sangue a correr-lhe pelas veias rugia-lhe nos ouvidos. A mão a tapar-lhe a boca começou a tremer e a afrouxar e ela arquejou.

Engasgou-se, caiu para longe do atacante e, quando olhou para cima, viu Gary a lutar com ele, a atirá-lo ao chão e a apertar-lhe as algemas nos pulsos. A cara de Micah era uma máscara de dor e confusão. O grandalhão balançava-se para a frente e para trás e gemia como se estivesse numa angústia terrível.

Tanto quanto as algemas lhe permitiram, Micah enrolou-se numa bola apertada. Estava a babar-se e a soluçar, repetindo uma e outra vez:

– Oh, não! Por favor, por favor, não!

Gary puxou-o e pô-lo em pé, gritando para Jackman o vir ajudar. Micah

foi levado, preso pelos braços e pelas pernas, para longe dela e enfiado na parte de trás de um carro da polícia, que arrancou de seguida. Jackman insistiu que desta vez o homem não fosse para a Esquadra de Harlan Marsh.

Marie sentou-se uns momentos, a recuperar o folego, a limpar a boca ensanguentada com um lenço e a tentar compreender o que tinha acabado de acontecer. Micah estava decidido a matá-la, mas quando Gary o dominou tinha-se dissolvido em lágrimas como uma criança. Não tinha sido nada a reação que ela teria esperado.

– Jesus! Acho que sabemos quem é o nosso assassino, não te parece? – disse Jackman.

Ajoelhou-se ao lado dela e pôs-lhe o braço à volta dos ombros.

– Oh, Marie, lamento muito. Não me devia ter afastado tanto. Sabíamos que ele podia estar algures por aí. Estás bem?

– A culpa foi minha – retorquiu ela roucamente. – Estava a pedi-las. Pus-me a cirandar.

Tossiu e sentiu-se como se tivesse carvões a arder na garganta.

Gentilmente, Jackman ajudou-a a levantar-se.

– Vou levar-te já para as Urgências.

– Não quero ir para o hospital.

– Devias mesmo ser vista por um médico.

– Esqueça isso, chefe, está só a gastar fôlego – respondeu ela, dirigindo-lhe um sorriso doloroso. – E acredite no que lhe digo, acabei de perceber como é precioso respirar!

– Tens um lábio que faz parecer que tiveste uma *overdose* de botox. Possivelmente, precisas de pontos nisso.

– Não tenho tempo, chefe. Há qualquer coisa nisto que não está bem. Só preciso é de voltar à sala do DIC, onde alguém me pode fazer um café muito forte com açúcar que chegue para me apodrecer os dentes todos!

– Já alguma vez te disseram que és a mulher mais teimosa e obstinada...?

– Sim, chefe, disse-me o senhor, a semana passada, e outra vez uns dias antes...

– Cala-te, Marie, ou vou arranjar alguém que te cosa a boca!

* * *

Bill Hickey tinha o trabalho atrasado. Com o chefe fora, as coisas tinham-se acumulado, principalmente a papelada. Tinha um pequeno escritório num armazém convertido, ligado a um dos celeiros, e, embora já fosse tarde, resolveu continuar e verificar as faturas. Bill era um homem metódico e o monte de correio por abrir estava a incomodá-lo.

Precisamente quando estava a deitar o último envelope rasgado para o caixote do lixo, olhou pela janela e viu uma luz dentro da casa de habitação.

A polícia tinha-se ido embora há algum tempo, dizendo-lhe que Micah

Lee tinha voltado a ser detido. Mr. Tanner ainda não estava em casa, por isso, quem raio...? Bill levantou-se de um salto, agarrou nas chaves na secretária, deu a volta a correr ao celeiro e seguiu para a casa.

A porta da frente não estava fechada à chave. O próprio Bill tinha-a verificado depois de a polícia se ter ido embora e, nessa altura, estava bem fechada. Franziu o cenho, inspirou fundo e entrou.

Parou à porta e ouviu ruídos que vinham do andar de cima. Parecia que o intruso estava no quarto de Tanner.

Durante uns instantes, Bill não soube o que fazer. Sabia que devia chamar a polícia, mas tinha curiosidade de saber quem estava no quarto do patrão. Não tinha medo. Tinha feito uma comissão no exército e continuava a manter-se em boa forma. Enquanto se dirigia para as escadas, decidiu chamar a polícia – depois de ter o ladrão preso pelo cachaço.

Bill moveu-se cuidadosamente pelo patamar. Tinha tido razão sobre o local onde o ladrão estava. A porta de Tanner estava aberta e Bill conseguiu ver uma figura agachada dirigindo o feixe de luz de uma lanterna para uma grande secretária de madeira no canto mais afastado do quarto.

Bill já tinha atravessado o quarto e tinha o homem preso numa chave de braços antes de o intruso ter sequer percebido o que estava a acontecer.

O indivíduo gritou e tentou escapar-se, mas não conseguia fazer frente a Bill, que o arrastou até à porta, onde acendeu a luz.

– Que raio é que pensa que está a fazer? – grunhiu Bill.

Estava a olhar para a cara aterrorizada de um jovem.

– Eu... eu...

A boca começou a tremer-lhe.

Bill franziu o sobrolho. Não estava propriamente perante um ladrão usual. Abrandou ligeiramente o aperto.

– Ok, de que é que andavas à procura? De dinheiro?

Apontou com a mão livre para a confusão de papéis e objetos em cima da secretária.

– Porque é evidente que andavas à procura de qualquer coisa.

Mais uma vez, não obteve resposta. O jovem parecia estar a lutar contra as lágrimas.

O franzir do sobrolho de Bill acentuou-se. O intruso não trazia nenhum saco, não tinha nada enfiado nos bolsos do velho casaco de xadrez e parecia não ter qualquer equipamento para roubar o que quer que fosse. Foi então que Bill se lembrou da porta da frente. Não estava fechada à chave, mas não tinha sido forçada.

Enfiou a mão nos bolsos do casaco do intruso e tirou uma chave de porta com um estilo velho. Exatamente do mesmo feitio da que tinha no seu próprio porta-chaves.

– Quem diabo é você? – perguntou Bill, empurrando o prisioneiro para a secretária. – Porque é que tem uma chave? E o que é que estava a fazer com as coisas do patrão?

Calou-se quando os olhos caíram nos objetos espalhados na secretária.

Cartões de crédito, uma carteira aberta, um Filofax. Um anel de sinete. E um passaporte?

Mal viu o nome «Tanner», Bill reforçou a força com que prendia o prisioneiro e agarrou no telefone.

* * *

– É o Bill Hickey, senhor Inspetor, está a perguntar por si.

Jackman escutou a mensagem apressada e depois disse:

– Fique aí. Vou mandar já uns agentes.

Desligou e olhou para os outros.

– É o caseiro da quinta onde o Micah mora. Apanhou um intruso.

Jackman engoliu o café e agarrou no casaco.

– Gary, pergunta aos agentes se podem enviar um carro para lá. Mas, por aquilo que o Hickey me acabou de dizer, acho que também precisamos de lá ir. Estás capaz disto, Marie?

– Mais dois comprimidos de Paracetamol e estou mais que pronta – respondeu Marie, numa voz áspera.

* * *

O intruso estava sentado aos pés da cama, com a cabeça curvada. Reconheceram-no imediatamente.

– Asher Leyton? – perguntou Jackman incredulamente. – Julgo que tem muitas explicações a dar, não concorda?

Asher levantou lentamente os olhos para ele. Tinha o rosto de um branco doentio, o cabelo desganhado e os olhos vermelhos e inflamados.

– Não tenho nada a dizer – sussurrou.

– Bem, eu cá acho que tem – retorquiu Jackman. – Qual é a sua ligação com o Mr. Toby Tanner? E o que é que está a fazer com os pertences dele? Em especial, com o passaporte?

Asher abanou a cabeça e continuou calado.

– Chefe?

Marie estava a verificar os itens em cima da secretária com dedos enluvados. Levantou o Filofax e virou as páginas.

– Não há qualquer entrada no diário sobre uma viagem ao estrangeiro e não há menção a bilhetes ou a cartões de embarque, nem a informações sobre voos.

O olhar de Jackman desviou-se de Asher Leyton para Bill Hickey.

– Disse que ele tinha ido para a Alemanha?

O homem grande encolheu os ombros, parecendo desorientado.

– Foi o que ele me disse. Era sempre ele que tratava sozinho desse género de coisas. Por isso... não compreendo.

– Talvez o *senhor* possa explicar, Mr. Leyton? – perguntou Jackman acidamente. – Ah, sim. E a sua noiva encantadora veio falar connosco. Falou aqui com a Sargento Evans. A pobre rapariga está doente de preocupação. Tenho a certeza de que ficará satisfeita por saber que está são e salvo.

Fez uma pausa e continuou:

– Embora eu não tenha a certeza de que ela se vá sentir tão satisfeita sobre a acusação de violação de domicílio.

Asher afundou-se na cadeira a olhar fixamente para as mãos, apertadas com força no colo.

– Não tenho nada a dizer.

Enquanto Jackman tentava convencê-lo a falar, Marie voltou a observar os pertences de Tanner. Não havia nada que indicasse que ele tivesse ido para o estrangeiro. Cuidadosamente, voltou a pô-los nas posições originais, prontos para serem embalados e etiquetados pelos agentes da equipa forense, e depois agarrou no anel de sinete em ouro. Parecia bastante usado, por isso para quê deixá-lo ali ficar se o homem se ia embora? De facto, para quê tirá-lo sequer?

– Marie?

– Desculpe, chefe – murmurou ela, voltando a pousar o anel na secretária.

Jackman chamou com a mão dois agentes fardados que estavam à espera à porta.

– Levem o Mr. Leyton para a esquadra, se fazem favor.

Deitando um olhar gelado a Asher, prosseguiu:

– É capaz de sentir mais vontade de falar quando vir as acomodações que temos para lhe oferecer. Não são exatamente Granary Court.

Jackman virou-se para Bill Hickey.

– Vamos selar esta divisão e preciso que vá à esquadra para prestar declarações, Mr. Hickey.

Hickey assentiu acompanhando os dois polícias e Asher Leyton pelas escadas abaixo.

Jackman olhou para Marie com a testa franzida e depois para o passaporte.

– O Tanner nunca foi para o estrangeiro, pois não?

– Não. E desapareceu exatamente por volta da altura em que fizemos a descoberta em Windrush. Acho que o Mr. Toby Tanner e o Micah Lee estavam metidos nisto juntos.

Jackman olhou para ela.

– Mas que raio é que o nosso pequeno *curb-crawler* tem a ver com isto? Subitamente, Marie pestanejou.

– Ei! E se eles forem todos membros do clube de amigos dos copos?

– Podem ser, não podem? – retorquiu Jackman, abrindo muito os olhos.

– E uma das prostitutas da Dock Street confirmou que o Leyton era um cliente regular. Talvez a vida com a linda bimba dele não seja suficientemente satisfatória para o nosso Mr. Leyton?

– Por isso, o tipo gosta de soltar a franga com marafonas e em festas de sexo ilegais.

Marie sorriu e estremeceu quando o lábio rasgado se lhe voltou a abrir. Levou o lenço à boca, mas não conseguiu parar de sorrir.

– E o Tanner?

Jackman baixou os olhos para o anel de sinete, estreitando-os enquanto pensava.

– Pergunto-me se...

Olhou para Marie e fez-se luz.

– O morto. Aquele homem enforcado estava vestido com roupas grossas e quentes de exterior, botas fortes, não tinha identificação nem joias. Mas vi uma linha pálida à volta do dedo mindinho dele – disse, apontando para o anel. – Um anel do dedo mindinho, se calhar?

Marie expirou.

– O Tanner não foi para a Alemanha, matou-se mas é, raios partam! Ou porque não conseguia viver com a vergonha ou...

– Ou porque sabia o que estava escondido debaixo de Windrush! – exclamou Jackman. – São horas de voltarmos para a esquadra, minha amiga, mas antes de irmos...

Dirigiu-se para a mesa de cabeceira, agarrou num despertadorzinho e enfiou-o num saco de provas.

– Vou pedir ao Rory para comparar as impressões digitais nisto com as do homem enforcado – afirmou, olhando para Marie. – Se coincidirem, estou disposto a apostar que o Tanner contactou o amiguinho dele, o Asher Leyton, e deixou escapar que estava a planear matar-se. Só Deus sabe como é que o Asher sabia que ele iria estar no moinho, mas tenho a certeza de que ele acabará por nos dizer com o passar do tempo.

Marie deitou um último olhar ao quarto.

– O Asher levou o passaporte do Tanner para atrasar o processo de identificação. Descobrir o nome de um desconhecido pode levar uma eternidade, portanto até consigo entender isso, mas porquê trazê-lo outra vez para aqui?

Jackman encolheu os ombros.

– Tens a certeza de que ele o estava a devolver? Podia estar à procura de outra coisa qualquer e tencionava levar tudo quando se fosse embora.

Seguiu Marie até à porta.

– Vamos demolir isto tudo, se for preciso.

Capítulo Vinte e Nove

A sala do DIC estava a esvaziar-se à medida que mais agentes se iam embora para casa. Mas Rosie, Max, Charlie e Gary continuavam a trabalhar.

Rosie desligou o telefone.

– O chefe está a voltar. Vou pedir as pizzas, está bem?

– Boa ideia – respondeu Max. – Extra queijo e sem anchovas para mim, se fazes favor.

Voltou-se para Gary.

– E tu, Gazza?

– Ah, sim, por mim, podem escolher o que quiserem.

– Estás muito calado esta noite, Gary. Querias estar outra vez em Harlan Marsh? – perguntou Max sorrindo-lhe.

Gary recostou-se na cadeira e esticou os braços para a frente.

– Porra, nunca na vida! Mas está-me a escapar qualquer coisa, rapaz, e está a dar comigo em doido.

Olhou em volta.

– Porque é que havias de desenterrar um cadáver e mudá-lo para outro sítio?

– Porque não queria que a encontrassem – respondeu Max imediatamente.

– Mas essa rapariga, a Fleur, morreu desnutrida.

Rosie voltou a pousar o auscultador.

– Portanto, matou-a à fome. Isso também é assassínio.

Gary inspirou fundo.

– Hum, suponho que sim.

– Ou então... – disse Charlie, a fazer *scroll* para cima e para baixo no ecrã do computador – Ele *tinha* de a desenterrar.

Gary piscou os olhos.

– Porquê?

Charlie pareceu pensativo.

– Na verdade, estava a pensar no cão do meu colega. Ele enterrou as cinzas do cão no jardim e, depois, o pai e a mãe resolveram mudar-se. Ele

ficou destróçado com a ideia de deixar o cão para trás, por isso desenterrou o caixão e levou-o.

Rosie mordiscou a unha do polegar.

– Isso é bem possível. Ele pode tê-la desenterrado porque ia acontecer qualquer coisa ao sítio onde ela estava enterrada.

Gary levantou-se e começou a passarinhar pela sala, parando nos quadros das provas.

– Sim. São muito bem capazes de ter razão.

O telefone tocou e Rosie atendeu.

– É do laboratório – informou, tapando o bocal com a mão. – O Rory Wilkinson tem uma mensagem urgente para o Jacko.

– Então é melhor eu ouvi-la, não é? – atirou Jackman ao entrar com Marie na sala.

– Desculpe, senhor Inspetor.

Muito corada, Rosie passou-lhe o telefone.

– Inspetor-Chefe Jackman.

Ficaram todos a olhar enquanto ele falava e, quando desligou, cinco pares de olhos fitavam-no expectantes.

– O Rory isolou duas impressões digitais idênticas e viáveis na Enfermaria das Crianças. Não há correspondência na nossa base de dados, mas, pela posição delas, pertencem quase de certeza ao nosso assassino.

– E onde é que estavam? – perguntou Marie.

– Uma por baixo de uma das camas hospitalares e a outra num cabide para a roupa.

Jackman puxou uma cadeira e sentou-se.

– E como eu e a Marie lhe acabámos de enviar umas impressões digitais da casa do Toby Tanner, podemos ter respostas rapidamente – disse.

Olhando para Marie, prosseguiu:

– Ia deixar-te contar a toda a gente as nossas aventuras na quinta, mas, pela tua expressão, calculo que doa a sério quando falas.

Marie ergueu as sobranceiras e tocou ao de leve no lábio.

– Caraças, pode crer que dói, chefe!

Enquanto Gary escutava Jackman só com um ouvido, qualquer coisa continuava a incomodá-lo mentalmente. Quase lhe tinha ocorrido o que seria, mas nessa altura o inspetor e a sargento tinham regressado e o curso dos pensamentos tinha-se evaporado.

– Isso quer dizer que vamos ter de soltar o Benedict Broome? – perguntou Max. – Tirámo-lhe as impressões digitais quando o trouxemos.

– Ainda não. Só porque as impressões dele não estão na Enfermaria das Crianças não quer dizer que ele não esteja envolvido e ainda temos de esperar por aquilo que os técnicos forenses nos disserem que aconteceu naquela caravana.

Jackman arrepiou-se.

– Eis um relatório que não tenho vontade nenhuma de ler.

A pizza chegou e comeram sentados às respetivas secretárias. A excitação inicial da notícia sobre as impressões digitais tinha-se evaporado. Ainda tinham de encontrar um suspeito a quem as ligar. E Marie estava a começar a sentir os efeitos de ter sido passada a ferro pelo gigantesco Micah Lee.

Era quase demasiado doloroso comer, mas precisava de comida. Enquanto tentava empurrar um pequeno pedaço de pizza, refletiu sobre aquilo que Jan Wallace lhe tinha dito sobre os múltiplos ferimentos de Fleur. Deviam-se quase certamente a um qualquer abuso grave, mas por onde é que se começava a procurar quando a rapariga estava morta há duas décadas?

Conseguiu engolir um bocado da parte de cima pegajosa da pizza, empurrando-o com café, e desistiu da base estaladiça. Não conseguia tirar as palavras de Micah Lee da cabeça. «Destruíste tudo.» E ele também tinha dito: «Vamos ver se a *tua* família também gosta de acabar desfeita.» Qual família? Estava a referir-se às raparigas mortas?

– Devias mesmo ir para casa.

Tinha estado tão concentrada nos seus pensamentos que não tinha dado por Jackman a observá-la.

– Está a ficar melhor, chefe, e nem pense que vou sair daqui antes de si.

– Lembras-te do que eu disse sobre seres teimosa?

– Vagamente.

OuvIU-se um grito da sala do DIC. Marie olhou para lá através da porta aberta e viu Gary a saltar da cadeira. A sargento empurrou para o lado a pizza depenicada e avançou com Jackman para ver o que estava a acontecer.

Gary soltou um suspiro tremente.

– Desculpem, senhor Inspetor e Sargento, mas cheguei a uma conclusão terrível, verdadeiramente *pavorosa*.

Engoliu em seco. Enquanto a equipa o observava de boca aberta, disse:

– Tem a ver com a Fleur e o cão do amigo do Charlie – e uma nova fábrica de processamento de cebolas.

Jackman pestanejou várias vezes.

– Tens a certeza de que estás bem, Gary? Isso não fez lá muito sentido.

Gary deixou-se cair na cadeira.

– Estávamos a falar sobre possíveis razões para se desenterrar um corpo, daí o cão do amigo do Charlie. Depois a Rosie perguntou e se estivesse a acontecer qualquer coisa ao sítio onde o corpo tinha sido enterrado e eu tenho estado para aqui a puxar pelos miolos a pensar no que é que teve de ser destruído para dar lugar a uma coisa nova – e é aí que entra a fábrica de processamento das cebolas. É uma hipótese muito improvável, mas a casa velha que ficava no sítio da nova fábrica tinha um cemiteriozinho da família.

– Estavam a planear construir a fábrica na estrada de Hurn Point, não

estavam? – perguntou Rosie, perplexa.

– Sim. O terreno foi aplanado, mas o projeto ficou suspenso, certo?

Rosie assentiu.

– Exatamente. Os residentes da área apresentaram uma objeção por causa do cheiro. Ao que parece, está pendente há séculos.

Gary coçou a cabeça.

– Bem, só agora é que me lembrei do que é que estava dantes naquela terra.

Rosie franziu a testa.

– Não era uma casa, pois não? Era uma estrebaria que foi à bancarrota. Como é que isso encaixa no resto?

– Tenho estado a tentar lembrar-me do que lá estava *antes*. Havia uma grande casa velha no lote de terreno ao lado. Já desapareceu há muito, mas chamava-se Alderfield.

Marie entesou-se e olhou para Jackman. O nome era-lhe horivelmente familiar.

Gary continuou, a voz cavernosa:

– Alderfield era a casa do Simeon e da Charlotte Mulberry. O Simeon matou a mulher e depois matou-se a tiro à frente dos filhos.

Um silêncio instalou-se na sala grande. O cérebro de Marie rodopiava com suposições e pensamentos confusos.

Subitamente, Jackman recuperou a voz:

– Estiveste nessa investigação, Gary?

– Não exatamente, chefe. Estava em Harlan Marsh quando isso aconteceu, mas foi um caso tão sensível que a maioria de nós, dos postos mais baixos, nunca chegou a saber os pormenores completos.

– Vamos ter de descobrir tudo o que pudermos sobre esse caso, particularmente no que respeita à ligação a essa jovem.

Jackman olhou para Gary.

– Conheces alguém que nos pudesse ajudar? Alguém que tivesse estado envolvido na investigação original?

– Talvez, mas saber se ele está disposto a falar já é uma questão diferente – retorquiu Gary, mordendo o lábio. – Foi um assunto feio, chefe. A esquadra de Harlan Marsh lidou com o caso, bem, tanto quanto foi autorizada a fazê-lo. E foi então que, uma noite, chegou uma unidade especial e desapareceu tudo. Levaram caixas de provas, relatórios, depoimentos, tudo, incluindo o Inspetor que estava a chefiar a investigação. Enviaram-no para outro sítio do dia para a noite e, passado um mês, até parecia que nunca tinha acontecido nada.

– Porquê? – perguntou Jackman.

– Nunca perguntámos, chefe. Na altura, foi-nos dito sem rodeios que era melhor deixarmos as coisas assim.

Encolheu os ombros.

– Percebemos que não estavam a brincar quando o Inspetor, o único

homem que fazia perguntas, descobriu que tinha sido colocado muito, muito longe dali.

– E sabes onde é que ele está agora?

– Reformou-se há uns anos, mas voltou para esta zona no último outono. Vive em Fosdyke, tem um pequeno terreno no canal ao longo do rio.

– E o que é que tornou o caso tão delicado? – perguntou Max.

– As crianças, Max. Elas viram o Simeon rebentar com a mãe, que foi parar ao outro lado do quarto, e depois fazer o mesmo a si próprio. A coisa foi feita assim para proteger as crianças.

Rosie franziu o sobrolho.

– De certeza que há de haver mais alguma coisa do que isso, não? As provas e os investigadores, normalmente, não desaparecem como por artes mágicas, a não ser que haja uma investigação interna, ou alguém tenha feito asneira da grossa.

– Se calhar, devíamos perguntar ao teu antigo colega, Gary. Como é que ele se chama?

– Duncan Hewitt, chefe – replicou Gary, passando a mão pelo cabelo. – Mas não tenha grandes esperanças. Esse caso só trouxe chatices ao Inspetor Hewitt e, segundo o que ouvi dizer recentemente, ele ainda continua bastante ressabiado com isso.

Marie começou a recolher as caixas vazias das pizzas e a atirá-las para o caixote do lixo.

– Se temos de descobrir se a Fleur estava ligada à família Mulberry e a Alderfield, vamos *ter* de o obrigar a falar connosco, não é assim?

– Amanhã – disse Jackman. – Já fizemos muito hoje. Vamos falar com ele de manhã. Depois de termos despachado os interrogatórios ao Asher Leyton, ao Benedict Broome e ao Micah Lee, se ele não continuar no mundo das fadas.

– Posso fazer uma sugestão, chefe? – perguntou Gary a Jackman. – Seria capaz de ser boa ideia não mencionar nada, para já, sobre Alderfield, as mortes dos Mulberry ou o ex-Inspetor Hewitt à Superintendente Crooke.

Os olhos de Jackman estreitaram-se.

– Não te preocupes, não o ia fazer. Explicar coisas simples já é bastante difícil, mas dizer-lhe que andamos a farejar à volta de um caso fechado e altamente controverso? Apesar do que as pessoas te possam dizer, não tenho mesmo vontade nenhuma de morrer.

Capítulo Trinta

Um nascer do sol verde dourado iluminou os campos com um brilho quente. Jackman tinha resolvido mandar Gary e Marie falar com o polícia reformado – Gary, porque tinha uma cara simpática que o homem iria reconhecer, e Marie por ser uma Inspetora extraordinária e honesta. Se tudo corresse bem, Hewitt também reconheceria isso.

Deixaram o carro dela numa pequena zona de estacionamento, logo à saída da A17, e continuaram a pé ao longo do canal. O rio Welland era largo e rápido naquele ponto. Anos antes, tinha havido velhos ancoradouros instáveis ao longo da margem, mas tinham sido retirados desde a última vez que Marie por lá tinha andado.

– Adorava passear o cão aqui quando o meu pai era vivo – disse ela baixinho.

– Uma maneira mais agradável de começar o dia do que o costume – retorquiu Gary, enxotando uma mosca pequena. – Presumo que os interrogatórios não deram em nada, certo?

– O Asher Leyton continua calado. O Micah Lee foi preso por me ter atacado. Foi visto por um médico e, embora esteja mais calmo, decidimos dar-lhe mais algum tempo antes de o interrogarmos – respondeu Marie, tocando na cara magoada. – E o Benedict Broome, bem, não tenho a certeza em relação ao Benedict. Ficou muito aborrecido quando soube que o Micah me tinha atacado, mas pareceu ainda mais perturbado pelo facto de a governanta estar a ser interrogada.

– Acha que o Broome está ligado aos clubes de amigos dos copos, Sargento?

Marie deu um pontapé numa pedra.

– Não estou bem a ver como.

Gary observou um corvo-marinho a voar lentamente rio abaixo, lançando uma sombra escura na água esverdeada.

– O meu amigo lá de Harlan Marsh disse que o Cade tem estado «ocupado com outros assuntos». Parece que o entusiasmo dele por vos ajudar se desvaneceu – acrescentou com uma pequena rosnadela. – Ele ficou bastante

irritado quando descobriu que o Jim Salmon tinha tentado interrogar o Micah Lee, mas, o que é muito interessante, ignorou o assunto quando soube que o Salmon não tinha conseguido nada do homem.

– Mas que grande surpresa.

Marie olhou em frente, para a parte do caminho onde se encontrava uma pequena vivenda entre dois grandes campos retangulares.

– É aquilo?

Gary assentiu.

– Agora só temos de conseguir que ele fale.

Duncan Hewitt abriu a porta e Marie percebeu instantaneamente que ia precisar de toda a persuasão que conseguisse reunir.

Hewitt era alto, com um bocadinho de peso a mais, e o vermelho do nariz sugeria que gostava da pinga. Continuava a ter uma farta cabeleira e vestia roupas «desportivas» – calças *cargo* verde-escuras, camisa de xadrez e um colete de cáqui usado, com algibeiras a transbordar de coisas. Deixou logo bem claro que não eram bem-vindos.

Ao princípio, Marie não sabia bem como confrontá-lo. Se fosse demasiado simpática, ele ia pensar que ela estava a ser condescendente, e também tinha a certeza de que se lhe retribuísse a atitude beligerante, o homem lhes fecharia a porta na cara.

Por fim, decidiu-se por uma abordagem de inspetor para inspetor, lançando-lhe pistas suficientemente tentadoras para lhe despertar a curiosidade natural de polícia.

E, por qualquer razão, resultou. Passados 10 minutos, ela e Gary estavam sentados em poltronas de verga a beber chá forte numa pequena e agradável estufa hexagonal.

– Jurei que nunca mais voltaria a falar disso – disse Hewitt. – Mas – soltou um suspiro impaciente – as malditas memórias nunca me deixam em paz, por isso, que se lixe!

– O nosso caso é lancinante – declarou Marie com emoção. – O número de mortos já vai em 13 raparigas.

Duncan Hewitt assobiou através dos dentes da frente.

– Isso é mau. Então é o que é que querem que eu vos conte?

– O que é que aconteceu de facto em Alderfield, Inspetor? – perguntou Gary brandamente.

Hewitt resfolegou.

– Adorava saber!

Pousou a caneca na mesa de verga e recostou-se.

– Vou contar-lhes o que vimos e o que desconfio e o que vocês fizeram com essa informação é lá convosco... só que – acrescentou, olhando para Marie – nunca veio de mim. Compreendido?

Marie e Gary assentiram com a cabeça.

– Alderfield era uma casa de campo bastante grande, com alguns hectares de terreno. Quando recebemos a chamada, não tínhamos a certeza

daquilo que iríamos encontrar, porque tinha sido uma das crianças a ligar para o 112 – disse Hewitt, engolindo em seco. – Encontrámos o Simeon Mulberry no átrio de entrada, uma espingarda de dois canos ao lado dele. A mulher, a Charlotte, estava deitada ao fundo das escadas. Tinham sido ambos atingidos na cabeça. A arma tinha disparado os dois canos e encontraram dois invólucros ali perto.

– E as crianças? – perguntou Marie, não muito certa de querer ouvir a resposta.

– Estavam todas lá. Silenciosas como um túmulo. Caras brancas e terror nos olhos. Algumas tinham sangue nelas.

Hewitt olhou para longe, como se estivesse de novo naquela casa antiga e a ver tudo pela primeira vez.

– Fez-nos perder a cabeça, Sargento Evans. Ficámos mesmo de cabeça perdida.

– Quantas eram?

– Seis crianças – cinco rapazes e uma rapariga. A mais velha já tinha quase 20 anos e a mais nova era pouco mais do que um bebé de colo.

– Alguém sabe o que é que fez o Simeon enlouquecer e assassinar a mulher?

– Talvez vos deva falar desse homem antes de continuarmos – retorquiu Hewitt, os olhos a escurecer. – Para quem olhava de fora, o Simeon Mulberry era um homem de negócios astuto com o dom de Midas e era suficientemente esperto para fazer amigos entre pessoas importantes. Mas, na verdade, era um sádico pervertido que escondia as suas atividades vis por trás de uma fachada elaborada.

Hewitt fitou-os com uma expressão muito séria.

– O Simeon foi o homem mais malvado que tive a infelicidade de conhecer.

– Conheceu-o mesmo? – perguntou Gary, chocado.

– Oh, sim, em algumas das cerimónias formais nas quais temos de estar presentes, no âmbito do trabalho. Era bonito como um artista de cinema, capaz de encantar os pássaros e convencê-los a descer das árvores, mas tinha um coração tão negro e tão frio como uma pilha de estrume congelada. Só tenho pena de que ele nunca tenha ido a tribunal nem para a prisão, porque na prisão teria sido justamente punido pelas suas ações. Os outros presos ter-se-iam encarregado disso.

Repentinamente, Marie teve uma visão das crianças salpicadas de sangue.

– Que tipo de sádico?

A cara de Hewitt estava carregada de nojo.

– Do pior. Debaixo da casa, havia uma cave com grades nas pequenas janelas envidraçadas e cadeados na porta que teriam resistido a um touro enraivecido. Encontrámos uma fila de gaiolas construídas de propósito, Sargento.

Marie sentiu-se agoniada. Era como estar a ouvir a sinopse de um filme de terror pavoroso. Mas Hewitt tinha mais coisas para dizer.

– As crianças nunca falaram sobre os maus-tratos que tinham sofrido, mas os corpos cheios de cicatrizes contavam tudo. Às mãos do próprio pai, tinham sofrido todas as torturas possíveis e imagináveis. À primeira vista, estavam excecionalmente bem-adaptadas e eram muito inteligentes, com exceção de um rapaz, que tinha sofrido uma lesão craniana na primeira infância, provavelmente às mãos do próprio pai.

– E o que é que lhes aconteceu? – perguntou Gary. – Nunca nos contaram nada.

– Foram levadas e protegidas durante uns tempos e depois deram-lhes identidades novas e vidas novas. Disseram-me que tinham tido monitorização psiquiátrica e apoio durante anos, mas acabaram por seguir vidas próprias.

Marie olhou pela janela, para os hectares de terra de lavoura. A história não acabava ali.

Duncan Hewitt dirigiu-lhe um sorriso cúmplice.

– Está à espera dos próximos episódios?

Marie assentiu.

– O senhor nunca deveria ter sido enviado para longe do condado só por fazer o seu trabalho e isso faz-me pensar que o que se passou teve alguma coisa a ver com todas aquelas pessoas «importantes» que referiu, correto? Aquelas com quem o Simeon se dava.

– Bem visto! Bem visto! Oh, sim, havia políticos, conselheiros, advogados, financeiros e polícias. O Simeon tinha-os envolvido a todos. E expô-lo como um monstro teria sido terrivelmente embaraçoso e muito perigoso para algumas pessoas em lugares importantes – explicou ele num tom amargo. – Há que reconhecê-lo, aquele encobrimento todo foi uma obra-prima de maquinações habilidosas. Acreditei, e ainda acredito, que estava perto de descobrir uma ligação entre o Simeon Mulberry e um dos nossos oficiais mais importantes.

Olhou para Marie com uma expressão sombria.

– Havia qualquer coisa podre dentro das nossas fileiras e o meu nariz apurado estava a ficar demasiado perto da origem do mau cheiro – disse Hewitt, fazendo uma careta. – Por isso, viram-se livres de mim. Mas não foi só essa a razão. Fui o único a exprimir a opinião, ao meu comandante, de que o «suicídio» do Simeon não era suicídio nenhum. Ele fora «ajudado», tão certo como dois e dois serem quatro.

– Ajudado? – perguntou Marie, arregalando os olhos.

Hewitt parecia cansado.

– *Sabe* como são os instintos de um polícia, Sargento Evans, tem-se uma sensação qualquer. E havia qualquer coisa que não estava bem quando entrámos em Alderfield nesse dia – informou ele, soltando um suspiro. – Não que eu alguma vez o pudesse provar. Mas estava tudo errado. Os corpos, as crianças, a arma. Estava tudo lá, como era de esperar, mas...

Encolheu os ombros.

– Eu não era o único a achar isto, fui apenas o único suficientemente estúpido para o *dizer*.

– Dizer o quê? – perguntou Gary lentamente.

– Alguns de nós acreditavam que as crianças, tendo presenciado a morte da mãe, podiam ter tido um papel determinante na morte do pai.

– As crianças? – perguntou Marie, sentindo-se ligeiramente tonta.

– Quem mais? E podiam censurá-las? Aquele monstro tinha seis filhos e abusou de todos.

Duncan levantou-se repentinamente.

– Tenho uma coisa, se a quiser. Chamo-lhe a minha caixa de memórias.

Na estufa ensolarada, Marie sentiu um arrepio gelado a percorrer-lhe o corpo. Não tinha imaginado isto. Pior ainda, não fazia a mínima ideia do que isso significava em relação a Fleur, ou às mortes em Windrush.

Perdida nos seus pensamentos, mal se apercebeu do regresso de Hewitt. O antigo inspetor entregou-lhe uma grande caixa de cartão.

– Aqui tem. É toda sua, Sargento. Os meus diários, as minhas notas, umas quantas lembranças ilícitas, todas aquelas pequenas coisas interessantes que não consegui deitar fora.

Inspirou fundo.

– Espero que a ajudem, mas considere-se avisada, não são uma boa leitura à noite. Ah, e não as quero de volta. Ia queimá-las e, se não as levar, vou fazê-lo à mesma – rematou, olhando solenemente para Marie.

– E preferia que não voltasse cá porque, com essa caixa daqui para fora, tenciono pôr essa história dos Mulberry para trás das costas, para sempre.

Agarrando na caixa, Marie pôs-se em pé.

– Quem era o oficial superior da polícia ligado ao Mulberry?

Hewitt abriu a porta.

– Dou valor aos anos de vida que ainda me restam. E como a semente dele ainda floresce nesta terra fértil, não vou partilhar essa informação. Adeus, Inspetora Marie Evans, e boa sorte.

* * *

Jackman reuniu a equipa no gabinete e Marie contou-lhes o que Hewitt lhes tinha dito.

Ninguém foi lesto a falar. Por fim, Rosie atirou:

– O James Cade vem de uma família de oficiais da polícia, não é verdade?

– Talvez isso não seja um cenário que devamos seguir. Vamos trabalhar com o que temos à mão, isso pode esperar até ser a ocasião certa – disse Jackman num tom muito sério. – Ora bem, a polícia técnica e científica afirmou que a Fleur tinha sido terrivelmente violentada e, por causa da grande

proximidade do cemitério abandonado em Alderfield, seria de presumir que era ela a rapariga Mulberry.

Gary folheou o caderno de notas do Inspetor Hewitt.

– Mas isso não é possível. A única rapariga foi entregue aos serviços sociais e a idade não corresponde.

– E como é que eles se chamavam? – perguntou Rosie.

Gary abanou a cabeça.

– Só os conhecemos como Criança 1, Criança 2, etc. A não ser que o Duncan soubesse mais alguma coisa, não?

Tirou outro caderno da caixa e abriu-o.

– Posso descobrir – disse Max, cheio de entusiasmo. – Posso usar o seu computador, Chefe?

Jackman levantou-se.

– À vontade.

Max deixou-se cair na cadeira de Jackman e ficaram todos a observar os dedos dele a voar pelo teclado.

– Estranho – disse Max.

Olhou irritado para o ecrã e introduziu mais comandos. Passados uns momentos, grunhiu:

– Isto não está bem, chefe. «Acesso Negado» a uma simples certidão de nascimento? Porquê?

– Porque receio que tenhamos entrado em território perigoso. Max, desliga o computador. No que respeita ao caso Mulberry, acho que vamos ter de nos mostrar astutos a partir de agora.

– Não há problema, chefe. Há outras maneiras agora que eu sei que é preciso ser cuidadoso.

Gary olhou para Max com interesse.

– Isso parece promissor.

Max sorriu abertamente.

– Adoro desafios.

– As capacidades de pirataria dele são lendárias – acrescentou Rosie. – Mas não contes a ninguém senão ainda o lixam com o emprego.

– Sempre soube que esta equipa era diferente – disse Gary. – De facto...

Bateram com força à porta.

– Inspetor Jackman! – chamou Clive encostado ao outro lado da porta, as palavras a saírem-lhe de afogadilho. – Chefe, o sargento de serviço pede para ir lá abaixo imediatamente, se fizer favor. Acabou de entrar uma pessoa que diz que é responsável pelo que descobrimos por baixo de Windrush!

* * *

Jackman e Marie foram imediatamente ter com o sargento de serviço, que lhes disse que o homem tinha sido informado dos seus direitos e detido e

que poderiam falar com ele assim que quisessem.

Jackman parou por uns segundos antes de entrar na sala de interrogatórios. Voltou-se para Marie e disse:

– Vigia-o atentamente. Vê o que consegues apanhar da linguagem corporal dele.

Marie assentiu com a cabeça. Abriu a porta e entraram na divisão soturna.

Jackman fez as apresentações para o gravador.

Philip Groves estava vestido com roupa informal, própria para o campo e limpa.

– Teria vindo mais cedo – disse. – Só que tive de preparar as coisas para os meus animais, sei que não vou voltar para casa.

A voz era suave e culta.

– Mr. Groves, o senhor disse que era responsável por... pelo quê ao certo?

– A Enfermaria das Crianças é minha.

Jackman engoliu em seco com força. Para além da polícia e do laboratório forense, ninguém tinha sido informado do que estava por baixo de Windrush. Pediu a Groves que lhes contasse tudo o que sabia sobre isso.

– Fica debaixo do chão e chega-se lá por um velho túnel vitoriano que vem do pântano. Não havia mais ninguém no pântano à noite, como disse aos vossos Inspectores e, peço desculpa por lhes ter mentido. Era eu que lá andava.

Jackman olhou para Philip Groves e tentou descobrir uma coisa que lhe dissesse que estava sentado à frente de um assassino impiedoso. Não descobriu nada.

– Levei as raparigas pela passagem num carrinho de mão, depois para a enfermaria e a seguir para as camas.

Jackman viu a confusão na cara de Marie.

– E... e cantava enquanto andava?

– Às vezes. Preparei o sítio há anos. Windrush esteve vazio durante algum tempo antes de ter sido ganho naquela aposta. Eu costumava andar muito por lá. Foi quando encontrei o túnel da casa e também descobri todas aquelas camas e cacifos velhos. Estavam prontos para serem deitados fora, por isso levei-os para o túnel e montei a enfermaria. Infelizmente, tive de a selar hermeticamente quando ficou pronta, não se desse o caso de o novo dono dar com ela por acaso.

Jackman olhou para Marie. Groves sabia demasiado. Então porque é que não se sentia eufórico com esta confissão? O assassino tinha acabado de entrar pelas portas da frente e prostrara-se praticamente perante eles.

– Precisamos de lhe tirar as impressões digitais; Mr. Groves, e uma amostra do seu ADN, se concordar?

– Não tenho nenhuma objeção.

– Também tem direito a um advogado. Pode chamar um, caso o tenha, ou podemos chamar-lhe o advogado de serviço.

Groves olhou fixamente para a mesa.

– Não preciso de nenhum, Inspetor.

– A decisão é sua, mas eu aconselhava-o a arranjar um.

Jackman olhou para Groves e, embora continuasse a não conseguir ver o assassino, *conseguia* ver o homem que tinha colocado aquelas jarras de flores ao lado das camas.

– O que é que havia nos cacifos ao lado das camas, Mr. Groves? – perguntou descontraidamente.

Groves soltou um pequeno suspiro e olhou para Jackman com os olhos cinzentos mais tristes do mundo.

– Sei de que é que está a falar. Sim, levei-lhes flores frescas. Observe o meu jardim, Inspetor. As plantas irão corresponder às das jarrinhas.

– Uma última pergunta. A primeira vítima. Chamava-se Fleur. O que é que nos pode contar sobre ela?

Philip Groves endireitou-se um bocadinho na cadeira.

– Lamento, mas não quero dizer mais nada.

Capítulo Trinta e Um

— Não, não, não, não! Isto não bate certo! — exclamou Jackman, passarinhando pelo gabinete.

O Professor Henry O’Byrne seguiu-o com os olhos.

— Mas e a declaração dele? É altamente incriminatória.

Jackman sabia disso, mas as campainhas de alarme continuavam a soar-lhe na cabeça.

— Sim, ele sabia tudo sobre a câmara subterrânea. Sim, é obvio que lá tinha estado. Não posso argumentar contra isso porque as impressões digitais dele condizem com as que o Rory descobriu. Mas o Philip Groves nunca drogou, atacou ou assassinou brutalmente aquelas raparigas. Está a proteger alguém.

— Talvez, ou talvez a teoria da personalidade dupla do seu jovem Inspetor esteja certa e ele esteja a proteger o seu outro eu.

O professor coçou a cabeça.

— Pelo menos, ele concordou em deixar-me participar no próximo interrogatório. Talvez eu consiga esclarecer alguma coisa.

Marie estava apoiada na parede, aparentemente perdida nos seus pensamentos.

— A Jan Wallace, a arqueóloga forense, disse que quem quer que tenha colocado o esqueleto da Fleur naquela cama de hospital tinha conhecimentos de anatomia dignos de um perito.

— Como um cirurgião veterinário — murmurou Henry O’Byrne.

— Exatamente. Como um veterinário.

Jackman atirou as mãos ao ar.

— Talvez tenha sido ele, sim! Mas isso não quer dizer que a matou.

Recomeçou a passarinhar. Poderia Groves tê-las matado? A pergunta enrolou-se-lhe na mente como uma cama de gato[13].

— Está a pensar que um homem que trata gatinhos minúsculos e cachorros doentes não consegue matar, não está? — perguntou o professor.

— Talvez.

— Mas lembre-se de que ele também lhes espeta agulhas cheias de drogas

letais e os vê morrer – disse o professor, sem desviar os olhos de Jackman. – Enfia-lhes aço frio por baixo da pele coberta de pelo suave e vê-lhes o sangue quente a correr. Não subestime o Philip Groves, Inspetor-Chefe Jackman. Pode ser um grande erro.

Jackman soltou um grande suspiro.

– Eu sei, eu sei. Só gostava de conseguir entender isto tudo. E ainda continuo a acreditar que a Fleur é a chave, se ao menos a conseguíssemos identificar.

– Concordo totalmente – disse Marie, inclinando-se por cima da secretária de Jackman e agarrando numa folha de papel em branco do tabuleiro da impressora.

Tirou uma caneta do bolso e escreveu o nome de Fleur no centro do papel.

– *Brainstorming* – disse o professor. – Boa ideia.

– Estava apenas a pensar em conexões diretas – retorquiu Marie, desenhando uma seta de Fleur para o nome de Elizabeth Sewell. – Ela disse que a Rosie lhe lembrava a Fleur.

Marie escreveu o nome de Philip Groves e ligou-o tanto a Fleur como a Elizabeth. Seguiu-se o nome de Benedict Broome, depois de Micah Lee. E depois de Toby Tanner e de Asher Leyton. O papel ficou rapidamente cheio de nomes e linhas interligadas.

– E isto serve para alguma coisa? – perguntou Jackman acidamente.

Marie empurrou o papel para longe.

– Provavelmente, não. Vou procurar o Max e a Rosie. Ver se eles tiveram sorte.

Quando Marie saiu, o psicólogo puxou a folha de papel para junto dele e passou devagarinho o dedo pelo labirinto de linhas.

– Oh, que teia emaranhada nós tecemos... – soltou, inclinando a cabeça. – Gostava de saber o que é que Sir Walter Scott teria feito desta embrulhadazinha. Nenhum deles e, contudo, *todos* eles, entrelaçados juntos.

* * *

Max estava a usar o seu próprio computador para esta excursão não autorizada em território restrito. Uma torrente constante de números, códigos e letras apareciam e desapareciam no ecrã.

De vez em quando, olhava para onde Rosie estava sentada a trabalhar. Ansiava pelo fim deste caso horrível porque quanto mais via Rosie McElderry, mais ciente ficava da direção que os sentimentos dele estavam a levar. Mas, naquele momento, tinha trabalho importante a fazer.

Rosie chamou Marie do outro lado da sala.

– Era a equipa forense, Sargento. O homem enforcado é o Toby Tanner, as impressões digitais correspondem. Também fizeram testes de ADN e não

há dúvidas. E não é tudo. Assim que passaram as impressões digitais, encontraram outra correspondência, tirada naquela festa horrível na Fendyke Chapel – explicou, baixando a voz para um sussurro. – O cavalheiro Toby Tanner, respeitado agricultor, tem andado a chafurdar com o Cade e os amigos pervertidos dele.

Max deu um murro no ar e sorriu para Rosie.

– Então tínhamos razão! Ele estava ligado às festas.

Rosie devolveu-lhe o sorriso.

– Provavelmente, foi por isso que se matou.

– As impressões digitais do Asher Leyton também apareceram? – perguntou Marie.

– Não, só as do Tanner, por isso, se calhar, o Asher não foi à capela naquela noite.

Marie estava prestes a responder-lhe quando Max olhou para o ecrã.

– Sargento! Consegui! Olhe! – exclamou, abanando uma folha impressa à frente dela. – De certeza que não vai mesmo acreditar nisto!

Marie arrancou-lhe a folha e, passando por cima do cabeçalho «confidencial», leu a lista de nomes e de datas.

– O quê? Jesus! O chefe tem de ver isto! Venham lá, vocês os dois!

* * *

A voz de Marie estava atabalhoada com a excitação:

– As crianças Mulberry chamavam-se... espere só... Benedict, Tobias, Micah, Philip, Elizabeth e Asher!

Entregou o relatório a Jackman.

– Deram-lhes famílias novas e vidas novas, mas, por qualquer razão, todos eles voltaram para cá.

– Porque tinham de o fazer – disse o psicólogo suavemente. – Aqueles pobres passarinhos *tinham* de voltar para o ninho, tinham de encontrar um lugar onde pudessem estar juntos novamente. Não tinham escolha. Apesar das boas intenções dos assistentes sociais e dos tribunais, tinham de voltar a encontrar-se uns aos outros, como as borboletas atraídas por uma chama.

Jackman soltou o ar.

– Temos de falar com o Benedict. Não admira que ele estivesse tão preocupado com a Elizabeth! É irmã dele!

– E o Asher! – disse Rosie, parecendo horrorizada. – Foi o *irmão* que ele encontrou enforcado no moinho velho! Isso explica porque é que ele está naquele estado desgraçado.

– E *claro* que tinha uma chave para a casa da quinta – acrescentou Marie – porque os dois irmãos viviam lá. Aposto que foi lá para ver se havia alguma coisa na casa do Toby que o pudesse ligar à família Mulberry.

– Irmãos, todos eles – sussurrou Jackman.

Olhou para o psicólogo.

– Até que ponto esta família pode estar perturbada? Quer dizer, olhando para o Benedict e para o Philip, eles parecem ter-se integrado perfeitamente na sociedade. Um está no mundo das finanças e o outro é um médico veterinário respeitado.

O professor encolheu os ombros.

– Irrelevante. Estão *todos* perturbados por aquilo que lhes aconteceu. Uns mais do que outros, mas garanto que nenhum deles é normal. Estaria disposto a apostar uma grande maquia no facto de todos os filhos do Simeon Mulberry terem ficado traumatizados e afetados de alguma maneira – declarou, recostando-se na cadeira. – Sabe que quem é abusado pode passar a abusador. No seu trabalho, já viu isso mil vezes.

Jackman já o tinha visto, sim.

– Um deles, o Asher, tem uma forte compulsão sexual. É desse tipo de coisa que está a falar?

– Absolutamente. E, consoante a mentalidade dele, as oportunidades que lhe são dadas e a extensão do dano original, esse tipo de coisa pode escalar com o tempo.

– Para violação?

– Geralmente para assédio sexual, depois violação e, por fim, até assassínio.

Jackman esfregou os olhos.

– Ouvir isso faz-me questionar se a Enfermaria das Crianças será um tipo de negócio de família retorcido.

Olhou em volta e perguntou:

– Onde é que está o Max?

Marie espreitou pela porta aberta.

– Ainda está ao computador – disse.

A seguir, chamou-o:

– Max? Há mais alguma coisa?

– Dê-me um minuto, Sargento.

Toda a gente ficou em silêncio. Henry O’Byrne agarrou na folha de papel coberta de *graffiti* e abanou-a no ar.

– Teias emaranhadas e enganos. Estava tudo aqui.

– Excetuando a Fleur – disse Rosie sombriamente.

– Talvez não, florzinha.

Max entrou e entregou a Jackman outro documento.

– Uma certidão de nascimento?

– Não foi fácil porque havia um erro na data de nascimento dela, mas localizei a única rapariga nesta área registada com o nome de Fleur e adivinhem lá quem é que são a Mamã e o Papá?

Jackman leu os nomes em voz alta.

– Simeon e Charlotte Mulberry, de Alderfield House, Hurn Point. Meu Deus! Ela é irmã deles! Havia sete crianças Mulberry! – exclamou, olhando

para Max. – Vais procurar uma certidão de óbito, certo?

– Já me adiantei a si, chefe, mas não há nada. Não há registo oficial da morte dela.

Jackman levantou-se.

– Ok, Max, fizeste um trabalho brilhantíssimo hoje. Muito bem.

Fez sinal a Marie.

– Prepara-te, Sargento. São horas de fazermos uma visita ao Mr. Benedict *Mulberry*.

[13] Cama de gato, segundo o dicionário Houaiss, é um “jogo ou passatempo em que um participante faz passar entre os dedos um cordão ou fio que tem as pontas ligadas, criando com ele várias disposições ou armações que são transportadas para os dedos de um segundo participante”.

Capítulo Trinta e Dois

— Caro senhor, conhecemos o seu passado trágico e da sua família. Isto é, da sua família verdadeira. Não tenho qualquer problema com o facto de ter decidido não nos contar. Todos vocês têm vidas novas, com identidades novas. Mas agora, lamento, as circunstâncias mudaram. A história da sua família faz parte integral desta investigação aos homicídios.

Jackman fez uma pausa antes de continuar:

— O senhor é o Benedict Mulberry, o filho mais velho dos falecidos Simeon e Charlotte Mulberry da Casa Alderfield, de Hurn Point, em Harlan Marsh?

Marie observou-o atentamente. A cara de Benedict manteve-se impassível até Jackman ter mencionado o pai pelo nome. Viu um nervo a pulsar-lhe debaixo do olho direito.

Seguiu-se um longo silêncio. Marie perguntava-se que pensamentos estariam a passar pela cabeça de Benedict. As memórias dele deviam ser autênticos pesadelos.

Finalmente, Benedict falou e com uma voz firme:

— Sim, sou o Benedict Mulberry. Mas agradeceria que tivessem a amabilidade de continuar a tratar-me por Benedict Broome.

Jackman assentiu.

— Posso fazê-lo.

— Também sabem dos outros? – perguntou Benedict.

— Sabemos – respondeu Jackman. – Mas achámos que seria mais correto falar consigo primeiro.

— Isso é bom, isso é bom.

Benedict parecia infinitamente cansado. Parecia ter envelhecido desde que tinham entrado na sala.

— Podem falar com o Philip, e provavelmente com o Asher, sobre isto. Digam-lhes que já sabem de nós e que eu disse que não fazia mal sermos sinceros. Eles vão compreender que não temos outra solução, mas, se houver alguma maneira de poderem evitá-lo, por favor, não confrontem o Micah nem a nossa irmã, para já. A Elizabeth não conseguiria aguentar e o Micah, bem, o

Micah é volátil. Como tenho a certeza de que já perceberam.

Assentiram.

– E o Toby. Embora possa parecer duro como granito, é tão frágil como uma borboleta. Pedia-lhe que fosse especialmente compassivo quando falar com o Toby, Inspetor. Ele pode parecer um lavrador robusto, mas, sob aquela pele enrugada, continua a ser uma criança assustada.

Jackman deitou um olhar rápido a Marie. Não podia deixar de contar a Benedict o que acontecera ao irmão.

– Benedict, lamento, mas tenho notícias muito más para lhe dar. Foi encontrado hoje o corpo de um homem, no moinho velho, perto da vossa casa antiga em Alderfield. Tenho muita pena, mas temos razões para acreditar que o homem é o seu irmão, o Toby.

Benedict fechou os olhos e apertou as mãos com força como se estivesse a rezar. A voz era suave.

– Oh, não. Pobre Toby. Pensei sempre que ele seria o primeiro a ir, a não ser que o Micah perdesse a cabeça mais uma vez e acabasse por ser morto numa briga – disse, soltando um suspiro. – Posso vê-lo?

– Ainda não – respondeu Jackman. – Tenho a certeza de que compreende que há procedimentos que temos de seguir. E vai ser preciso identificá-lo formalmente.

– E como é que ele se matou? Com uma caçadeira, calculo. Ele tinha duas lá na quinta.

– Enforcou-se.

– Oh. Achava que ele ia usar a arma.

Tal como o pai fez, pensou Marie.

– Estou satisfeito por ele ter escolhido o moinho – disse Benedict. – Era o nosso sítio para estarmos em paz. Um sítio para onde íamos quando as coisas ficavam feias. Se eu me fosse matar, também iria para o moinho.

– Lamento, mas foi o Asher que o encontrou. Estávamos a questionar-nos sobre como é que ele sabia para onde ir.

Benedict tornou a soltar um suspiro.

– Pobre criança.

Marie pensou no homem que se pigara da linda noiva para os braços de uma prostituta.

– E o que é que aconteceu à Fleur?

A pergunta de Jackman até apanhou Marie de surpresa.

Benedict limitou-se a ficar sentado, com a cara branca, e a responder:

– Morreu. Adoeceu e morreu. Por que raio é que quer saber da Fleur?

– Porque encontrámos o cadáver dela na câmara por baixo de Windrush.

– O quê? O nosso pai disse-nos que ela tinha sido cremada!

Benedict Broome empurrou a cadeira para trás e fitou-os.

– A Fleur era uma das 13 jovens que encontrámos lá, Benedict – disse Jackman.

Benedict tapou a boca com as mãos.

– Isso é impossível!

– Acho que nos deve contar o que sabe sobre Windrush – insistiu Jackman impiedosamente. – Não ia mesmo ser um retiro pretensioso qualquer, pois não?

– Oh, mas era, embora não para toda a gente. Era para nós – replicou Benedict numa voz baixa e rouca. – O *nosso* retiro! A nossa casa. Um sítio onde pudéssemos estar juntos outra vez, onde pertencíamos.

– E os corpos? Todas aquelas raparigas mortas, Benedict? Onde é que elas entram?

– Não sei nada sobre elas, juro.

– O seu irmão Philip foi preso pela morte delas. Ele esqueceu-se de mencionar o que estava a fazer por baixo do vosso precioso retiro?

– O Philip? Ora, deixe-se de coisas. Desculpe, mas está completamente enganado em relação a isso – respondeu Benedict, começando a rir. – Inspetor Jackman, o Philip é o homem mais gentil que eu conheço!

– Ele confessou.

Benedict abanou a cabeça.

– Acho que precisa de voltar a falar com ele. Não sou capaz de lhe dizer porque é que ele fez uma coisa tão estúpida, mas, acredite, o Philip não é o vosso assassino.

* * *

– Vamos ter de mudar os nossos suspeitos para esquadras diferentes, agora que sabemos que são família – disse Jackman, esfregando um ombro dorido. – Mas, pela experiência anterior e sabendo o que sabemos *não oficialmente*, odeio deixá-los longe da minha vista durante cinco minutos que seja – continuou, franzindo o sobrolho. – Vamos ter de libertar o Asher. Já não temos nada que justifique mantê-lo preso, agora que sabemos que tinha a chave da casa do Toby Tanner legitimamente.

Ele e Marie estavam à espera que trouxessem Philip Groves para a sala de interrogatórios.

Marie manteve a voz baixa:

– Para além da nossa equipa e do Professor, ainda mais ninguém sabe o que quer que seja. Vamos manter isto assim até falarmos outra vez com o Philip.

– Ah, ótimo, cheguei a tempo – disse o Professor O’Byrne, apressando-se pelo corredor fora.

– Ainda posso assistir? Temos autorização do Mr. Groves, quer dizer, do Mr. Mulberry.

Jackman levou um dedo aos lábios.

– É Groves, está bem? E, sim, ficaremos gratos pela sua opinião. Vou só pedir-lhe que fique calado e observe, mais nada.

Philip Groves – Marie ainda achava difícil pensar nele como Mulberry – estava sentado à mesa, à frente deles. Parecia vazio, como se a vida lhe tivesse sido sugada por inteiro.

Jackman contou-lhe o que sabiam do passado dele e sobre a morte do irmão Toby.

Finalmente, o veterinário disse:

– Tem razão, não matei aquelas raparigas. Encontrei os corpos e levei-os para um sítio em que estivessem em segurança.

A voz era suave, dócil e terrivelmente cansada.

– Foi tudo o que fiz. Tirei-as de um mundo de sofrimento, onde as pessoas não as tratavam corretamente. Tomei conta delas.

– Elas tinham famílias, Philip, pessoas que as amavam e tinham saudades delas – disse Marie docemente.

– Não, não tinham, Sargento – respondeu ele calmamente. – Se elas se preocupassem assim tanto, as filhas não teriam fugido ou sido abandonadas numa situação tão vulnerável que um homem pudesse levá-las, conspurcá-las e matá-las. Eu era a verdadeira família delas. Amava-as e, no fim de tudo, eu era a única coisa de que elas precisavam.

– E como é que as encontrou, Philip? – perguntou Jackman. – Uma pessoa não *encontra* cadáveres assim tão simplesmente.

– Quem quer que as tenha matado deixou-as naquelas ruínas velhas no pântano. Na cave pequena que leva ao meu túnel.

– Quem foi? Deve tê-lo visto a deixar os corpos. E *ele* só podia saber o que o Philip andava a fazer, não era? Ele deixa lá um cadáver e, quando volta uns meses depois com o seguinte, vejam só, desapareceu!

Philip abanou a cabeça.

– Nunca o vi e não tenho ideia nenhuma do que ele pensava sobre as raparigas desaparecerem, se é que, de facto, deu por isso. A senhora viu aquele edifício em ruínas, Sargento. Tanto quanto posso dizer, ele limitava-se a abrir a porta e a empurrá-las para a escuridão.

– Lamento, Philip, mas creio que você *sabia* quem ele era. Pode não o ter visto, mas pelas coisas que ele fez àquelas raparigas, você sabia.

Philip olhava fixamente para a mesa.

– Vá lá. O Philip é um homem educado. Você e os seus irmãos e irmãs sofreram terrivelmente, terrivelmente mesmo, às mãos dos vossos pais. Você sabia que um dos seus irmãos estava tão afetado que era capaz de matar. Não sabia?

– A única coisa que o Philip estava a fazer era a limpar o que ele fazia, não era? A protegê-lo, como você e o Benedict fizeram sempre – acrescentou Marie.

– Eu não sabia quem matava as minhas lindas meninas e não queria

saber. Levava-as simplesmente para casa e devolvia-lhes a dignidade.

– E foi isso que fez com a Fleur? Levou-a para casa?

Os olhos de Philip abriram-se e a cabeça ergueu-se repentinamente.

Uns instantes depois, disse:

– Eu vi-o. Vi o meu pai a escavar o buraco no cemitério da família.

Estava a abri-lo no sítio onde costumávamos enterrar os animais.

– Viu-o a enterrar a sua irmã?

Groves assentiu.

– Mal ele tinha acabado de encher a sepultura, prometi à Fleur que um dia a traria para casa. Disse-lhe que dormiria em lençóis suaves, numa cama como devia ser, com flores a cheirar docemente ao lado dela. Nunca mais passaria outra noite no fundo gelado de uma gaiola malcheirosa.

Jackman deitou um olhar rápido a Marie. Ela estava a esforçar-se por conter as lágrimas.

Porque é que alguém iria desenterrar um corpo?, tinha perguntado Gary. Agora já sabiam.

– E voltou mesmo lá para ir buscá-la quando soube que Alderfield estava prestes a ser arrasado?

– Voltei assim que o Benedict adquiriu Windrush. Ia fazê-lo mais cedo, mas não tinha nenhum sítio para a levar que fosse seguro e permanente.

– Fê-lo sozinho?

Philip balbuciou:

– Sim, sozinho. Nunca falei aos outros do túmulo dela.

– Porquê? Eram tão unidos que de certeza que eles teriam compreendido – disse Marie.

– Não podia acrescentar-lhes mais angústias. Como é que eu podia dar-lhes ainda mais desgostos? Tinha-lhes sido dito que ela estava doente e que tinha morrido. Isso bastava, especialmente para os mais pequenos. Só eu é que sabia que ela tinha morrido às mãos do nosso pai. Era um fardo que eu tinha de carregar sozinho.

Philip olhou para Marie.

– Nós temos segredos, Sargento. Cada um de nós está perturbado. Somos diferentes das outras pessoas e seremos sempre. É por isso que precisávamos de ter um lugar só nosso. Um sítio onde, fosse o que fosse que fizéssemos, não seríamos julgados. O mundo ficaria a salvo de nós e nós ficaríamos a salvo de um mundo que nunca poderia compreender aquilo em que os nossos pais nos tinham transformado. Windrush seria esse santuário.

Havia coisas que Jackman não compreendia.

– Mas, Philip, você andou na universidade! É médico veterinário. E isso exige muito trabalho, muitos anos de estudo. É um profissional, inteligente, cheio de compaixão e... – ficou sem palavras.

– Não sou um homem mau, Inspetor, mas cresci numa casa de maldade. Sou uma aberração.

– Se não matou aquelas raparigas, o que tem a dizer sobre os cartões

com os nomes por cima das camas? Como é que sabia os nomes e as datas de nascimento delas? Como é que sabia que tinham todas nascido a uma quarta-feira?

Marie falou com tanta frieza que até Jackman ficou espantado.

Philip engoliu em seco.

– Eu...

– Eu vou preencher-lhe as lacunas, está bem? – disse Marie, inclinando-se para a frente. – Você é o reparador, não é? É o curandeiro. Sabe tudo o que há a saber sobre os seus irmãos. Sabia exatamente qual deles tinha perdido o controlo e sabia porquê. Mas, desta vez, não o conseguiu tratar. À medida que ele ia crescendo, ia ficando cada vez mais perigoso, não ia? – continuou, cravando os olhos nos de Philip. – E ele estava fixado em raparigas, pequenas e mais velhas, desde que tivessem nascido numa quarta-feira, como ele e a irmã. A Fleur.

Jackman olhava para ela, estupefacto.

– O Toby matou-as, não matou? Ele não era frágil como o Benedict queria que acreditássemos, era psicótico e um predador incrivelmente perigoso.

Philip soltou um suspiro e Marie pressentiu nele um alívio.

– Têm de perceber que o Toby sofreu mais do que qualquer um de nós, salvo a Fleur. Eu sabia que ele nunca seria capaz de se integrar na sociedade. O Benedict e eu trabalhámos incessantemente para o mantermos fora de perigo. O Micah vivia na quinta para o vigiar, mas precisámos de o levar para Windrush. E estávamos quase lá.

Olhou para Marie, com lágrimas nos olhos.

– Agora está morto e é como se uma prece tivesse sido atendida. Gostaria de acreditar que ele está lá em cima, no céu, a cantar para o seu Criador, mas duvido muito. Perguntou-me se canto e eu canto, todos nós cantamos, mas o Toby tinha uma voz que faria chorar os anjos. Infelizmente, isso era a única coisa bela no Toby. Eu devia tê-lo libertado da infelicidade dele há anos. Afinal, eu tinha o conhecimento e os recursos, mas não conseguia fazê-lo.

Marie pensou nas flores. Consequia acreditar nisso.

* * *

Marie saiu para ir buscar água para Philip e Jackman questionou-o sobre Asher e a sua noiva perfeita.

– O Asher? Na verdade, ele não é mau rapaz. Por uma razão ou outra, conseguiu sair do nosso inferno pessoal com uma espécie de código moral confuso e antiquado, mesmo tendo de facto um problema com o sexo. Adora a namorada e respeita os desejos dela, mas por causa da obsessão com o sexo, visita prostitutas com regularidade.

– E vai a clubes de sexo?

Philip abanou a cabeça.

– Não. O Asher, não. Os clubes eram o terreno de caça do Toby.

– Pode contar-nos alguma coisa sobre eles, Philip? – perguntou Jackman.

Por causa da gravação, acrescentou que a Inspetora Evans tinha voltado a entrar na sala.

– Na realidade, não, para além de algumas localizações antigas. Tentei pará-lo, mas ele era demasiado reservado. Recebia uma mensagem ou um telefonema e desaparecia.

Philip soltou um suspiro.

– Eu limitava-me a rezar para que nenhuma das raparigas que ele encontrava tivesse nascido numa quarta-feira.

Jackman resolveu acabar o interrogatório. Disse a Philip que fosse o que fosse de que o acusassem, não seria de homicídio.

Philip pareceu não se ralar. Era como um invólucro sem nada lá dentro. Quando se levantaram para ir embora, Philip perguntou:

– O que é que eles vão fazer à minha irmã?

– À Fleur? Quando estiver tudo terminado, ela será enterrada como deve ser e com dignidade.

– Isso é bom. E, Inspetor, a minha outra irmã, a Elizabeth. Está em segurança?

– Está num hospital psiquiátrico. Sim, está a salvo.

– Ela mutila-se. É o problema dela. Mas o Benedict toma conta dela.

Claro, pensou Marie, aquelas mangas compridas puxadas ao máximo para lhe tapar as mãos. Aquela saia comprida, até aos tornozelos, mesmo no calor sufocante do quarto do hospital. Devia ter percebido.

Jackman tinha o dedo no botão de gravação.

– Philip? O que é que os outros sabiam? Sobretudo o Benedict.

Philip ergueu os olhos.

– Sobre?

– A Enfermaria das Crianças? Os raptos? As drogas dadas às Crianças das quartas-feiras? E o que o Toby lhes fazia naquela caravana no pântano?

– Nada, Inspetor. Não sabiam nada. Toda a vida do Ben foi devotada a manter a Elizabeth a salvo e a trabalhar para arranjar maneiras de financiar a reconstrução de Windrush – replicou Philip, com um pequeno encolher de ombros. – Embora eu tenha a certeza de que não irá ficar surpreendido quando lhe contarem o que aconteceu.

Soltou um longo suspiro.

– Teria sido mais caridoso terem-nos abatido quando nos encontraram, como a uma ninhada de gatinhos. Deviam ter percebido que nunca sobreviveríamos no mundo. Especialmente quando houve quem comesse a suspeitar do que realmente tinha acontecido em Alderfield.

– Aos vossos pais? – perguntou Jackman.

Philip assentiu com a cabeça.

– A polícia acreditava que vocês eram responsáveis pelas mortes dos vossos pais? – acrescentou Marie.

– Depois do que o meu pai e a minha mãe nos fizeram passar, já não eramos responsáveis por nada – respondeu Philip, soltando uma gargalhada sem humor. – Mas sim, suspeitaram disso. O problema foi a polícia ter visto coisas que ninguém devia ter visto. O horror daquilo que encontraram naquela casa toldou-lhes o raciocínio. Nós já estávamos marcados, Inspetores, e era demasiado tarde para se fazer alguma coisa a esse respeito. Deviam ter-nos prendido e deixado apodrecer. Assim 12 raparigas não teriam tido de morrer.

Um pequeno detalhe ainda estava a perturbar Marie.

– Posso fazer-lhe uma última pergunta, Philip? Não encontrámos nenhuma fotografia do Toby. Nem na casa da quinta nem noutro lado qualquer. Porquê?

Philip esboçou um pequeno sorriso.

– Sempre houve muito poucas fotografias nossas, Sargento, mas o Toby tinha uns olhos estranhos. Eram tão pálidos que, em certas luzes, parecia que não tinha pupilas e a máquina fotográfica apanhava sempre isso. Parecia cego ou morto.

Olhos mortos.

Quando Jackman e Marie se foram embora, por trás da porta trancada, veio o som de uma voz puríssima a cantar uma canção de embalar. Desta vez não lhes gelou o sangue, derreteu-lhes o coração de tristeza.

Capítulo Trinta e Três

— É hoje à noite! Dez e meia, local a anunciar! — exclamou Rosie, desligando o telemóvel. — Bora lá!

* * *

Rosie e Max saíram do carro e moveram-se para a escuridão da vereda ladeada por árvores. Enquanto os observava, Marie sentiu uma onda de emoção. Dois dos deles estavam a entrar numa situação muito perigosa, mas outra mulher de quem ela gostava podia, finalmente, estar prestes a ter alguma justiça.

Jackman estava a apertar o colete à prova de facadas.

— Pronta?

— Toda a gente está em posição.

— Agora já pareceis mais descontraída em relação a isto, Marie.

— Estou bem. Às vezes, precisamos de tomar medidas extremas, especialmente quando estamos a lidar com alguém que julga que está acima da lei. Se a Rosie e o Max estão dispostos a isto, então eu também estou.

— Também eu.

Jackman afastou-se do carro e dirigiu-se para o conjunto de cabanas e armazéns decrepitos que se espalhavam à volta do velho armazém de cereais.

Marie aproximou-se dele.

— O Max arranjou um *spyware* fantástico para esta operação — sussurrou-lhe.

— Aquele rapaz não deixou nada ao acaso. Aqueles óculos de *design* têm uma câmara inserida numa das hastes e tudo o que ele vê é transmitido aos rapazes que estão na carrinha. Eles têm um gravador de vídeo HD digital e está tudo a ser gravado, assim como tudo o que ouvirmos no microfone da Rosie.

— Bem, enviámos o isco. Agora só temos de esperar que o peixe graúdo

venha nadar na piscina esta noite.

* * *

O armazém de cereais tinha sido abandonado anos antes e Rosie calculou que tivesse sido escolhido porque não havia vizinhos a quilómetros dali.

Sorriu lascivamente ao homem à porta e sussurrou-lhe:

– Eu disse que voltava, não disse?

Ele assentiu e olhou-lhe descaradamente para o decote.

– Espero que não te importes, trouxe o meu namorado – disse ela, apontando com a cabeça para Max, que estava a olhar para o que os rodeava com um aparente desinteresse. – Parece-me que nos divertimos mais aqui se tivermos alguém com quem brincar.

– Devias ter vindo procurar-me, doçura – disse o homem, passando-lhe um dedo pelo braço nu. – *Nós* podíamos ter-nos divertido.

– Estavas demasiado ocupado, bonitão.

Inclinou-se para o porteiro e sussurrou-lhe:

– Se calhar, devia deixá-lo ficar em casa da próxima vez, que te parece?

– Parece-me uma bela ideia, jeitosinha.

– Petra – disse ela.

– Que nome giro. Sou o Lenny.

– Não me vou esquecer.

Rosie soprou-lhe um beijo, passando o braço pelos ombros de Max.

Ao fim de meia hora de bebida e música *trance*, os farristas estavam a começar a descontraír. Max tinha encontrado o sítio que achava ser ótimo para observar as pessoas, especialmente os homens mais velhos que se estavam a reunir nas sombras.

– Desculpa lá, Inspetor, mas temos de dançar ou de estar na marmelada, a não ser que queiras que as pessoas reparem – disse Rosie, passando o braço à volta da cintura dele e puxando-o para ela. – Escolhe.

– Sem querer ofender, florzinha, mas dançar vai dar-me mais hipóteses de ver quem entra e sai por aquela porta das traseiras.

– Não ofendes nada. Vamos lá abanar o capacete.

– Porra, isto estava assim da última vez? – perguntou Max a observar um par de miúdos, que pareciam andar pelos 12 anos, a curtir como se não houvesse amanhã num banco de madeira.

– Ainda não viste nada, menino Maxie – retorquiu Rosie, bebendo um gole da garrafa de cerveja. – Tal como eu ainda não vi nada do nosso maldito alvo.

– Talvez não apareça. Sabe que o Toby Tanner está morto e que o ligaram às festas.

Rosie apoiou-se no ombro dele.

– Não, ele vai estar aliviado por o Tanner ter desaparecido. Tem Harlan Marsh completamente sob controlo e pensa que *nós* estamos demasiado ocupados a limpar Windrush para nos preocuparmos com outra coisa qualquer.

Rosie moveu-se ao ritmo martelado.

– Não vai conseguir ficar longe do seu empreendimentozinho sujo.

Passaram mais 20 minutos e Rosie começou a perguntar-se o que é que poderiam fazer que não passasse a ser a conversa na messe durante os cinco anos seguintes.

– *Jackpot!*

Max aproximou-se mais dela, virando-a ligeiramente, como se a estivesse a abraçar. Dois homens estavam parados logo à entrada da porta das traseiras.

– O Cade – murmurou Max. – E mesmo à frente dos meus olhinhos. Espero que estejam a ver isto, rapazes?

Rosie girou, pondo-se ao lado de Max. Reconheceu-o imediatamente. O cabelo oleoso puxado para trás e os óculos não serviam de disfarce.

– Agora só precisamos de conseguir apanhá-lo com qualquer coisa de que ele não consiga safar-se.

A música pulsava e os borguistas giravam à volta deles.

– Rosie! Vigia-o!

Rosie inclinou-se para baixo, aparentemente para apanhar uma lata de cerveja do chão. Ajoelhou-se por uns instantes, os olhos focados em Cade, vendo-o a aceitar um rolo de notas do outro homem e a enfiá-lo na algibeira.

Rosie viu Cade chamar uma adolescente que estava a dançar, falar com ela uns instantes e depois empurrá-la gentilmente para o homem ao lado dele. A rapariga, com a mão do homem mais velho no ombro, foi-se embora pela porta das traseiras.

– Vamos agora? – perguntou Max nervosamente.

– Aguenta!

Rosie tinha visto duas raparigas, que pareciam completamente podre de bêbadas, a aproximarem-se de Cade.

– Oh, lindo! Continuem assim, miúdas, vamos ver o que ele faz. Ainda o tens na mira, Max?

– Mesmo em cheio. Isto não podia ter corrido melhor se o tivéssemos montado.

Enquanto observavam, as duas adolescentes namoriscavam com o homem mais velho, que, para alegria de Rosie, começou a corresponder. Primeiro, um beijo, depois uma mão numa nádega. A mão deslizou pela minissaia justa da rapariga e começou a enfiar-se por baixo do tecido brilhante.

– Apanhámos-te, seu nojento! São horas de agir! Todas as unidades!

Rosie e Max atiraram as latas de cerveja para o chão e, contornando os dançarinos, avançaram rapidamente na direção de Cade.

– Talvez nos queira acompanhar, senhor Superintendente.

Sem esperar por uma resposta, empurraram-no para trás, através da porta, para a sala nas traseiras.

– James Cade, estou a prendê-lo...

– O raio é que está!

Cade girou como se estivesse possuído e atirou Rosie de costas contra a parede. O ar saiu-lhe velozmente dos pulmões e ela dobrou-se com a dor.

– Max! Não o deixes fugir – arquejou ela, apertando as costelas.

Max hesitou, olhando para Rosie com uma expressão horrorizada.

– Vai-te embora, idiota! Só fiquei sem fôlego. Apanha esse filho da mãe!

* * *

Era uma cena completamente caótica. Homens e miúdos corriam em todas as direções e o guinchar de pneus e motores juntava-se à música tecno que continuava a vibrar no velho silo. Cade saiu a correr pelo pátio de cimento das traseiras na direção do carro escondido. Max correu atrás dele. Estava em melhor forma física e era mais rápido, mas não tinha o fator de desespero de Cade.

Repentinamente, Cade parou, apanhou um bocado de um poste de uma vedação de madeira no meio de um monte de lixo e girou-o contra a barriga de Max.

Max tombou como um animal ferido e Cade continuou a correr, direito à Sargento Marie Evans.

Marie investiu contra ele, desequilibrando-o, numa placagem de rãguebi perfeita.

Cade estatelou-se. Torceu-se desesperadamente para se libertar do peso de Marie. Marie recuou ligeiramente, apenas o suficiente para permitir que ele fizesse outra tentativa para fugir. E depois deu-lhe um soco.

Sentiu o impacto dos nós dos dedos até ao ombro e ficou contente com isso. Esfregou o punho cerrado e olhou para a figura desmaiada.

– Não é muito, Val – murmurou enquanto tirava as algemas da algibeira.

– Mas espero que te faça sentir melhor. Não há dúvida de que a mim me faz sentir ótima.

Quando se inclinou sobre Cade e lhe colocou as algemas, sentiu que, finalmente, a nuvem negra se dissolvia. Até então, tinha acreditado que Cade nunca pagaria pelas coisas terríveis que fizera enquanto usava o crachá da polícia. Marie olhou-o friamente.

– Vamos lá vê-lo a tentar safar-se desta, Superintendente-*Chefe*.

Gary estava ao lado dela.

– Espero que tenha razão, Sargento, mas eu só vou acreditar quando vir um novo nome na porta do gabinete dele.

Ainda com falta de ar, Rosie aproximou-se a amparar Max, sem fôlego.

– Raios! Onde é que aprendeu a bater dessa maneira?
– Aulas de Controlo de Raiva, acreditas? Funcionam às mil maravilhas!
– respondeu Marie, olhando para os colegas. – E parabéns a vocês os dois!
Um trabalho excelente.

Max fez uma careta.

– O prazer foi nosso! Acho que valeu a pena um par de costelas partidas só para ver aquele soco demolidor, Sargento – disse, sorrindo com admiração para Marie. – Lembre-me de não a irritar!

– Apoiado!

Jackman estava a olhar para ela pasmado.

– Não te chamam Super Mario à toa, pois não?

– Tinha um incentivo.

– Vamos lá resolver esta trapalhada e ir para casa, está bem? E talvez me possas dizer o que era esse incentivo especial, hã?

Marie sorriu-lhe.

– Agora já posso.

* * *

Marie sentou-se à frente de Jackman no gabinete dele, meia garrafa de uísque escocês e dois copos entre eles.

– Nunca bebo quando estou de serviço, mas, no caso do Cade, faço uma exceção – disse Jackman, servindo o uísque.

Recostou-se, saboreou o primeiro gole e soltou um longo suspiro de alívio.

– Fala comigo, Marie. Contaste-me que o Cade destruiu a carreira da tua amiga, mas o que é que ele fez de facto?

Marie agarrou no copo e fitou-o.

– Atazanou-a, assediou-a, rebaixou-a, arruinou todas as hipóteses de promoção que lhe apareceram e, finalmente, quebrou-lhe o espírito. Tudo porque ela rejeitou os avanços vis dele.

Bebeu um grande gole e estremeceu quando o álcool lhe tocou no lábio rachado.

– A Valerie era uma das recrutas mais brilhantes, cheia de otimismo e de esperança de que ia fazer a diferença. Era inteligente e bonita, mas o Cade desgastou-a. Como muitos polícias, ia para casa ao fim de um turno e bebia um copo, às vezes, dois ou três. E isso foi-a dominando gradualmente. As coisas começaram todas a correr mal e ela percebeu que não podia aguentar mais o trabalho. Acabou por deitar a toalha ao chão e mudou-se.

– Marie, tenho tanta pena. Não sabia que tinha sido tão mau.

– Ela era a minha maior amiga. Ia ser a minha dama de honor. Deu-se imediatamente bem com o Bill e ficou tão feliz quando o Bill e eu ficámos noivos. Senti a falta dela na altura e continuo a sentir.

– E não podes entrar em contacto com ela? Ir visitá-la, talvez?

Marie abanou a cabeça lentamente.

– É demasiado tarde, Jackman. Uma noite, ela embebedou-se. Várias testemunhas viram-na a cambalear para a estrada. Ironicamente, foi atropelada por um carro da polícia de trânsito a caminho de um acidente na estrada. Morreu antes de chegar ao hospital.

Uma lágrima formou-se-lhe nos olhos.

– E embora o Cade não a tivesse matado fisicamente, causou a morte dela sem tirar nem pôr, como se lhe tivesse enrolado os dedos à volta do pescoço e apertado.

– Oh, meu Deus! Isso é terrível! Não admira que tenhas agredido o filho da mãe com tanta força.

Marie olhou para os nós dos dedos feridos.

– A coisa que mais satisfação me deu fazer.

– Tenho a certeza de que a recordação disso vai viver com ele durante anos.

– Oh, espero *mesmo* que sim.

Clive meteu a cabeça pela porta.

– Inspetor-Chefe Jackman, desculpe interromper, mas a Superintendente queria que soubesse que ela tem de dar uma conferência de imprensa. E perguntou se o senhor não se importaria de ir preparar a Grace Black antes de os *media* ficarem ao corrente de tudo.

Jackman espreguiçou-se e gemeu.

– Oh, meu Deus! Sim, claro que vou.

– Eu vou consigo – anunciou Marie. – Só queria que tivéssemos alguma coisa para dizer à pobre mulher, mas os cadáveres já têm todos nome e nenhum se chamava Kenya.

– Pelo menos, agora podemos dizer-lhe que nos iremos concentrar no caso da filha dela – disse Jackman, agarrando no telefone. – Vou ligar-lhe para lhe dizer que vamos a caminho.

Quando ela atendeu, Jackman perguntou-lhe se seria conveniente ir visitá-la.

– Está um bocado atrasado, Inspetor. Já sei que houve aquilo a que julgo que chama *descobertas importantes* – disse Grace, soltando uma gargalhada cansada. – Ainda tenho as minhas fontes.

– Receio bem que seja esse o caso. Não queríamos que soubesse por outros primeiro, Mrs. Black.

– E também compreendi que o quer que tenham descoberto não tem a ver com a minha Kenya, caso contrário já teriam vindo bater à minha porta muito antes.

– É verdade, Mrs. Black, mas agora a Kenya vai ser a nossa prioridade número um.

– Então venham cá quando a vossa investigação estiver a avançar. Estou completamente preparada para o quer que os jornais e a televisão estejam

prestes a atirar-nos.

– Quem me dera estar – respondeu Jackman sombriamente. – Se estivesse no seu lugar, evitaria ver notícias durante uns tempos.

– Se estivessem a falar da minha filha, seria diferente. Sendo as coisas como são, ainda tenho esperança.

Jackman agradeceu-lhe e desligou.

– Acho que a pobre mulher está dessensibilizada ao fim deste tempo todo.

Antes que Marie pudesse responder, Gary bateu à porta e entrou, seguido por Ted Watchman.

– Deus do céu, ainda aqui anda? Com tudo o que testemunhou recentemente, julgava que já se tinha posto a fugir daqui para fora e voltado para a sua universidade há muito tempo.

Ted afastou um caracol do cabelo da cara.

– Não consigo ver-se livre de mim tão facilmente, sobretudo quando ainda há um mistério por resolver. Tenho estado a rever os mapas e os estudos do subsolo de Windrush e tenho receio que tenhamos deixado passar alguma coisa.

Jackman olhou para Marie.

– Não tenho a certeza de conseguir aguentar muitas mais surpresas.

Voltou a olhar para Ted.

– Não vou gostar daquilo que tem para me dizer, pois não?

Ted encolheu os ombros.

– Provavelmente não, mas vou dizer-lho à mesma.

Jackman sentiu a exaustão a invadi-lo.

– Ok, conte-nos lá o pior.

– Tem a ver com a casa do guarda, à entrada de Windrush.

Marie inclinou a cabeça para o lado.

– Mas esse sítio foi investigado e voltado a investigar pelos agentes na primeira busca pelo Micah. Tudo o que há lá são peças de mobília antiga deixadas pelos inquilinos anteriores e pouco mais. Não há nenhuma cave e, aparentemente, o sótão está cheio de porcarias de há mais de 10 anos, mas sem sinais de alguém lá ter entrado, tendo em conta o pó e as teias de aranha.

– Peço desculpa, Sargento Evans, mas permita-me que discorde. Os meus relatórios geofísicos mostravam claramente uma coisa qualquer debaixo desse edifício. E eu referi isso, embora pensasse que era uma simples cave. Pensei que seria inspecionada como uma coisa natural no decurso da investigação da polícia.

– E foi. Eu própria falei com os agentes.

Marie parecia perplexa.

– Podemos investigá-la nós próprios? – perguntou Ted. – É só que um exame cuidadoso em termos do levantamento mostra o que parece ser um túnel curto que acaba lá. Posso estar enganado, mas penso que era um desvio do túnel que os antigos causadores de naufrágios usavam.

Jackman soltou um grande suspiro.

– É quase 1h da manhã. Não podemos fazer nada até de manhãzinha. Mas se acha que precisamos de analisar esse sítio, Ted, então seremos guiados por si. Até essa altura, toda a gente para casa e, por amor de Deus, tentem dormir.

Enquanto arrumavam vagarosamente as coisas e se iam embora, Jackman concluiu que provavelmente seria difícil adormecer. Ele, pelo menos, ainda estava excitado com a adrenalina.

Capítulo Trinta e Quatro

— Quem me dera que ainda tivéssemos aquela câmara detetora de calor — resmungou Max baixinho.

— Mas demasiado cara para a termos por aqui, lamento — retorquiu Gary.
— Vamos ter de usar os nossos olhos.

Havia agentes a deslizar pelo meio das árvores e dos arbustos, posicionando-se em redor da casa do guarda. Jackman tinha resolvido que se fossem encontrar mais surpresas desagradáveis, desta vez estariam bem equipados para as enfrentar.

Falou baixinho para Ruth Crooke, que insistira em acompanhá-los para dirigir a operação:

— O Ted Watchman isolou outra zona subterrânea. É muito mais pequena, mas tendo em conta as coisas terríveis que se têm passado aqui, há uma boa probabilidade de haver mais cadáveres.

— E como é que se acede a esse sítio? — perguntou ela.

— Por um túnel que está ligado ao túnel do pântano original. Um veículo de resposta armada chegou há bocado e uma pequena unidade tática armada já está colocada à entrada, para o que der e vier.

O sargento fardado a cargo da operação aproximou-se deles e dirigiu-se à superintendente:

— Estamos seguros de que o resto de Windrush está vazio, senhora Superintendente. Tanto quanto podemos dizer, não há mais lugares ocultos acessíveis, quer acima, quer abaixo do chão. A casa do guarda *já* tinha sido revistada, mas pensamos que a entrada para a cave devia estar muito bem escondida.

— Tem havido agentes a entrar e a sair dessa casa há vários dias. Acha mesmo que deixámos passar alguma coisa?

Jackman olhou para ela.

— O Ted tem a certeza e, para mim, isso chega. O rapaz sabe o que faz.

— Depois de descobrirem o que descobriram na Enfermaria da Crianças... — disse a Superintendente, engolindo em seco. — Bem, sabemos que o assassino está morto e que temos mais dois membros da família Mulberry

presos e bem guardados, mas não há como saber o que pode estar lá em baixo, pois não? Tenha cuidado, sim?

– Vou ter cuidado, tenho dois agentes armados comigo e farei tudo para garantir que a minha equipa não corre perigo.

– Boa sorte, Rowan.

– Estamos prontos, senhora Superintendente. Está tudo no lugar e nem um gato a morrer de fome conseguiria esgueirar-se daquele sítio sem nós o vermos. Estamos apenas à espera das suas ordens para avançarmos.

– Então trate disso, Inspetor.

* * *

Jackman entrou primeiro, com Marie, Max e Charlie. Deslocaram-se pelo rés do chão o mais silenciosamente que puderam. O objetivo era apenas identificar a posição da entrada para a cave. Não iam tentar abri-la e não ia haver estrépitos e pancadas por todo o lado. A ferramenta mais eficaz que tinham era os olhos. Desta vez, tinham a vantagem de *saber* que havia uma cave. Só precisavam de descobrir a anomalia que revelaria a porta secreta.

Quando finalmente a localizaram, Jackman perdoou imediatamente a equipa da primeira investigação pelo lapso.

Ficava na entrada, um vestíbulo lúgubre e mal iluminado que tresandava a velhice e a negligência. Duas paredes estavam forradas a madeira escura e o resto tinha um friso grosso cheio de mossas, com painéis de madeira na parte de baixo e papel de parede manchado pela humidade na parte de cima. Havia cabides para casacos num dos painéis completos e um espelho com uma moldura dourada e manchada no outro.

Para surpresa de toda a gente, foi Charlie Button que a descobriu.

Estavam no segundo reconhecimento do sítio quando Charlie parou ao pé de um dos painéis altos, parecendo desconcertado. Depois tocou levemente no painel com os cabides para os casacos e voltou-se para Jackman, a excitação a brilhar-lhe nos olhos pálidos.

– A madeira tem uma textura diferente e está ligeiramente protuberante em relação ao nível da parede, chefe. Acho que é uma mola de pressão. Se carregarmos com firmeza, ela vai saltar para fora e deslizar.

A voz era baixa e Jackman mal o conseguiu ouvir, mas, quando tocou na parede, compreendeu exatamente o que Charlie queria dizer.

Jackman fez sinal aos outros, que recuaram pela porta da frente para o jardim cheio de ervas daninhas.

Enquanto Charlie explicava a posição precisa da entrada secreta à sargento e discutiam a melhor forma de executar uma entrada bem-sucedida, Jackman questionou-se sobre o que poderia estar por baixo dos pés deles.

Recordou-se dos artigos macabros que tinham sido encontrados na caravana queimada. Freios para as pernas e os pulsos, máscaras de couro...

Obrigou-se a parar.

Dentro de um ou dois minutos, teria de ser um dos primeiros a descer para aquela cave e precisava de estar preparado para enfrentar fosse o que fosse. Inspirou fundo umas quantas vezes, endireitou as costas e deu um passo em frente.

* * *

A operação foi calma, contida e muito eficaz.

A porta abria para uma escada estreita. Descia diretamente para o fundo, paralela ao átrio, e acabava numa cave pequena com o teto baixo. Viram prateleiras instáveis com latas ferrugentas de tinta, sacas a desfazerem-se e caixas de cartão corroídas pelo bolor e pelos dentes de pequenos roedores. O chão estava cheio de lixo e o cheiro a decomposição era intenso.

Na parede do fundo, havia outra porta. Parecia bastante vulgar, com a tinta a cair e uma só fechadura.

– Deitem-na abaixo.

Mais uma vez, balançaram lentamente o aríete de metal, para trás e para a frente, e os dois agentes armados ficaram à espera de poder avançar.

E depois entraram e pararam todos abruptamente.

A sala estava limpa. Impecavelmente limpa. Cortinas com um bonito padrão floral estavam penduradas num varão branco, à frente de uma janela *trompe l'oeil*. Havia uma cama com uma coberta garrida e uma secretária pequena, cheia de canetas, lápis e papel. Prateleiras cheias de livros forravam uma das paredes, uma coleção de ursinhos de peluche estava sentada no cimo de uma cómoda alta e, num canto, havia uma pilha de *puzzles* coloridos.

Por cima da cama, havia uma fotografia de crias de tigre a brincar. Uma moldura de madeira, com um fio de luzinhas decorativas pendurado nela, formava um arco brilhante de luzes rubi tremeluzentes, por cima da cabeceira cor-de-rosa acolchoada.

Era a última coisa que Jackman estava à espera de encontrar.

Enquanto se deslocava devagarinho pelo quarto, tentando encontrar um sentido qualquer naquilo, Marie tocou-lhe no ombro e apontou com a cabeça para o lado mais afastado da divisão. Uma porta estreita, em forma de concertina, estava a mexer-se, muito ligeiramente.

Os dois agentes armados, parecendo muito volumosos com os coletes à prova de bala e transportando armas automáticas, moveram-se rapidamente.

Durante longos instantes, nem Jackman nem Marie se atreveram a respirar, e foi então que ouviram uma voz jovem a gritar:

– Não me façam mal! Por favor, não me façam mal!

Os agentes armados aproximaram-se e um deles abriu a porta.

Viram uma casa de banho, limpa e compacta, com uma sanita a sério e uma velha banheira pequena com uma cabine de chuveiro moderna por cima.

Enrolada quase debaixo da banheira, estava uma rapariga. Estava sentada no tapete cor-de-rosa, a abraçar os joelhos e a olhar para eles com os olhos muito abertos de terror.

Jackman teve dificuldade em se controlar e evitar correr para agarrar a criança nos braços.

Marie fez a pergunta por ele:

– Kenya?

– O Asher! Quero o Asher – disse ela numa voz trémula, mas estava a ficar mais forte. – Por favor! Encontrem o Asher! Quero o Asher!

* * *

Havia procedimentos a seguir e que eram muito rígidos. Jackman sabia que não podia limitar-se a tirar a rapariga da «casa» dela. Os regulamentos ditavam que pedisse imediatamente uma unidade de apoio às vítimas infantis com formação especial para avaliar a situação.

Pensou nisto tudo, mas o que estava realmente a preocupá-lo era a razão pela qual a criança estava a chamar por Asher Leyton.

– A porta no fundo do armário da roupa de casa, Inspetor! Ainda está aberta. E leva ao túnel! Conseguimos ouvir vozes e vamos em perseguição.

Os dois agentes passaram pela pequena abertura e desapareceram. A rapariga começou a berrar:

– Asher! Não lhe façam mal! Por favor, não lhe façam mal!

Marie deixou-se cair de joelhos a alguns passos da rapariga histérica.

– Está tudo bem. A sério, está tudo bem. Só precisamos de falar com ele. Não lhe vamos fazer mal.

Tirou o crachá e segurou-o para que a rapariga pudesse vê-lo.

– Compreendes que somos a polícia, não é verdade? Estamos aqui para te ajudar, mais nada. Chamo-me Marie e este é o Jackman – e tu és a Kenya Black, não és?

Sorriu calorosamente para a criança.

– Nem consigo dizer-te como estamos satisfeitos por te conhecer.

A rapariga balançava para trás e para a frente, evitando olhá-los nos olhos, mas Jackman viu-a a assentir, muito levemente.

Jackman não conseguia acreditar. Ela estava viva! Kenya Black estava viva! Ao fim de quantos anos? Oito? Quase uma década, e estava viva e a salvo.

Jackman olhava para ela, abismado. Era magra e bonita, vestia umas calças de ganga esterlicadas e uma *T-shirt* e, aparentemente, estava bem de saúde.

Depois o júbilo desapareceu. Pensou nas crianças Mulberry.

Olhou para Kenya, encolhida no chão, a balançar-se para a frente e para trás. Sabia que não estava preparado para aquilo tudo, era demasiado. Chegara

a altura de pedir ajuda.

* * *

Jackman subiu as escadas a correr até à entrada, gritando para que uma mulher polícia descesse para ajudar Marie.

A superintendente estava de boca aberta. Jackman sabia que ela estava tão estupefacta como ele com o que tinham encontrado naquele pequeno *boudoir* no subsolo.

– E diz que ela está fisicamente bem? – perguntou a superintendente pela segunda vez.

– Como disse, magrinha e pálida, mas já vi bem pior a passar pelo portão da escola de Saltern. Só Deus sabe qual é o estado de espírito dela, mas, fisicamente, diria que tomaram muito bem conta da Kenya.

A superintendente soltou um assobiozinho longo e trémulo.

– Isto obriga-nos a puxar pela cabeça. Vou ter de fazer um telefonema urgente, Rowan. Vou chamar uns profissionais imediatamente. E parabéns a si e à sua equipa. Ninguém se atreveria sequer a sonhar com um resultado destes.

Mas a Grace Black fê-lo. Nunca perdeu a esperança, pensou Jackman. Antes de conseguir responder, ouviu barulhos vindos das escadas, um estrondo abafado e gritos.

Marie tinha dito a Kenya que não iriam fazer mal a Asher, mas Jackman teve o pressentimento de que podiam ter feito exatamente isso.

Ficou à espera, mudo, a roer o indicador. Não queria mesmo voltar à cave. Se Asher tivesse sido ferido, não queria que Kenya soubesse, ainda não. A pobre miúda já tinha sofrido choques suficientes.

– Senhor Inspetor?

Gary entrou a correr pela porta da frente. A cara pálida como cinza disse tudo a Jackman.

– Mataram-no, não mataram?

– Ele está muito mal, chefe – respondeu Gary, abanando a cabeça. – Eu estava lá. Foi horrível. Ele limitou-se a correr. Fizeram-lhe todos os avisos, mas ele continuou a correr.

– Mas não estava armado, pois não?

– Não. Tinha realmente qualquer coisa na mão, mas afinal de contas não era uma arma. Por um instante, pensei que ele ia apenas desistir, parecia tão... tão perdido e tão desesperado. Depois correu impetuosamente para os nossos agentes armados – contou Gary, engolindo em seco com força. – Mesmo nessa altura, eles tentaram prendê-lo, mas um tiro de aviso fez ricochete na parede e atingiu-o na cabeça. Pensei que tinha sido o fim, mas os médicos dizem que ele está preso por um fio.

Jackman soltou um gemido, pensando no impacto que aquilo teria em

Kenya Black. Ainda não conheciam a situação exata, mas tudo indicava que Asher Leyton tinha sido a única pessoa viva com quem Kenya contactara durante quase uma década.

E depois *eles* tinham aparecido – e tinham-lhe dado um tiro!

Jackman fechou os olhos e desejou fervorosamente que as coisas tivessem tido outro desenlace. Conhecía um bocadinho o laço estranho que se podia formar entre um refém e o seu captor.

Gary estava a olhar para ele.

– Dizem que encontrou uma rapariga viva, chefe. É verdade?

Apesar da forma como as coisas tinham acontecido, Jackman não conseguiu conter um sorriso.

– Sim, é verdade, Gary e, acredites ou não, a rapariga é a Kenya Black.

Os olhos azuis acinzentados de Gary encheram-se de lágrimas e ele limpou-as com a manga.

– Diabos me levem! Ao fim deste tempo todo. Não consigo acreditar – desabafou, olhando para Jackman. – E ela está...?

– Surpreendentemente, parece de boa saúde e bem. Quando a levarem dali para fora, vai lá abaixo ver o quarto dela e o sítio onde ela esteve a viver durante os últimos 10 anos. Vais ficar completamente estupefacto, tal como eu fiquei.

– Vai levar algum tempo até conseguirmos compreender isto tudo, não vai? Quer dizer, tudo o que lhe aconteceu.

– Vamos esperar que o Asher se safe. A grande pergunta é: porque é que ela não está morta? Não consigo compreender porque é que ela não estava deitada numa cama na Enfermaria das Crianças, juntamente com as outras. O que é que a tornou diferente?

Jackman encolheu os ombros.

– É melhor voltar lá para baixo e ver como é que a Marie se está a desenvencilhar. Gary? És capaz de ir para o hospital vigiar o Asher Leyton de perto? Se ele acordar, e rezemos para que o faça, telefona-me imediatamente e depois aponta as palavras todinhas que ele disser, estás a perceber?

– É para já, chefe.

Quando Gary se estava a ir embora, Jackman gritou-lhe:

– Disseste que o Asher tinha uma coisa na mão, não foi? O que era?

– Um brinquedo de criança, chefe. Um ursinho de peluche.

Jackman inspirou devagarinho. Quando Kenya tinha desaparecido, trazia um ursinho de peluche. Articulado, com braços e pernas que mexiam. Queria dizer que tinha ficado com ela durante o cativeiro inteiro. Um consolo. Uma coisa que ela amava.

E Asher tinha-o levado quando tentara fugir. Uma lembrança?

Capítulo Trinta e Cinco

Jackman leu o memorando que a superintendente lhe passou do outro lado da secretária.

Kenya Black foi levada para um local seguro. Será acompanhada e cuidarão dela enquanto a preparam lentamente para ser interrogada sobre a vida às mãos do captor. É imperativo que ela seja capaz de contextualizar a sua experiência, para bem da sua sanidade e pela dos outros. Todas as informações relevantes estarão disponíveis para si, assim que estiverem para nós.

Não reconheceu a assinatura.

– Rowan, você é uma espécie de herói para a Grace Black.

– Não sou herói nenhum. A minha equipa limitou-se a fazer o seu trabalho. Só isso.

– Não me parece que seja assim que ela pensa. Foram feitas imensas promessas ocas àquela mulher ao longo dos anos. Aqui entre nós os dois, acho que a deixámos ficar muito mal. Ela disse-me que você e a sua sargento, a Marie, foram os primeiros polícias em que realmente teve confiança. Tinha a certeza de que seriam os únicos a dar-lhe uma resposta concreta. O facto de lhe terem devolvido a filha excedeu tudo aquilo que lhe pudesse ter passado pela cabeça.

– Só gostava de saber quanto é que resta da filha depois deste tempo todo em cativeiro.

– As primeiras indicações são boas, Rowan. Essa é a razão principal para lhe ter pedido para vir cá – disse Ruth, com um dos seus raros sorrisos. – Tendo em conta os problemas psicológicos de Asher Leyton, isto é, o facto de ser viciado em sexo, provavelmente será uma surpresa agradável saber que a Kenya Black não sofreu qualquer agressão sexual durante o tempo em que esteve presa. O exame médico confirma que ele nunca lhe tocou, nem uma

única vez. A miúda ainda é virgem.

Jackman pensou no quarto onde Kenya tinha estado detida. Era evidente que não compreendia, mas acreditava no que Ruth Crooke lhe estava a dizer.

Durante uns instantes, nenhum dos dois falou. No trabalho deles, estavam sempre preparados para esperar o pior possível e, por vezes, era difícil compreender coisas tão espantosas como aquela.

– E os psicólogos também não estão a atribuir o afeto dela pelo Asher à Síndrome de Estocolmo. A Kenya diz que ele foi bom para ela. E, raptor ou não, o Asher representou o mundo inteiro para ela durante a maior parte da vida da Kenya – explicou Ruth, erguendo as sobrancelhas. – Ela diz que ele a salvou. Não sabemos mais nada a não ser isto – afinal, ainda só passaram poucos dias –, mas parece que, tendo em conta tudo o que lhe aconteceu, a Kenya está inacreditavelmente bem-adaptada.

– Então quer dizer que ele a salvou do Toby Tanner, é isso?

– Essa é uma das primeiras perguntas que lhe serão feitas. Temos de dar uma certa sequência aos acontecimentos. Não parece que o Asher Leyton a tenha raptado para os seus próprios objetivos. Não há dúvida de que a encarcerou durante quase uma década, mas por que razão? Agora já sabemos que ela não era um brinquedo sexual e, ao examinarmos a roupa dela, desconfiamos que ele a levou para o exterior para a Kenya poder brincar. Há vestígios de terra e plantas nas ranhuras das sapatilhas e os nossos agentes descobriram botas Wellington novíssimas e um impermeável num armário.

– A Kenya está viva e outras 12 estão mortas. Porquê? – refletiu Jackman.

– Bizarro, não é? Obviamente, a Kenya nunca entrou naquele pesadelo de caravana. E o Philip nunca a levou naquela última viagem horrível pelo túnel até à Enfermaria das Crianças.

– Talvez tenha de falar outra vez com o Philip, senhora Superintendente. Ele pode saber alguma coisa sobre isto, embora tenha a certeza de que o Asher era a única pessoa que sabia que a rapariga lá estava.

– Concordo, mas vá lá falar com ele, se quiser.

– Com quem eu gostaria realmente de falar era com o Asher.

– Não queríamos todos? Mas ele ainda está entre a vida e a morte. Receio bem que tenha de ser a própria Kenya a contar-nos a história dela.

– O que levará tempo – acrescentou Jackman.

Ruth Crooke levantou a cabeça.

– Não estou assim tão certa. Ela já está a falar, coisa que ninguém esperava. Está confusa e frágil, mas não sofreu um choque traumático grave, como teria acontecido se tivesse sido regularmente agredida. É quase como se ela acreditasse que tinha levado uma vida perfeitamente normal e que só agora tivesse descoberto que era completamente diferente da das outras crianças.

– Não há dúvida de que ele lhe manteve a mente estimulada. Podemos perceber isso pelas coisas que havia no quarto. Jogos, brinquedos e livros aos montes.

Jackman inspirou fundo e expirou muito devagar.

– Ainda tenho dificuldade em aceitar o facto de ela estar realmente viva. O caso dela ficou para trás durante uma década. Quase todos nós acreditávamos que o corpo mutilado dela ia aparecer um dia, por acidente. Ninguém imaginava é que ela havia um dia de sair pelo próprio pé do seu mundozinho subterrâneo.

– Quando lhe pedi que resolvesse este caso de uma vez por todas, nunca na vida pensei que fosse acabar assim!

Quando Jackman começou a estender a mão para o puxador da porta, Ruth Crooke acrescentou:

– Esqueci-me de referir, o Superintendente-Chefe Cade vai mudar-se para outro condado, algures perto da fronteira galesa, creio.

Jackman ficou paralisado, a mão ainda a agarrar o puxador de latão frio.

– Ele vai safar-se disto! O filho da mãe!

– Não ouvi nada do que acabou de dizer, Rowan. Mas não podíamos esperar mais do que isso.

Só que ele podia e tinha esperado de facto mais do que isso. Jackman tinha esperado que o sacana do perverso fosse entregue aos bichos.

– E como é que ele conseguiu isso? – perguntou de dentes cerrados.

– Declarou aos investigadores que se tinha infiltrado deliberadamente no clube na esperança de apanhar os mandachuvas. Disse que você e a sua equipa lhe destruíram a operação secreta.

Jackman engoliu em seco com força e sentiu a cara a enrubescer.

– Mas havia provas materiais! Provas forenses. Fotografias, testemunhas.

– Nada que se aguentasse em tribunal. E algumas das coisas que você referiu parece que já não existem.

Ruth pareceu esvaziar-se enquanto ele a observava.

– Ele é um homem poderoso e um homem perigoso, Rowan. Conforme já disse, não podíamos esperar mais do que este desfecho e sugiro que deixe cair o assunto em definitivo.

Jackman pensou como Marie ficaria devastada com as notícias. Disse calmamente:

– Quer dizer que outros pobres inocentes numa área diferente vão receber o privilégio das atenções nojentas dele?

– Talvez não – respondeu a superintendente, sorrindo como a Mona Lisa. – Ele não é o único a ter amigos em sítios importantes – ou nem tanto.

O sorriso alargou-se.

– Resolvi, por minha livre e espontânea vontade, pôr algumas pessoas influentes *a par da coisa*, por assim dizer. Se for ler a *Police Gazette*, estou a contar que apareça uma notícia sobre uma reforma antecipada nas próximas semanas. Não é o desfecho de que você gostaria, Rowan, eu sei. E está longe de ser o que ele merece, mas pelo menos vai retirá-lo de uma posição influente na polícia. É o máximo que consigo fazer sem abrir a caixinha de

Pandora.

Jackman apertou o puxador com um bocadinho menos de força. Sabia como é que as coisas funcionavam.

– Obrigado, senhora Superintendente.

– O prazer é meu, pode crer.

* * *

Marie ouviu o que Jackman tinha a dizer e depois dirigiu-lhe um sorriso resignado.

– Eu já devia saber que fosse o que fosse que eu fizesse, isso não seria suficiente. Com uma serpente daquelas, nunca na vida.

– Se a Ruth Crooke cumprir a palavra dada, e eu acredito que o fará, aquele homem nunca mais poderá espreitar por uma janela sem ver alguém da Brigada de Costumes a olhar para ele.

– Espero que ele arda no inferno!

– Idem – disse Jackman, agarrando no telemóvel. – Gary? Sim... sim... Certo! Perfeito, vemo-nos daqui a 10 minutos.

Levantou-se.

– O Asher recuperou a consciência e quer ver-nos.

Correram pelo jardim e, em menos de 10 minutos, estavam a olhar para a figura adormecida de Asher Leyton.

– Os médicos dizem que ele tem muita sorte – sussurrou Gary. – A lesão não foi tão grave como tinham julgado ao princípio e, desde que acordou, a única coisa que tem feito é perguntar pela irmã.

– Qual delas? A Elizabeth ou a Fleur? – perguntou Marie.

– A Kenya. Ele diz que ela é a irmã mais nova.

Sentaram-se à cabeceira, à espera que Asher acordasse.

Jackman sorriu a Gary.

– Ouvimos dizer que a Esquadra de Harlan Marsh já pendurou as fitinhas e as decorações todas e está a preparar uma festa colossal agora que o Cade se foi. Mas eu estava a contar que pudesses querer ficar aqui, em Saltern-le-Fen?

Gary sorriu radiosamente.

– A sério?

– Há um lugar para ti na nossa equipa, se quiseres, claro.

Antes que Gary conseguisse responder, Asher gemeu e abriu os olhos.

– Ela está em segurança, Asher – disse Jackman suavemente. – Estão a cuidar da Kenya e ela está a salvo.

Lágrimas caíram dos olhos do jovem.

– Que bom, que bom.

– Ela diz que tu a salvaste. É verdade?

Asher assentiu quase impercetivelmente.

– Do Toby?

– Ele encontrou-a a brincar numa praia. Trouxe-a para Windrush, mas eu vi-o – disse Asher, engolindo em seco audivelmente.

– Então tu levaste-a e escondeste-a?

– A minha irmã Fleur morreu e eu tinha tantas saudades dela. Eu era apenas um bebé, mas lembrava-me dela e amei-a sempre. Ela teve uma vida tão horrível. Julguei que ia acontecer a mesma coisa à Kenya e eu não podia deixar que isso acontecesse, pois não?

As lágrimas escorreram-lhe pela cara. Uma das enfermeiras entrou precipitadamente, dizendo que o doente devia descansar.

Jackman levantou-se.

– Já ouvimos o suficiente.

– Estou tão cansada – bocejou Marie.

– E eu estou exausto – acrescentou Gary.

– E é de admirar? – perguntou Jackman, abanando a cabeça. – Quem é que no seu juízo perfeito ia escolher fazer este trabalho?

– Nós! – disseram Marie e Gary em uníssono.

Jackman limitou-se a concordar com a cabeça.

Epílogo

Jackman e Marie andavam pelo pântano em Roman Creek. Sem contar com o vento a sussurrar pelos juncos e os gritos das aves marinhas, estava tudo silencioso. Ninguém cantava sob o chão e mais ninguém o voltaria a fazer. O túnel tinha sido selado, fechado para sempre por peritos que usaram grandes quantidades de cimento duro da melhor qualidade.

– Não consigo acreditar que passou um ano, consegue? – perguntou Marie, passando a mão pelo espesso cabelo castanho-escuro, despenteado pelo vento.

– Não te sei dizer. Só sei é que ainda estou atolado no raio da papelada.

Jackman olhou para trás, para o local onde outrora a velha e soturna casa de estilo gótico vitoriano chamada Windrush se erguia sobranceira sobre o pântano que seguia para o Wash.

Jackman encostou-se a um velho e gasto bebedouro para o gado e olhou para onde o horizonte se encontrava com o céu.

– Por falar em relatórios, a Ruth Crooke teve notícias do DIC de Harlan Marsh mesmo antes de sairmos. Uma das equipas deles foi chamada a um pequeno incêndio num velho *pub* deserto na margem do pântano. Quando lá entraram, adivinha o que é que encontraram?

– Continue, surpreenda-me.

Jackman sorriu.

– Basta-me dizer que a cave das cervejas tinha sido usada para outros propósitos – acrescentou com um pequeno aceno de satisfação. – A última peça que nos faltava, acho eu. Liga perfeitamente com a descrição da Toni Clarkson do sítio de onde ela e a Emily foram raptadas. Os técnicos forenses vão confirmar, mas é quase de certeza o local ainda em falta do clube de amigos dos copos.

Marie sorriu.

– Eu sabia que um dia íamos descobri-lo! Bem, levou tempo, mas agora todo esse episódio pavoroso está finalmente encerrado.

Jackman sorriu amargamente.

– E já não era sem tempo. Mas, ouve lá, viste o memorando sobre o

Asher Leyton? – perguntou com os olhos esbugalhados.

Marie encheu as bochechas de ar.

– Bom, não podia mesmo haver melhor argumento a favor do carma. Um homem com o vício grave do sexo leva com uma bala na cabeça e, contra todas as expectativas, sobrevive, só para descobrir que perdeu a libido por completo! Se o tipo não estivesse paralisado e não tivesse de passar muitíssimo tempo num hospital psiquiátrico de alta segurança, seria realmente divertido.

– Uma coisa que o relatório não referiu foi o facto de a Kenya ter sido encorajada a escrever-lhe. Quem me disse foi a Grace Black. Concluíram que se todos os laços fossem cortados, ela teria de passar por um processo doloroso intenso e, para juntar a tudo o resto, isso poderia ser a última gota que faria transbordar o copo. Por isso, ela escreve-lhe.

– Bem, ela confirmou-nos o que ele disse sobre a ter salvo do psicopata do irmão Toby. O Asher pareceu ter perdido o contacto com a realidade nessa fase. Se ele tivesse ido à polícia, teria sido um herói.

– E o irmão teria sido trancado num espaço exíguo, tal como quando era uma criança. O Asher não podia deixar que isso voltasse a acontecer e, embora eu tenha a certeza de que ele nunca nos dirá, acho que viu uma oportunidade para tentar recriar a infância perfeita com a Kenya, uma coisa que nunca tinha tido com os irmãos e irmãs verdadeiros. A Grace diz que ela assina as cartas como «Irmãzinha» e eu acho que o Asher queria verdadeiramente que eles os dois fossem felizes, que fossem uma famíliazinha a sério. Acredito que é por isso que nunca lhe tocou.

– Parece-me tudo muito bem, desde que ele fizesse o que tinha de fazer com outras pessoas quaisquer. As provas que foram tiradas do quarto dela mostravam montes de jogos infantis para duas pessoas, tudo muito usado e, aparentemente, muito estimado. Ele ensinou-a a ler, por amor de Deus! E pelos desperdícios que lá ficaram, parece que até tentou certificar-se de que ela comia bem.

– E, às vezes, saíam mesmo lá de baixo. A Kenya confirmou isso. Devia ter sido quando o Micah não estava a trabalhar em Windrush e quando o Asher sabia que o Toby estava ocupado na quinta.

– Parece quase idílico, se ignorarmos o facto de a Grace Black e de a família terem ficado desfeitos pelas ações dele. O Asher salvou a Kenya e condenou a mãe dela a um autêntico inferno na terra.

– E é por isso que ele está numa unidade psiquiátrica de alta segurança – retorquiu Jackman, franzindo o cenho. – É um espanto que o Philip nunca os tivesse visto. Ele disse que ia a Windrush todos os dias.

– Ele passava o tempo todo debaixo do chão e não se via a casa do guarda da entrada do túnel. De facto, o Asher deve ter tido muito cuidado com a «irmãzinha».

Marie olhou para trás, para o fim do caminho ao longo do pântano.

– Temos visitas.

Quatro figuras estavam a aproximar-se.

– Achei que a equipa se devia reunir toda aqui, para olharmos para isto uma última vez.

Marie olhou para ele.

– Porquê?

– Espera pelos outros e já vos digo.

Jackman observou um ostraceiro preto-e-branco a voar baixinho por cima das lagoas.

Marie acenou a Max, Rosie, Charlie e Gary, que caminhavam penosamente por um carreiro irregular.

– Então onde é que é o piquenique? – perguntou Max. – Ovos cozidos e empadas de porco. Adoro isso.

– Desculpem lá, malta, mas as empadas de porco esgotaram. Isto serve? – perguntou Jackman, baixando-se e tirando uma garrafa de champanhe de um saco que tinha aos pés.

Tirou seis copos de plástico transparentes e ofereceu a garrafa a Marie.

– Faz tu as honras, Sargento.

Quando já toda a gente tinha uma bebida, levantou a dele numa saúde.

– À vossa. Nem sei como agradecer-vos pelo trabalho todo que fizeram nestes últimos 12 meses.

Enquanto a brisa salgada lhes acariciava a cara, fizeram tchim-tchim e beberam.

– Porquê aqui, chefe? – perguntou Rosie. – Eu gosto de ar fresco e disso tudo, mas isto faz-se geralmente na sala do DIC.

– Porque daqui a poucos meses, esta área terá desaparecido. Esta parte do Roman Marsh vai ser uma marina. O sítio do sanatório antigo vai ser arrasado e o Hobs End Marsh vai ser inundado para dar acesso aos novos ancoradouros e ao estaleiro.

– A melhor notícia possível! – exclamou Gary. – Este pântano foi um lugar de medo e morte durante demasiado tempo. A minha irmã teria ficado encantada.

Repentinamente, os olhos de Marie estreitaram-se.

– Então alguém fez uma jogada fabulosa ao vender aquele terreno todo. Será que posso adivinhar quem foi?

– Não vais precisar de uma segunda tentativa. O Benedict Broome é um homem muito rico.

– O sortudo do sacana – resmungou Max. – Mas há que reconhecer o mérito de quem consegue safar-se de uma coisa destas mais ou menos incólume.

Incólume? Jackman olhou para o outro lado do pântano e seguiu o voo de uns gansos de patas cor-de-rosa. Lembrou-se de Philip Groves a dizer: «Estamos todos marcados. Todos nós temos segredos, sem exceção.»

Quando estavam a voltar, num silêncio confortável, para a beira-mar, Jackman interrogou-se sobre Benedict Broome, o irmão «capaz».

Philip tinha sido o médico e o curandeiro deles, mas era para Benedict que se voltavam quando precisavam de respostas. Benedict resolvia os problemas. Benedict arranjava maneira de cuidar deles, de os proteger, de os fazer voltar ao redil.

Portanto, Benedict era o faz-tudo. O que só deixava um mistério por resolver, tanto quanto Jackman conseguia perceber. O assassinato de Charlotte e Simeon Mulberry. Será que Benedict também tinha tratado disso?

Jackman inspirou o ar salgado e carregado de ozono e abanou a cabeça. Talvez fosse finalmente o momento de fechar o livro e não mexer mais no que estava quieto.

FIM

Lista de Personagens

Inspetor-Chefe Rowan Jackman

Jackman é um cavalheiro; alto, esguio, erudito, tendo entrado para a força policial com uma Licenciatura em Antropologia pela Universidade de Cambridge. A sua única paixão, para além do trabalho, são os cavalos. É um chefe justo e tem o dom de identificar os pontos fortes dos elementos da sua equipa e, dessa forma, trazer ao de cima o melhor deles.

Inspetora Marie Evans

Marie tem alguma coisa que lembra uma amazona; tem 45 anos, é alta, com cabelo castanho-escuro comprido, e lembra sempre a Jackman uma pré-rafaelita com roupa de couro para corridas, por ser uma excelente motociclista. É viúva; o marido morreu num acidente com uma mota *vintage*. Marie trabalha utilizando o instinto. A equipa gosta dela e respeita-a, tendo-lhe dado a alcunha de Super Mario. Apesar de serem oriundos de contextos muito diferentes, ela e Jackman dão-se na perfeição.

Inspetor Max Cohen

Max é um jovem Inspetor *cockney*. Não tem problemas em exprimir as suas opiniões e tem um feudo permanente com Charlie, o parceiro mais novo. Contudo, a abordagem superconfiante que faz da vida explica-se por ser precisamente o mais novo de uma família grande da zona leste de Londres e por ter de arranjar maneiras de se afirmar e não dar parte de fraco. E embora *ele* possa atacar Charlie, que Deus ajude qualquer outra pessoa que tente fazê-lo. Max é ferozmente leal à equipa e é um bom homem para termos ao nosso lado numa situação difícil.

Inspetor Charlie Button

Charlie é um homem mal-arranjado e com ar arrapazado. É o mais novo da equipa, mas tem boa vontade e um enorme desejo de aprender. Tem bom feitio e aguenta bem que o gozem. Charlie tem *flashes* de brilhantismo ocasionais, reparando em coisas tão óbvias que todos tinham deixado passar.

Agente Gary Pritchard

Escolhido por Jackman de uma divisão vizinha, é natural da zona e tem imensos conhecimentos sobre os pântanos. Gary é solteiro e vivia com a irmã numa pequena aldeia nos brejos. Já depois de a irmã morrer, ficou satisfeito por poder mudar de cenário e juntou-se alegremente a Saltern-le-Fen. É um homem afetuoso e gentil que daria a vida pelos colegas.

Inspetora Rosie McElderry

Rosie trabalhou no DIC durante vários anos, mas juntou-se recentemente à equipa do Inspetor-Chefe Jackman. Tem cabelo comprido e louro, olhos verdes e 24 anos de idade, mas parece uma adolescente delegada de turma, uma aparência que, embora enganadora, se revela muito útil quando ela trabalha infiltrada. Tem muito boa memória e está disposta a tudo, por muito perigoso que seja.

Superintendente Ruth Crooke

Ruth é uma mulher dura e bastante desconcertante. Tem uma aparência exterior severa e controladora, uma língua cáustica e raramente sorri. Todavia, é muito boa no seu trabalho e põe a segurança e o bem-estar dos agentes acima de tudo. Apesar dos seus modos, tem um fraquinho pelo Inspetor-Chefe Jackman e é a única pessoa que ele tolera que o trate por Rowan.

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [Capítulo Um](#)
3. [Capítulo Dois](#)
4. [Capítulo Três](#)
5. [Capítulo Quatro](#)
6. [Capítulo Cinco](#)
7. [Capítulo Seis](#)
8. [Capítulo Sete](#)
9. [Capítulo Oito](#)
10. [Capítulo Nove](#)
11. [Capítulo Dez](#)
12. [Capítulo Onze](#)
13. [Capítulo Doze](#)
14. [Capítulo Treze](#)
15. [Capítulo Catorze](#)
16. [Capítulo Quinze](#)
17. [Capítulo Dezassex](#)
18. [Capítulo Dezassete](#)
19. [Capítulo Dezoito](#)
20. [Capítulo Dezanove](#)
21. [Capítulo Vinte](#)
22. [Capítulo Vinte e Um](#)
23. [Capítulo Vinte e Dois](#)
24. [Capítulo Vinte e Três](#)
25. [Capítulo Vinte e Quatro](#)
26. [Capítulo Vinte e Cinco](#)
27. [Capítulo Vinte e Seis](#)
28. [Capítulo Vinte e Sete](#)
29. [Capítulo Vinte e Oito](#)
30. [Capítulo Vinte e Nove](#)
31. [Capítulo Trinta](#)
32. [Capítulo Trinta e Um](#)
33. [Capítulo Trinta e Dois](#)
34. [Capítulo Trinta e Três](#)
35. [Capítulo Trinta e Quatro](#)
36. [Capítulo Trinta e Cinco](#)
37. [Epílogo](#)
38. [Lista de Personagens](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)